Dicionário de Filosofia

Conceitos, correntes, problemas e argumentos organizados por área

22 áreas • 1031 verbetes

Novembro de 2026

Dicionário de Filosofia — organizado por áreas
Edição de novembro de 2026. 1031 verbetes em 22 áreas.

Texto redigido com o auxílio de inteligência artificial (Claude, da Anthropic). As definições são introdutórias e devem ser confrontadas com as fontes primárias e com as obras de referência indicadas na Apresentação.

Licença: Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-SA 4.0) — https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/.

Composto em LaTeX (XeLaTeX) com a fonte TeX Gyre Pagella.

Sumário

Apresentação 4

1 Conceitos Gerais e Metafilosofia 5

2 Lógica 8

3 Epistemologia 13

4 Metafísica e Ontologia 17

5 Filosofia da Linguagem 23

6 Filosofia da Mente 27

7 Filosofia da Ciência 31

8 Filosofia da Matemática 35

9 Ética e Metaética 39

10 Ética Aplicada e Bioética 44

11 Filosofia Política e Social 47

12 Filosofia do Direito 53

13 Estética e Filosofia da Arte 56

14 Filosofia da Religião 59

15 Filosofia Antiga 63

16 Filosofia Medieval 68

17 Filosofia Moderna 72

18 Fenomenologia, Existencialismo e Hermenêutica 76

19 Filosofia Continental Contemporânea 80

20 Filosofia da Tecnologia, da Computação e da Inteligência Artificial 83

21 Filosofia da Educação 89

22 Tradições Filosóficas Não Ocidentais 91

Índice remissivo 95

Apresentação

Este dicionário reúne 1031 verbetes distribuídos em 22 áreas da filosofia. Ele foi pensado como instrumento de estudo e de consulta rápida: cada verbete oferece uma definição sintética, situa o termo historicamente (autores, obras e datas principais) e, quando o conceito é disputado, apresenta as posições centrais do debate.

Organização

Os verbetes estão agrupados por *área* e, dentro de cada área, dispostos em ordem alfabética, separados por letra. A ordenação desconsidera acentos e sinais gráficos. Muitos termos atravessam várias áreas; nesses casos, o verbete foi colocado na área em que o conceito é mais discutido, e as demais áreas remetem a ele. As 22 áreas são: conceitos gerais e metafilosofia; lógica; epistemologia; metafísica e ontologia; filosofia da linguagem; filosofia da mente; filosofia da ciência; filosofia da matemática; ética e metaética; ética aplicada e bioética; filosofia política e social; filosofia do direito; estética e filosofia da arte; filosofia da religião; filosofia antiga, medieval e moderna; fenomenologia, existencialismo e hermenêutica; filosofia continental contemporânea; filosofia da tecnologia, da computação e da inteligência artificial; filosofia da educação; e tradições filosóficas não ocidentais.

Convenções

- O termo de cada verbete aparece em **negrito**. Expressões em língua estrangeira e títulos de obras aparecem em *itálico*; termos gregos, sânscritos, chineses e japoneses são transliterados.
- Datas entre parênteses referem-se, em geral, à primeira publicação da obra ou à formulação da tese mencionada.
- A seta → *Ver também* introduz verbetes relacionados. Quando o verbete indicado está na mesma área, aparece apenas o seu nome; quando está em outra área, o nome vem seguido da área (abreviada) e da página. No PDF, todas as remissões são links.
- No alto de cada página aparecem a área e as palavras-guia (o primeiro e o último verbete da página), como nos dicionários impressos.
- O *Índice remissivo*, no final, lista todos os verbetes de todas as áreas em uma única ordem alfabética, com a área (abreviada) e a página de cada um.

Alcance e limites

As definições são deliberadamente curtas. Elas não substituem a leitura dos autores nem o estudo dos debates, mas indicam por onde começar. Sempre que um conceito recebe sentidos diferentes em tradições diferentes (por exemplo, *intuição*, *dialética* ou *realismo*), procurou-se registrar os sentidos principais. Sugestões de correção e de novos verbetes são bem-vindas; como o texto está sob licença CC BY-SA 4.0, ele pode ser livremente adaptado e ampliado, desde que se mantenham a atribuição e a mesma licença.

Obras de referência para aprofundamento

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves (org.). *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CANTO-SPERBER, Monique (org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo: Unisinos.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. https://plato.stanford.edu
- *Internet Encyclopedia of Philosophy*. https://iep.utm.edu
- *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. https://www.rep.routledge.com

ÁREA 1

Conceitos Gerais e Metafilosofia

Noções transversais, métodos e correntes que atravessam todas as áreas, e a reflexão da filosofia sobre si mesma.

34 verbetes

A

Abstração Operação pela qual a mente isola um aspecto (propriedade, relação, forma) de um todo concreto e o considera separadamente. Em Aristóteles e na escolástica, é o processo pelo qual o intelecto extrai o inteligível do sensível; Locke a usa para explicar as ideias gerais, e Berkeley nega que existam ideias abstratas. → *Ver também:* Conceito; Universal (Metafísica, p. 22); Intelecto agente (Medieval, p. 69).

Aforismo Forma breve e sentenciosa de escrita filosófica, que condensa um pensamento sem desenvolvê-lo argumentativamente. Usada por Heráclito, Pascal, La Rochefoucauld, Lichtenberg, Nietzsche e, de modo próprio, por Wittgenstein.

Análise conceitual Método que busca esclarecer um conceito explicitando suas condições de aplicação, idealmente necessárias e suficientes, ou suas relações com outros conceitos. Foi central na filosofia analítica (Moore, Russell, Ryle) e é criticada por Quine, pelos defensores de teorias de protótipos e pela filosofia experimental. → *Ver também:* Paradoxo da análise; Experimento mental; Filosofia experimental.

Aporia Impasse teórico, dificuldade aparentemente sem saída. Vários diálogos de Platão são ditos aporéticos porque terminam sem uma definição aceitável; Aristóteles via o exame das aporias como ponto de partida da investigação. → *Ver também:* Elenchos (Antiga, p. 64).

Argumento transcendental Argumento que parte de algo inegável (a experiência, a linguagem, a autoconsciência) e mostra que certas condições são necessárias para sua possibilidade. O modelo é a dedução transcendental de Kant; Strawson usou-o contra o ceticismo, e Barry Stroud (1968) questionou se tais argumentos provam mais do que como devemos pensar. → *Ver também:* Ceticismo (Epistemologia, p. 13); Idealismo transcendental (Moderna, p. 74).

Axiologia Teoria geral dos valores (morais, estéticos, epistêmicos, religiosos), de sua natureza, hierarquia e conhecimento. O termo difundiu-se no início do século XX, com a fenomenologia dos valores de Scheler e Hartmann. → *Ver também:* Valor intrínseco (Ética, p. 42).

C

Conceito Representação geral pela qual pensamos objetos e que se expressa, em geral, por termos. As teorias divergem: definições clássicas por condições necessárias e suficientes, protótipos (Rosch), teorias-teoria, atomismo conceitual (Fodor). Para Frege, conceito é uma função cujo valor é sempre um valor de verdade; em Kant, opõe-se à intuição. → *Ver também:* Definição; Abstração; Categoria (Metafísica, p. 17).

Contraexemplo Caso particular que mostra a falsidade de uma generalização ou a inadequação de uma análise. É o principal instrumento crítico da filosofia analítica; os casos de Gettier são contraexemplos à definição de conhecimento como crença verdadeira justificada. → *Ver também:* Problema de Gettier (Epistemologia, p. 15); Análise conceitual.

Crítica Exame das condições de validade e dos limites de uma faculdade, de um discurso ou de uma prática. Em Kant, a crítica da razão determina o que ela pode conhecer; na teoria crítica, designa a análise das formas sociais de dominação com fins emancipatórios. → *Ver também:* Idealismo transcendental (Moderna, p. 74); Teoria crítica (Continental, p. 82).

D

Definição Explicação do significado de um termo ou da natureza de uma coisa. Distinguem-se definições nominais e reais, lexicais e estipulativas, ostensivas, contextuais, recursivas e implícitas (por axiomas). A definição clássica, de Aristóteles, procede por gênero próximo e diferença específica: "o homem é um animal racional". → *Ver também:* Conceito; Essência (Metafísica, p. 18).

Dialética Termo de muitos sentidos. Em Platão, método de ascensão às Formas pelo diálogo; em Aristóteles, raciocínio a partir de opiniões aceitas (*endoxa*); em Kant, lógica da ilusão em que cai a razão ao ultrapassar a experiência; em Hegel, movimento do conceito pela negação determinada; em Marx e Engels, lei do desenvolvimento da natureza e da história. → *Ver também:* Aufhebung (Moderna, p. 72); Tese, antítese e síntese (Moderna, p. 75); Materialismo histórico (Política, p. 50).

Diálogo Gênero de escrita filosófica que apresenta o pensamento como conversa entre personagens. Praticado por Platão, Cícero, Agostinho, Ga-

lileu, Berkeley e Hume; permite expor teses rivais sem que o autor se comprometa diretamente com nenhuma delas. → *Ver também:* Maiêutica (Antiga, p. 65); Elenchos (Antiga, p. 64).

Dogmatismo Em Kant, uso da razão pura sem crítica prévia de sua capacidade; no sentido corrente, adesão a doutrinas sem exame. Entre os céticos antigos, eram "dogmáticos" todos os que afirmavam ter encontrado a verdade. → *Ver também:* Ceticismo (Epistemologia, p. 13); Crítica.

E

Engenharia conceitual Projeto de avaliar e reformar conceitos, e não apenas descrevê-los, perguntando que conceitos deveríamos ter. Inclui os projetos "melhoradores" de Sally Haslanger sobre gênero e raça e a proposta de Herman Cappelen (*Fixing Language*, 2018). → *Ver também:* Análise conceitual; Gênero (Política, p. 49); Raça (filosofia da) (Política, p. 51).

Experimento mental Situação imaginária usada para testar uma teoria ou um conceito: a caverna de Platão, o navio de Teseu, o gênio maligno, a Terra Gêmea, o quarto chinês, o problema do bonde. Na ciência, os experimentos mentais de Galileu sobre a queda dos corpos e de Einstein sobre o elevador tiveram papel decisivo. → *Ver também:* Intuição (Epistemologia, p. 15); Contraexemplo.

F

Filosofia Etimologicamente, "amor à sabedoria" (*philo* + *sophia*), palavra que a tradição atribui a Pitágoras. É a investigação racional e crítica das questões mais gerais sobre o ser, o conhecimento, o valor, a razão e a linguagem, e distingue-se das ciências particulares pela generalidade e pelo caráter conceitual de seus problemas. → *Ver também:* Metafilosofia; Sophia (Antiga, p. 67).

Filosofia analítica Tradição surgida no início do século XX com Frege, Russell, Moore e Wittgenstein, caracterizada pelo uso da lógica, pela ênfase na clareza argumentativa e, em sua primeira fase, pela análise da linguagem. É dominante no mundo anglófono e hoje se estende a todas as áreas. → *Ver também:* Virada linguística; Filosofia continental.

Filosofia continental Rótulo para as tradições da Europa continental dos séculos XIX e XX: idealismo alemão, fenomenologia, existencialismo, hermenêutica, estruturalismo, teoria crítica e pós-estruturalismo. A divisão em relação à filosofia analítica é mais histórica e estilística do que temática. → *Ver também:* Filosofia analítica; Fenomenologia (Fenomenologia, p. 77).

Filosofia da linguagem ordinária Corrente de Oxford dos anos 1940 a 1960 (Austin, Ryle, Strawson), próxima do segundo Wittgenstein, que buscava dissolver problemas filosóficos pela atenção cuidadosa ao uso comum das palavras. → *Ver também:* Ato de fala (Linguagem, p. 23); Jogos de linguagem (Linguagem, p. 24); Erro categorial (Mente, p. 28).

Filosofia experimental Movimento surgido no início dos anos 2000 (Knobe, Nichols, Weinberg, Stich) que usa métodos empíricos para investigar as intuições filosóficas das pessoas. Revelou variações culturais e efeitos inesperados, como o efeito Knobe: juízos sobre intencionalidade dependem da avaliação moral do resultado. → *Ver também:* Intuição (Epistemologia, p. 15); Experimento mental.

M

Metafilosofia Reflexão filosófica sobre a natureza, os objetivos e os métodos da própria filosofia: se ela progride, se é contínua com a ciência, qual o estatuto das intuições, por que o desacordo filosófico persiste. → *Ver também:* Filosofia; Progresso filosófico.

N

Naturalismo Tese de que tudo o que existe pertence à natureza investigada pelas ciências (naturalismo ontológico) e de que a filosofia deve ser contínua com elas em seus métodos (naturalismo metodológico). Quine é a figura central do naturalismo contemporâneo. → *Ver também:* Epistemologia naturalizada (Epistemologia, p. 14); Fisicalismo (Mente, p. 28).

Neopragmatismo Renovação do pragmatismo a partir dos anos 1970-80, com Richard Rorty (*A filosofia e o espelho da natureza*, 1979), Hilary Putnam e Robert Brandom, marcada pela crítica à ideia de conhecimento como representação exata da realidade. → *Ver também:* Pragmatismo; Inferencialismo (Linguagem, p. 24).

O

Objetividade Qualidade do que independe das perspectivas, desejos e crenças particulares, ou do juízo que se apoia em razões acessíveis a todos. Nagel (*Visão a partir de lugar nenhum*, 1986) analisa a tensão entre o ponto de vista objetivo e o subjetivo. → *Ver também:* Relativismo; Realismo (metafísico) (Metafísica, p. 21).

P

Paradoxo da análise Dilema formulado por C. H. Langford (1942) a propósito de Moore: se uma análise é correta, o conceito analisado e o que o analisa têm o mesmo significado, e a análise é trivial; se não é trivial, não pode ser correta. → *Ver também:* Análise conceitual.

Pragmatismo Corrente filosófica norte-americana fundada por Charles S. Peirce e desenvolvida por William James e John Dewey, que liga o significado e a verdade das ideias às suas consequências práticas e ao processo de investigação. A máxima pragmática

de Peirce (1878) manda considerar os efeitos práticos concebíveis do objeto de nossa concepção. → *Ver também:* Neopragmatismo; Abdução (Lógica, p. 8); Experiência (Dewey) (Educação, p. 90).

Progresso filosófico Questão de saber se a filosofia progride como as ciências. Pessimistas notam a falta de consenso após milênios (Chalmers, 2015); otimistas apontam o refinamento de distinções, a eliminação de posições e o nascimento de novas ciências a partir da filosofia. → *Ver também:* Metafilosofia.

Q

Quietismo Em metafilosofia, posição associada ao segundo Wittgenstein e a John McDowell segundo a qual a filosofia não deve propor teses ou teorias, mas dissolver confusões conceituais. Na história da espiritualidade, designa também a doutrina de passividade da alma de Miguel de Molinos (século XVII).

R

Racionalidade Propriedade de crenças, ações e agentes que se conformam a razões. Distinguem-se a racionalidade teórica (crer conforme a evidência) e a prática (agir conforme fins e valores), a racionalidade instrumental (escolha de meios) e a substantiva (avaliação dos fins), e a racionalidade limitada de Herbert Simon. → *Ver também:* Razão; Razão instrumental (Continental, p. 82).

Razão Faculdade de pensar discursivamente, de inferir, de justificar e de organizar o conhecimento. Em Kant, distingue-se do entendimento como faculdade dos princípios e das ideias incondicionadas; a razão prática determina a vontade. A tradição moderna opôs a razão à fé, à paixão e à experiência, conforme o contexto. → *Ver também:* Racionalidade; Racionalismo (Epistemologia, p. 16).

Relativismo Tese de que a verdade, a justificação ou o valor dependem de um quadro de referência (cultura, linguagem, esquema conceitual, indivíduo). Remonta a Protágoras ("o homem é a medida de todas as coisas"); a objeção clássica, já em Platão (*Teeteto*), é a da autorrefutação. → *Ver também:* Relativismo moral (Ética, p. 42); Sofistas (Antiga, p. 67); Objetividade.

S

Senso comum Conjunto de crenças compartilhadas pela generalidade das pessoas. Thomas Reid e a escola escocesa o tomaram como fundamento contra o ceticismo; Moore, em "Uma defesa do senso comum" (1925), sustentou conhecer com certeza proposições como "tenho um corpo". → *Ver também:* Ceticismo (Epistemologia, p. 13); Prova do mundo exterior (Epistemologia, p. 15).

Sistema filosófico Conjunto ordenado de teses derivadas de princípios, que pretende abarcar a totalidade do real, como em Espinosa, Wolff e Hegel. Kierkegaard e Nietzsche criticaram o espírito de sistema em nome da existência e da perspectiva. → *Ver também:* Absoluto (Moderna, p. 72).

V

Virada linguística Expressão difundida por Richard Rorty na coletânea *The Linguistic Turn* (1967), com termo de Gustav Bergmann, para a reorientação da filosofia do século XX segundo a qual os problemas filosóficos devem ser tratados como problemas de linguagem. → *Ver também:* Filosofia analítica; Filosofia da linguagem ordinária.

ÁREA 2

Lógica

Estudo dos princípios do raciocínio válido, da inferência e da estrutura formal das proposições e argumentos.

72 verbetes

A

Abdução Inferência que parte de um fato surpreendente e conclui a hipótese que, se verdadeira, melhor o explicaria. Termo introduzido por C. S. Peirce, ao lado da dedução e da indução; hoje associado à *inferência para a melhor explicação*. → *Ver também:* Indução; Dedução; Inferência para a melhor explicação (Ciência, p. 32).

Antinomia Contradição que se deriva, por raciocínios aparentemente corretos, de premissas aparentemente aceitáveis. Em Kant, conflito da razão consigo mesma quando ultrapassa a experiência; em lógica, sinônimo de paradoxo forte, como a antinomia de Russell. → *Ver também:* Paradoxo; Paradoxo de Russell.

Argumento Conjunto de proposições em que uma (a conclusão) é apresentada como sustentada pelas demais (as premissas). Avalia-se quanto à validade (forma) e quanto à correção ou solidez (validade mais premissas verdadeiras). → *Ver também:* Validade; Solidez; Premissa.

Autorreferência Propriedade de expressões que se referem a si mesmas, direta ou indiretamente. Está na origem de paradoxos semânticos, como o do mentiroso, e de resultados limitativos obtidos por diagonalização, como os teoremas de Gödel, de Tarski e de Turing. → *Ver também:* Paradoxo do mentiroso; Diagonalização (Matemática, p. 35); Teoremas da incompletude.

Axioma Proposição tomada como ponto de partida de um sistema dedutivo, sem demonstração dentro dele. Na tradição aristotélica, princípio evidente por si; na lógica moderna, simplesmente uma fórmula escolhida como básica. → *Ver também:* Teorema; Sistema formal.

B

Bivalência (princípio da) Tese de que toda proposição é ou verdadeira ou falsa, sem terceiro valor. Distingue-se do terceiro excluído, que é uma lei sintática (p ou não-p); lógicas multivaloradas e o intuicionismo questionam o princípio. → *Ver também:* Terceiro excluído (princípio do); Lógica multivalorada; Intuicionismo (Matemática, p. 36).

C

Compacidade (teorema da) Um conjunto de fórmulas de primeira ordem tem modelo se e somente se cada um de seus subconjuntos finitos tem modelo (Gödel, 1930, para linguagens enumeráveis; Malcev, 1936, em geral). Uma consequência é a existência de modelos não padrão da aritmética. → *Ver também:* Teoria de modelos; Lógica de primeira ordem; Categoricidade (Matemática, p. 35).

Completude Propriedade de um sistema lógico em que toda fórmula semanticamente válida é demonstrável. Gödel provou a completude da lógica de primeira ordem (1929); a incompletude refere-se a teorias aritméticas, não à lógica. → *Ver também:* Correção (soundness); Teoremas da incompletude.

Condicional material Conectivo "se p, então q" interpretado como falso apenas quando p é verdadeiro e q falso. Gera os chamados *paradoxos da implicação material*, o que motivou lógicas relevantes e teorias de condicionais contrafactuais. → *Ver também:* Implicação estrita; Contrafactual (Metafísica, p. 17); Lógica relevante.

Conectivo lógico Operador que forma proposições compostas a partir de outras: negação, conjunção, disjunção, condicional e bicondicional. Na lógica clássica são verofuncionais, isto é, o valor do composto depende apenas dos valores dos componentes. → *Ver também:* Verofuncionalidade; Condicional material.

Consequência lógica Relação que vale entre premissas e conclusão quando esta se segue necessariamente daquelas. Pode ser caracterizada sintaticamente, como derivabilidade num sistema ($\Gamma \vdash \varphi$), ou semanticamente, como preservação da verdade em todos os modelos ($\Gamma \models \varphi$), segundo a análise de Tarski (1936). → *Ver também:* Validade; Completude; Pluralismo lógico.

Consistência Propriedade de um conjunto de proposições do qual não se deriva uma contradição. Pelo segundo teorema de Gödel, uma teoria consistente suficientemente forte não prova a própria consistência. → *Ver também:* Contradição (princípio de não); Teoremas da incompletude.

Contradição (princípio de não) Princípio segundo o qual uma proposição e sua negação não podem ser ambas verdadeiras. Aristóteles o considerava o mais

firme dos princípios; lógicas paraconsistentes limitam suas consequências sem necessariamente rejeitá-lo. → *Ver também:* Lógica paraconsistente; Terceiro excluído (princípio do).

Correção (soundness) Propriedade de um sistema formal em que tudo o que é demonstrável é semanticamente válido. Junto com a completude, estabelece a coincidência entre demonstrabilidade e validade. → *Ver também:* Completude.

D

Decidibilidade Uma teoria é decidível se existe um procedimento efetivo que determina, para qualquer fórmula, se ela é ou não teorema. A lógica proposicional é decidível; a de primeira ordem não (Church e Turing, 1936). → *Ver também:* Algoritmo (Tecnologia e IA, p. 83); Tese de Church-Turing (Tecnologia e IA, p. 88).

Dedução Inferência em que a verdade das premissas garante a verdade da conclusão. Opõe-se à indução, cujas conclusões são apenas prováveis. → *Ver também:* Indução; Validade.

Dedução natural Sistema de demonstração proposto independentemente por Gentzen e Jaśkowski (1934), com regras de introdução e de eliminação para cada conectivo, próximo do raciocínio matemático comum. Prawitz mostrou que as derivações podem ser normalizadas. → *Ver também:* Teoria da prova; Inferencialismo (Linguagem, p. 24).

Dialeteísmo Tese de que algumas contradições são verdadeiras (dialeteias), defendida por Graham Priest e Richard Routley (Sylvan). Candidatas típicas são a frase do mentiroso e certas situações de mudança; o dialeteísta precisa de uma lógica paraconsistente. → *Ver também:* Lógica paraconsistente; Paradoxo do mentiroso; Catuskoti (Não ocidentais, p. 92).

Dilema Argumento que apresenta duas alternativas e mostra que ambas levam à mesma conclusão (dilema construtivo) ou a consequências inaceitáveis. Diz-se *falso dilema* a falácia de apresentar apenas duas opções quando há outras. → *Ver também:* Falácia.

E

Entimema Silogismo com uma premissa ou a conclusão implícita. Aristóteles o via como o silogismo próprio da retórica. → *Ver também:* Silogismo; Retórica.

Enunciado Frase declarativa, entidade linguística que pode ser verdadeira ou falsa. Distingue-se da proposição, que é o conteúdo expresso, e do proferimento, que é o ato concreto de dizê-la; frases diferentes ("chove", "it rains") podem expressar a mesma proposição. → *Ver também:* Proposição.

Explosão (princípio da) Princípio *ex contradictione quodlibet*: de uma contradição segue-se qualquer proposição. Vale nas lógicas clássica e intuicionista e é rejeitado pelas lógicas paraconsistentes, que permitem teorias inconsistentes, mas não triviais. → *Ver também:* Lógica paraconsistente; Contradição (princípio de não).

F

Falácia Argumento defeituoso que parece correto. Classicamente divide-se em formais (erros de forma, como afirmação do consequente) e informais (como *ad hominem*, espantalho, petição de princípio, apelo à autoridade). → *Ver também:* Sofisma; Petição de princípio.

Forma lógica Estrutura de uma proposição ou argumento que resta quando se abstrai seu conteúdo particular. A validade dedutiva depende apenas da forma lógica. → *Ver também:* Validade.

I

Implicação estrita Noção proposta por C. I. Lewis (1912-1918): p implica estritamente q quando é impossível que p seja verdadeiro e q falso. Está na origem da lógica modal moderna, mas também tem "paradoxos": o impossível implica estritamente qualquer coisa. → *Ver também:* Condicional material; Lógica modal.

Indução Inferência que vai de casos observados a uma generalização ou a casos não observados. Sua justificação foi posta em xeque por Hume (*problema da indução*). → *Ver também:* Problema da indução (Epistemologia, p. 15); Dedução; Abdução.

Inferência Passagem de premissas a uma conclusão. Pode ser dedutiva, indutiva ou abdutiva; as regras de inferência de um sistema formal (como o *modus ponens*) definem as passagens permitidas. → *Ver também:* Modus ponens; Regra de inferência.

L

Lógica aristotélica Silogística de Aristóteles, que estuda as relações de inferência entre proposições categóricas de quatro tipos: universal afirmativa (A), universal negativa (E), particular afirmativa (I) e particular negativa (O). Dominou o ensino até o século XIX; Kant chegou a dizer que a lógica não dera um passo adiante desde Aristóteles. → *Ver também:* Silogismo; Quadrado das oposições.

Lógica de primeira ordem Sistema que quantifica sobre indivíduos, mas não sobre propriedades ou relações. É completa e compacta (teoremas de Gödel e de compacidade), e serve de base à maior parte da matemática formalizada. → *Ver também:* Lógica de segunda ordem; Quantificador.

Lógica de segunda ordem Lógica que permite quantificar sobre propriedades, relações ou conjuntos. Com semântica padrão é mais expressiva (caracteriza categoricamente a aritmética), mas não tem

cálculo dedutivo completo. Quine a chamou de "teoria dos conjuntos em pele de cordeiro". → *Ver também:* Lógica de primeira ordem; Nominalismo (Metafísica, p. 20).

Lógica deôntica Lógica modal das normas, com operadores de obrigação (O), permissão (P) e proibição (F). Desenvolvida por von Wright (1951); enfrenta paradoxos como o de Ross e o de Chisholm. → *Ver também:* Lógica modal.

Lógica difusa (fuzzy) Lógica em que os valores de verdade variam continuamente entre 0 e 1. Proposta por Zadeh (1965) para tratar a vagueza e predicados graduais. → *Ver também:* Vagueza; Lógica multivalorada.

Lógica epistêmica Lógica modal do conhecimento e da crença, inaugurada por Jaakko Hintikka (*Knowledge and Belief*, 1962), com operadores K ("sabe que") e B ("crê que"). Enfrenta o problema da onisciência lógica e tem aplicações em ciência da computação e teoria dos jogos. → *Ver também:* Lógica modal.

Lógica informal Estudo dos argumentos tal como ocorrem na linguagem natural, com critérios como aceitabilidade, relevância e suficiência das premissas. Inclui o modelo de Toulmin (1958), a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958) e a pragma-dialética. → *Ver também:* Falácia; Retórica.

Lógica intuicionista Lógica associada ao intuicionismo matemático de Brouwer e formalizada por Heyting, que rejeita o terceiro excluído e a eliminação da dupla negação como leis gerais. Uma afirmação de existência exige uma construção. → *Ver também:* Intuicionismo (Matemática, p. 36); Construtivismo matemático (Matemática, p. 35).

Lógica livre Lógica sem pressupostos existenciais para termos singulares, que admite nomes que não designam nada, como "Pégaso". Desenvolvida por Karel Lambert e outros nos anos 1960, serve à análise do discurso ficcional e da teologia. → *Ver também:* Nomes vazios (Linguagem, p. 25).

Lógica modal Lógica dos operadores de necessidade e possibilidade. A semântica dos mundos possíveis (Kripke, anos 1950-60) diferencia sistemas como K, T, S4 e S5 pelas propriedades da relação de acessibilidade. → *Ver também:* Mundos possíveis (Metafísica, p. 20); Necessidade e contingência (Metafísica, p. 20).

Lógica multivalorada Lógica com mais de dois valores de verdade. Łukasiewicz propôs um terceiro valor para futuros contingentes; Kleene, para expressões indefinidas. → *Ver também:* Bivalência (princípio da); Futuros contingentes (Metafísica, p. 19).

Lógica paraconsistente Lógica em que de uma contradição não se segue qualquer proposição (rejeita o *ex falso quodlibet*). Desenvolvida, entre outros, pelo brasileiro Newton da Costa e por Graham Priest (dialeteísmo). → *Ver também:* Dialeteísmo; Explosão (princípio da).

Lógica proposicional Parte da lógica que estuda os conectivos entre proposições tomadas como unidades, sem analisar sua estrutura interna. É decidível por tabelas de verdade e completa em relação à semântica bivalente. → *Ver também:* Conectivo lógico; Tautologia.

Lógica relevante Família de lógicas que exige conexão de conteúdo entre antecedente e consequente de uma implicação válida, evitando os paradoxos da implicação material. Associada a Anderson e Belnap. → *Ver também:* Condicional material.

Lógica temporal Lógica dos operadores de tempo (foi o caso que, será o caso que, sempre foi, sempre será), desenvolvida por Arthur Prior nos anos 1950-60. Em computação, a lógica temporal linear (Pnueli, 1977) é usada para especificar e verificar sistemas. → *Ver também:* Lógica modal; Futuros contingentes (Metafísica, p. 19).

M

Metalinguagem Linguagem usada para falar de outra linguagem (a linguagem-objeto). A distinção é central na teoria da verdade de Tarski, para evitar paradoxos semânticos. → *Ver também:* Teoria semântica da verdade (Linguagem, p. 26); Paradoxo do mentiroso.

Modus ponens Regra de inferência: de "se p, então q" e "p", conclui-se "q". Sua contraparte, o *modus tollens*, conclui "não-p" de "se p, então q" e "não-q". → *Ver também:* Regra de inferência.

P

Paradoxo Argumento que, por passos aparentemente válidos e a partir de premissas aparentemente verdadeiras, chega a uma conclusão inaceitável ou contraditória. Paradoxos revelam tensões nos conceitos usados. → *Ver também:* Antinomia; Paradoxo do mentiroso; Sorites.

Paradoxo de Russell O conjunto de todos os conjuntos que não pertencem a si mesmos pertence a si mesmo se e só se não pertence. Mostrou a inconsistência do sistema de Frege (1902) e levou à teoria dos tipos e à axiomatização de Zermelo. → *Ver também:* Teoria dos conjuntos (Matemática, p. 38); Logicismo (Matemática, p. 37).

Paradoxo do mentiroso A frase "esta frase é falsa" é verdadeira se e só se for falsa. É o paradoxo semântico mais antigo (atribuído a Eubúlides) e motivou a hierarquia de linguagens de Tarski e as teorias de Kripke e paraconsistentes. → *Ver também:* Metalinguagem; Autorreferência.

Petição de princípio Falácia em que a conclusão já está pressuposta nas premissas (*petitio principii*). Também chamada de raciocínio circular. → *Ver também:* Falácia; Trilema de Agripa (Epistemologia, p. 16).

Pluralismo lógico Tese de que há mais de uma relação correta de consequência lógica, por exemplo clássica, intuicionista e relevante, cada qual adequada a uma precisificação da noção de caso (Beall e Restall, 2006). Opõe-se ao monismo lógico. → *Ver também:* Consequência lógica.

Premissa Proposição apresentada como razão para a conclusão de um argumento. No silogismo há a premissa maior e a menor. → *Ver também:* Argumento; Silogismo.

Proposição Aquilo que é verdadeiro ou falso; o conteúdo expresso por uma frase declarativa. Discute-se se proposições são entidades abstratas (Frege), conjuntos de mundos possíveis ou meras construções linguísticas (posição nominalista). → *Ver também:* Enunciado; Nominalismo (Metafísica, p. 20).

Psicologismo Tese de que as leis da lógica (e da matemática) se fundam em leis psicológicas do pensamento. Foi duramente criticado por Frege (*Fundamentos da aritmética*, 1884) e por Husserl (*Prolegômenos* às *Investigações lógicas*, 1900), que defenderam a objetividade do lógico. → *Ver também:* Logicismo (Matemática, p. 37); Fenomenologia (Fenomenologia, p. 77).

Q

Quadrado das oposições Diagrama tradicional das relações entre as proposições A, E, I e O: A e O, assim como E e I, são contraditórias; A e E são contrárias (não podem ser ambas verdadeiras); I e O são subcontrárias (não podem ser ambas falsas); I é subalterna de A, e O de E. As subalternações dependem de pressuposto existencial. → *Ver também:* Lógica aristotélica.

Quantificador Operador que indica quantidade: o universal ("para todo x") e o existencial ("existe x"). Introduzido por Frege na *Conceitografia* (1879), foi decisivo para a lógica moderna. → *Ver também:* Lógica de primeira ordem; Compromisso ontológico (Metafísica, p. 17).

R

Redução ao absurdo Forma de argumento que prova uma tese mostrando que sua negação leva a uma contradição ou a algo inaceitável (*reductio ad absurdum*). É a forma da prova clássica de que $\sqrt{2}$ é irracional; os intuicionistas aceitam-na para provar negações, mas não para concluir existências. → *Ver também:* Lógica intuicionista.

Regra de inferência Regra que autoriza, num sistema formal, a passagem de certas fórmulas a outra, como o *modus ponens* ou a generalização universal. Lewis Carroll ("O que a tartaruga disse a Aquiles", 1895) mostrou que regras não podem ser substituídas por premissas adicionais sem regresso infinito. → *Ver também:* Modus ponens; Sistema formal.

Retórica Arte da persuasão pelo discurso. Aristóteles distinguiu três meios de prova (o caráter do orador, ou *ethos*; a emoção do ouvinte, ou *pathos*; e o próprio argumento, ou *logos*) e três gêneros (deliberativo, judiciário e epidítico). Platão a criticou como adulação; a nova retórica do século XX a reabilitou como teoria da argumentação. → *Ver também:* Entimema; Sofistas (Antiga, p. 67); Lógica informal.

S

Silogismo Argumento dedutivo de duas premissas e uma conclusão, com três termos (maior, menor e médio), tal como sistematizado por Aristóteles nos *Primeiros Analíticos*. Os modos válidos receberam nomes mnemônicos medievais, como *Barbara* e *Celarent*. → *Ver também:* Termo médio; Lógica aristotélica.

Sistema formal Conjunto de símbolos, regras de formação, axiomas e regras de inferência que permite derivar teoremas por manipulação puramente sintática. → *Ver também:* Axioma; Formalismo (Matemática, p. 36).

Sofisma Argumento falacioso usado com intenção de enganar. O nome vem dos sofistas; Aristóteles os catalogou nas *Refutações sofísticas*, distinguindo falácias dependentes da linguagem e independentes dela. → *Ver também:* Falácia; Sofistas (Antiga, p. 67).

Solidez Um argumento é sólido (ou correto, em inglês *sound*) quando é válido e todas as suas premissas são verdadeiras; nesse caso a conclusão é necessariamente verdadeira. Não confundir com a correção de um sistema formal. → *Ver também:* Validade; Argumento; Correção (soundness).

Sorites Paradoxo do monte: um grão de areia não é um monte; acrescentar um grão a algo que não é monte não o torna monte; logo, nunca há monte. É o paradoxo central da vagueza. → *Ver também:* Vagueza; Lógica difusa (fuzzy); Escola megárica (Antiga, p. 64).

T

Tautologia Fórmula verdadeira sob qualquer atribuição de valores de verdade a seus componentes. Wittgenstein, no *Tractatus*, via as tautologias como vazias de conteúdo, mas reveladoras da forma lógica do mundo. → *Ver também:* Contradição (princípio de não); Analítico e sintético (Epistemologia, p. 13).

Teorema Proposição demonstrada num sistema a partir de axiomas por meio de regras de inferência. Na prática matemática, distinguem-se lemas, proposições, corolários e teoremas segundo sua importância. → *Ver também:* Axioma; Prova (demonstração) (Matemática, p. 38).

Teoremas da incompletude Resultados de Gödel (1931). (1) Toda teoria consistente e recursivamente

axiomatizável que contenha um fragmento suficiente da aritmética (basta a aritmética de Robinson) é incompleta: há sentenças que ela não prova nem refuta. (2) Se uma tal teoria, contendo um pouco mais de aritmética, é consistente, ela não prova a sentença que expressa sua própria consistência. A prova usa a aritmetização da sintaxe e a diagonalização; os resultados abalaram o programa de Hilbert. → *Ver também:* Programa de Hilbert (Matemática, p. 38); Consistência; Diagonalização (Matemática, p. 35); Autorreferência.

Teoria da prova Ramo da lógica matemática que estuda as demonstrações como objetos matemáticos. Gentzen provou a eliminação do corte e a consistência da aritmética de Peano por indução transfinita até ε_0 (1936); a teoria ordinal da prova mede a força de sistemas formais. → *Ver também:* Programa de Hilbert (Matemática, p. 38); Dedução natural.

Teoria de modelos Ramo da lógica matemática que estuda as relações entre linguagens formais e suas interpretações (modelos), com resultados como os teoremas de Löwenheim-Skolem e de compacidade. Fundada sobretudo por Tarski e por Abraham Robinson. → *Ver também:* Compacidade (teorema da); Paradoxo de Skolem (Matemática, p. 37).

Terceiro excluído (princípio do) Lei segundo a qual, para toda proposição p, vale "p ou não-p". Rejeitado como lei geral pela lógica intuicionista. → *Ver também:* Bivalência (princípio da); Lógica intuicionista.

Termo médio No silogismo categórico, o termo que aparece nas duas premissas, mas não na conclusão, e que liga o termo maior (predicado da conclusão) ao menor (sujeito da conclusão). Em "todo homem é mortal; Sócrates é homem; logo, Sócrates é mortal", o termo médio é "homem". A falácia do termo médio não distribuído ocorre quando ele não é tomado universalmente em nenhuma das premissas. → *Ver também:* Silogismo; Lógica aristotélica.

V

Vagueza Característica de predicados com casos-limite indefinidos, como "careca" ou "alto". Abordagens: supervalorativismo, lógica difusa e epistemicismo (Williamson), segundo o qual há limites precisos, mas incognoscíveis. → *Ver também:* Sorites; Lógica difusa (fuzzy).

Validade Um argumento é válido quando é impossível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão falsa. A validade é questão de forma, não da verdade efetiva das premissas. → *Ver também:* Solidez; Consequência lógica.

Verofuncionalidade Propriedade de um conectivo cujo valor de verdade depende apenas dos valores de verdade dos componentes. A negação e a conjunção clássicas são verofuncionais; "porque", "necessariamente" e "acredita que" não são. → *Ver também:* Conectivo lógico.

ÁREA 3

Epistemologia

Teoria do conhecimento: natureza, fontes, limites e justificação do conhecimento e da crença.

56 verbetes

A

A posteriori Diz-se do conhecimento cuja justificação depende da experiência. Kant e, depois, Kripke mostraram que a distinção a priori/a posteriori (epistêmica) não coincide necessariamente com a distinção necessário/contingente (metafísica). → *Ver também:* A priori; Empirismo.

A priori Diz-se do conhecimento cuja justificação independe da experiência, como o lógico e, para muitos, o matemático. Kant defendeu a existência de juízos sintéticos a priori. → *Ver também:* A posteriori; Sintético a priori; Racionalismo.

Analítico e sintético Em Kant, um juízo é analítico quando o predicado está contido no conceito do sujeito ("todo corpo é extenso") e sintético quando o acrescenta ("todo corpo é pesado"). Frege e o empirismo lógico redefiniram o analítico como verdade em virtude do significado ou da lógica; Quine, em "Dois dogmas do empirismo" (1951), negou que a distinção seja nítida. → *Ver também:* Sintético a priori; A priori; Sinonímia (Linguagem, p. 26).

Argumento do sonho Argumento cético segundo o qual não há sinais seguros para distinguir a vigília do sonho, de modo que qualquer experiência perceptiva poderia ser onírica. Aparece em Platão (*Teeteto*), em Zhuangzi (o sonho da borboleta) e, de forma clássica, na primeira das *Meditações* de Descartes. → *Ver também:* Ceticismo; Dúvida metódica (Moderna, p. 73); Gênio maligno (Moderna, p. 73).

C

Cérebro numa cuba Experimento mental em que um cérebro, mantido num recipiente e estimulado por computador, teria experiências idênticas às de uma pessoa normal. Versão moderna do gênio maligno; Putnam argumentou que a hipótese se autorrefuta pelo externismo semântico. → *Ver também:* Ceticismo; Externismo semântico (Linguagem, p. 24).

Certeza Estado de quem crê sem nenhuma dúvida (certeza psicológica) ou propriedade de uma crença que não pode ser falsa dadas as razões do sujeito (certeza epistêmica). Descartes buscou um conhecimento certo; Wittgenstein, em *Da certeza* (póstumo, 1969), descreveu proposições-dobradiça que não são postas em dúvida no jogo de linguagem. → *Ver também:* Falibilismo; Cogito (Moderna, p. 72).

Ceticismo Posição que questiona a possibilidade do conhecimento, em geral ou em domínios específicos. O ceticismo pirrônico recomenda a suspensão do juízo (*epoché*); o acadêmico afirma que nada pode ser conhecido; o ceticismo cartesiano é metódico. → *Ver também:* Epoché; Argumento do sonho; Cérebro numa cuba.

Coerentismo Teoria segundo a qual uma crença é justificada por sua coerência com um sistema de crenças, sem necessidade de crenças básicas. Neurath comparou o conhecimento a um barco reconstruído em alto-mar. → *Ver também:* Fundacionalismo; Infinitismo.

Compreensão (epistemologia da) Estado epistêmico distinto do conhecimento de fatos isolados: apreender como as coisas se conectam, por que algo ocorre. Kvanvig, Elgin e Grimm discutem se a compreensão é compatível com a sorte epistêmica e com idealizações falsas. → *Ver também:* Conhecimento; Explicação científica (Ciência, p. 32).

Confiabilismo Teoria externista de que uma crença é justificada (ou é conhecimento) se produzida por um processo cognitivo confiável, isto é, que tende a gerar crenças verdadeiras. Principal formulador: Alvin Goldman. → *Ver também:* Externismo epistêmico; Problema da generalidade.

Conhecimento Na análise tradicional, crença verdadeira justificada. Gettier (1963) mostrou casos de crença verdadeira justificada que não são conhecimento, gerando décadas de debate. Distinguem-se o conhecimento proposicional (saber que), o prático (saber como) e o por contato. → *Ver também:* Problema de Gettier; Justificação; Saber-como.

Conhecimento por contato Na distinção de Russell, conhecimento direto de objetos (dados dos sentidos, universais, talvez o eu), em oposição ao conhecimento por descrição. → *Ver também:* Dados dos sentidos (sense-data); Descrições definidas (Linguagem, p. 23).

Contextualismo epistêmico Tese de que as condições de verdade das atribuições de "saber" variam com o contexto de quem atribui: o padrão exigido sobe quando hipóteses céticas são levantadas. Defendido por DeRose, Cohen e Lewis. → *Ver também:* Ceticismo; Invariantismo.

Crença Atitude proposicional de tomar algo como verdadeiro. Discute-se se crenças são gra-

duais (graus de credibilidade), se são voluntárias e qual sua relação com a aceitação. → *Ver também:* Atitude proposicional (Linguagem, p. 23); Bayesianismo (Ciência, p. 31).

D

Dados dos sentidos (sense-data) Objetos imediatos da percepção, segundo Russell, Moore e Ayer: as manchas de cor, sons e formas de que temos consciência direta. A teoria foi criticada por Austin e Sellars. → *Ver também:* Mito do dado; Representacionismo (Mente, p. 30).

Derrotador Informação que, adquirida pelo sujeito, retira a justificação de uma crença. Pollock distinguiu derrotadores refutadores (dão razão para crer no contrário) e solapadores (minam a conexão entre a razão e a crença). As teorias da não derrotabilidade tentam responder ao problema de Gettier. → *Ver também:* Justificação; Problema de Gettier.

Desacordo entre pares Problema de como reagir ao descobrir que um par epistêmico, com a mesma evidência e competência, discorda de nós. Conciliacionistas (Elga, Christensen) recomendam reduzir a confiança; defensores da firmeza (Kelly) admitem manter a posição. → *Ver também:* Epistemologia social.

E

Empirismo Corrente segundo a qual todo conhecimento sobre o mundo provém da experiência sensível. Representantes clássicos: Locke, Berkeley e Hume; no século XX, o empirismo lógico. → *Ver também:* Racionalismo; Tábula rasa.

Epistemologia da virtude Abordagem que analisa o conhecimento a partir das virtudes intelectuais do agente, seja como faculdades confiáveis (Sosa, Greco), seja como traços de caráter, como a humildade e a curiosidade (Zagzebski). → *Ver também:* Confiabilismo; Virtude (Ética, p. 42).

Epistemologia do ponto de vista Teoria feminista (Harding, Hartsock, Patricia Hill Collins) segundo a qual posições sociais marginalizadas podem conferir vantagens epistêmicas para conhecer certas estruturas sociais. Inspira-se na análise marxista da perspectiva do proletariado. → *Ver também:* Epistemologia social; Injustiça epistêmica.

Epistemologia naturalizada Proposta de Quine (1969) de tratar a epistemologia como capítulo da psicologia, abandonando a busca de uma fundamentação anterior à ciência. → *Ver também:* Naturalismo (Metafilosofia, p. 6).

Epistemologia social Estudo das dimensões sociais do conhecimento: testemunho, desacordo entre pares, confiança em especialistas e instituições epistêmicas. → *Ver também:* Testemunho; Injustiça epistêmica.

Epoché Suspensão do juízo. No ceticismo pirrônico, leva à tranquilidade (*ataraxia*); em Husserl, designa a "colocação entre parênteses" da tese da existência do mundo. → *Ver também:* Ceticismo; Redução fenomenológica (Fenomenologia, p. 78).

Ética da crença Investigação sobre normas que regem o crer: se há deveres epistêmicos, se a crença é voluntária, se razões práticas podem justificá-la. O debate clássico opõe Clifford ("A ética da crença", 1877), evidencialista, a William James ("A vontade de crer", 1896). → *Ver também:* Evidencialismo; Vontade de crer.

Evidencialismo Tese de que a justificação de uma crença depende exclusivamente da evidência que o sujeito possui. Clifford: "é errado sempre, em toda parte e para qualquer um, crer com base em evidência insuficiente". → *Ver também:* Ética da crença; Pragmatismo (Metafilosofia, p. 6).

Externismo epistêmico Tese de que fatores que justificam uma crença não precisam ser acessíveis à reflexão do sujeito. → *Ver também:* Internismo epistêmico; Confiabilismo.

F

Falibilismo Tese de que podemos ter conhecimento sem certeza absoluta; nossas crenças justificadas sempre podem estar erradas. Associado a Peirce e Popper. → *Ver também:* Ceticismo; Infalibilismo.

Fechamento epistêmico (princípio do) Princípio de que, se S sabe que p e sabe que p implica q, então S está em posição de saber que q. Combinado com a ignorância das hipóteses céticas, gera o argumento cético; Dretske e Nozick o rejeitaram, e Moore o usou em sentido inverso. → *Ver também:* Ceticismo; Prova do mundo exterior; Sensibilidade e segurança.

Fenomenalismo Tese de que enunciados sobre objetos físicos são traduzíveis em enunciados sobre experiências sensoriais atuais e possíveis. Mill definiu a matéria como "possibilidade permanente de sensação"; Ayer defendeu a tradução, criticada por circularidade e por impossibilidade prática. → *Ver também:* Dados dos sentidos (sense-data); Idealismo (Metafísica, p. 19).

Fundacionalismo Teoria segundo a qual a justificação repousa em crenças básicas, justificadas sem apoio de outras crenças, sobre as quais se ergue o restante. Descartes é o modelo clássico. → *Ver também:* Coerentismo; Mito do dado.

I

Ideias inatas Ideias presentes na mente independentemente da experiência, defendidas por Descartes e Leibniz e criticadas por Locke. Têm versão contemporânea no inatismo linguístico de Chomsky. → *Ver também:* Racionalismo; Tábula rasa.

Infalibilismo Tese de que conhecer exige uma justificação que garanta a verdade, excluindo toda possibilidade de erro. Associado a Descartes, leva facilmente ao ceticismo e é rejeitado pela maioria dos epistemólogos contemporâneos. → *Ver também:* Falibilismo; Certeza.

Infinitismo Teoria da justificação, defendida por Peter Klein, segundo a qual a justificação de uma crença exige uma cadeia infinita e não circular de razões disponíveis. É a terceira opção diante do trilema de Agripa, ao lado do fundacionalismo e do coerentismo. → *Ver também:* Trilema de Agripa; Fundacionalismo; Coerentismo.

Injustiça epistêmica Conceito de Miranda Fricker para o dano feito a alguém em sua capacidade de conhecedor: injustiça testemunhal (credibilidade reduzida por preconceito) e hermenêutica (falta de recursos interpretativos coletivos). → *Ver também:* Epistemologia social; Testemunho.

Internismo epistêmico Tese de que os fatores que justificam uma crença devem ser acessíveis, por reflexão, ao próprio sujeito. → *Ver também:* Externismo epistêmico.

Intuição Apreensão imediata, sem mediação discursiva. Na filosofia contemporânea, também o juízo espontâneo sobre casos, usado como evidência em experimentos mentais — prática questionada pela filosofia experimental. → *Ver também:* Experimento mental (Metafilosofia, p. 6); Filosofia experimental (Metafilosofia, p. 6).

Invariantismo Tese de que as condições de verdade de "S sabe que p" não variam com o contexto de quem atribui o conhecimento. Pode ser cético (padrões sempre altos), moderado ou sensível aos interesses do sujeito (Stanley, Hawthorne), versão chamada "intrusão pragmática". → *Ver também:* Contextualismo epistêmico.

J

Justificação Aquilo que torna uma crença racional ou adequadamente fundada. As teorias divergem quanto à sua estrutura (fundacionalismo, coerentismo, infinitismo) e à sua fonte (internismo, externismo). → *Ver também:* Conhecimento; Fundacionalismo.

M

Mito do dado Crítica de Wilfrid Sellars (1956) à ideia de que algo dado imediatamente na experiência poderia, por si só, justificar crenças sem já estar no "espaço das razões". → *Ver também:* Dados dos sentidos (sense-data); Fundacionalismo.

P

Paradoxo da loteria Formulado por Kyburg (1961): é racional crer, de cada bilhete de uma loteria justa, que ele não será sorteado, mas não é racional crer que nenhum bilhete será sorteado. Desafia a ideia de que crença racional é crença com alta probabilidade fechada sob conjunção. → *Ver também:* Paradoxo do prefácio; Bayesianismo (Ciência, p. 31).

Paradoxo do prefácio Formulado por Makinson (1965): o autor crê em cada afirmação de seu livro e, ao mesmo tempo, crê, no prefácio, que o livro contém algum erro. Mostra que crenças individualmente racionais podem formar um conjunto inconsistente. → *Ver também:* Paradoxo da loteria.

Percepção Apreensão do mundo pelos sentidos. Teorias: realismo direto (percebemos os próprios objetos), teoria dos dados dos sentidos, representacionismo, adverbialismo e disjuntivismo (Hinton, Snowdon, McDowell, M. G. F. Martin), para o qual percepções verídicas e alucinações não partilham uma natureza comum. Os argumentos da ilusão e da alucinação estruturam o debate. → *Ver também:* Dados dos sentidos (sense-data); Representacionismo (Mente, p. 30); Qualidades primárias e secundárias (Moderna, p. 75).

Problema da generalidade Objeção ao confiabilismo: um mesmo processo cognitivo concreto pertence a muitos tipos, de confiabilidade diferente ("percepção visual", "percepção visual com pouca luz"), e não há modo não arbitrário de escolher o tipo relevante. → *Ver também:* Confiabilismo.

Problema da indução Questão posta por Hume: nenhuma justificação não circular garante que o futuro se assemelhará ao passado. Popper respondeu substituindo a indução pela falsificação; Goodman reformulou-o como "novo enigma" (verdul). → *Ver também:* Indução (Lógica, p. 9); Falsificacionismo (Ciência, p. 32); Verdul (Ciência, p. 34).

Problema de Gettier Contraexemplos (1963) à definição de conhecimento como crença verdadeira justificada, em que a verdade se deve à sorte. Respostas incluem cláusulas de não derrotabilidade, teorias causais e confiabilismo. → *Ver também:* Conhecimento; Sorte epistêmica.

Prova do mundo exterior Argumento de G. E. Moore (1939): erguendo as mãos, diz "aqui está uma mão, e aqui está outra; logo, existem coisas exteriores". Para Moore, a prova é rigorosa porque as premissas são conhecidas com mais certeza do que qualquer premissa cética. → *Ver também:* Senso comum (Metafilosofia, p. 7); Ceticismo; Fechamento epistêmico (princípio do).

R

Racionalismo Corrente que atribui à razão papel fundamental ou exclusivo no conhecimento, admitindo conhecimento a priori substantivo. Representantes: Descartes, Espinosa e Leibniz. → *Ver também:* Empirismo; Ideias inatas.

S

Saber-como Conhecimento prático, de habilidades (andar de bicicleta), distinto do saber-que segundo Ryle. Stanley e Williamson defendem que saber-como se reduz a saber-que. → *Ver também:* Conhecimento.

Sensibilidade e segurança Condições modais propostas para o conhecimento. Sensibilidade (Nozick, 1981): se p fosse falso, S não creria que p. Segurança (Sosa, Williamson, Pritchard): em situações próximas em que S crê que p, p é verdadeiro. A sensibilidade viola o fechamento; a segurança não. → *Ver também:* Sorte epistêmica; Fechamento epistêmico (princípio do).

Sintético a priori Classe de juízos que, segundo Kant, ampliam o conhecimento sem depender da experiência, como os da matemática ("7 + 5 = 12"), os princípios da física pura e a lei moral. A pergunta "como são possíveis juízos sintéticos a priori?" é a questão central da *Crítica da razão pura*. O empirismo lógico negou que existam. → *Ver também:* Analítico e sintético; Idealismo transcendental (Moderna, p. 74); Formas puras da sensibilidade (Moderna, p. 73).

Sorte epistêmica Situação em que uma crença acerta por acaso. Uma condição anti-sorte (de segurança ou sensibilidade) é frequentemente exigida para o conhecimento. → *Ver também:* Problema de Gettier.

T

Tábula rasa Imagem lockiana da mente ao nascer como folha em branco, sem ideias inatas, preenchida pela experiência. → *Ver também:* Empirismo; Ideias inatas.

Testemunho Fonte de conhecimento pelo relato de outros. Reducionistas (Hume) exigem razões independentes para confiar; antirreducionistas (Reid) tomam o testemunho como fonte básica. → *Ver também:* Epistemologia social.

Trilema de Agripa Argumento cético (o "trilema de Münchhausen", na expressão de Hans Albert): toda tentativa de justificar uma crença termina num regresso infinito, num círculo ou numa suposição arbitrária. Os cinco modos de Agripa estão em Sexto Empírico. → *Ver também:* Pirronismo (Antiga, p. 66); Fundacionalismo; Coerentismo; Infinitismo.

V

Verdade Propriedade de crenças ou proposições que dizem o que é o caso. Principais teorias: correspondência, coerência, pragmatista, deflacionária e semântica (Tarski). → *Ver também:* Teoria da correspondência (Linguagem, p. 26); Deflacionismo (sobre a verdade) (Linguagem, p. 23).

Vontade de crer Tese de William James (1896): diante de uma opção genuína, viva, forçada e momentosa, que não pode ser decidida pela evidência, é legítimo que nossa natureza passional decida, como na crença religiosa. Opõe-se ao evidencialismo de Clifford. → *Ver também:* Ética da crença; Evidencialismo; Pragmatismo (Metafilosofia, p. 6).

ÁREA 4

Metafísica e Ontologia

Estudo do que há e de sua natureza mais geral: ser, existência, identidade, modalidade, causalidade, tempo, propriedades e objetos.

65 verbetes

A

Abstrato e concreto Distinção entre entidades não espaço-temporais e causalmente inertes (números, conjuntos, proposições, segundo o platonismo) e entidades localizadas no espaço e no tempo, causalmente eficazes. Os critérios são disputados; David Lewis (1986) examinou vários deles: o modo do exemplo, o da negação, o da abstração e o da conflação. → *Ver também:* Platonismo matemático (Matemática, p. 37); Nominalismo; Objeto.

Acidente Em Aristóteles, aquilo que pertence a uma substância sem fazer parte de sua essência, como a cor ou o lugar de Sócrates. Opõe-se à substância e, na lógica tradicional, é um dos cinco predicáveis de Porfírio (gênero, espécie, diferença, próprio e acidente). → *Ver também:* Substância; Essência.

Ato e potência Par conceitual aristotélico. Potência (*dynamis*) é a capacidade de ser ou de mudar; ato (*energeia*, *entelecheia*) é sua realização. O movimento é definido como "a atualização do que está em potência, enquanto tal" (*Física* III). Para Tomás de Aquino, Deus é ato puro, sem nenhuma potencialidade. → *Ver também:* Enteléquia (Antiga, p. 64); Motor imóvel (Antiga, p. 65); Hilemorfismo.

Atualismo Tese de que tudo o que existe é atual; os mundos possíveis seriam entidades atuais abstratas, como conjuntos maximais de proposições ou estados de coisas (Plantinga, Adams, Stalnaker). Opõe-se ao possibilismo, especialmente ao realismo modal de Lewis. → *Ver também:* Mundos possíveis; Realismo modal.

C

Categoria Classe suprema de entes ou de predicados. Aristóteles enumerou dez: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão. Kant deduziu doze categorias do entendimento; Ryle denunciou o "erro categorial"; ontologias contemporâneas (Chisholm, E. J. Lowe) propõem sistemas próprios. → *Ver também:* Categorias do entendimento (Moderna, p. 72); Erro categorial (Mente, p. 28); Ontologia.

Causalidade Relação entre causa e efeito. Hume reduziu-a a prioridade, contiguidade e conjunção constante, acompanhadas de um hábito da mente. Teorias contemporâneas: regularistas, contrafactuais (Lewis, 1973), probabilísticas, de processo ou transferência de quantidades conservadas (Salmon, Dowe), intervencionistas (Woodward, 2003) e disposicionalistas. → *Ver também:* Contrafactual; Hábito (Moderna, p. 73); Leis da natureza; Quatro causas (Antiga, p. 66).

Coincidência material Problema de como dois objetos distintos podem ocupar o mesmo lugar e ser feitos da mesma matéria, como a estátua e o pedaço de argila de que é feita, que diferem em propriedades modais (a argila sobreviveria a ser amassada; a estátua não). Respostas: constitucionalismo (Baker, Wiggins), monismo com relativização (Gibbard, Lewis) e eliminativismo. → *Ver também:* Identidade; Navio de Teseu; Composição (questão especial da).

Compatibilismo Tese de que o livre-arbítrio e a responsabilidade moral são compatíveis com o determinismo. Defendido por Hobbes e Hume e, no século XX, por Frankfurt, que propôs análises por desejos de segunda ordem e casos contra o princípio das possibilidades alternativas (1969), e por Dennett. → *Ver também:* Livre-arbítrio; Determinismo; Libertarismo (metafísico).

Composição (questão especial da) Pergunta formulada por Peter van Inwagen (*Material Beings*, 1990): em que condições várias coisas compõem uma outra? O universalismo responde "sempre" (Lewis); o niilismo mereológico, "nunca"; posições moderadas, como a do próprio van Inwagen, "quando a atividade delas constitui uma vida". → *Ver também:* Mereologia; Coincidência material.

Compromisso ontológico Critério de Quine ("Sobre o que há", 1948): uma teoria está comprometida com as entidades que precisam estar no domínio de seus quantificadores para que ela seja verdadeira; "ser é ser o valor de uma variável". Permite avaliar a ontologia de teorias pela sua forma lógica regimentada. → *Ver também:* Quantificador (Lógica, p. 11); Metaontologia; Argumento da indispensabilidade (Matemática, p. 35).

Contrafactual Condicional sobre o que teria ocorrido se o antecedente, de fato falso, fosse verdadeiro ("se o fósforo tivesse sido riscado, teria acendido"). As semânticas de Stalnaker (1968) e Lewis (1973) avaliam-no nos mundos possíveis mais próximos em

que o antecedente é verdadeiro. É central para analisar causalidade, disposições e leis. → *Ver também:* Mundos possíveis; Causalidade; Disposição.

D

De re e de dicto Distinção entre a modalidade aplicada a uma proposição (*de dicto*: "necessariamente, todo solteiro é não casado") e a atribuída a um objeto (*de re*: "este homem é necessariamente racional"). Quine desconfiava da modalidade *de re*, que o comprometeria com o essencialismo aristotélico. → *Ver também:* Essencialismo; Necessidade e contingência.

Determinismo Tese de que o estado do mundo num instante, junto com as leis da natureza, fixa um único futuro possível. Laplace (1814) imaginou uma inteligência que, conhecendo todas as forças e posições, preveria todo o futuro. Distingue-se do fatalismo e da previsibilidade, e seu estatuto na física depende da interpretação da mecânica quântica. → *Ver também:* Livre-arbítrio; Fatalismo; Interpretações da mecânica quântica (Ciência, p. 32).

Disposição Propriedade que se manifesta em certas circunstâncias, como a fragilidade ou a solubilidade. A análise contrafactual simples ("quebraria se golpeado") enfrenta contraexemplos de "finks" e de mascaramento (C. B. Martin, Johnston). O disposicionalismo (Mumford, Bird) faz dos poderes a base das leis naturais. → *Ver também:* Contrafactual; Leis da natureza.

E

Emergência Propriedades de um sistema que não se reduzem às de suas partes nem são dedutíveis delas. Distinguem-se a emergência fraca, epistêmica, e a forte, ontológica, com poderes causais novos. Os emergentistas britânicos (Mill, Alexander, Broad) aplicaram a noção à química, à vida e à mente. → *Ver também:* Redução interteórica (Ciência, p. 34); Superveniência; Causação mental (Mente, p. 27).

Espaço Debate entre o substantivalismo, para o qual o espaço (ou o espaço-tempo) é uma entidade real independente dos corpos (Newton, Clarke), e o relacionismo, para o qual é apenas a ordem das relações entre corpos (Leibniz). A correspondência Leibniz-Clarke (1715-1716) é o texto clássico; o "argumento do buraco" (Earman e Norton, 1987) renovou a discussão na relatividade geral. → *Ver também:* Tempo; Identidade dos indiscerníveis.

Essência Aquilo que uma coisa é, o que a define (*to ti ên einai*, em Aristóteles); conjunto das propriedades que ela não pode deixar de ter sem deixar de ser o que é. Kit Fine ("Essence and Modality", 1994) argumentou que a essência não se reduz à necessidade: Sócrates é necessariamente membro de {Sócrates}, mas isso não pertence à sua essência. → *Ver também:* Essencialismo; Essência e existência (Medieval, p. 68); Acidente.

Essencialismo Tese de que algumas propriedades pertencem essencialmente a seus portadores. Kripke defendeu o essencialismo de origem (uma pessoa não poderia ter vindo de outros gametas) e o de constituição, além de essências descobertas a posteriori para espécies naturais (água é H_2O). → *Ver também:* Essência; Designador rígido (Linguagem, p. 23); Termos de espécie natural (Linguagem, p. 26).

Eternalismo Tese de que passado, presente e futuro existem igualmente: o universo é um "bloco" quadridimensional. Associa-se à teoria B do tempo e é favorecido pela relatividade da simultaneidade; opõe-se ao presentismo e à teoria do bloco crescente (Broad, Tooley). → *Ver também:* Presentismo; Tempo.

Evento Entidade como uma explosão, uma batalha ou um nascimento. Davidson tratou eventos como particulares e propôs identificá-los por suas causas e efeitos; Kim, como exemplificações de uma propriedade por um objeto num tempo. A ontologia de eventos é usada para analisar advérbios e a causalidade. → *Ver também:* Causalidade; Monismo anômalo (Mente, p. 29).

Existência Questão de saber se existir é uma propriedade de indivíduos. Kant afirmou que "ser não é um predicado real"; Frege e Russell analisaram a existência como propriedade de conceitos (ter instâncias), expressa pelo quantificador existencial. Meinong admitiu objetos que não existem. → *Ver também:* Argumento ontológico (Religião, p. 59); Quantificador (Lógica, p. 11); Meinonguianismo.

F

Fatalismo Tese de que tudo o que acontece acontece inevitavelmente, independentemente do que façamos. O fatalismo lógico deriva-o da verdade antecipada das proposições sobre o futuro (o problema da batalha naval em Aristóteles; o argumento dominador de Diodoro Cronos). Distingue-se do determinismo causal. → *Ver também:* Futuros contingentes; Determinismo.

Fato Aquilo que torna verdadeira uma proposição verdadeira; estado de coisas que ocorre. Para Wittgenstein (*Tractatus* 1.1), "o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas"; Armstrong concebe o mundo como um mundo de estados de coisas (1997). → *Ver também:* Fazedor de verdade; Teoria da correspondência (Linguagem, p. 26).

Fazedor de verdade Entidade cuja existência torna verdadeira uma proposição (*truthmaker*). A teoria dos fazedores de verdade (Mulligan, Simons e Smith, 1984; Armstrong) enfrenta problemas com verdades negativas ("não há unicórnios") e gerais, e é usada contra o presentismo. → *Ver também:* Fato; Presentismo.

Ficcionalismo Tese de que o discurso sobre certo domínio (números, mundos possíveis, entidades morais ou teóricas) é útil, mas não deve ser tomado como literalmente verdadeiro: falamos "como se" tais entidades existissem. Antecipado por Vaihinger (*A filosofia do como se*, 1911), tem versões matemática (Field), modal (Rosen, 1990) e moral (Joyce). → *Ver também:* Ficcionalismo matemático (Matemática, p. 36); Nominalismo; Mundos possíveis.

Fundamentação (grounding) Relação metafísica não causal expressa por "em virtude de": o fato de que Sócrates existe fundamenta o fato de que {Sócrates} existe; fatos mentais talvez sejam fundamentados em fatos físicos. A noção tornou-se central na metafísica após Fine, Schaffer ("On What Grounds What", 2009) e Rosen (2010). → *Ver também:* Superveniência; Monismo; Metaontologia.

Futuros contingentes Problema posto por Aristóteles (*Da interpretação*, cap. 9) com o exemplo da batalha naval: se hoje já é verdadeiro que amanhã haverá uma batalha naval, parece que ela ocorrerá necessariamente. Aristóteles parece negar que tais proposições já sejam verdadeiras ou falsas; Łukasiewicz propôs para elas um terceiro valor de verdade; Ockham sustentou que são verdadeiras ou falsas, mas contingentemente; as semânticas de tempo ramificado (Prior; Thomason, 1970) formalizam alternativas. → *Ver também:* Fatalismo; Lógica multivalorada (Lógica, p. 10); Lógica temporal (Lógica, p. 10); Presciência divina e liberdade (Religião, p. 61).

H

Haecceidade Propriedade de ser este indivíduo determinado (*haecceitas*, "istidade"), introduzida por Duns Escoto como princípio de individuação. No debate contemporâneo, o haecceitismo afirma que dois mundos podem diferir apenas quanto a qual indivíduo ocupa qual papel. → *Ver também:* Individuação (princípio de) (Medieval, p. 69); Identidade dos indiscerníveis.

Hilemorfismo Doutrina aristotélica de que as substâncias materiais são compostos de matéria (*hylê*) e forma (*morphê*): a forma explica o que a coisa é, a matéria aquilo de que é feita. Foi retomada na metafísica contemporânea (Fine, Koslicki, Johnston) para tratar a composição e a identidade de objetos. → *Ver também:* Ato e potência; Hylé (Antiga, p. 65); Unicidade da forma substancial (Medieval, p. 70).

I

Idealismo Tese de que a realidade é, em última instância, mental ou dependente da mente. Formas principais: o imaterialismo de Berkeley ("ser é ser percebido"), o idealismo transcendental de Kant (que é também realismo empírico) e o idealismo absoluto de Hegel e de Bradley. → *Ver também:* Esse est percipi (Moderna, p. 73); Idealismo transcendental (Moderna, p. 74); Idealismo alemão (Moderna, p. 74).

Identidade Relação que cada coisa mantém apenas consigo mesma; é reflexiva, simétrica e transitiva e obedece à lei de Leibniz (se a = b, tudo o que vale de a vale de b). Kripke argumentou que identidades verdadeiras entre designadores rígidos são necessárias; Geach defendeu a identidade relativa ("o mesmo F"). → *Ver também:* Identidade dos indiscerníveis; Designador rígido (Linguagem, p. 23); Identidade pessoal.

Identidade dos indiscerníveis Princípio de Leibniz segundo o qual não podem existir duas coisas que tenham exatamente as mesmas propriedades. Distingue-se de sua conversa, a indiscernibilidade dos idênticos, que é incontroversa. Max Black (1952) imaginou um contraexemplo: um universo com apenas duas esferas exatamente iguais. → *Ver também:* Identidade; Teoria do feixe; Haecceidade.

Identidade pessoal Problema do que faz uma pessoa num tempo ser a mesma que outra num tempo posterior. Locke propôs a continuidade da consciência e da memória; Butler e Reid objetaram circularidade; hoje se opõem critérios psicológicos e o animalismo (Olson). Parfit (*Razões e pessoas*, 1984), com casos de fissão, sustentou que a identidade não é o que importa na sobrevivência. → *Ver também:* Eu (o self) (Mente, p. 28); Pessoa (Ética aplicada, p. 45); Anatta (Não ocidentais, p. 91).

L

Leis da natureza Para o humeanismo, leis são regularidades que figuram no melhor sistema, aquele que equilibra simplicidade e força (teoria de Mill-Ramsey-Lewis). Para o necessitarismo (Dretske e Tooley, 1977; Armstrong, 1983), são relações de necessitação entre universais; para o disposicionalismo, decorrem das essências disposicionais das propriedades. → *Ver também:* Causalidade; Disposição; Universal.

Libertarismo (metafísico) Tese de que o livre-arbítrio existe e é incompatível com o determinismo, de modo que este é falso. Versões: causação pelo agente (Reid, Chisholm, O'Connor) e indeterminismo causal de eventos (Kane). Não confundir com o libertarianismo político. → *Ver também:* Livre-arbítrio; Compatibilismo; Libertarianismo (Política, p. 50).

Livre-arbítrio Capacidade de escolher entre cursos de ação de modo a ser responsável por eles. O debate opõe compatibilistas a incompatibilistas, divididos entre libertaristas, deterministas duros e céticos quanto ao livre-arbítrio (Pereboom). O argumento da consequência (van Inwagen, 1983) sustenta que, se o determinismo é verdadeiro, nossas ações são consequências de fatos que não controlamos. → *Ver também:* Compatibilismo; Determinismo; Responsabilidade moral (Ética, p. 42).

M

Materialismo Tese de que tudo o que existe é matéria ou depende dela. Tem raízes nos atomistas antigos e foi defendido por Hobbes, La Mettrie e d'Holbach; sua versão contemporânea é o fisicalismo. Em Marx, o materialismo histórico tem sentido próprio. → *Ver também:* Fisicalismo (Mente, p. 28); Atomismo (Antiga, p. 63); Materialismo histórico (Política, p. 50).

Meinonguianismo Teoria de Alexius Meinong ("Sobre a teoria dos objetos", 1904) segundo a qual há objetos que não existem, como a montanha de ouro e o quadrado redondo; todo pensamento tem um objeto, exista ele ou não. Russell a criticou com a teoria das descrições (1905); versões neomeinonguianas foram propostas por Parsons, Zalta e Priest. → *Ver também:* Objeto; Descrições definidas (Linguagem, p. 23); Nomes vazios (Linguagem, p. 25).

Mereologia Teoria formal das relações entre parte e todo, desenvolvida por Leśniewski e, como "cálculo de indivíduos", por Leonard e Goodman (1940). A mereologia clássica extensional admite composição irrestrita e extensionalidade (objetos com as mesmas partes são idênticos). Goodman a usou como alternativa nominalista à teoria dos conjuntos. → *Ver também:* Composição (questão especial da); Nominalismo; Nominalismo matemático (Matemática, p. 37).

Metafísica O nome provém do título editorial (*ta meta ta physika*, "os livros depois dos da física") dado aos escritos de Aristóteles sobre a "filosofia primeira", ciência do ser enquanto ser e das primeiras causas. Kant criticou a metafísica dogmática; o empirismo lógico declarou-a sem sentido (Carnap, 1932); Strawson (*Individuals*, 1959) distinguiu metafísica descritiva e revisionária, e Kripke e Lewis abriram uma nova fase da metafísica analítica. → *Ver também:* Ontologia; Metaontologia; Verificacionismo (Linguagem, p. 26).

Metaontologia Estudo do sentido e do método das questões ontológicas. Carnap ("Empirismo, semântica e ontologia", 1950) distinguiu questões internas, respondidas dentro de um quadro linguístico, e externas, que seriam práticas; Quine recusou a distinção. Hoje se discutem o deflacionismo (Hirsch, Thomasson) e a variância quantificacional. → *Ver também:* Compromisso ontológico; Ontologia.

Monismo Tese de que há fundamentalmente um só tipo de coisa (materialismo, idealismo, monismo neutro) ou uma só coisa (Parmênides, Espinosa). Jonathan Schaffer defende o monismo de prioridade: o cosmos inteiro é a única substância fundamental, e as partes dependem do todo. → *Ver também:* Deus sive Natura (Moderna, p. 72); Monismo neutro (Mente, p. 29); Fundamentação (grounding).

Mundos possíveis Recurso para analisar a modalidade: é necessário o que é verdadeiro em todos os mundos possíveis, e possível o que é verdadeiro em algum. Sobre sua natureza há o realismo modal de Lewis, o atualismo (mundos como entidades abstratas), o ficcionalismo modal e o combinatorialismo de Armstrong. A ideia remonta a Leibniz. → *Ver também:* Realismo modal; Atualismo; Lógica modal (Lógica, p. 10).

N

Nada A pergunta "por que existe algo em vez de nada?" foi formulada por Leibniz (*Princípios da natureza e da graça*, 1714) e retomada por Heidegger ("Que é metafísica?", 1929), para quem a angústia revela o nada. Carnap (1932) tomou a frase heideggeriana "o nada nadifica" como exemplo de pseudoproposição. → *Ver também:* Princípio de razão suficiente; Angústia (Fenomenologia, p. 76).

Navio de Teseu Enigma relatado por Plutarco: o navio de Teseu, conservado pelos atenienses, teve todas as tábuas substituídas aos poucos; continua sendo o mesmo navio? Hobbes acrescentou: e se as tábuas velhas fossem remontadas, qual seria o original? Ilustra os problemas da identidade ao longo do tempo. → *Ver também:* Identidade; Persistência; Coincidência material.

Necessidade e contingência É necessário o que não pode ser de outro modo (verdadeiro em todos os mundos possíveis) e contingente o que é, mas poderia não ser. Distinguem-se necessidade lógica, metafísica, física (nômica) e epistêmica. Kripke defendeu verdades necessárias a posteriori ("água é H_2O") e contingentes a priori ("o metro-padrão tem um metro"). → *Ver também:* Mundos possíveis; De re e de dicto; A priori (Epistemologia, p. 13).

Nominalismo No sentido medieval, rejeição dos universais reais: só há particulares, e os termos gerais são nomes ou conceitos (Roscelino, Abelardo, Ockham). No sentido contemporâneo, rejeição das entidades abstratas: números, conjuntos, propriedades (Goodman e Quine, "Steps toward a Constructive Nominalism", 1947; Field, 1980). Variantes: de predicados, de conceitos, de semelhança (Rodriguez-Pereyra), de classes, de tropos, mereológico e ficcionalista. → *Ver também:* Querela dos universais (Medieval, p. 70); Nominalismo matemático (Matemática, p. 37); Tropo; Universal.

O

Objeto Aquilo a que se pode referir ou sobre o que se pode quantificar. Distinguem-se objetos concretos e abstratos, possíveis e atuais, existentes e (para Meinong) inexistentes; Frege definiu objeto como o referente de um nome, em oposição ao conceito. → *Ver também:* Abstrato e concreto; Meinonguianismo; Particular.

Ontologia Estudo do que há, das categorias mais gerais das entidades e de seus modos de ser. O termo

surgiu no início do século XVII (Lorhard, 1606; Goclenius, 1613) e foi difundido por Christian Wolff. Na computação, "ontologia" designa uma especificação formal dos conceitos de um domínio. → *Ver também:* Metafísica; Compromisso ontológico; Ontologia (em computação) (Tecnologia e IA, p. 86).

P

Particular Entidade individual que não pode ser exemplificada por outras, como Sócrates ou esta mesa, em contraste com os universais. A teoria do substrato postula "particulares nus" que portam as propriedades; a teoria do feixe os dispensa. → *Ver também:* Universal; Teoria do feixe; Substância.

Persistência Problema de como os objetos continuam existindo ao longo do tempo. O endurantismo diz que estão inteiramente presentes em cada instante; o perdurantismo (Lewis, Sider) que têm partes temporais, sendo "vermes" espaço-temporais; a teoria dos estágios (Sider, Hawley) identifica objetos comuns a estágios momentâneos. → *Ver também:* Navio de Teseu; Identidade pessoal; Tempo.

Presentismo Tese de que só o presente existe; o passado e o futuro não existem. Enfrenta o problema de explicar o que torna verdadeiras as proposições sobre o passado e a dificuldade da relatividade da simultaneidade. → *Ver também:* Eternalismo; Fazedor de verdade; Tempo.

Princípio de razão suficiente Princípio de que nada existe ou ocorre sem uma razão pela qual é assim e não de outro modo (Leibniz; antes dele, Espinosa). Sustenta argumentos cosmológicos; críticos observam que, em sua forma forte, implica que tudo é necessário (van Inwagen), e Michael Della Rocca o defende como pedra angular do racionalismo. → *Ver também:* Argumento cosmológico (Religião, p. 59); Nada; Racionalismo (Epistemologia, p. 16).

Propriedade Característica que algo tem. Pode ser concebida como universal, tropo, classe (para Lewis, conjunto de particulares possíveis) ou de modo nominalista. Lewis distinguiu propriedades abundantes, uma para cada classe, e esparsas ou naturais, que marcam semelhanças objetivas e figuram nas leis (1983). → *Ver também:* Universal; Tropo; Nominalismo.

R

Realismo (metafísico) Tese de que existe uma realidade independente da mente e de nossos esquemas conceituais, e de que a verdade sobre ela pode transcender nossa capacidade de verificá-la. Dummett caracterizou o antirrealismo pela rejeição da bivalência para enunciados de um domínio; Putnam opôs ao realismo metafísico um "realismo interno" (1981). → *Ver também:* Idealismo; Bivalência (princípio da) (Lógica, p. 8); Realismo científico (Ciência, p. 33).

Realismo modal Teoria de David Lewis (*On the Plurality of Worlds*, 1986) segundo a qual os mundos possíveis são objetos concretos, tão reais quanto o nosso e espaço-temporalmente isolados uns dos outros; "atual" é um termo indexical, como "aqui". Seu principal atrativo é reduzir a modalidade a quantificação sobre mundos. → *Ver também:* Mundos possíveis; Teoria das contrapartes; Atualismo.

Relação Entidade que liga duas ou mais coisas, como "maior que" ou "entre". Distinguem-se relações internas, fixadas pelas propriedades dos termos, e externas. Bradley (*Aparência e realidade*, 1893) argumentou que as relações levam a um regresso vicioso; Russell defendeu a realidade de relações externas e irredutíveis. → *Ver também:* Propriedade; Universal.

S

Ser A noção mais geral da metafísica. Para Parmênides, o ser é uno e imóvel; para Aristóteles, "o ser se diz de muitos modos" (*Metafísica* IV, 2), todos referidos à substância. Os medievais discutiram se o ser se diz de Deus e das criaturas por analogia ou univocamente; Frege e Russell distinguiram os sentidos do verbo "ser" (predicação, identidade, existência); Heidegger reabriu a "questão do sentido do ser" e distinguiu o ser dos entes. → *Ver também:* Poema de Parmênides (Antiga, p. 66); Analogia do ser (Medieval, p. 68); Univocidade do ser (Medieval, p. 71); Diferença ontológica (Fenomenologia, p. 77); Existência.

Substância Aquilo que existe por si e é sujeito de predicados sem ser predicado de outro. Em Aristóteles, a substância primeira é o indivíduo (este homem); a segunda, a espécie e o gênero. Descartes distinguiu substância pensante e extensa; Espinosa admitiu uma única substância; Leibniz, as mônadas; Locke a reduziu a um substrato desconhecido, "algo que não sei o quê". → *Ver também:* Acidente; Ousia (Antiga, p. 66); Res cogitans e res extensa (Moderna, p. 75); Mônada (Moderna, p. 74).

Superveniência Um conjunto de propriedades A sobrevém a um conjunto B quando não pode haver diferença em A sem diferença em B. Usada para formular o fisicalismo (o mental sobrevém ao físico) e em metaética (o moral sobrevém ao natural); Jaegwon Kim distinguiu superveniência fraca, forte e global. → *Ver também:* Fisicalismo (Mente, p. 28); Fundamentação (grounding); Emergência.

T

Tempo McTaggart (1908) distinguiu a série A (passado, presente, futuro) e a série B (antes, depois) e argumentou que o tempo é irreal. Teorias A (temporais, com devir objetivo) e teorias B (atemporais) estruturam o debate atual. Agostinho resumiu a dificuldade: se ninguém lhe pergunta o que é o tempo,

ele sabe; se quer explicar, não sabe. → *Ver também:* Presentismo; Eternalismo; Distensão da alma (Medieval, p. 68).

Teoria das contrapartes Teoria de Lewis (1968) segundo a qual cada objeto existe num só mundo; "Humphrey poderia ter vencido a eleição" é verdadeira porque, em algum mundo, uma contraparte de Humphrey (alguém suficientemente semelhante a ele) vence. → *Ver também:* Realismo modal; Essencialismo.

Teoria do feixe Tese de que um objeto é apenas um feixe de propriedades copresentes, sem substrato subjacente. Hume aplicou-a ao eu; Russell e, com tropos, D. C. Williams a defenderam; a objeção clássica vem da possibilidade de objetos distintos com as mesmas propriedades. → *Ver também:* Identidade dos indiscerníveis; Tropo; Substância.

Tropo Propriedade particular, não repetível, como o vermelho desta rosa determinada, distinto do vermelho de outra rosa exatamente igual. A teoria dos tropos (D. C. Williams, 1953; Keith Campbell; Anna-Sofia Maurin) explica a semelhança sem universais e é frequentemente classificada como forma de nominalismo. → *Ver também:* Universal; Nominalismo; Teoria do feixe.

U

Universal Entidade que pode estar inteiramente presente em muitos particulares ao mesmo tempo, como a brancura ou a relação de ser maior que. Os realistas os admitem como transcendentes (as Formas de Platão, universais *ante rem*) ou imanentes (Aristóteles, Armstrong, universais *in rebus*); conceitualistas e nominalistas os rejeitam. → *Ver também:* Querela dos universais (Medieval, p. 70); Nominalismo; Teoria das Formas (Antiga, p. 67); Tropo.

ÁREA 5

Filosofia da Linguagem

Investigação do significado, da referência, da verdade, da comunicação e da relação entre linguagem, pensamento e mundo.

45 verbetes

A

Ambiguidade Propriedade de uma expressão que admite mais de uma interpretação. Pode ser lexical ("banco"), estrutural ("vi o homem com o binóculo") ou de escopo ("todo mundo ama alguém"). Distingue-se da vagueza, em que não há sentidos distintos, mas casos-limite indefinidos. → *Ver também:* Vagueza (Lógica, p. 12); Falácia (Lógica, p. 9).

Atitude proposicional Estado mental que relaciona um sujeito a uma proposição, como crer, desejar ou temer que p. Os contextos de atitude são opacos: substituir termos correferenciais pode mudar o valor de verdade (Lois Lane crê que Super-Homem voa, mas não que Clark Kent voa). Russell cunhou a expressão; Frege e Quine discutiram suas dificuldades. → *Ver também:* Sentido e referência; Intencionalidade (Mente, p. 29); Crença (Epistemologia, p. 13).

Ato de fala Ação realizada ao proferir algo. Austin (*Quando dizer é fazer*, 1962) distinguiu atos locucionários (dizer algo com sentido), ilocucionários (o que se faz ao dizer: afirmar, prometer, ordenar) e perlocucionários (o efeito produzido: convencer, assustar). Searle (*Atos de fala*, 1969) classificou os ilocucionários em assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarações. → *Ver também:* Performativo; Pragmática.

C

Composicionalidade (princípio de) Princípio de que o significado de uma expressão complexa é determinado pelos significados de suas partes e pelo modo como se combinam. Atribuído a Frege, explica a produtividade (entendemos frases nunca ouvidas) e a sistematicidade da linguagem. → *Ver também:* Semântica; Linguagem do pensamento (Mente, p. 29).

Conotação e denotação Distinção de John Stuart Mill (*Sistema de lógica*, 1843): a denotação de um termo são os objetos a que ele se aplica; a conotação, os atributos que ele implica. Para Mill, nomes próprios denotam sem conotar, tese retomada pela teoria da referência direta. → *Ver também:* Intensão e extensão; Nome próprio.

Contexto (princípio do) Máxima de Frege (*Os fundamentos da aritmética*, 1884): nunca perguntar pelo significado de uma palavra isoladamente, mas apenas no contexto de uma proposição. Foi decisiva para a virada linguística e para a filosofia da matemática neofregeana. → *Ver também:* Neologicismo (Matemática, p. 37); Virada linguística (Metafilosofia, p. 7).

Contextualismo semântico Tese (Travis, Recanati, Searle) de que o conteúdo de verdade de quase todas as frases depende do contexto de proferimento, mesmo sem expressões indexicais ("as folhas são verdes"). O minimalismo semântico (Cappelen e Lepore, 2005) restringe essa dependência às expressões explicitamente sensíveis ao contexto. → *Ver também:* Dêiticos e indexicais; Pragmática.

D

Deflacionismo (sobre a verdade) Família de teorias para as quais dizer que "p" é verdadeiro não acrescenta nada substancial a afirmar p. Inclui a teoria da redundância (Ramsey, 1927), o desaspeamento (Quine, Field) e o minimalismo de Horwich (1990). A verdade serviria sobretudo para generalizar ("tudo o que ela disse é verdadeiro"). → *Ver também:* Verdade (Epistemologia, p. 16); Teoria da correspondência; Teoria semântica da verdade.

Dêiticos e indexicais Expressões cuja referência depende do contexto de proferimento: "eu", "aqui", "agora", "isto". Kaplan ("Demonstratives", 1977) distinguiu o caráter (a regra de uso, constante) e o conteúdo (o que é dito em cada contexto); Perry (1979) mostrou o papel "essencial" do indexical na explicação da ação. → *Ver também:* Semântica bidimensional; Contextualismo semântico.

Descrições definidas Expressões da forma "o tal e tal". Na teoria de Russell ("On Denoting", 1905), "o atual rei da França é calvo" afirma que existe exatamente um atual rei da França e que ele é calvo; logo, é falsa, e não sem valor de verdade. Strawson (1950) respondeu que a frase pressupõe a existência do rei; Donnellan (1966) distinguiu usos atributivos e referenciais. → *Ver também:* Pressuposição; Meinonguianismo (Metafísica, p. 20); Nome próprio.

Designador rígido Expressão que designa o mesmo objeto em todo mundo possível em que ele existe (Kripke, *O nomear e a necessidade*, conferências de 1970, livro de 1980). Nomes próprios e termos de espécie natural são rígidos; a maioria das descrições

definidas, não ("o professor de Alexandre" poderia não ter sido Aristóteles). → *Ver também:* Nome próprio; Termos de espécie natural; Necessidade e contingência (Metafísica, p. 20).

E

Externismo semântico Tese de que o significado de certas palavras depende de fatores externos à mente do falante. Putnam ("O significado de 'significado'", 1975) imaginou a Terra Gêmea, idêntica à nossa exceto que o líquido chamado "água" é XYZ e não H_2O: os significados "não estão na cabeça". Acrescentou a divisão do trabalho linguístico. → *Ver também:* Conteúdo mental (amplo e estreito) (Mente, p. 28); Termos de espécie natural.

G

Gramática universal Hipótese de Noam Chomsky de que os seres humanos possuem uma faculdade da linguagem inata, que restringe as gramáticas possíveis. Apoia-se no argumento da pobreza do estímulo: as crianças adquirem gramáticas complexas a partir de dados limitados. A versão de "princípios e parâmetros" foi central nos anos 1980. → *Ver também:* Ideias inatas (Epistemologia, p. 14); Sintaxe.

H

Hipótese Sapir-Whorf Tese da relatividade linguística, associada a Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf: a estrutura de uma língua influencia (versão fraca) ou determina (versão forte) o pensamento e a percepção de seus falantes. A versão forte é amplamente rejeitada; pesquisas sobre cores (Berlin e Kay, 1969) e orientação espacial nuançaram a fraca. → *Ver também:* Relativismo (Metafilosofia, p. 7).

Holismo semântico Tese de que o significado de uma expressão depende de suas relações com muitas, ou todas, as outras expressões da linguagem. Associado a Quine e Davidson, foi criticado por Fodor e Lepore (*Holism*, 1992) por tornar impossível que duas pessoas compartilhem significados. → *Ver também:* Holismo de confirmação (Ciência, p. 32); Inferencialismo.

I

Implicatura Aquilo que um falante comunica além do que literalmente diz. Grice ("Lógica e conversação", 1975) explicou as implicaturas conversacionais pelo princípio de cooperação e pelas máximas de quantidade, qualidade, relação e modo; elas podem ser canceladas, ao contrário das implicações lógicas. Ex.: "alguns alunos passaram" implica, sem dizer, que nem todos passaram. → *Ver também:* Pragmática; Pressuposição.

Indeterminação da tradução Tese de Quine (*Palavra e objeto*, 1960) de que manuais de tradução incompatíveis entre si podem ser igualmente compatíveis com todas as disposições verbais dos falantes. No exemplo do linguista diante da palavra "gavagai", nada decide se ela se refere a coelhos, a partes não destacadas de coelhos ou a estágios de coelhos (inescrutabilidade da referência). → *Ver também:* Interpretação radical; Holismo semântico.

Inferencialismo Teoria segundo a qual o significado de uma expressão é dado por seu papel nas inferências. Remonta a Gentzen e a Sellars e foi desenvolvida por Dummett, Prawitz e Robert Brandom (*Making It Explicit*, 1994). O conectivo "tonk" de Arthur Prior (1960) mostrou que nem toda regra define um significado aceitável. → *Ver também:* Dedução natural (Lógica, p. 9); Neopragmatismo (Metafilosofia, p. 6).

Intensão e extensão A extensão de um termo é o conjunto de coisas a que ele se aplica (de uma frase, seu valor de verdade); a intensão é o que determina a extensão. Carnap (*Meaning and Necessity*, 1947) tratou a intensão como função de mundos possíveis a extensões. "Criatura com coração" e "criatura com rins" teriam a mesma extensão, mas intensões diferentes. → *Ver também:* Sentido e referência; Conotação e denotação.

Interpretação radical Situação imaginada por Davidson de interpretar um falante de língua inteiramente desconhecida, a partir de seu comportamento e das circunstâncias em que assente às frases. Guiado pelo princípio de caridade, o intérprete constrói uma teoria da verdade no estilo de Tarski que serve como teoria do significado. → *Ver também:* Princípio de caridade; Teoria semântica da verdade; Indeterminação da tradução.

J

Jogos de linguagem Noção do segundo Wittgenstein (*Investigações filosóficas*, 1953): os usos da linguagem são atividades regradas, entrelaçadas com formas de vida, sem essência comum, mas ligadas por "semelhanças de família". Para uma grande classe de casos, o significado de uma palavra é seu uso na linguagem (§43). → *Ver também:* Linguagem privada (argumento da); Seguir regras (paradoxo de).

L

Linguagem privada (argumento da) Argumento de Wittgenstein (*Investigações*, §§243-315) contra a possibilidade de uma linguagem cujas palavras se refiram a sensações conhecidas apenas pelo falante: faltaria qualquer critério para distinguir usar corretamente a palavra e apenas parecer usá-la corretamente. A imagem do "besouro na caixa" ilustra que o objeto privado não desempenha papel na linguagem. → *Ver também:* Jogos de linguagem; Outras mentes (problema das) (Mente, p. 29).

M

Metáfora Uso figurado de uma expressão para falar de algo em termos de outra coisa. Teorias: comparação abreviada (desde Aristóteles), interação (Max Black, 1955), a tese de Davidson ("O que as metáforas significam", 1978) de que elas não têm significado especial além do literal, e a teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, *Metáforas da vida cotidiana*, 1980). → *Ver também:* Pragmática.

N

Nome próprio Para o descritivismo (Frege, Russell; teoria do feixe de Searle), um nome equivale a uma descrição ou feixe de descrições associadas. Para a teoria da referência direta e causal (Kripke, Donnellan, Ruth Barcan Marcus), o nome refere em virtude de um batismo inicial e de uma cadeia causal de transmissão; Kripke ofereceu contra o descritivismo argumentos modais, epistêmicos e semânticos (o caso Gödel-Schmidt). → *Ver também:* Designador rígido; Descrições definidas; Nomes vazios.

Nomes vazios Nomes que não designam nada, como "Pégaso" ou "Sherlock Holmes", e que tornam problemáticos os existenciais negativos ("Pégaso não existe"). Soluções: descritivismo (Russell), meinonguianismo, teorias que tratam personagens como artefatos abstratos (Thomasson, van Inwagen) e a teoria do faz de conta (Walton). → *Ver também:* Meinonguianismo (Metafísica, p. 20); Lógica livre (Lógica, p. 10); Paradoxo da ficção (Estética, p. 58).

P

Performativo Na primeira formulação de Austin, proferimento que não descreve, mas realiza uma ação ("prometo", "aceito", "declaro aberta a sessão"); não é verdadeiro ou falso, mas feliz ou infeliz conforme condições de felicidade. Austin depois generalizou a ideia na teoria dos atos ilocucionários. → *Ver também:* Ato de fala; Performatividade de gênero (Continental, p. 82).

Pragmática Estudo do uso da linguagem em contexto: implicaturas, pressuposições, atos de fala, dêixis. Charles Morris (1938) dividiu a semiótica em sintaxe (relações entre signos), semântica (signos e objetos) e pragmática (signos e usuários). → *Ver também:* Implicatura; Ato de fala; Teoria da relevância.

Pressuposição Proposição tomada como certa pelo falante e necessária para que um enunciado seja apropriado ou tenha valor de verdade: "Pedro parou de fumar" pressupõe que Pedro fumava, e também "Pedro não parou de fumar". O "problema da projeção" é explicar como as pressuposições se comportam em frases complexas. → *Ver também:* Descrições definidas; Implicatura.

Princípio de caridade Princípio interpretativo (Wilson, 1959; Quine; Davidson) de que devemos interpretar os outros de modo a maximizar a verdade e a racionalidade de suas crenças. Em teoria da argumentação, recomenda reconstruir a versão mais forte do argumento alheio. → *Ver também:* Interpretação radical.

R

Referência Relação entre uma expressão e aquilo de que se fala por meio dela. As teorias se dividem entre descritivistas, para as quais a referência é mediada por um conteúdo descritivo, e causais ou diretas. Em Frege, a referência (*Bedeutung*) de uma frase é seu valor de verdade. → *Ver também:* Sentido e referência; Nome próprio.

S

Seguir regras (paradoxo de) Leitura de Wittgenstein por Kripke (*Wittgenstein: sobre regras e linguagem privada*, 1982): nenhum fato sobre o comportamento ou a mente passados de um falante determina que ele queria dizer adição com "+", e não uma "quadição" que diverge para números grandes. A "solução cética" apela às condições de asseribilidade numa comunidade. → *Ver também:* Jogos de linguagem; Linguagem privada (argumento da).

Semântica Estudo do significado e da relação entre expressões e o mundo (referência, verdade). A semântica formal de línguas naturais desenvolveu-se com Richard Montague, que tratou o inglês com os métodos da lógica (anos 1970). → *Ver também:* Pragmática; Sintaxe; Teoria semântica da verdade.

Semântica bidimensional Abordagem (Kaplan, Stalnaker, Chalmers, Jackson) que associa a uma expressão duas intensões: uma primária, que avalia mundos considerados como atuais, e uma secundária, que avalia mundos considerados como contrafactuais. Explica como "água é H_2O" pode ser necessária e, ainda assim, conhecida a posteriori. → *Ver também:* Designador rígido; Argumento dos zumbis (Mente, p. 27).

Semiótica Teoria geral dos signos e da significação. Tem duas fontes modernas: a semiótica de Peirce, com a relação triádica entre representâmen, objeto e interpretante, e a semiologia de Saussure, desenvolvida por Barthes, Greimas e Eco. → *Ver também:* Signo; Estruturalismo (Continental, p. 81).

Sentido e referência Distinção de Frege ("Sobre o sentido e a referência", 1892). "A estrela da manhã é a estrela da tarde" é informativa, ao contrário de "a estrela da manhã é a estrela da manhã", embora ambas as expressões refiram Vênus. Logo, além da referência, as expressões têm um sentido, que é o modo de apresentação do referente. O sentido de

uma frase é um pensamento. → *Ver também:* Intensão e extensão; Atitude proposicional; Referência.

Signo Algo que está por outra coisa para alguém. Saussure (*Curso de linguística geral*, 1916) definiu o signo linguístico como a união de um significante (imagem acústica) e de um significado (conceito), ligados de modo arbitrário; Peirce distinguiu ícones (semelhança), índices (conexão causal) e símbolos (convenção). → *Ver também:* Semiótica; Língua e fala (Continental, p. 81); Teoria agostiniana do signo (Medieval, p. 70).

Sinonímia Identidade de significado entre expressões. Quine ("Dois dogmas do empirismo", 1951) argumentou que a noção é tão obscura quanto a de analiticidade, pois as duas se definem uma pela outra. → *Ver também:* Analítico e sintético (Epistemologia, p. 13).

Sintaxe Estudo das regras de combinação das expressões numa linguagem; em lógica, das propriedades formais das fórmulas, independentemente de sua interpretação. A gramática gerativa de Chomsky (*Estruturas sintáticas*, 1957) mostrou que frases podem ser gramaticais e sem sentido ("ideias verdes incolores dormem furiosamente"). → *Ver também:* Gramática universal; Semântica.

T

Teoria da correspondência Teoria segundo a qual a verdade consiste na correspondência entre um portador (crença, proposição, enunciado) e um fato. Tem raiz em Aristóteles (*Metafísica* Γ 7: dizer do que é que é, e do que não é que não é, é verdadeiro) e foi desenvolvida por Russell, pelo *Tractatus* e por Austin (1950). → *Ver também:* Verdade (Epistemologia, p. 16); Fato (Metafísica, p. 18); Deflacionismo (sobre a verdade).

Teoria da relevância Teoria pragmática de Sperber e Wilson (*Relevância*, 1986): a comunicação humana é guiada pela expectativa de relevância, definida pelo equilíbrio entre efeitos cognitivos e esforço de processamento; a interpretação é um processo inferencial, e não apenas de decodificação. → *Ver também:* Implicatura; Pragmática.

Teoria pictórica do significado Teoria do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein (1921): a proposição é uma figuração lógica de um estado de coisas, com o qual partilha a forma lógica. O que não pode ser dito pode ser mostrado, e "sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar". → *Ver também:* Fato (Metafísica, p. 18); Tautologia (Lógica, p. 11).

Teoria semântica da verdade Teoria de Alfred Tarski (1933; versão popular em 1944) que define a verdade para linguagens formalizadas, numa metalinguagem, de modo a satisfazer a Convenção T: "'a neve é branca' é verdadeira se e somente se a neve é branca". Tarski mostrou que uma linguagem suficientemente rica não pode definir a própria verdade. → *Ver também:* Metalinguagem (Lógica, p. 10); Paradoxo do mentiroso (Lógica, p. 10); Interpretação radical.

Termos de espécie natural Termos como "água", "ouro" e "tigre". Kripke e Putnam sustentaram que sua extensão é fixada por amostras paradigmáticas e por uma essência descoberta empiricamente, e não por descrições associadas; por isso são designadores rígidos. → *Ver também:* Designador rígido; Externismo semântico; Essencialismo (Metafísica, p. 18).

U

Uso e menção Distinção entre usar uma expressão para falar de alguma coisa e mencioná-la para falar dela mesma: Lisboa é a capital de Portugal, mas "Lisboa" tem seis letras. Quine insistiu no uso das aspas para evitar confusões entre os dois. → *Ver também:* Metalinguagem (Lógica, p. 10).

V

Verificacionismo Princípio do empirismo lógico de que o significado de um enunciado é seu método de verificação; enunciados que não são analíticos nem empiricamente verificáveis, como os da metafísica, seriam sem sentido. Ayer (*Linguagem, verdade e lógica*, 1936) distinguiu versões forte e fraca. Objeções: o próprio princípio não seria verificável, e leis universais não são conclusivamente verificáveis. → *Ver também:* Círculo de Viena (Ciência, p. 31); Metafísica (Metafísica, p. 20); Falsificacionismo (Ciência, p. 32).

ÁREA 6

Filosofia da Mente

Natureza dos estados mentais, da consciência e da intencionalidade, e sua relação com o corpo, o cérebro e o ambiente.

42 verbetes

A

Ação (filosofia da) Investigação do que distingue ações de meros acontecimentos. Anscombe (*Intenção*, 1957) caracterizou a ação intencional como aquela a que se aplica a pergunta "por quê?" sob certa descrição; Davidson ("Ações, razões e causas", 1963) defendeu que razões são causas das ações. A teoria causal enfrenta o problema das cadeias causais desviantes. → *Ver também:* Akrasia (Ética, p. 39); Livre-arbítrio (Metafísica, p. 19); Psicologia popular.

Argumento do conhecimento Argumento de Frank Jackson (1982, 1986): Mary, cientista que conhece todos os fatos físicos sobre a visão de cores, mas viveu sempre num quarto em preto e branco, aprende algo novo ao ver o vermelho pela primeira vez; logo, nem todos os fatos são físicos. Respostas fisicalistas: a hipótese da habilidade (Lewis, Nemirow), o conhecimento por familiaridade e os conceitos fenomênicos. O próprio Jackson tornou-se depois fisicalista. → *Ver também:* Qualia; Fisicalismo; Conceitos fenomênicos (estratégia dos).

Argumento dos zumbis Argumento de David Chalmers (*The Conscious Mind*, 1996): zumbis filosóficos, duplicatas físicas exatas de nós sem nenhuma experiência consciente, são concebíveis; o que é concebível (idealmente) é possível; logo, a consciência não é física. A principal objeção é negar a passagem da concebibilidade à possibilidade. → *Ver também:* Problema difícil da consciência; Dualismo de propriedades; Semântica bidimensional (Linguagem, p. 25).

Autoconhecimento Conhecimento dos próprios estados mentais, que parece ter autoridade e acesso privilegiado. Evans observou sua "transparência": para saber se creio que p, examino se p. Discute-se sua compatibilidade com o externismo do conteúdo (Burge, Boghossian, 1989). → *Ver também:* Introspecção; Conteúdo mental (amplo e estreito).

B

Behaviorismo O behaviorismo lógico ou filosófico (Ryle, Hempel, o primeiro Carnap) identifica estados mentais com disposições para o comportamento; o behaviorismo psicológico (Watson, Skinner) é uma metodologia que estuda apenas o comportamento observável. Objeções: circularidade (crenças só geram comportamento junto com desejos) e o caso dos "superespartanos" de Putnam, que sentem dor sem nunca a manifestar. → *Ver também:* Funcionalismo; Erro categorial.

C

Causação mental Problema de como estados mentais podem causar efeitos físicos. O argumento da exclusão de Jaegwon Kim sustenta que, se o mundo físico é causalmente fechado e o mental não é idêntico ao físico, o mental ou é causalmente redundante (sobredeterminação) ou é epifenomênico, dilema que atinge o fisicalismo não redutivo. → *Ver também:* Epifenomenalismo; Superveniência (Metafísica, p. 21); Monismo anômalo.

Cognição 4E Conjunto de abordagens que concebem a cognição como corporificada (*embodied*), situada (*embedded*), enativa e estendida, em oposição à ideia de processamento interno de representações. Referências: Varela, Thompson e Rosch (*A mente incorporada*, 1991), Alva Noë, Andy Clark. → *Ver também:* Mente estendida; Corpo próprio (Fenomenologia, p. 77); Autopoiese (Tecnologia e IA, p. 83).

Como é ser um morcego? Artigo de Thomas Nagel (1974): um organismo tem estados conscientes se há algo que é ser esse organismo, algo que é ser *para* ele. Os fatos sobre a experiência do morcego, que percebe por ecolocalização, seriam acessíveis apenas de seu ponto de vista, o que desafia qualquer redução objetiva da mente. → *Ver também:* Consciência; Qualia; Lacuna explicativa.

Conceitos fenomênicos (estratégia dos) Resposta fisicalista aos argumentos do conhecimento e dos zumbis (Loar, 1990; Papineau): temos conceitos especiais, de reconhecimento ou "citacionais", para nossos estados conscientes; isso explica a aparência de uma lacuna sem que haja uma lacuna ontológica. → *Ver também:* Argumento do conhecimento; Lacuna explicativa.

Consciência Termo com vários sentidos: estado de vigília; consciência *de* algo (transitiva); consciência fenomenal, o "como é" ter uma experiência (Nagel); consciência de acesso, disponibilidade da informação para o raciocínio e o controle da ação (Block, 1995); e autoconsciência. → *Ver também:* Problema difícil da consciência; Qualia; Como é ser um morcego?.

Conteúdo mental (amplo e estreito) O conteúdo amplo de um estado mental depende do ambiente físico ou social do sujeito (como mostram a Terra Gêmea de Putnam e o caso da "artrite" de Tyler Burge, 1979); o estreito seria fixado apenas pelo que está "na cabeça" e compartilhado por duplicatas internas (Fodor, Chalmers). → *Ver também:* Externismo semântico (Linguagem, p. 24); Intencionalidade.

D

Dualismo de propriedades Tese de que há um só tipo de substância, a física, mas que certas propriedades mentais, sobretudo as fenomenais, não são físicas. Chalmers defende um "dualismo naturalista", com leis psicofísicas fundamentais. → *Ver também:* Dualismo de substância; Argumento dos zumbis; Epifenomenalismo.

Dualismo de substância Tese de que mente e corpo são substâncias distintas. Descartes argumentou que posso conceber clara e distintamente a mente sem o corpo e que o corpo é divisível, a mente não. A princesa Isabel da Boêmia (carta de 1643) formulou a objeção clássica: como uma substância inextensa pode mover um corpo? → *Ver também:* Res cogitans e res extensa (Moderna, p. 75); Problema mente-corpo; Ocasionalismo (Moderna, p. 75).

E

Eliminativismo Materialismo eliminativo de Paul e Patricia Churchland (antecipado por Feyerabend e Rorty): a psicologia popular é uma teoria empírica provavelmente falsa, e suas categorias (crença, desejo) serão eliminadas pela neurociência, como o flogisto o foi pela química. Críticos acusam a tese de autorrefutação. → *Ver também:* Psicologia popular; Ilusionismo.

Emoção Estado afetivo com aspectos corporais, avaliativos e motivacionais. Teorias: somáticas (James e Lange, 1884: a emoção é a percepção de mudanças corporais), cognitivistas (a emoção como juízo de valor: Solomon, Nussbaum), da avaliação (*appraisal*) e perceptivas (Prinz). → *Ver também:* Sentimentalismo (Ética, p. 42); Paradoxo da ficção (Estética, p. 58).

Epifenomenalismo Tese de que estados mentais são causados por estados físicos, mas não causam nada. T. H. Huxley (1874) comparou a consciência ao apito da locomotiva, que acompanha o funcionamento da máquina sem influir nele. Objeção: tornaria inexplicável que falemos de nossas experiências. → *Ver também:* Causação mental; Dualismo de propriedades.

Erro categorial Expressão de Gilbert Ryle (*O conceito de mente*, 1949) para o equívoco de tratar algo como pertencente a uma categoria lógica a que não pertence. O dualismo cartesiano trataria a mente como uma coisa ao lado do corpo, o "fantasma na máquina", como o visitante que, depois de ver os colégios e bibliotecas de Oxford, pergunta onde está a universidade. → *Ver também:* Behaviorismo; Dualismo de substância.

Espaço de trabalho global (teoria do) Teoria científica da consciência (Bernard Baars, 1988; Stanislas Dehaene): um conteúdo é consciente quando é transmitido globalmente a vários sistemas especializados do cérebro, num fenômeno de "ignição" neural. Corresponde, grosso modo, à consciência de acesso. → *Ver também:* Consciência; Informação integrada (teoria da).

Eu (o self) Aquilo a que se refere "eu". Para Descartes, uma substância pensante; para Hume, um feixe de percepções; para Dennett, um "centro de gravidade narrativa"; para Metzinger, um modelo que o cérebro constrói, sem que exista um eu substancial. A fenomenologia (Zahavi, Gallagher) fala de um eu mínimo pré-reflexivo. → *Ver também:* Teoria do feixe (Metafísica, p. 22); Identidade narrativa (Fenomenologia, p. 78); Anatta (Não ocidentais, p. 91); Cogito (Moderna, p. 72).

F

Fisicalismo Tese de que tudo é físico ou sobrevém ao físico. Distinguem-se fisicalismo de tipos, de ocorrências (*token*) e não redutivo. O dilema de Hempel desafia sua formulação: se "físico" se refere à física atual, provavelmente o fisicalismo é falso; se à física futura, é vago. → *Ver também:* Materialismo (Metafísica, p. 20); Superveniência (Metafísica, p. 21); Teoria da identidade mente-cérebro.

Funcionalismo Teoria de que estados mentais são definidos por seus papéis causais, isto é, por suas relações com estímulos, com outros estados mentais e com o comportamento, e não pelo material que os realiza (Putnam, 1967; Lewis; Armstrong). Objeções: qualia invertidos, a "nação chinesa" de Ned Block (1978) e o quarto chinês de Searle. → *Ver também:* Múltipla realizabilidade; Teoria computacional da mente; Quarto chinês (Tecnologia e IA, p. 87).

I

Ilusionismo Tese (Keith Frankish, 2016; Daniel Dennett) de que a consciência fenomenal é uma ilusão introspectiva: não há qualia, mas representações que nos fazem crer que os há. Converte o problema difícil no "metaproblema" de explicar por que pensamos que há um problema difícil (Chalmers, 2018). → *Ver também:* Qualia; Eliminativismo; Problema difícil da consciência.

Informação integrada (teoria da) Teoria de Giulio Tononi (2004) que identifica a consciência com a informação integrada de um sistema, medida por uma quantidade chamada Φ. Implica que a consciência é graduada e muito difundida na natureza; é uma das teorias mais discutidas e também mais controver-

sas. → *Ver também:* Panpsiquismo; Espaço de trabalho global (teoria do); Consciência artificial (Tecnologia e IA, p. 84).

Intencionalidade Propriedade dos estados mentais de serem *sobre* algo, de representarem ou visarem objetos e estados de coisas. Brentano (*Psicologia do ponto de vista empírico*, 1874) fez dela a marca do mental. Os projetos de naturalização incluem teorias causais e informacionais (Dretske, Fodor) e a teleossemântica (Millikan), que enfrentam o problema da representação errônea. → *Ver também:* Noese e noema (Fenomenologia, p. 78); Atitude proposicional (Linguagem, p. 23); Problema da ancoragem de símbolos (Tecnologia e IA, p. 86).

Introspecção Conhecimento dos próprios estados mentais por uma espécie de "olhar interior". Sua confiabilidade foi questionada por experimentos de psicologia (Nisbett e Wilson, 1977) e por Eric Schwitzgebel, que a considera pouco fidedigna mesmo quanto à experiência consciente presente. → *Ver também:* Autoconhecimento.

L

Lacuna explicativa Expressão de Joseph Levine (1983): mesmo que a dor seja idêntica a certo processo neural, não entendemos por que esse processo é acompanhado precisamente dessa qualidade sentida. Discute-se se a lacuna é apenas epistêmica ou indica uma lacuna na própria realidade. → *Ver também:* Problema difícil da consciência; Conceitos fenomênicos (estratégia dos).

Linguagem do pensamento Hipótese de Jerry Fodor (*The Language of Thought*, 1975): pensar é computar sobre representações mentais com estrutura sintática e semântica composicional, um "mentalês". Explicaria a produtividade e a sistematicidade do pensamento, argumento usado por Fodor e Pylyshyn (1988) contra o conexionismo. → *Ver também:* Teoria computacional da mente; Conexionismo (Tecnologia e IA, p. 84); Composicionalidade (princípio de) (Linguagem, p. 23).

M

Mente estendida Tese de Andy Clark e David Chalmers (1998): processos cognitivos e até crenças podem incluir partes do ambiente. Otto, que tem Alzheimer, consulta seu caderno para lembrar o endereço do museu, enquanto Inga usa a memória; pelo princípio de paridade, o caderno faz parte da mente de Otto. → *Ver também:* Cognição 4E; Externismo semântico (Linguagem, p. 24).

Modularidade da mente Tese de Fodor (*A modularidade da mente*, 1983): os sistemas de entrada (percepção, linguagem) são módulos rápidos, obrigatórios, de domínio específico e informacionalmente encapsulados; os processos centrais não são modulares. A psicologia evolucionista defende uma modularidade massiva. → *Ver também:* Linguagem do pensamento.

Monismo anômalo Teoria de Donald Davidson ("Eventos mentais", 1970): todo evento mental é idêntico a algum evento físico (identidade de ocorrências), mas não há leis psicofísicas estritas, pois o mental é governado por princípios de racionalidade que não têm eco no físico. → *Ver também:* Evento (Metafísica, p. 18); Fisicalismo; Causação mental.

Monismo neutro Tese (Mach, William James, Russell em *A análise da mente*, 1921) de que mente e matéria são construídas a partir de um mesmo tipo de elementos, nem mentais nem físicos. É retomada no "monismo russelliano" contemporâneo, próximo do panpsiquismo. → *Ver também:* Monismo (Metafísica, p. 20); Panpsiquismo.

Múltipla realizabilidade Argumento de Putnam (1967): um mesmo tipo de estado mental, como a dor, pode ser realizado por estruturas físicas muito diferentes (humanos, polvos, possíveis extraterrestres ou máquinas). Seria um golpe contra a teoria da identidade de tipos e uma base para o funcionalismo e para a autonomia das ciências especiais. → *Ver também:* Funcionalismo; Teoria da identidade mente-cérebro; Redução interteórica (Ciência, p. 34).

O

Outras mentes (problema das) Como sei que os outros têm mente, se só tenho acesso direto à minha? Respostas: o argumento por analogia (Mill), a inferência para a melhor explicação, os critérios wittgensteinianos e a fenomenologia da empatia, para a qual o outro é percebido diretamente como sujeito. → *Ver também:* Linguagem privada (argumento da) (Linguagem, p. 24); Intersubjetividade (Fenomenologia, p. 78).

P

Panpsiquismo Tese de que a mentalidade ou a consciência é uma característica fundamental e ubíqua da natureza. Versões contemporâneas (Galen Strawson, 2006; Philip Goff; Chalmers) inspiram-se no monismo russelliano; o principal desafio é o "problema da combinação": como experiências de microentidades se combinam numa experiência como a nossa. → *Ver também:* Monismo neutro; Problema difícil da consciência.

Problema difícil da consciência Expressão de David Chalmers (1995): explicar por que e como processos físicos dão origem à experiência subjetiva, ao contrário dos "problemas fáceis" de explicar funções como discriminação, integração de informação e relato verbal. → *Ver também:* Lacuna explicativa; Argumento dos zumbis; Ilusionismo.

Problema mente-corpo Problema da relação entre estados mentais e estados físicos, posto em sua

forma moderna por Descartes. As principais posições são o dualismo (de substância ou de propriedades), o fisicalismo (redutivo, não redutivo ou eliminativo), o idealismo, o monismo neutro e o panpsiquismo. → *Ver também:* Dualismo de substância; Fisicalismo; Causação mental.

Psicologia popular Esquema cotidiano de explicação e previsão do comportamento por crenças, desejos e intenções. Discute-se se é uma teoria (teoria-teoria) ou uma capacidade de simular os outros (teoria da simulação: Goldman, Gordon), e se será eliminada (eliminativismo). Dennett a interpreta como "postura intencional". → *Ver também:* Eliminativismo; Atitude proposicional (Linguagem, p. 23).

Q

Qualia Propriedades qualitativas da experiência, o "como é" ver vermelho ou sentir dor (o termo vem de C. I. Lewis, 1929). O espectro invertido, ideia que remonta a Locke, sugere que duas pessoas funcionalmente idênticas poderiam ter qualia diferentes. Dennett ("Quining Qualia", 1988) nega que existam. → *Ver também:* Consciência; Argumento do conhecimento; Ilusionismo.

R

Representacionismo Teoria (Harman, Dretske, Tye) de que o caráter fenomenal de uma experiência é determinado por seu conteúdo representacional. Apoia-se na "transparência" da experiência: ao introspectar uma experiência visual, só encontramos as propriedades do objeto visto. → *Ver também:* Qualia; Intencionalidade; Percepção (Epistemologia, p. 15).

T

Teoria computacional da mente Tese de que a mente é um sistema que processa informação por computações. Na versão clássica (Putnam, Fodor, Pylyshyn), computações são operações sobre símbolos estruturados; na conexionista, processos em redes neurais artificiais. → *Ver também:* Linguagem do pensamento; Conexionismo (Tecnologia e IA, p. 84); Funcionalismo.

Teoria da identidade mente-cérebro Teoria de U. T. Place (1956), J. J. C. Smart (1959) e Herbert Feigl: estados mentais são idênticos a estados cerebrais, como a água é idêntica a H_2O (a dor seria o disparo de fibras C). Foi atacada pela múltipla realizabilidade e pelo argumento modal de Kripke. → *Ver também:* Fisicalismo; Múltipla realizabilidade.

Teorias de ordem superior Teorias segundo as quais um estado mental é consciente quando é objeto de um estado de ordem superior apropriado: um pensamento (David Rosenthal) ou uma percepção interna (Armstrong, Lycan). → *Ver também:* Consciência; Introspecção.

ÁREA 7

Filosofia da Ciência

Natureza, métodos, alcance e limites do conhecimento científico: explicação, confirmação, mudança teórica, realismo e valores.

49 verbetes

A

Adaptacionismo Programa que explica os traços dos organismos como adaptações produzidas pela seleção natural. Gould e Lewontin ("Os tímpanos de São Marcos e o paradigma panglossiano", 1979) criticaram o adaptacionismo ingênuo, que ignora restrições de desenvolvimento, deriva genética e subprodutos. → *Ver também:* Função (biológica); Unidades de seleção.

Anarquismo epistemológico Tese de Paul Feyerabend (*Contra o método*, 1975): não há regras metodológicas universais que a história da ciência não tenha violado com proveito; a única regra que não inibe o progresso é "tudo vale". Defende o pluralismo teórico e critica a autoridade da ciência na sociedade. → *Ver também:* Incomensurabilidade; Critério de demarcação.

Anomalia Em Kuhn, fenômeno que contraria as expectativas criadas pelo paradigma vigente. Anomalias persistentes e acumuladas levam a uma crise, que pode desembocar numa revolução científica. → *Ver também:* Paradigma; Revolução científica.

B

Bayesianismo Abordagem que trata a racionalidade e a confirmação em termos de graus de crença que obedecem aos axiomas da probabilidade (sob pena de "apostas holandesas") e são atualizados pela regra de Bayes (condicionalização). Problemas: a escolha das probabilidades iniciais e o problema da evidência antiga (Glymour, 1980). → *Ver também:* Confirmação; Probabilidade (interpretações da); Crença (Epistemologia, p. 13).

C

Carga teórica da observação Tese (Hanson, *Patterns of Discovery*, 1958; Kuhn; Feyerabend) de que a observação é impregnada de teoria: Tycho Brahe e Kepler, olhando o nascer do sol, não "veem" exatamente a mesma coisa. Contraria a ideia empirista de uma base observacional neutra. → *Ver também:* Paradigma; Observável e inobservável.

Ciência normal Em Kuhn, a atividade científica cotidiana, conduzida sob um paradigma aceito, que consiste em resolver "quebra-cabeças" sem questionar os fundamentos. → *Ver também:* Paradigma; Revolução científica.

Círculo de Viena Grupo de filósofos e cientistas reunidos em Viena nos anos 1920 e 1930 em torno de Moritz Schlick (Carnap, Neurath, Hahn, Feigl, Waismann), com contatos com o grupo de Berlim (Reichenbach, Hempel). Seu manifesto, *A concepção científica do mundo* (1929), defendia o empirismo lógico: verificacionismo, unidade da ciência e rejeição da metafísica. → *Ver também:* Verificacionismo (Linguagem, p. 26); Unidade da ciência.

Confirmação Relação entre evidência e hipótese pela qual a evidência apoia a hipótese. As teorias qualitativas de Hempel enfrentaram o paradoxo dos corvos; as bayesianas medem graus de confirmação; o "novo enigma da indução" de Goodman mostra que nem toda hipótese é confirmada por seus casos. → *Ver também:* Paradoxo dos corvos; Bayesianismo; Verdul.

Contexto da descoberta e da justificação Distinção de Hans Reichenbach (1938): a filosofia da ciência ocupa-se da justificação lógica das teorias, não da gênese psicológica ou social de sua descoberta. Foi contestada pela virada histórica (Kuhn) e pelos estudos sociais da ciência. → *Ver também:* Programa forte.

Convencionalismo Tese de Henri Poincaré (*A ciência e a hipótese*, 1902) de que certos princípios científicos, como a escolha da geometria do espaço físico, são convenções adotadas por comodidade, e não verdades empíricas ou a priori. Teve continuidade em Duhem e no princípio de tolerância de Carnap. → *Ver também:* Geometrias não euclidianas (Matemática, p. 36); Holismo de confirmação.

Corroboração Em Popper, grau em que uma teoria resistiu a testes severos que poderiam tê-la refutado. Não é probabilidade nem confirmação indutiva e não garante que a teoria seja verdadeira. → *Ver também:* Falsificacionismo.

Critério de demarcação Problema de distinguir a ciência da não ciência e da pseudociência. Popper propôs a falseabilidade e apontou a astrologia, a psicanálise e certas versões do marxismo como irrefutáveis; Laudan (1983) declarou o problema morto; abordagens recentes usam critérios múltiplos (Pigli-

ucci e Boudry, 2013). → *Ver também:* Falsificacionismo; Anarquismo epistemológico.

E

Empirismo construtivo Posição de Bas van Fraassen (*A imagem científica*, 1980): o objetivo da ciência é a adequação empírica, isto é, a verdade sobre o observável; aceitar uma teoria é crer apenas que ela é empiricamente adequada, permanecendo agnóstico quanto aos inobserváveis. → *Ver também:* Realismo científico; Instrumentalismo; Observável e inobservável.

Epistemologia histórica Tradição francesa (Bachelard, Canguilhem, Koyré) que estuda a ciência por sua história conceitual, descontínua e normativa. Canguilhem (*O normal e o patológico*, 1943) estudou os conceitos das ciências da vida; Daston e Galison estenderam a abordagem à história da objetividade (2007). → *Ver também:* Obstáculo epistemológico; Ruptura epistemológica.

Experimento crucial Experimento capaz de decidir definitivamente entre duas teorias rivais (*instantia crucis*, de Bacon). Duhem negou sua possibilidade na física, pois o que é testado é sempre um conjunto de hipóteses. → *Ver também:* Holismo de confirmação.

Explicação científica O modelo nomológico-dedutivo (Hempel e Oppenheim, 1948) afirma que explicar é deduzir o fenômeno de leis gerais e condições iniciais. Contraexemplos: a assimetria do mastro e da sombra (podemos deduzir a altura do mastro pela sombra, mas a sombra não explica o mastro) e a irrelevância. Alternativas: o modelo causal-mecânico (Salmon), a unificação (Friedman, Kitcher) e a abordagem pragmática (van Fraassen). → *Ver também:* Causalidade (Metafísica, p. 17); Mecanismo (novo mecanicismo); Explicação matemática (Matemática, p. 36).

F

Falsificacionismo Teoria de Karl Popper (*A lógica da pesquisa científica*, 1934): teorias científicas são conjecturas que não podem ser verificadas, mas podem ser refutadas pela experiência, graças à assimetria lógica do *modus tollens*. A ciência progride por conjecturas e refutações, e uma teoria é tanto melhor quanto mais arriscadas são suas previsões. → *Ver também:* Corroboração; Critério de demarcação; Problema da indução (Epistemologia, p. 15).

Função (biológica) A teoria etiológica (Larry Wright, 1973; Ruth Millikan) define a função de um traço pelo efeito que explica, via seleção, sua presença: o coração existe porque bombear sangue foi selecionado. A teoria do papel causal (Robert Cummins, 1975) define-a pela contribuição para uma capacidade do sistema. → *Ver também:* Teleologia; Adaptacionismo.

H

Hipótese ad hoc Hipótese introduzida apenas para salvar uma teoria de uma refutação, sem consequências testáveis independentes. Popper e Lakatos consideraram seu uso sistemático um sinal de degeneração. → *Ver também:* Metodologia dos programas de pesquisa; Falsificacionismo.

Holismo de confirmação Tese de Duhem-Quine: hipóteses não são testadas isoladamente, mas junto com hipóteses auxiliares, instrumentos e condições de fundo; uma previsão fracassada não indica qual delas deve ser abandonada. Duhem (1906) a formulou para a física; Quine ("Dois dogmas do empirismo", 1951) estendeu-a a todo o conhecimento, inclusive à lógica. → *Ver também:* Subdeterminação da teoria pela evidência; Experimento crucial.

I

Incomensurabilidade Tese de Kuhn e Feyerabend (1962) de que teorias de paradigmas diferentes não partilham uma medida comum: mudam os significados dos termos (a "massa" de Newton e a de Einstein), os problemas legítimos e os padrões de avaliação. Kuhn depois a restringiu a uma incomensurabilidade local, que não impede a comparação. → *Ver também:* Paradigma; Revolução científica.

Indução pessimista Argumento de Larry Laudan (1981): a história da ciência está repleta de teorias bem-sucedidas que depois se revelaram falsas (o éter, o flogisto, o calórico); por indução, nossas teorias atuais provavelmente também são falsas. É a principal objeção ao argumento do não milagre. → *Ver também:* Realismo científico; Não milagre (argumento do); Realismo estrutural.

Inferência para a melhor explicação Inferência que conclui, entre hipóteses rivais, aquela que melhor explicaria a evidência, segundo virtudes como simplicidade, alcance e coerência (Harman, 1965; Peter Lipton, 1991). Sustenta muitos argumentos realistas; van Fraassen objetou que a melhor hipótese pode ser apenas "a melhor de um lote ruim". → *Ver também:* Abdução (Lógica, p. 8); Realismo científico.

Instrumentalismo Concepção de que teorias são instrumentos de previsão e organização das observações, e não descrições verdadeiras ou falsas da realidade inobservável. Tem antecedentes no prefácio de Osiander ao livro de Copérnico (1543) e defensores em Mach e Duhem. → *Ver também:* Empirismo construtivo; Realismo científico.

Interpretações da mecânica quântica Respostas ao problema da medição: por que medições têm resultados definidos se a equação de Schrödinger leva a superposições? Principais interpretações: Copenhague (Bohr, Heisenberg), mecânica bohmiana ou de onda-piloto (1952), muitos mundos (Everett, 1957),

colapso espontâneo (GRW, 1986) e QBism. O teorema de Bell (1964) excluiu teorias locais de variáveis ocultas. → *Ver também:* Determinismo (Metafísica, p. 18); Realismo científico.

M

Mecanismo (novo mecanicismo) Abordagem (Machamer, Darden e Craver, 2000; Bechtel) segundo a qual explicar, em biologia e neurociência, é descrever mecanismos: entidades e atividades organizadas que produzem o fenômeno. → *Ver também:* Explicação científica; Redução interteórica.

Metodologia dos programas de pesquisa Proposta de Imre Lakatos: a unidade de avaliação é o programa de pesquisa, com um núcleo duro protegido por um cinturão de hipóteses auxiliares e orientado por heurísticas. Um programa é progressivo quando prevê fatos novos corroborados; degenerativo, quando apenas se ajusta aos fatos depois de conhecidos. → *Ver também:* Falsificacionismo; Paradigma; Hipótese ad hoc.

Modelo científico Representação simplificada de um sistema-alvo: modelos em escala, analógicos e matemáticos. Morgan e Morrison (1999) os descrevem como "mediadores" relativamente autônomos entre teoria e mundo; a idealização deliberada é parte essencial de seu uso. Para o estatístico George Box, todos os modelos estão errados, mas alguns são úteis. → *Ver também:* Teoria científica; Simulação computacional.

N

Não milagre (argumento do) Argumento de Putnam (1975) de que o realismo é a única filosofia que não torna o sucesso da ciência um milagre: as teorias preveem com tanto êxito porque são aproximadamente verdadeiras. Van Fraassen respondeu com uma explicação "darwiniana": só as teorias bem-sucedidas sobrevivem. → *Ver também:* Realismo científico; Indução pessimista.

O

Observável e inobservável Distinção central para o empirismo, entre o que pode ser percebido sem instrumentos e o que não pode (elétrons, campos). Grover Maxwell (1962) argumentou que a distinção é vaga e não tem significado ontológico; van Fraassen a defende como epistemicamente relevante. → *Ver também:* Empirismo construtivo; Carga teórica da observação.

Obstáculo epistemológico Noção de Gaston Bachelard (*A formação do espírito científico*, 1938): entraves internos ao próprio ato de conhecer, como a experiência primeira, o conhecimento geral, o substancialismo e o animismo, que precisam ser superados para que surja o espírito científico. → *Ver também:* Ruptura epistemológica; Epistemologia histórica.

P

Paradigma Em Thomas Kuhn (*A estrutura das revoluções científicas*, 1962), realização científica exemplar que define, para uma comunidade, os problemas e as soluções legítimas. No posfácio de 1969, Kuhn distinguiu a "matriz disciplinar" e os "exemplares". → *Ver também:* Ciência normal; Revolução científica; Incomensurabilidade.

Paradoxo dos corvos Paradoxo de Hempel (1945): "todos os corvos são pretos" é logicamente equivalente a "todas as coisas não pretas são não corvos"; como um sapato branco confirma a segunda, confirmaria também a primeira. A resposta bayesiana mais aceita é que ele a confirma, mas num grau ínfimo. → *Ver também:* Confirmação; Bayesianismo.

Probabilidade (interpretações da) Leituras dos axiomas de Kolmogorov (1933): clássica (razão entre casos favoráveis e possíveis, Laplace), frequentista (frequência relativa limite: Venn, von Mises, Reichenbach), lógica (grau de implicação parcial: Keynes, Carnap), subjetiva (grau de crença coerente: Ramsey, De Finetti) e de propensão (tendência física: Popper). → *Ver também:* Bayesianismo.

Programa forte Programa da sociologia do conhecimento científico de Edimburgo (David Bloor, *Conhecimento e imaginário social*, 1976; Barry Barnes): explicar causalmente e de modo simétrico crenças verdadeiras e falsas, racionais e irracionais. Esteve no centro das "guerras da ciência" dos anos 1990. → *Ver também:* Construtivismo social da tecnologia (SCOT) (Tecnologia e IA, p. 84); Contexto da descoberta e da justificação.

R

Realismo científico Tese de que as teorias científicas maduras e bem-sucedidas são aproximadamente verdadeiras e de que as entidades inobserváveis que postulam existem (Boyd, Putnam, Psillos). Tem dimensões metafísica, semântica e epistêmica; opõe-se ao instrumentalismo e ao empirismo construtivo. → *Ver também:* Não milagre (argumento do); Indução pessimista; Realismo estrutural.

Realismo de entidades Posição de Ian Hacking (*Representar e intervir*, 1983) e Nancy Cartwright: devemos crer nas entidades que conseguimos manipular para intervir em outros fenômenos, sem precisar crer nas teorias que as descrevem. Sobre os elétrons e pósitrons, Hacking resumiu: se podemos borrifá-los, eles são reais. → *Ver também:* Realismo científico.

Realismo estrutural Posição de John Worrall (1989): o que se preserva nas mudanças teóricas é a estrutura matemática (as equações de Fresnel sobrevivem na teoria de Maxwell), e é nela que devemos ser realistas. Na versão epistêmica, só conhecemos a estrutura; na ôntica (Ladyman, French), só existe es-

trutura. → *Ver também:* Realismo científico; Indução pessimista; Estruturalismo matemático (Matemática, p. 36).

Redução interteórica Segundo Ernest Nagel (*A estrutura da ciência*, 1961), redução é a derivação das leis de uma teoria a partir de outra mais fundamental, com auxílio de leis-ponte, como na relação entre termodinâmica e mecânica estatística. Fodor ("Ciências especiais", 1974) argumentou, com a múltipla realizabilidade, que as ciências especiais são autônomas. → *Ver também:* Múltipla realizabilidade (Mente, p. 29); Emergência (Metafísica, p. 18); Unidade da ciência.

Revolução científica Em Kuhn, substituição de um paradigma por outro incompatível, comparada a uma mudança de *gestalt*. Com maiúsculas, designa também a transformação da ciência europeia nos séculos XVI e XVII, de Copérnico a Newton. → *Ver também:* Paradigma; Incomensurabilidade; Anomalia.

Ruptura epistemológica Noção de Bachelard para a descontinuidade entre o conhecimento comum e o científico, e entre teorias científicas sucessivas. Althusser a adaptou como "corte epistemológico" na obra de Marx. → *Ver também:* Obstáculo epistemológico; Epistemologia histórica.

S

Simulação computacional Uso de modelos computacionais para estudar o comportamento de sistemas complexos (clima, galáxias, proteínas). Suscita questões epistemológicas próprias sobre validação, sobre a relação com o experimento e sobre a opacidade dos cálculos (Humphreys, *Extending Ourselves*, 2004; Winsberg). → *Ver também:* Modelo científico; Opacidade epistêmica (Tecnologia e IA, p. 86).

Subdeterminação da teoria pela evidência Tese de que a evidência disponível, ou mesmo toda a evidência possível, é compatível com teorias rivais incompatíveis. Distinguem-se a subdeterminação transitória e a permanente; é usada como argumento contra o realismo científico. → *Ver também:* Holismo de confirmação; Empirismo construtivo.

T

Teleologia Explicação de algo por seu fim ou função. Central em Aristóteles, foi banida da física moderna, mas Kant (*Crítica da faculdade de julgar*, 1790) a considerou indispensável para pensar os organismos; hoje é naturalizada pela teoria da seleção natural. → *Ver também:* Telos (Antiga, p. 67); Função (biológica); Quatro causas (Antiga, p. 66).

Teoria científica A "concepção recebida" (sintática) do empirismo lógico via uma teoria como um conjunto de enunciados axiomatizados, interpretados por regras de correspondência. A concepção semântica (Suppes, van Fraassen, Suppe) a vê como uma família de modelos. → *Ver também:* Modelo científico.

U

Unidade da ciência Programa do empirismo lógico (Neurath; Oppenheim e Putnam, 1958) de integrar todas as ciências numa hierarquia de níveis redutíveis à física. A tese da "desunidade da ciência" (Dupré, Cartwright, *The Dappled World*, 1999) sustenta que o mundo é plural e as ciências, irredutíveis. → *Ver também:* Redução interteórica; Círculo de Viena.

Unidades de seleção Debate sobre o nível em que atua a seleção natural: genes (Dawkins, *O gene egoísta*, 1976), organismos, grupos ou espécies. A teoria da seleção multinível (Sober e Wilson, 1998) admite seleção em vários níveis. → *Ver também:* Adaptacionismo.

V

Valores na ciência Debate sobre o ideal de uma ciência livre de valores. O argumento do risco indutivo (Rudner, 1953; Heather Douglas, 2009) sustenta que, ao aceitar hipóteses, o cientista precisa avaliar as consequências de errar. Kuhn (1977) listou valores epistêmicos: precisão, consistência, alcance, simplicidade e fecundidade. → *Ver também:* Objetividade (Metafilosofia, p. 6); Epistemologia do ponto de vista (Epistemologia, p. 14).

Verdul "Novo enigma da indução" de Nelson Goodman (*Fato, ficção e previsão*, 1955). Uma coisa é verdul se observada antes de certo tempo t e verde, ou não observada antes de t e azul. Todas as esmeraldas observadas confirmam igualmente "as esmeraldas são verdes" e "as esmeraldas são verduis"; o problema é explicar por que só o primeiro predicado é projetável. → *Ver também:* Problema da indução (Epistemologia, p. 15); Confirmação.

ÁREA 8

Filosofia da Matemática

Natureza dos objetos e das verdades matemáticas, fundamentos, conhecimento matemático, prova e aplicabilidade da matemática.

41 verbetes

A

Abstração (princípios de) Princípios da forma "o F de a é idêntico ao F de b se e somente se a e b estão numa relação de equivalência R", como o exemplo de Frege: a direção da reta a é a direção da reta b se e somente se a é paralela a b. O Princípio de Hume é um princípio de abstração; a Lei Básica V de Frege, outro, e inconsistente. Frege notou o "problema de Júlio César": tais princípios não decidem se César é um número. → *Ver também:* Princípio de Hume; Neologicismo; Logicismo.

Aplicabilidade da matemática Problema de explicar por que a matemática, desenvolvida muitas vezes sem pensar em aplicações, descreve tão bem o mundo físico. Eugene Wigner falou da "eficácia irrazoável da matemática nas ciências naturais" (1960); Mark Steiner (1998) discutiu seu papel heurístico; explicações estruturalistas tratam a aplicação como mapeamento entre estruturas. → *Ver também:* Argumento da indispensabilidade; Explicação matemática.

Argumento da indispensabilidade Argumento de Quine e Putnam: devemos ter compromisso ontológico com todas as entidades indispensáveis às nossas melhores teorias científicas; as entidades matemáticas são indispensáveis; logo, devemos crer nelas. Respostas: o programa de nominalização de Hartry Field (que reformulou a gravitação newtoniana sem números), a crítica de Maddy à confirmação holística e a estratégia de Melia. A versão explicativa (Baker, 2005; Colyvan) apela a explicações matemáticas, como a dos ciclos primos de 13 e 17 anos das cigarras. → *Ver também:* Compromisso ontológico (Metafísica, p. 17); Ficcionalismo matemático; Nominalismo matemático.

Axioma da escolha Para toda família de conjuntos não vazios existe uma função que escolhe um elemento de cada um. Formulado por Zermelo (1904) para provar o teorema da boa ordenação, é equivalente ao lema de Zorn. Gödel (1938) mostrou sua consistência relativa com ZF e Cohen (1963), sua independência. Tem consequências contraintuitivas, como o paradoxo de Banach-Tarski (1924). → *Ver também:* Teoria dos conjuntos; Construtivismo matemático.

Axiomas de Peano Axiomas da aritmética dos números naturais formulados por Dedekind (1888) e Peano (1889): zero, sucessor, injetividade do sucessor, zero não é sucessor e indução. A versão de segunda ordem é categórica; a aritmética de Peano de primeira ordem (PA) tem modelos não padrão e é incompleta. → *Ver também:* Categoricidade; Indução matemática; Teoremas da incompletude (Lógica, p. 11).

C

Categoricidade Uma teoria é categórica quando todos os seus modelos são isomorfos. A aritmética de segunda ordem é categórica (Dedekind); nenhuma teoria de primeira ordem com modelo infinito o é, pelos teoremas de Löwenheim-Skolem. A categoricidade é usada em argumentos sobre a determinação das verdades matemáticas (Button e Walsh, 2018). → *Ver também:* Lógica de segunda ordem (Lógica, p. 9); Paradoxo de Skolem; Axiomas de Peano.

Construtivismo matemático Família de concepções que exige que provas de existência forneçam uma construção do objeto. Inclui o intuicionismo de Brouwer, a análise construtiva de Errett Bishop (1967), o construtivismo russo de Markov e a teoria dos tipos de Martin-Löf. → *Ver também:* Intuicionismo; Lógica intuicionista (Lógica, p. 10); Teoria dos tipos.

D

Diagonalização Técnica introduzida por Cantor (1891) para mostrar que não há bijeção entre um conjunto e o conjunto de suas partes, nem entre os naturais e os reais. Está por trás do paradoxo de Russell, dos teoremas de Gödel e de Tarski e da indecidibilidade do problema da parada. → *Ver também:* Infinito atual e potencial; Problema da parada (Tecnologia e IA, p. 87); Autorreferência (Lógica, p. 8).

Dilema de Benacerraf Problema formulado por Paul Benacerraf em "Mathematical Truth" (1973): uma semântica uniforme para a matemática exige que seus termos se refiram a objetos abstratos, mas uma epistemologia causal não explica como poderíamos conhecer objetos com os quais não interagimos. Hartry Field (1989) reformulou-o como desafio da confiabilidade. → *Ver também:* Platonismo matemático; Nominalismo matemático.

E

Empirismo matemático Tese de John Stuart Mill (*Sistema de lógica*, 1843) de que as verdades aritméticas são generalizações indutivas muito bem confirmadas sobre agregados físicos. Frege a ridicularizou como "aritmética de pedrinhas e biscoitos"; Philip Kitcher (1983) propôs uma versão naturalista mais sofisticada. → *Ver também:* Psicologismo (Lógica, p. 11); Quase-empirismo.

Estruturalismo matemático Concepção de que a matemática estuda estruturas, e não objetos isolados: os números naturais são posições na estrutura de progressão. Versões: *ante rem*, com estruturas abstratas existentes (Shapiro, Resnik); eliminativa ou *in re*, em que enunciados matemáticos são generalizações sobre sistemas; modal (Geoffrey Hellman, *Mathematics without Numbers*, 1989), que fala do que valeria em qualquer estrutura possível; e categorial (Awodey). → *Ver também:* Problema da identificação (Benacerraf); Realismo estrutural (Ciência, p. 33); Nominalismo matemático.

Explicação matemática Dois temas: provas que explicam por que um teorema vale, e não apenas que vale (Steiner, 1978; Marc Lange); e explicações matemáticas de fenômenos físicos, como a forma hexagonal dos favos de mel, explicada pelo teorema do favo de mel de Thomas Hales (1999). → *Ver também:* Argumento da indispensabilidade; Prova (demonstração).

F

Ficcionalismo matemático Tese de Hartry Field (*Science without Numbers*, 1980) de que os enunciados matemáticos existenciais são literalmente falsos, pois não há objetos matemáticos; "$2 + 2 = 4$" é verdadeiro apenas "segundo a história da matemática", como "Holmes mora na Baker Street" é verdadeiro segundo os contos de Conan Doyle. A matemática é útil por ser conservativa sobre teorias nominalistas. Outros: Balaguer, Yablo, Mary Leng. → *Ver também:* Ficcionalismo (Metafísica, p. 19); Nominalismo matemático; Argumento da indispensabilidade.

Finitismo Concepção que admite apenas objetos e métodos finitos. O ponto de vista finitário de Hilbert é frequentemente identificado com a aritmética recursiva primitiva (Tait); o ultrafinitismo (Yessenin-Volpin) chega a pôr em dúvida a existência de números naturais muito grandes. → *Ver também:* Programa de Hilbert; Infinito atual e potencial.

Formalismo Concepção da matemática como manipulação de símbolos segundo regras. O formalismo de jogo (Heine, Thomae) foi duramente criticado por Frege; o formalismo de Hilbert era um programa de fundamentação; Haskell Curry definiu a matemática como a ciência dos sistemas formais. → *Ver também:* Programa de Hilbert; Sistema formal (Lógica, p. 11).

G

Geometrias não euclidianas Geometrias em que o quinto postulado de Euclides (das paralelas) não vale, desenvolvidas por Lobachevsky (1829), Bolyai (1832) e Gauss, e generalizadas por Riemann (1854). Mostraram a independência do postulado, abalaram a tese kantiana do caráter a priori da geometria euclidiana, motivaram o convencionalismo de Poincaré e forneceram a geometria da relatividade geral. → *Ver também:* Convencionalismo (Ciência, p. 31); Sintético a priori (Epistemologia, p. 16).

H

Hipótese do contínuo Conjectura de Cantor de que não há conjunto de cardinalidade estritamente entre a dos números naturais e a dos reais ($2^{\aleph_0} = \aleph_1$). Gödel (1940) mostrou que é consistente com ZFC, e Cohen (1963), por *forcing*, que sua negação também é. Discute-se se ela tem um valor de verdade determinado: Gödel acreditava que sim; Feferman, que não é um problema matemático definido; Woodin buscou novos axiomas para decidi-la. → *Ver também:* Teoria dos conjuntos; Novos axiomas; Multiverso conjuntista.

I

Impredicatividade Uma definição é impredicativa quando define um objeto quantificando sobre uma totalidade que inclui o próprio objeto, como "o menor limite superior" de um conjunto de reais. Poincaré e Russell viram nelas um "círculo vicioso" responsável pelos paradoxos; Gödel defendeu sua legitimidade numa perspectiva realista. → *Ver também:* Predicativismo; Paradoxo de Russell (Lógica, p. 10).

Indução matemática Princípio segundo o qual, se uma propriedade vale para 0 e, valendo para n, vale para n + 1, então vale para todo número natural. Apesar do nome, é uma forma de dedução; Poincaré viu nela um juízo sintético a priori, e Frege e Dedekind a fundamentaram na definição de número natural. → *Ver também:* Axiomas de Peano; Indução (Lógica, p. 9).

Infinito atual e potencial Aristóteles admitia apenas o infinito potencial, de um processo que nunca termina, e não um infinito dado como totalidade. Cantor introduziu o infinito atual na matemática, mostrou que há infinitos de tamanhos diferentes e desenvolveu a aritmética transfinita. Hilbert (1926) declarou que ninguém nos expulsaria do paraíso que Cantor criou. → *Ver também:* Diagonalização; Hipótese do contínuo; Finitismo.

Intuicionismo Filosofia da matemática de L. E. J. Brouwer (a partir de 1907): a matemática é uma construção mental fundada na intuição do tempo, anterior à linguagem e à lógica. Rejeita o terceiro excluído para domínios infinitos e admite sequências de escolha; Heyting formalizou sua lógica (1930), e

a interpretação BHK lê uma prova de "A implica B" como método que transforma provas de A em provas de B. Dummett defendeu-o por razões semânticas. → *Ver também:* Lógica intuicionista (Lógica, p. 10); Construtivismo matemático; Terceiro excluído (princípio do) (Lógica, p. 12).

L

Logicismo Tese de que a matemática (para Frege, a aritmética; para Russell, toda a matemática) se reduz à lógica: seus conceitos são definíveis em termos lógicos e seus teoremas derivam de leis lógicas. Frege (*Leis básicas da aritmética*, 1893-1903) foi atingido pelo paradoxo de Russell; os *Principia Mathematica* de Whitehead e Russell (1910-1913) precisaram de axiomas, como o do infinito e o da redutibilidade, de duvidoso caráter lógico. → *Ver também:* Neologicismo; Paradoxo de Russell (Lógica, p. 10); Teoria dos tipos.

M

Matemática reversa Programa iniciado por Harvey Friedman (1975) e desenvolvido por Stephen Simpson: determinar quais axiomas são necessários para provar teoremas da matemática comum, trabalhando em subsistemas da aritmética de segunda ordem. Quase todos os teoremas clássicos são equivalentes a um de cinco sistemas, os "cinco grandes" (RCA_0, WKL_0, ACA_0, ATR_0 e Π^1_1-CA_0). → *Ver também:* Programa de Hilbert; Predicativismo.

Multiverso conjuntista Concepção de Joel David Hamkins (2012): há muitos universos conjuntistas igualmente legítimos, obtidos por *forcing* e outras construções, e a hipótese do contínuo tem respostas diferentes em cada um, sem resposta absoluta. Opõe-se à concepção de um universo único (Gödel, Woodin). → *Ver também:* Hipótese do contínuo; Novos axiomas.

N

Neologicismo Programa de Crispin Wright (*Frege's Conception of Numbers as Objects*, 1983) e Bob Hale: a aritmética de segunda ordem deriva do Princípio de Hume em lógica de segunda ordem (teorema de Frege), e esse princípio teria estatuto quase analítico, como definição implícita do conceito de número. Problemas: o de Júlio César e o da "má companhia" (princípios de abstração inconsistentes ou incompatíveis). → *Ver também:* Princípio de Hume; Abstração (princípios de); Logicismo.

Nominalismo matemático Rejeição da existência de objetos matemáticos. Estratégias: nominalismo construtivo (Goodman e Quine, 1947), ficcionalismo (Field), estruturalismo modal (Hellman), interpretações mereológicas e de inscrições. Burgess e Rosen (*A Subject with No Object*, 1997) distinguiram o nominalismo hermenêutico, que reinterpreta o que os matemáticos já dizem, do revolucionário, que propõe reformá-lo. → *Ver também:* Nominalismo (Metafísica, p. 20); Ficcionalismo matemático; Argumento da indispensabilidade; Mereologia (Metafísica, p. 20).

Novos axiomas Programa, inspirado em Gödel, de buscar axiomas adicionais a ZFC, sobretudo de grandes cardinais, capazes de decidir questões independentes. Axiomas de grandes cardinais implicam a determinação projetiva (Martin, Steel e Woodin). Penelope Maddy ("Believing the Axioms", 1988) distinguiu justificações intrínsecas e extrínsecas para axiomas. → *Ver também:* Hipótese do contínuo; Multiverso conjuntista; Teoria dos conjuntos.

Número As concepções sobre a natureza dos números incluem: objetos abstratos (Frege: extensões de conceitos equinuméricos), conjuntos (Zermelo, von Neumann), posições em estruturas, ficções, propriedades de agregados (Mill) e construções mentais (Brouwer). → *Ver também:* Princípio de Hume; Problema da identificação (Benacerraf); Estruturalismo matemático.

P

Paradoxo de Skolem Pelo teorema de Löwenheim-Skolem (1915-1922), se ZFC tem modelo, tem um modelo enumerável, embora prove a existência de conjuntos não enumeráveis. Não há contradição: "não enumerável" é relativo ao modelo, que não contém a bijeção com os naturais. Skolem o usou para defender a relatividade das noções conjuntistas; Putnam ("Models and Reality", 1980), para argumentar contra o realismo metafísico. → *Ver também:* Teoria de modelos (Lógica, p. 12); Categoricidade.

Paradoxos de Burali-Forti e de Cantor Antinomias da teoria ingênua dos conjuntos. Burali-Forti (1897): a coleção de todos os ordinais seria bem ordenada e teria um ordinal maior que todos os ordinais. Cantor (1899): o conjunto de todos os conjuntos teria cardinalidade máxima, mas o conjunto de suas partes seria maior. Levaram à distinção entre conjuntos e classes próprias. → *Ver também:* Paradoxo de Russell (Lógica, p. 10); Teoria dos conjuntos.

Platonismo matemático Tese de que existem objetos matemáticos abstratos, independentes da mente e da linguagem, e de que as verdades matemáticas são verdades sobre eles. Defendido por Frege e por Gödel ("O que é o problema do contínuo de Cantor?", 1947/1964), que falou de uma intuição matemática análoga à percepção. Sua maior dificuldade é epistemológica (dilema de Benacerraf); Balaguer propôs um platonismo "pleno", em que existem todos os objetos matemáticos logicamente possíveis. → *Ver também:* Dilema de Benacerraf; Abstrato e concreto (Metafísica, p. 17); Nominalismo matemático.

Prática matemática (filosofia da) Abordagem que estuda a matemática tal como é efetivamente feita:

descoberta, prova, conceitos, notações, colaborações. Lakatos (*Provas e refutações*, 1976), com a história da fórmula de Euler para poliedros, foi pioneiro; Kitcher, Mancosu (2008) e Maddy a desenvolveram. → *Ver também:* Quase-empirismo; Prova (demonstração).

Predicativismo Concepção que rejeita as definições impredicativas (Poincaré, Russell, Weyl em *O contínuo*, 1918). Solomon Feferman mostrou que a matemática predicativa basta para a física e que seu limite natural é o ordinal Γ_0 (Feferman-Schütte). → *Ver também:* Impredicatividade; Matemática reversa.

Princípio de Hume O número de Fs é igual ao número de Gs se e somente se há uma correspondência biunívoca entre os Fs e os Gs. Frege o formulou (*Fundamentos*, §63) citando Hume, e George Boolos deu-lhe o nome nos anos 1980. É consistente e, com a lógica de segunda ordem, implica os axiomas de Peano (teorema de Frege). → *Ver também:* Neologicismo; Abstração (princípios de); Axiomas de Peano.

Problema da identificação (Benacerraf) Argumento de "What Numbers Could Not Be" (1965): os números não podem ser conjuntos, pois há reduções igualmente boas e incompatíveis, como as de Zermelo ($2 = \{\{\emptyset\}\}$) e de von Neumann ($2 = \{\emptyset, \{\emptyset\}\}$), e nada decide entre elas. É um ponto de partida do estruturalismo. → *Ver também:* Estruturalismo matemático; Número.

Programa de Hilbert Programa formulado por David Hilbert nos anos 1920: formalizar a matemática clássica em sistemas formais e provar sua consistência por métodos finitários. Os teoremas de Gödel mostraram que o programa, em sua forma original, é irrealizável; versões relativizadas foram desenvolvidas por Gentzen, pela teoria ordinal da prova e pela matemática reversa. → *Ver também:* Teoremas da incompletude (Lógica, p. 11); Finitismo; Formalismo.

Prova (demonstração) Sequência de passos que estabelece um teorema. Distinguem-se a prova formal, num sistema, e a prova informal dos matemáticos. A demonstração do teorema das quatro cores por computador (Appel e Haken, 1976) levou Tymoczko (1979) a perguntar se ainda se trata de conhecimento a priori; hoje provas são verificadas formalmente em assistentes como Lean e Coq, como na verificação da conjectura de Kepler (projeto Flyspeck, 2014). → *Ver também:* Teorema (Lógica, p. 11); Verificação formal de programas (Tecnologia e IA, p. 88); Correspondência de Curry-Howard (Tecnologia e IA, p. 84).

Q

Quase-empirismo Concepção de Lakatos e de Putnam ("O que é a verdade matemática?", 1975) segundo a qual a matemática tem traços falibilistas e quase experimentais: conjecturas, contraexemplos, revisão de conceitos. → *Ver também:* Prática matemática (filosofia da); Falibilismo (Epistemologia, p. 14).

T

Teoria das categorias (como fundamento) Proposta de fundamentar a matemática em categorias e funtores, e não em conjuntos, com a teoria elementar da categoria dos conjuntos de Lawvere (ETCS, 1964) e a teoria dos topos. Está ligada ao estruturalismo categorial e ao debate entre Feferman e Mac Lane sobre fundamentos. → *Ver também:* Estruturalismo matemático; Teoria dos conjuntos.

Teoria dos conjuntos Teoria criada por Cantor (a partir de 1874) e axiomatizada por Zermelo (1908), com acréscimos de Fraenkel e Skolem (1922); a teoria ZFC é hoje o fundamento padrão da matemática. A concepção iterativa (Boolos, 1971) justifica seus axiomas pela formação de conjuntos em estágios, numa hierarquia cumulativa. → *Ver também:* Axioma da escolha; Paradoxo de Russell (Lógica, p. 10); Hipótese do contínuo.

Teoria dos tipos Sistema proposto por Russell (1908) para evitar os paradoxos, organizando as entidades em níveis. Church formulou a teoria simples dos tipos (1940); Per Martin-Löf, a teoria intuicionista dos tipos (anos 1970); Vladimir Voevodsky e colaboradores, a teoria homotópica dos tipos com o axioma da univalência (*The HoTT Book*, 2013). É a base de assistentes de prova como Coq (Rocq), Agda e Lean. → *Ver também:* Correspondência de Curry-Howard (Tecnologia e IA, p. 84); Construtivismo matemático; Logicismo.

ÁREA 9

Ética e Metaética

Teorias normativas sobre o bem e o dever, conceitos morais fundamentais e a investigação metaética sobre a natureza dos juízos e fatos morais.

54 verbetes

A

Agente moral e paciente moral Agente moral é quem pode agir moralmente e ser responsabilizado; paciente moral é aquele cujos interesses devem ser levados em conta, como bebês e animais sencientes, ainda que não sejam agentes. → *Ver também:* Status moral (Ética aplicada, p. 46); Senciência (Ética aplicada, p. 46); Agentes morais artificiais (Tecnologia e IA, p. 83).

Akrasia Fraqueza da vontade: agir contra o próprio melhor juízo sobre o que fazer. No *Protágoras*, Sócrates nega que seja possível, pois ninguém faria o mal sabendo; Aristóteles (*Ética a Nicômaco* VII) analisa a incontinência; Davidson ("Como é possível a fraqueza da vontade?", 1970) explica-a como irracionalidade de quem age contra seu juízo "considerando tudo". → *Ver também:* Intelectualismo socrático (Antiga, p. 65); Ação (filosofia da) (Mente, p. 27).

Altruísmo Motivação ou ação voltada para o bem de outros. O termo foi cunhado por Auguste Comte (1851). Discute-se se o altruísmo psicológico existe (contra o egoísmo psicológico) e como surgiu na evolução (seleção de parentesco, altruísmo recíproco de Trivers, 1971). → *Ver também:* Egoísmo psicológico e ético; Altruísmo eficaz (Ética aplicada, p. 44).

Autonomia Em Kant, propriedade da vontade de dar a si mesma a lei moral, em oposição à heteronomia, em que a vontade é determinada por inclinações ou autoridades externas. Em sentido amplo, autogoverno; é um dos princípios da bioética. → *Ver também:* Imperativo categórico; Principialismo (Ética aplicada, p. 45); Autonomia (educação para a) (Educação, p. 89).

B

Bem Noção central da ética. Distinguem-se o bem instrumental e o intrínseco, e a questão de se o bem tem prioridade sobre o correto (consequencialismo) ou o contrário (deontologia, Rawls). Platão concebeu uma Forma do Bem; Moore (*Principia Ethica*, 1903) sustentou que "bom" é indefinível. → *Ver também:* Valor intrínseco; Falácia naturalista; Teoria das Formas (Antiga, p. 67).

Bem-estar Aquilo que torna a vida boa para quem a vive. Parfit (1984) classificou as teorias em hedonistas (prazer e ausência de dor), de satisfação de desejos e de lista objetiva (conhecimento, amizade, realização). A máquina de experiências de Nozick é objeção clássica ao hedonismo. → *Ver também:* Hedonismo; Felicidade; Eudaimonia (Antiga, p. 65).

C

Cognitivismo e não cognitivismo Para o cognitivismo, juízos morais expressam crenças aptas a ser verdadeiras ou falsas; para o não cognitivismo (emotivismo, prescritivismo, expressivismo), expressam atitudes, emoções ou prescrições. → *Ver também:* Realismo moral; Expressivismo; Emotivismo.

Consequencialismo Termo de Elizabeth Anscombe ("Modern Moral Philosophy", 1958) para as teorias segundo as quais a correção de um ato depende apenas do valor de suas consequências. O utilitarismo é a espécie mais conhecida. Objeções: exigência excessiva, desrespeito à integridade (Williams) e à separação entre as pessoas (Rawls). → *Ver também:* Utilitarismo; Deontologia; Objeção da integridade.

Construtivismo moral Teoria de que as verdades morais são o resultado de um procedimento idealizado de deliberação racional, e não descobertas de fatos independentes. Rawls ("Kantian Constructivism in Moral Theory", 1980), Christine Korsgaard (*As fontes da normatividade*, 1996) e, numa versão humeana, Sharon Street. → *Ver também:* Realismo moral; Posição original e véu de ignorância (Política, p. 51).

Contratualismo Teoria de T. M. Scanlon (*What We Owe to Each Other*, 1998): um ato é errado se for proibido por qualquer conjunto de princípios que ninguém poderia razoavelmente rejeitar. Distingue-se do contratualismo hobbesiano (David Gauthier, *Morals by Agreement*, 1986), que funda a moral no acordo entre agentes autointeressados. → *Ver também:* Contrato social (Política, p. 48); Deontologia.

D

Deontologia Teorias éticas que dão primazia ao dever e a restrições (não matar, não mentir, cumprir promessas) que não se reduzem à promoção das melhores consequências. Kant é seu principal representante; W. D. Ross propôs deveres *prima facie*. A palavra foi cunhada por Bentham (*Deontology*, 1834) e também designa os códigos de ética profissio-

nal. → *Ver também:* Imperativo categórico; Deveres prima facie; Consequencialismo.

Dever Aquilo que se é obrigado a fazer. Kant distingue agir conforme ao dever e agir por dever (só este tem valor moral; o comerciante honesto por interesse age apenas conforme ao dever), e deveres perfeitos e imperfeitos. → *Ver também:* Imperativo categórico; Vontade boa.

Deveres prima facie Na teoria de W. D. Ross (*O correto e o bom*, 1930), deveres que valem salvo se superados por outros mais fortes: fidelidade, reparação, gratidão, justiça, beneficência, autoaperfeiçoamento e não maleficência. Nos conflitos, cabe ao juízo determinar o dever efetivo. → *Ver também:* Deontologia; Intuicionismo ético; Particularismo moral.

Dignidade Em Kant, o que está acima de todo preço e não admite equivalente; as pessoas, como fins em si mesmas, têm dignidade e não preço. É fundamento invocado pelos direitos humanos desde a Declaração Universal de 1948. → *Ver também:* Imperativo categórico; Direitos humanos (Política, p. 48); Pessoa (Ética aplicada, p. 45).

Dilema moral Situação em que o agente tem obrigações conflitantes e não pode cumprir ambas, como o jovem de Sartre dividido entre cuidar da mãe e unir-se à Resistência. Discute-se se há dilemas genuínos; Bernard Williams e Ruth Barcan Marcus (1980) apontaram o "resíduo moral" (remorso) como indício de que sim. → *Ver também:* Deveres prima facie.

E

Egoísmo psicológico e ético O egoísmo psicológico é a tese descritiva de que toda ação visa, em última instância, o interesse próprio; Butler e Joel Feinberg o criticaram. O egoísmo ético é a tese normativa de que cada um deve promover seu próprio interesse (Sidgwick o discute; Ayn Rand o defende). → *Ver também:* Altruísmo; Hedonismo.

Emotivismo Teoria metaética de Ayer (1936) e Charles Stevenson (*Ethics and Language*, 1944): juízos morais não descrevem fatos, mas expressam atitudes emocionais e buscam influenciar as atitudes alheias ("teoria do viva/abaixo"). → *Ver também:* Expressivismo; Cognitivismo e não cognitivismo.

Ética Disciplina que investiga como devemos viver e agir, dividida em metaética, ética normativa e ética aplicada. A palavra vem do grego *ethos* (costume, caráter). Alguns autores distinguem a ética, ligada à vida boa, da moral, ligada às normas e deveres (Ricoeur, Habermas); Bernard Williams criticou a "moralidade" como instituição peculiar. → *Ver também:* Moral; Metaética.

Ética da convicção e ética da responsabilidade Distinção de Max Weber ("A política como vocação", 1919): a ética da convicção age segundo princípios, independentemente das consequências; a ética da responsabilidade responde pelas consequências previsíveis dos atos. Weber julgava que o político deve combiná-las. → *Ver também:* Consequencialismo; Princípio responsabilidade (Ética aplicada, p. 45).

Ética das virtudes Abordagem que centra a avaliação moral no caráter e nas virtudes do agente, e não em regras ou consequências. Inspirada em Aristóteles, renasceu com Anscombe (1958), Philippa Foot, Alasdair MacIntyre (*Depois da virtude*, 1981) e Rosalind Hursthouse, para quem a ação correta é a que um agente virtuoso faria caracteristicamente nas circunstâncias. Objeções: falta de orientação para a ação e o desafio situacionista (Doris, Harman). → *Ver também:* Virtude; Eudaimonia (Antiga, p. 65); Phronesis (Antiga, p. 66).

Ética do cuidado Abordagem (Carol Gilligan, *Uma voz diferente*, 1982; Nel Noddings; Virginia Held; Joan Tronto) que valoriza as relações, a atenção às necessidades concretas, a vulnerabilidade e a responsabilidade, em contraste com éticas centradas em princípios abstratos de justiça. → *Ver também:* Educação moral (Educação, p. 89); Feminismo (Política, p. 48).

Ética do discurso Ética de Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas: só podem pretender validade as normas que obteriam o assentimento de todos os concernidos como participantes de um discurso prático racional. Inclui um princípio de universalização que reformula o imperativo categórico em termos dialógicos. → *Ver também:* Agir comunicativo (Continental, p. 80); Universalizabilidade.

Expressivismo Teoria de que juízos morais expressam estados não cognitivos, como atitudes ou planos, e não crenças descritivas (Simon Blackburn; Allan Gibbard, *Wise Choices, Apt Feelings*, 1990). Enfrenta o problema de Frege-Geach: explicar o significado de frases morais em contextos não assertivos, como antecedentes de condicionais. → *Ver também:* Quase-realismo; Emotivismo; Cognitivismo e não cognitivismo.

F

Falácia naturalista Expressão de G. E. Moore (*Principia Ethica*, 1903) para o erro de identificar o bem com uma propriedade natural, como o prazer ou o ser desejado. Pelo argumento da questão aberta, "x é prazeroso, mas é bom?" continua sendo uma pergunta significativa, o que não ocorreria se "bom" significasse "prazeroso". → *Ver também:* Lei de Hume; Realismo moral.

Felicidade Para Aristóteles, *eudaimonia*, atividade da alma segundo a virtude numa vida completa; para epicuristas e utilitaristas, prazer e ausência de dor; para os estoicos, consequência da virtude; para Kant, satisfação de todas as inclinações, que não fundamenta a moral. → *Ver também:* Eudaimonia (Antiga, p. 65); Bem-estar; Utilitarismo.

H

Hedonismo O hedonismo psicológico afirma que só buscamos o prazer; o ético, que só o prazer é intrinsecamente bom. Tem versões em Aristipo, Epicuro e Bentham. A máquina de experiências de Nozick (*Anarquia, Estado e utopia*, 1974) sugere que valorizamos mais do que experiências prazerosas. → *Ver também:* Cirenaicos (Antiga, p. 63); Epicurismo (Antiga, p. 64); Utilitarismo.

I

Imperativo categórico Princípio supremo da moralidade em Kant (*Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785), que ordena incondicionalmente. Fórmulas principais: da lei universal (age apenas segundo a máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal), da humanidade (trata a humanidade, em ti e nos outros, sempre como fim e nunca apenas como meio), da autonomia e do reino dos fins. → *Ver também:* Imperativo hipotético; Universalizabilidade; Dignidade.

Imperativo hipotético Em Kant, comando condicional a um fim desejado ("se queres x, faz y"). Pode ser de habilidade (técnico) ou de prudência (relativo à felicidade); não tem a incondicionalidade da moral. → *Ver também:* Imperativo categórico; Razão instrumental (Continental, p. 82).

Internalismo motivacional Tese de que julgar sinceramente que se deve fazer algo implica, necessariamente, alguma motivação para fazê-lo. O externalismo (Brink) sustenta que a motivação depende de desejos contingentes e aponta o "amoralista", que faz juízos morais sem se motivar por eles. → *Ver também:* Razões internas e externas; Expressivismo.

Intuicionismo ético Tese de que há verdades morais autoevidentes, conhecidas por intuição racional (Sidgwick, Moore, Prichard, Ross; hoje Robert Audi e Michael Huemer). → *Ver também:* Deveres prima facie; Realismo moral.

L

Lei de Hume Tese, extraída do *Tratado da natureza humana* (III.i.1, 1739-1740), de que não se pode derivar validamente um "deve" de premissas que contêm apenas "é". John Searle ("How to Derive 'Ought' from 'Is'", 1964) tentou um contraexemplo baseado na instituição da promessa. → *Ver também:* Falácia naturalista; Garfo de Hume (Moderna, p. 73).

M

Mal Conceito com vários sentidos: privação do bem (Agostinho), "mal radical" como propensão a subordinar a lei moral ao amor-próprio (Kant, *A religião nos limites da simples razão*, 1793) e "banalidade do mal" (Arendt). O problema do mal é central na filosofia da religião. → *Ver também:* Mal como privação (Medieval, p. 69); Banalidade do mal (Política, p. 47); Problema do mal (Religião, p. 61).

Metaética Investigação da natureza, do estatuto e da linguagem dos juízos morais: há fatos morais? como os conhecemos? o que significa "bom"? como os juízos morais se ligam à motivação? → *Ver também:* Realismo moral; Cognitivismo e não cognitivismo; Teoria do erro.

Moral Conjunto de normas, valores e costumes que orientam a conduta numa comunidade (de *mos*, *moris*, costume). Usa-se também como sinônimo de ética, ou para designar o domínio específico das obrigações, por oposição à vida boa. → *Ver também:* Ética.

O

Objeção da integridade Objeção de Bernard Williams ao utilitarismo (em *Utilitarismo: prós e contras*, com J. J. C. Smart, 1973): exigir que Jim mate um prisioneiro para salvar outros dezenove, ou que George aceite um emprego em pesquisa de armas químicas, ignora a ligação entre o agente e seus projetos e compromissos fundamentais. → *Ver também:* Utilitarismo; Consequencialismo.

P

Particularismo moral Tese de Jonathan Dancy (*Ethics without Principles*, 2004) de que não há princípios morais gerais válidos: a relevância e a polaridade de uma razão dependem do contexto (holismo das razões); o que conta a favor num caso pode contar contra em outro. → *Ver também:* Deveres prima facie.

Perfeccionismo Teoria de que o bem consiste no desenvolvimento de capacidades e excelências humanas (Aristóteles, Thomas Hurka, 1993). Em filosofia política, a tese de que o Estado pode promover concepções da vida boa (Joseph Raz), contra a neutralidade liberal. → *Ver também:* Eudaimonia (Antiga, p. 65); Liberalismo (Política, p. 49).

Prescritivismo Teoria de R. M. Hare (*A linguagem da moral*, 1952): juízos morais são prescrições universalizáveis; dizer "devo fazer x" compromete-me a prescrever x a qualquer um em circunstâncias relevantemente semelhantes. → *Ver também:* Universalizabilidade; Emotivismo.

Princípio do duplo efeito Princípio, com raízes em Tomás de Aquino (legítima defesa), segundo o qual um ato com efeito bom e efeito mau pode ser permitido se o ato não for mau em si, o mau efeito for apenas previsto e não pretendido, não for meio para o bom e houver razão proporcional. Usado em ética da guerra e na medicina paliativa. → *Ver também:* Problema do bonde; Guerra justa (Política, p. 49); Eutanásia (Ética aplicada, p. 45).

Problema do bonde Experimento mental de Philippa Foot (1967) e Judith Jarvis Thomson (1976, 1985): desviar um bonde desgovernado para matar um e salvar cinco parece permissível, mas empurrar alguém de uma passarela para deter o bonde não. Inspirou pesquisas empíricas (Joshua Greene) e discussões sobre veículos autônomos. → *Ver também:* Princípio do duplo efeito; Experimento mental (Metafilosofia, p. 6).

Q

Quase-realismo Projeto de Simon Blackburn: mostrar que o expressivista pode "conquistar o direito" de usar o vocabulário realista (verdade moral, fatos morais, erro) sem compromisso com fatos morais independentes. → *Ver também:* Expressivismo; Realismo moral.

R

Razões internas e externas Bernard Williams ("Internal and External Reasons", 1979) sustentou que alguém só tem razão para agir se houver uma rota deliberativa sólida a partir de seu conjunto motivacional; externalistas (Parfit, Scanlon) admitem razões independentes dos desejos do agente. → *Ver também:* Internalismo motivacional.

Realismo moral Tese de que há fatos morais objetivos, independentes de nossas atitudes. Versões naturalistas: o realismo de Cornell (Boyd, Brink, Sturgeon) e Railton; não naturalistas: Moore, Shafer-Landau, Enoch, Parfit (*On What Matters*, 2011). Objeções: a estranheza metafísica (Mackie) e os argumentos evolutivos de desmascaramento (Sharon Street, 2006). → *Ver também:* Teoria do erro; Construtivismo moral; Cognitivismo e não cognitivismo.

Relativismo moral O relativismo descritivo constata a diversidade de códigos morais entre culturas (Heródoto narra o episódio de Dario com gregos e calácios); o metaético sustenta que a verdade moral é relativa a culturas ou indivíduos (Harman, Wong); o normativo prescreve a tolerância. → *Ver também:* Relativismo (Metafilosofia, p. 7); Realismo moral.

Responsabilidade moral Condição de ser merecedor de louvor ou censura. P. F. Strawson ("Liberdade e ressentimento", 1962) fundou-a nas atitudes reativas, como ressentimento e gratidão; as condições tradicionais são o controle e o conhecimento. Céticos (Pereboom, Galen Strawson) negam que alguém seja responsável no sentido de merecimento básico. → *Ver também:* Livre-arbítrio (Metafísica, p. 19); Sorte moral.

S

Sentimentalismo Concepção de que a moral se funda em sentimentos: o senso moral de Hutcheson, a simpatia de Hume e o espectador imparcial de Adam Smith (*Teoria dos sentimentos morais*, 1759); hoje defendido por Michael Slote. → *Ver também:* Emotivismo; Ética do cuidado.

Sorte moral Problema exposto por Bernard Williams e Thomas Nagel (1976): julgamos moralmente agentes por fatores fora de seu controle, como o motorista que, por acaso, atropela uma criança. Nagel distinguiu sorte resultante, circunstancial, constitutiva e causal. → *Ver também:* Responsabilidade moral.

Supererrogação Atos moralmente bons que vão além do dever, como os de heróis e santos (J. O. Urmson, "Saints and Heroes", 1958). Coloca problemas para teorias que tornam obrigatório fazer sempre o melhor. → *Ver também:* Dever; Utilitarismo.

T

Teoria do erro Teoria de J. L. Mackie (*Ética: inventando o certo e o errado*, 1977): juízos morais pretendem atribuir propriedades objetivamente prescritivas, mas tais propriedades não existem; logo, são sistematicamente falsos. Argumentos: relatividade e estranheza (*queerness*). → *Ver também:* Realismo moral; Ficcionalismo (Metafísica, p. 19).

U

Universalizabilidade Exigência de que um juízo moral sobre um caso valha para todo caso relevantemente semelhante. Presente em Kant, Sidgwick e Hare. → *Ver também:* Imperativo categórico; Prescritivismo.

Utilitarismo Teoria segundo a qual a ação correta é a que maximiza a felicidade ou o bem-estar total. Bentham (*Introdução aos princípios da moral e da legislação*, 1789) propôs um cálculo dos prazeres; Mill (*O utilitarismo*, 1861) distinguiu prazeres superiores e inferiores: é melhor ser um Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito; Sidgwick (*Os métodos da ética*, 1874) o sistematizou. Variantes: de atos e de regras, de preferências, médio e total. → *Ver também:* Consequencialismo; Hedonismo; Objeção da integridade.

V

Valor intrínseco Valor que algo tem por si mesmo, como fim, em oposição ao valor instrumental, que tem como meio. Christine Korsgaard (1983) distinguiu ser valioso como fim (valor final) e ter valor em virtude de propriedades internas (valor intrínseco). → *Ver também:* Bem; Axiologia (Metafilosofia, p. 5).

Virtude Disposição estável de caráter para agir e sentir bem (*aretê*). Para Aristóteles, as virtudes éticas são disposições de escolher o meio-termo, e as dianoéticas, excelências do intelecto. A tradição fixou as virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) e, na teologia cristã, as teologais (fé, esperança e caridade). → *Ver também:* Ética das virtudes; Mesótes (Antiga, p. 65); Aretê (Antiga, p. 63).

Vontade boa Para Kant (*Fundamentação*, primeira seção), a única coisa boa sem restrição: boa não pelo que realiza, mas pelo querer, isto é, por agir por dever. → *Ver também:* Dever; Imperativo categórico.

ÁREA 10

Ética Aplicada e Bioética

Aplicação da reflexão moral a problemas concretos da vida, da medicina, do meio ambiente, dos animais e das gerações futuras.

26 verbetes

A

Aborto Debate sobre a moralidade da interrupção da gravidez. Posições conservadoras sustentam que o feto é pessoa desde a concepção ou que matá-lo o priva de "um futuro como o nosso" (Don Marquis, 1989); liberais apelam a critérios de pessoalidade (Mary Anne Warren, Michael Tooley). Judith Jarvis Thomson ("Uma defesa do aborto", 1971), com o exemplo do violinista, argumentou que, mesmo que o feto seja pessoa, o direito à vida não inclui o direito de usar o corpo de outra pessoa. → *Ver também:* Pessoa; Status moral.

Altruísmo eficaz Movimento surgido por volta de 2010 (Peter Singer, William MacAskill, Toby Ord) que propõe usar evidências e razão para fazer o maior bem possível, por exemplo doando a instituições de alta eficácia. Críticas: excesso de quantificação, foco individual em vez de mudanças estruturais e as implicações do "longoprazismo". → *Ver também:* Dever de assistência; Utilitarismo (Ética, p. 42); Risco existencial (Tecnologia e IA, p. 87).

Antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo Posições sobre quem tem valor moral na natureza: só os seres humanos (antropocentrismo); todos os seres vivos (biocentrismo: Albert Schweitzer, Paul Taylor); ecossistemas e comunidades bióticas (ecocentrismo: a "ética da terra" de Aldo Leopold, 1949, e J. Baird Callicott). → *Ver também:* Ética ambiental; Ecologia profunda.

Aprimoramento humano Uso da biotecnologia (edição genética, fármacos, interfaces neurais) para melhorar capacidades humanas além do terapêutico. Críticos: Michael Sandel (*Contra a perfeição*, 2007), Habermas (*O futuro da natureza humana*, 2001); defensores: Julian Savulescu (beneficência procriativa), Nicholas Agar (eugenia liberal). O nascimento de bebês geneticamente editados na China (2018) intensificou o debate. → *Ver também:* Transumanismo (Tecnologia e IA, p. 88); Bioética.

B

Bioética Campo que examina questões éticas da medicina, da biologia e das ciências da vida. O termo foi usado por Fritz Jahr (1927) e popularizado por Van Rensselaer Potter (1970-1971). Seus marcos incluem o Código de Nuremberg (1947), a Declaração de Helsinque (1964) e o Relatório Belmont (1979), escrito após o escândalo do estudo de sífilis de Tuskegee. → *Ver também:* Principialismo; Consentimento informado.

C

Consentimento informado Exigência de que intervenções médicas e pesquisas com seres humanos tenham a concordância voluntária de pessoa capaz e adequadamente informada sobre riscos, benefícios e alternativas. Seus elementos são capacidade, informação, compreensão e voluntariedade. → *Ver também:* Bioética; Autonomia (Ética, p. 39); Paternalismo.

D

Dever de assistência Argumento de Peter Singer ("Fome, riqueza e moralidade", 1972): se podemos evitar algo muito ruim sem sacrificar nada de importância moral comparável, devemos fazê-lo, como quem salva uma criança que se afoga num lago, mesmo sujando a roupa. Logo, os ricos deveriam doar grande parte de sua renda. A principal objeção é a da exigência excessiva. → *Ver também:* Altruísmo eficaz; Justiça global (Política, p. 49).

Direitos dos animais Posição de Tom Regan (*The Case for Animal Rights*, 1983): animais que são "sujeitos de uma vida" têm valor inerente e direitos que não podem ser violados em nome de benefícios agregados. Distingue-se da abordagem utilitarista de Singer e do abolicionismo de Gary Francione. → *Ver também:* Especismo; Senciência.

E

Ecologia profunda Movimento proposto por Arne Næss (1973), que rejeita o antropocentrismo da ecologia "rasa", afirma o valor intrínseco de todos os seres vivos e defende uma autorrealização ampliada, pela identificação com a natureza. → *Ver também:* Ética ambiental; Antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo.

Especismo Termo criado por Richard Ryder (1970) e popularizado por Peter Singer (*Libertação animal*, 1975) para a discriminação baseada apenas na espécie, análoga ao racismo e ao sexismo. Singer defende

o princípio de igual consideração de interesses de todos os seres sencientes. → *Ver também:* Senciência; Direitos dos animais.

Ética ambiental Área que investiga o valor da natureza e nossas obrigações para com ela. Richard Routley (1973) propôs o argumento do "último homem": se o último ser humano destruísse tudo o que resta, faria algo errado, o que sugere que a natureza tem valor independente de nós. → *Ver também:* Antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo; Justiça climática.

Ética populacional Área que trata de decisões que afetam quantas e quais pessoas existirão. Parfit (*Razões e pessoas*, 1984) mostrou que o utilitarismo total leva à "conclusão repugnante": uma população enorme de vidas que mal valem a pena seria melhor que uma população menor de vidas excelentes. Teoremas de impossibilidade (Arrhenius) mostram que nenhuma teoria satisfaz todas as condições intuitivas. → *Ver também:* Problema da não identidade; Utilitarismo (Ética, p. 42).

Eutanásia Ato de provocar a morte de um paciente para aliviar seu sofrimento. Distinguem-se eutanásia ativa e passiva, voluntária, não voluntária e involuntária, e o suicídio assistido. James Rachels ("Active and Passive Euthanasia", 1975), com o caso de Smith e Jones, argumentou que não há diferença moral intrínseca entre matar e deixar morrer. → *Ver também:* Princípio do duplo efeito (Ética, p. 41); Autonomia (Ética, p. 39); Morte encefálica.

J

Justiça climática Questões de justiça ligadas às mudanças climáticas: quem deve arcar com os custos de mitigação e adaptação (princípios do poluidor-pagador, da capacidade de pagar e do beneficiário), como pesam as emissões históricas e o que devemos às gerações futuras. Stephen Gardiner a descreveu como uma "tempestade moral perfeita" (2011). → *Ver também:* Justiça intergeracional; Ética ambiental.

Justiça intergeracional Obrigações das gerações presentes para com as futuras, em temas como recursos, dívida pública e clima. Rawls propôs um "princípio de poupança justa"; o problema da não identidade e a incerteza sobre o futuro tornam o tema difícil. → *Ver também:* Problema da não identidade; Princípio responsabilidade.

M

Morte encefálica Critério de morte baseado na cessação irreversível das funções do encéfalo, proposto pelo Comitê da Escola de Medicina de Harvard (1968). Discute-se se é critério biológico de morte ou uma convenção útil para a doação de órgãos. → *Ver também:* Eutanásia; Pessoa.

P

Paternalismo Interferência na liberdade de alguém, contra sua vontade, para o seu próprio bem. Mill o rejeitou para adultos capazes (princípio do dano); Gerald Dworkin (1972) analisou formas brandas e duras. O "paternalismo libertário" de Thaler e Sunstein (*Nudge*, 2008) propõe arquiteturas de escolha que orientam sem proibir. → *Ver também:* Princípio do dano (Política, p. 51); Autonomia (Ética, p. 39); Consentimento informado.

Pessoa Conceito central para o status moral. Boécio definiu pessoa como "substância individual de natureza racional"; Locke, como ser pensante e inteligente que se considera a si mesmo como o mesmo em diferentes tempos e lugares; Harry Frankfurt (1971) a caracterizou pela capacidade de ter volições de segunda ordem. Distingue-se "pessoa" de "ser humano". → *Ver também:* Identidade pessoal (Metafísica, p. 19); Status moral; Dignidade (Ética, p. 40).

Principialismo Abordagem de Tom Beauchamp e James Childress (*Princípios de ética biomédica*, 1979), baseada em quatro princípios: respeito à autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Foi criticada por Clouser e Gert (1990) por falta de uma teoria unificadora. → *Ver também:* Bioética; Autonomia (Ética, p. 39).

Princípio da precaução Princípio de que, diante de ameaças de danos graves ou irreversíveis, a falta de certeza científica não deve servir de razão para adiar medidas de proteção (Declaração do Rio, 1992, princípio 15). Críticos como Cass Sunstein (*Laws of Fear*, 2005) argumentam que, em versão forte, ele é paralisante. → *Ver também:* Princípio responsabilidade; Ética ambiental.

Princípio responsabilidade Ética proposta por Hans Jonas (*O princípio responsabilidade*, 1979) para a civilização tecnológica: como o poder técnico alcança o futuro distante da humanidade e da natureza, devemos agir de modo que as consequências de nossas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica na Terra. Inclui uma "heurística do medo". → *Ver também:* Ética da convicção e ética da responsabilidade (Ética, p. 40); Princípio da precaução; Justiça intergeracional.

Problema da não identidade Problema de Parfit: políticas que afetam quem virá a existir (como o esgotamento de recursos) parecem não piorar a vida de nenhuma pessoa futura determinada, pois, sem elas, outras pessoas existiriam. Desafia as concepções de dano centradas em pessoas. → *Ver também:* Ética populacional; Justiça intergeracional.

R

Responsabilidade social empresarial Debate sobre as obrigações das empresas. Milton Friedman (1970) sustentou que a responsabilidade social da empresa é aumentar seus lucros, dentro das regras do jogo; a teoria das partes interessadas (*stakeholders*) de R. Edward Freeman (1984) inclui trabalhadores, consumidores, comunidades e meio ambiente. → *Ver também:* Ética (Ética, p. 40).

S

Senciência Capacidade de ter experiências com valência positiva ou negativa, como prazer e dor. Bentham a tomou como critério de consideração moral: a questão não é se os animais podem raciocinar ou falar, mas se podem sofrer. A Declaração de Cambridge sobre a Consciência (2012) e a Declaração de Nova York sobre a Consciência Animal (2024) reconheceram evidências de consciência em muitos animais. → *Ver também:* Especismo; Status moral; Consciência (Mente, p. 27).

Status moral Propriedade de um ser cujos interesses contam moralmente por si mesmos. Os critérios propostos incluem senciência, racionalidade, autoconsciência, relações e pertencimento à espécie; discute-se se o status moral admite graus (Mary Anne Warren, *Moral Status*, 1997). → *Ver também:* Agente moral e paciente moral (Ética, p. 39); Pessoa; Senciência.

T

Tragédia dos comuns Situação descrita por Garrett Hardin (1968) em que indivíduos racionais, usando livremente um recurso comum, acabam por esgotá-lo. Elinor Ostrom (*Governing the Commons*, 1990) mostrou que comunidades frequentemente gerem bens comuns de modo sustentável, por meio de instituições próprias. → *Ver também:* Justiça climática; Ética ambiental.

ÁREA 11

Filosofia Política e Social

Fundamentos da autoridade e da legitimidade, justiça, liberdade, igualdade, poder, Estado e formas de dominação e de emancipação.

67 verbetes

A

Alienação Processo pelo qual algo próprio do ser humano se torna estranho e se volta contra ele. Hegel usou o conceito (*Entfremdung*, *Entäußerung*) para o espírito; Feuerbach, para a religião, na qual o homem projeta em Deus sua própria essência; Marx (*Manuscritos econômico-filosóficos*, 1844), para o trabalho assalariado, que aliena o trabalhador do produto, da atividade, de seu ser genérico e dos outros. → *Ver também:* Reificação (Continental, p. 82); Fetichismo da mercadoria (Continental, p. 81); Marxismo.

Anarquismo Doutrina que nega a legitimidade do Estado e de hierarquias coercitivas e defende a organização social por cooperação voluntária. Representantes: William Godwin (1793), Proudhon ("a propriedade é um roubo", 1840), Bakunin, Kropotkin (*Ajuda mútua*, 1902) e Emma Goldman. O anarquismo filosófico de Robert Paul Wolff (1970) aponta o conflito entre autonomia moral e autoridade. → *Ver também:* Autoridade; Obrigação política.

Autoridade Direito de comandar, ao qual corresponde um dever de obedecer. Weber distinguiu três tipos de dominação legítima: tradicional, carismática e racional-legal. Joseph Raz propôs a "concepção de serviço": uma autoridade é legítima quando seguir suas diretivas nos faz agir melhor segundo as razões que já temos. Arendt distinguiu autoridade de coerção e de persuasão. → *Ver também:* Legitimidade; Obrigação política; Autoridade pedagógica (Educação, p. 89).

B

Banalidade do mal Expressão de Hannah Arendt (*Eichmann em Jerusalém*, 1963): crimes monstruosos podem ser cometidos por pessoas comuns, sem profundidade demoníaca, por pura irreflexão, isto é, pela incapacidade de pensar do ponto de vista dos outros. → *Ver também:* Totalitarismo; Mal (Ética, p. 41).

Bem comum Bem compartilhado pelos membros de uma comunidade política, não redutível à soma de interesses privados. Central em Aristóteles, em Tomás de Aquino, na tradição republicana e na doutrina social da Igreja; o liberalismo desconfia de concepções substantivas do bem comum. → *Ver também:* Comunitarismo; Republicanismo; Vontade geral.

Biopolítica Conceito de Michel Foucault (*História da sexualidade I*, 1976; curso *Nascimento da biopolítica*, 1978-1979): a partir do século XVIII, o poder passa a gerir a vida, disciplinando os corpos individuais e regulando as populações (natalidade, saúde, longevidade). Giorgio Agamben (*Homo sacer*, 1995) ligou-a à "vida nua" e ao estado de exceção; Achille Mbembe (2003) falou em necropolítica. → *Ver também:* Poder; Sociedade disciplinar (Continental, p. 82); Soberania.

C

Capacidades (abordagem das) Abordagem de Amartya Sen e Martha Nussbaum: a justiça e o desenvolvimento devem ser avaliados pelas liberdades substantivas das pessoas de ser e fazer o que valorizam (capacidades), e não pela renda ou pela utilidade. Nussbaum propôs uma lista de dez capacidades centrais; a abordagem inspirou o Índice de Desenvolvimento Humano (1990). → *Ver também:* Igualitarismo; Justiça.

Cidadania Condição de membro pleno de uma comunidade política, com direitos e deveres. T. H. Marshall (1950) distinguiu direitos civis, políticos e sociais; a tradição republicana enfatiza a participação, e a liberal, os direitos; Iris Marion Young defendeu uma cidadania diferenciada para grupos oprimidos. → *Ver também:* Republicanismo; Multiculturalismo.

Colonialidade do poder Conceito de Aníbal Quijano (anos 1990): padrão de poder mundial surgido com a conquista da América, baseado na classificação racial da população e no controle do trabalho, que persiste depois do fim do colonialismo formal. Desenvolvido pelo grupo modernidade/colonialidade (Walter Mignolo, María Lugones, que falou em colonialidade de gênero, Enrique Dussel). → *Ver também:* Pós-colonialismo; Filosofia da libertação (Não ocidentais, p. 92); Raça (filosofia da).

Comunitarismo Corrente crítica do liberalismo nos anos 1980 (Michael Sandel, *O liberalismo e os limites da justiça*, 1982; Alasdair MacIntyre; Charles Taylor; Michael Walzer, *Esferas da justiça*, 1983): o eu é constituído por comunidades e tradições, e não um "eu desimpedido" anterior a seus fins; o bem comum não é posterior aos direitos. → *Ver também:* Liberalismo; Reconhecimento; Comunitarismo africano (Não ocidentais, p. 92).

Consenso sobreposto Em Rawls (*O liberalismo político*, 1993), acordo em torno de uma concepção política de justiça entre cidadãos que professam doutrinas abrangentes (religiosas, filosóficas, morais) diferentes, mas razoáveis, cada qual endossando a concepção por suas próprias razões. → *Ver também:* Razão pública; Liberalismo.

Conservadorismo Disposição e tradição política que valoriza as instituições herdadas, a prudência e a reforma gradual, e desconfia de projetos racionalistas de reconstrução da sociedade. Edmund Burke (*Reflexões sobre a revolução na França*, 1790) é seu fundador moderno; Michael Oakeshott ("Ser conservador", 1956) o descreveu como preferência pelo familiar ao desconhecido. → *Ver também:* Liberalismo; Revolução.

Contrato social Teoria que funda a legitimidade política num acordo, real ou hipotético, entre indivíduos. Hobbes (*Leviatã*, 1651), Locke (*Segundo tratado sobre o governo*, 1689), Rousseau (*Do contrato social*, 1762) e Kant são os clássicos; Rawls a renovou no século XX. Críticas: Hume ("Do contrato original", 1748), Carole Pateman (*O contrato sexual*, 1988) e Charles Mills (*O contrato racial*, 1997). → *Ver também:* Estado de natureza; Contratualismo (Ética, p. 39); Posição original e véu de ignorância.

Cosmopolitismo Concepção de que todos os seres humanos pertencem a uma única comunidade moral. Diógenes, o cínico, dizia-se "cidadão do mundo"; os estoicos desenvolveram a ideia; Kant (*À paz perpétua*, 1795) propôs um direito cosmopolita de hospitalidade. Hoje é defendido por Thomas Pogge, Charles Beitz, Martha Nussbaum e Kwame Anthony Appiah. → *Ver também:* Justiça global; Estoicismo (Antiga, p. 64); Cinismo (Antiga, p. 63).

D

Democracia Governo do povo (*dêmos* + *krátos*). Além da democracia direta ateniense e da representativa moderna, há teorias agregativas (Schumpeter, 1942: competição entre elites pelo voto), deliberativas (Habermas, Joshua Cohen: legitimidade pela deliberação pública), participativas (Pateman), agonísticas (Chantal Mouffe) e epistêmicas (David Estlund, Hélène Landemore). Platão a criticou; Jason Brennan (2016) defende a epistocracia. → *Ver também:* Esfera pública; Legitimidade; Razão pública.

Desobediência civil Violação pública, não violenta e consciente da lei, com o objetivo de mudar leis ou políticas injustas, aceitando as consequências legais. Henry David Thoreau ("Resistência ao governo civil", 1849), Gandhi e Martin Luther King ("Carta da prisão de Birmingham", 1963) são referências; Rawls a analisou como recurso numa sociedade quase justa. → *Ver também:* Obrigação política; Revolução.

Direitos humanos Direitos que todo ser humano possui pelo simples fato de ser humano, proclamados na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Há fundamentações naturalistas (James Griffin: a agência normativa) e políticas (Rawls, Beitz: o papel dos direitos na prática internacional). → *Ver também:* Direitos naturais; Dignidade (Ética, p. 40).

Direitos naturais Direitos anteriores ao Estado e independentes de convenção, como os direitos à vida, à liberdade e à propriedade em Locke. Bentham os chamou de "disparates sobre pernas de pau". → *Ver também:* Direito natural (jusnaturalismo) (Direito, p. 53); Direitos humanos.

E

Esfera pública Conceito de Habermas (*Mudança estrutural da esfera pública*, 1962): espaço em que pessoas privadas discutem racionalmente assuntos de interesse comum, surgido com a burguesia do século XVIII (cafés, salões, imprensa). Nancy Fraser (1990) criticou sua exclusividade e falou de contrapúblicos subalternos. → *Ver também:* Democracia; Agir comunicativo (Continental, p. 80).

Estado Segundo Weber ("A política como vocação", 1919), comunidade humana que reivindica com êxito o monopólio do uso legítimo da força física num território. Para Hegel, realização da eticidade; para Marx e Engels, comitê que administra os negócios comuns da burguesia; para os anarquistas, instituição ilegítima. → *Ver também:* Soberania; Legitimidade; Eticidade (Moderna, p. 73).

Estado de natureza Condição hipotética sem autoridade política. Para Hobbes, guerra de todos contra todos, em que a vida é "solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta"; para Locke, estado de liberdade regido pela lei natural, mas inseguro; para Rousseau (*Discurso sobre a desigualdade*, 1755), condição do homem natural, independente e movido pelo amor de si e pela piedade, antes da corrupção trazida pela sociedade. → *Ver também:* Contrato social; Direitos naturais.

F

Feminismo Conjunto de movimentos e teorias que analisam e combatem a subordinação das mulheres. Marcos: Mary Wollstonecraft (*Reivindicação dos direitos da mulher*, 1792) e Simone de Beauvoir (*O segundo sexo*, 1949). Correntes: liberal, radical (MacKinnon), marxista e socialista, negro (bell hooks, Angela Davis, Audre Lorde, Lélia Gonzalez), interseccional e pós-estruturalista (Judith Butler). → *Ver também:* Gênero; Interseccionalidade; Patriarcado; Ética do cuidado (Ética, p. 40).

G

Gênero Conceito que distingue a construção social das diferenças entre os sexos de sua base biológica (Ann Oakley, 1972; o "sistema sexo/gênero" de Gayle Rubin, 1975). Beauvoir escreveu que não se nasce mulher, torna-se; Butler (1990) questionou a própria distinção sexo/gênero; Sally Haslanger (2000) definiu gênero como posição social hierárquica. → *Ver também:* Performatividade de gênero (Continental, p. 82); Feminismo; Engenharia conceitual (Metafilosofia, p. 6).

Guerra justa Tradição (Agostinho, Tomás de Aquino, Francisco de Vitória, Grócio) que estabelece critérios para a guerra legítima: *jus ad bellum* (causa justa, autoridade legítima, intenção correta, último recurso, proporcionalidade, probabilidade de sucesso), *jus in bello* (distinção entre combatentes e não combatentes, proporcionalidade) e *jus post bellum*. Michael Walzer (*Guerras justas e injustas*, 1977) a renovou; Jeff McMahan propôs uma revisão individualista. → *Ver também:* Princípio do duplo efeito (Ética, p. 41).

H

Hegemonia Conceito de Antonio Gramsci (*Cadernos do cárcere*, 1929-1935): direção intelectual e moral que uma classe exerce sobre a sociedade, obtendo consentimento, e não apenas pela coerção; envolve os intelectuais orgânicos e a "guerra de posição" na sociedade civil. Retomado por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (*Hegemonia e estratégia socialista*, 1985). → *Ver também:* Ideologia; Sociedade civil; Populismo.

I

Ideologia Termo criado por Destutt de Tracy (1796) para uma "ciência das ideias". Marx e Engels (*A ideologia alemã*, 1845-1846) o usaram para as ideias que, servindo à classe dominante, apresentam relações históricas como naturais; "as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes". Althusser a definiu pela interpelação dos indivíduos como sujeitos; Mannheim (*Ideologia e utopia*, 1929) generalizou o conceito. → *Ver também:* Aparelhos ideológicos de Estado (Continental, p. 80); Hegemonia; Utopia.

Igualitarismo Família de teorias que dão peso central à igualdade. A pergunta de Amartya Sen, "igualdade de quê?" (1979), recebe respostas como bem-estar, recursos (Ronald Dworkin), oportunidades e capacidades. O igualitarismo relacional (Elizabeth Anderson, "What Is the Point of Equality?", 1999) concebe a igualdade como relação social sem hierarquias de status. → *Ver também:* Igualitarismo da sorte; Prioritarismo e suficientarismo; Justiça como equidade.

Igualitarismo da sorte Posição (Dworkin, Richard Arneson, G. A. Cohen) segundo a qual desigualdades resultantes de escolhas responsáveis são justas, mas as resultantes da "sorte bruta" (talentos, origem, acidentes) devem ser compensadas. Elizabeth Anderson a criticou por abandonar os imprudentes e por humilhar os desfavorecidos. → *Ver também:* Igualitarismo; Sorte moral (Ética, p. 42).

Interseccionalidade Termo de Kimberlé Crenshaw (1989) para o modo como opressões de raça, gênero, classe e outras se entrecruzam e produzem experiências específicas, como a das mulheres negras, invisíveis a análises baseadas num único eixo. Tem antecedentes no Coletivo Combahee River (1977) e em Lélia Gonzalez. → *Ver também:* Feminismo; Raça (filosofia da); Amefricanidade (Não ocidentais, p. 91).

J

Justiça Virtude de dar a cada um o que lhe é devido (*suum cuique tribuere*, na fórmula de Ulpiano). Para Platão (*República*), consiste em cada parte da alma e da cidade fazer o que lhe é próprio; Aristóteles distinguiu a justiça distributiva, proporcional ao mérito, e a corretiva, aritmética. Hume falou das "circunstâncias da justiça": escassez moderada e generosidade limitada. → *Ver também:* Justiça como equidade; Equidade (epieikeia) (Direito, p. 53); Justiça global.

Justiça como equidade Teoria de John Rawls (*Uma teoria da justiça*, 1971). Na posição original, as partes escolheriam dois princípios: (1) cada pessoa tem direito igual ao sistema mais extenso de liberdades básicas compatível com igual sistema para todos; (2) desigualdades sociais e econômicas devem estar ligadas a posições abertas a todos em igualdade equitativa de oportunidades e beneficiar ao máximo os menos favorecidos (princípio da diferença). O primeiro princípio tem prioridade léxica. → *Ver também:* Posição original e véu de ignorância; Liberalismo; Consenso sobreposto.

Justiça global Debate sobre se princípios de justiça distributiva se aplicam além das fronteiras nacionais. Cosmopolitas (Pogge, Beitz) sustentam que sim, e Pogge atribui a pobreza mundial à ordem institucional global; estatistas (Thomas Nagel, 2005; Rawls em *O direito dos povos*, 1999) restringem os deveres internacionais à assistência. → *Ver também:* Cosmopolitismo; Dever de assistência (Ética aplicada, p. 44).

L

Legitimidade Propriedade do poder que o torna digno de reconhecimento e obediência. Weber a analisou descritivamente, como crença na legitimidade; teorias normativas a fundam no consentimento (Locke), na razão pública (Rawls) ou no procedimento democrático (Habermas). → *Ver também:* Autoridade; Obrigação política; Democracia.

Liberalismo Tradição que valoriza a liberdade individual, os direitos, o governo limitado, a tolerância e

o Estado de direito. Distinguem-se o liberalismo clássico (Locke, Adam Smith, Benjamin Constant, Mill), o igualitário ou social (T. H. Green, Rawls, Dworkin) e o liberalismo político de Rawls (1993), neutro diante das doutrinas abrangentes razoáveis. O neoliberalismo (Hayek, Friedman) faz do mercado o princípio de organização social. → *Ver também:* Libertarianismo; Comunitarismo; Liberdade negativa e positiva.

Liberdade negativa e positiva Distinção de Isaiah Berlin ("Dois conceitos de liberdade", 1958): liberdade negativa é a ausência de interferência dos outros; liberdade positiva é o autogoverno, ser senhor de si. Berlin alertou que a segunda pode justificar a coerção em nome do "verdadeiro eu". Benjamin Constant (1819) já distinguira a liberdade dos antigos e a dos modernos. → *Ver também:* Republicanismo; Liberalismo.

Libertarianismo Teoria política de Robert Nozick (*Anarquia, Estado e utopia*, 1974): só um Estado mínimo é justificável, e a justiça na propriedade depende da história da aquisição e da transferência (teoria da titularidade), não de padrões distributivos. No exemplo de Wilt Chamberlain, trocas livres desfazem qualquer padrão; a tributação seria comparável ao trabalho forçado. Há versões anarcocapitalistas (Rothbard) e de esquerda (Steiner, Vallentyne). → *Ver também:* Liberalismo; Propriedade.

Luta de classes Para Marx e Engels, motor da história: "a história de todas as sociedades até hoje é a história de lutas de classes" (*Manifesto comunista*, 1848). Classes definem-se pela posição nas relações de produção. → *Ver também:* Materialismo histórico; Marxismo.

M

Mais-valia Em Marx (*O capital*, 1867), diferença entre o valor produzido pela força de trabalho e o valor da própria força de trabalho, pago como salário; é a origem do lucro e a forma específica da exploração capitalista. → *Ver também:* Marxismo; Fetichismo da mercadoria (Continental, p. 81).

Mão invisível Metáfora de Adam Smith (*A riqueza das nações*, 1776): ao buscar seu próprio interesse, o indivíduo é levado a promover o interesse da sociedade, sem que isso fizesse parte de sua intenção. Tornou-se emblema da autorregulação do mercado. → *Ver também:* Liberalismo.

Marxismo Conjunto de teorias derivadas de Marx e Engels: materialismo histórico, crítica da economia política, luta de classes, teoria da exploração e projeto do comunismo. Correntes: ortodoxa, marxismo ocidental (Lukács, Gramsci, Escola de Frankfurt), estrutural (Althusser) e analítico (G. A. Cohen, Jon Elster, John Roemer). → *Ver também:* Materialismo histórico; Alienação; Escola de Frankfurt (Continental, p. 80).

Materialismo histórico Concepção de Marx (prefácio de *Para a crítica da economia política*, 1859): o modo de produção da vida material condiciona a vida social, política e intelectual. A base econômica (forças produtivas e relações de produção) sustenta a superestrutura jurídica, política e ideológica, e as contradições entre forças e relações produzem revoluções. G. A. Cohen (1978) fez dela uma defesa funcionalista. → *Ver também:* Marxismo; Luta de classes; Ideologia.

Multiculturalismo Teorias sobre o reconhecimento de grupos culturais em sociedades diversas. Will Kymlicka (*Cidadania multicultural*, 1995) defendeu direitos diferenciados para minorias nacionais e imigrantes; Charles Taylor, uma "política do reconhecimento" (1992). Críticas: Brian Barry (2001) e Susan Okin ("O multiculturalismo é ruim para as mulheres?", 1999). → *Ver também:* Reconhecimento; Cidadania.

N

Nacionalismo Doutrina de que as nações têm direito à autodeterminação política. Ernest Gellner (1983) explicou-o pela modernização; Benedict Anderson descreveu as nações como "comunidades imaginadas" (1983); Yael Tamir e David Miller defendem um nacionalismo liberal. → *Ver também:* Cosmopolitismo.

O

Obrigação política Problema de saber por que, e se, temos o dever moral de obedecer às leis. Respostas: consentimento, gratidão (Sócrates no *Críton*), jogo limpo (Hart, 1955; Rawls), dever natural de justiça. A. John Simmons (1979) defendeu o ceticismo: a maioria das pessoas não tem obrigação política geral. → *Ver também:* Autoridade; Legitimidade; Desobediência civil.

P

Patriarcado Sistema de dominação masculina estrutural nas relações familiares, econômicas, políticas e simbólicas. O conceito foi central no feminismo radical (Kate Millett, *Política sexual*, 1970) e na historiografia de Gerda Lerner (*A criação do patriarcado*, 1986). → *Ver também:* Feminismo; Gênero.

Poder Para Weber, probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências. Steven Lukes (1974) distinguiu três dimensões: decidir, controlar a agenda e moldar as preferências. Arendt o concebeu como capacidade de agir em conjunto, oposta à violência; Foucault, como relação difusa e produtiva, inseparável do saber. → *Ver também:* Biopolítica; Sociedade disciplinar (Continental, p. 82); Hegemonia.

Populismo Para Ernesto Laclau (*A razão populista*, 2005), lógica política que constrói um "povo" articulando demandas insatisfeitas por meio de significan-

tes vazios, contra um adversário comum. Jan-Werner Müller (2016) o define pelo antipluralismo: o populista afirma representar sozinho o povo verdadeiro. → *Ver também:* Hegemonia; Democracia.

Pós-colonialismo Campo de estudos que analisa a herança cultural, epistêmica e política do colonialismo. Referências: Frantz Fanon (*Os condenados da terra*, 1961), Edward Said (*Orientalismo*, 1978), Gayatri Spivak ("Pode o subalterno falar?", 1988) e Homi Bhabha. → *Ver também:* Colonialidade do poder; Negritude (Não ocidentais, p. 93).

Posição original e véu de ignorância Dispositivo de Rawls: as partes escolhem os princípios de justiça sem saber qual será seu lugar na sociedade, seus talentos ou sua concepção de bem; nessas condições, escolheriam pela regra *maximin* (maximizar a posição mínima). John Harsanyi objetou que agentes racionais sob incerteza escolheriam o utilitarismo médio. → *Ver também:* Justiça como equidade; Contrato social.

Princípio do dano Princípio de John Stuart Mill (*Sobre a liberdade*, 1859): o único fim que justifica o exercício do poder sobre um membro de uma comunidade civilizada, contra sua vontade, é impedir dano a outros; o próprio bem do indivíduo não é justificativa suficiente. Joel Feinberg acrescentou um princípio da ofensa. → *Ver também:* Paternalismo (Ética aplicada, p. 45); Liberalismo; Tolerância.

Prioritarismo e suficientarismo O prioritarismo (Derek Parfit, "Equality or Priority?", 1991) dá mais peso aos benefícios para quem está pior, evitando a objeção do "nivelamento por baixo" que atinge o igualitarismo. O suficientarismo (Harry Frankfurt, 1987) sustenta que o importante é que todos tenham o suficiente. → *Ver também:* Igualitarismo.

Propriedade Locke (*Segundo tratado*, cap. V) fundou a propriedade no trabalho que misturamos às coisas, desde que reste "o suficiente e igualmente bom" para os outros e nada se desperdice. Rousseau viu no primeiro cercamento de um terreno a origem da desigualdade; Proudhon declarou que a propriedade é um roubo; Marx analisou a propriedade privada dos meios de produção. → *Ver também:* Libertarianismo; Direitos naturais.

R

Raça (filosofia da) Debate sobre a natureza da raça. O naturalismo racial a considera uma categoria biológica; o eliminativismo (Kwame Anthony Appiah, Naomi Zack) nega que raças existam e propõe abandonar o conceito; o construcionismo social (Sally Haslanger, Charles Mills) afirma que raças são reais, mas socialmente construídas por relações de hierarquia. → *Ver também:* Racismo estrutural; Colonialidade do poder; Interseccionalidade.

Racismo estrutural Concepção de que o racismo não se reduz a atitudes individuais, mas está inscrito no funcionamento normal das instituições, da economia e da política. A noção de racismo institucional vem de Carmichael e Hamilton (1967); no Brasil, foi sistematizada por Silvio Almeida (*Racismo estrutural*, 2019). → *Ver também:* Raça (filosofia da).

Razão pública Em Rawls, ideal segundo o qual questões constitucionais fundamentais devem ser decididas com razões que todos os cidadãos, livres e iguais, possam razoavelmente aceitar, e não com base em doutrinas abrangentes particulares. → *Ver também:* Consenso sobreposto; Liberalismo; Legitimidade.

Reconhecimento Para Hegel, a autoconsciência se forma numa luta por reconhecimento. Axel Honneth (*Luta por reconhecimento*, 1992) distinguiu três esferas: amor, direito e estima social; Charles Taylor tratou da política do reconhecimento das identidades. Nancy Fraser debateu com Honneth (*Redistribuição ou reconhecimento?*, 2003), defendendo a integração das duas dimensões. → *Ver também:* Senhor e escravo (dialética do) (Moderna, p. 75); Multiculturalismo; Teoria crítica (Continental, p. 82).

Republicanismo Tradição (Cícero, Maquiavel nos *Discursos*, Harrington, Rousseau, os federalistas) centrada na liberdade como não dominação, isto é, na ausência de submissão ao poder arbitrário de outrem, na virtude cívica e no império da lei. Renovada por Philip Pettit (*Republicanism*, 1997) e Quentin Skinner (*Liberdade antes do liberalismo*, 1998). → *Ver também:* Liberdade negativa e positiva; Bem comum.

Revolução Transformação radical e geralmente rápida da ordem política e social. Locke admitiu um direito de resistência ao governo que viola a confiança do povo; Marx viu nas revoluções a passagem entre modos de produção; Arendt (*Sobre a revolução*, 1963) contrastou a revolução americana, voltada à fundação da liberdade, e a francesa, absorvida pela questão social. → *Ver também:* Materialismo histórico; Conservadorismo.

S

Soberania Poder supremo de mando numa comunidade política. Jean Bodin (*Os seis livros da república*, 1576) definiu-a como poder absoluto e perpétuo; Hobbes a atribuiu ao Leviatã; Rousseau, ao povo (soberania popular). Para Carl Schmitt (*Teologia política*, 1922), soberano é quem decide sobre o estado de exceção. → *Ver também:* Estado; Biopolítica; Vontade geral.

Socialismo Doutrinas que defendem a propriedade coletiva ou social dos meios de produção e uma distribuição igualitária. Engels distinguiu o socialismo utópico (Saint-Simon, Fourier, Owen) e o científico; há também o socialismo de mercado. G. A. Cohen (*Por que não o socialismo?*, 2009) o defendeu com o

exemplo de uma viagem de acampamento. → *Ver também:* Marxismo; Igualitarismo.

Sociedade civil Em Hegel (*Filosofia do direito*, 1820), esfera das necessidades, do trabalho e do mercado, entre a família e o Estado. Em Gramsci, terreno das instituições privadas em que se disputa a hegemonia; em Tocqueville, rede de associações voluntárias que sustenta a democracia. → *Ver também:* Eticidade (Moderna, p. 73); Hegemonia; Esfera pública.

T

Teoria das elites Tese de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels de que toda sociedade é governada por uma minoria organizada. Michels formulou a "lei de ferro da oligarquia" (1911): toda organização, mesmo democrática, tende a ser dominada por uma oligarquia. → *Ver também:* Democracia; Poder.

Tolerância Disposição de não interferir em crenças e práticas que se desaprovam. Locke (*Carta sobre a tolerância*, 1689), Pierre Bayle e Voltaire (*Tratado sobre a tolerância*, 1763) são clássicos. Popper (*A sociedade aberta e seus inimigos*, 1945) formulou o paradoxo da tolerância: a tolerância ilimitada pode levar ao desaparecimento da própria tolerância. → *Ver também:* Liberalismo; Princípio do dano; Pluralismo religioso (Religião, p. 61).

Totalitarismo Para Hannah Arendt (*Origens do totalitarismo*, 1951), forma de governo inédita, exemplificada pelo nazismo e pelo stalinismo, baseada na ideologia e no terror, que busca a dominação total, destrói a pluralidade humana e o espaço público e transforma os indivíduos em seres supérfluos. → *Ver também:* Banalidade do mal; Soberania.

U

Utopia Sociedade ideal imaginada, segundo o título da obra de Thomas More (1516), que joga com "lugar nenhum" e "lugar bom". Para Mannheim, ideias que transcendem e tendem a transformar a ordem existente; Ernst Bloch (*O princípio esperança*) a valorizou como antecipação; as distopias (Huxley, Orwell) invertem o gênero. → *Ver também:* Ideologia.

V

Virtù e fortuna Conceitos de Maquiavel (*O príncipe*, escrito em 1513): a *fortuna* é o curso imprevisível dos acontecimentos, que governa metade de nossas ações; a *virtù* é a capacidade do governante de enfrentá-la, conquistando e mantendo o Estado, o que pode exigir agir fora da moral comum. → *Ver também:* Republicanismo; Ética da convicção e ética da responsabilidade (Ética, p. 40).

Vontade geral Em Rousseau (*Do contrato social*, 1762), vontade do corpo político orientada para o bem comum, distinta da vontade de todos, que é a soma das vontades particulares. Quem se recusa a obedecer à vontade geral será "forçado a ser livre" (livro I, cap. 7). → *Ver também:* Contrato social; Soberania; Bem comum.

ÁREA 12

Filosofia do Direito

Natureza do direito, sua relação com a moral, validade das normas, interpretação, direitos e fundamentos da punição.

26 verbetes

A

Análise econômica do direito Abordagem que aplica a teoria econômica ao direito, avaliando normas e decisões por sua eficiência. Partiu do teorema de Coase (1960), segundo o qual, sem custos de transação, a alocação inicial de direitos não afeta o resultado eficiente; Richard Posner (*Economic Analysis of Law*, 1973) a sistematizou. → *Ver também:* Utilitarismo (Ética, p. 42).

C

Constitucionalismo Doutrina e prática da limitação jurídica do poder político por uma constituição, que organiza os poderes e garante direitos fundamentais. O neoconstitucionalismo de fins do século XX enfatiza a força normativa dos princípios constitucionais e o papel dos tribunais. → *Ver também:* Estado de direito; Separação dos poderes; Ponderação.

D

Direito como integridade Teoria de Ronald Dworkin (*O império do direito*, 1986): o direito deve ser interpretado como a expressão coerente de princípios de justiça, equidade e devido processo, que mostram a prática jurídica em sua melhor luz. Dworkin imaginou o juiz Hércules e comparou o direito a um "romance em cadeia" escrito por vários autores. → *Ver também:* Regras e princípios; Interpretação jurídica; Positivismo jurídico.

Direito natural (jusnaturalismo) Tese de que há princípios de justiça superiores ao direito positivo e acessíveis à razão. Cícero falou da lei verdadeira como reta razão conforme à natureza; Tomás de Aquino concebeu a lei natural como participação na lei eterna; Grócio afirmou que o direito natural valeria mesmo que Deus não existisse; John Finnis (*Lei natural e direitos naturais*, 1980) o fundou em bens humanos básicos. → *Ver também:* Lei natural (Medieval, p. 69); Positivismo jurídico; Fórmula de Radbruch.

Direito subjetivo Posição jurídica de um titular. Wesley Hohfeld (1913) distinguiu pretensões (*claims*), liberdades, poderes e imunidades, cada qual com seu correlativo (dever, ausência de pretensão, sujeição, incapacidade). A teoria da vontade (Hart) vê nos direitos o controle sobre deveres alheios; a teoria do interesse (Raz, MacCormick), a proteção de interesses. → *Ver também:* Direitos humanos (Política, p. 48); Direitos naturais (Política, p. 48).

E

Eficácia e validade Uma norma é válida quando pertence ao ordenamento segundo seus critérios (foi produzida por órgão competente, segundo o procedimento previsto), e eficaz quando é efetivamente observada ou aplicada. Para Kelsen, a eficácia global do ordenamento é condição de validade de suas normas. → *Ver também:* Teoria pura do direito; Regra de reconhecimento.

Equidade (epieikeia) Em Aristóteles (*Ética a Nicômaco* V, 10), correção da lei quando, por sua generalidade, ela falha num caso particular; é comparada à régua de chumbo dos construtores de Lesbos, que se adapta à forma da pedra. Na tradição jurídica, designa a justiça do caso concreto. → *Ver também:* Justiça (Política, p. 49); Interpretação jurídica.

Estado de direito Ideal do governo pelas leis e não pelos homens. Lon Fuller (*The Morality of Law*, 1964) enumerou oito exigências da "moralidade interna do direito": generalidade, publicidade, irretroatividade, clareza, não contradição, possibilidade de cumprimento, estabilidade e congruência entre as regras e a ação oficial. → *Ver também:* Constitucionalismo; Separação dos poderes.

F

Fórmula de Radbruch Tese de Gustav Radbruch (1946): o direito positivo deve prevalecer mesmo quando injusto, salvo quando a contradição com a justiça atinge um grau "insuportável"; nesse caso, a lei deve ceder à justiça. Foi aplicada pelos tribunais alemães após o nazismo e nos processos contra os guardas do Muro de Berlim. → *Ver também:* Direito natural (jusnaturalismo); Positivismo jurídico.

G

Garantismo Teoria de Luigi Ferrajoli (*Direito e razão*, 1989): modelo de direito penal mínimo e, em geral, de limitação do poder pelo direito para tutelar os direitos fundamentais, distinguindo validade formal e substancial das normas. → *Ver também:* Constitucionalismo; Punição (teorias da).

I

Interpretação jurídica Atividade de determinar o sentido das normas. Savigny distinguiu os elementos gramatical, lógico, histórico e sistemático, aos quais se acrescentou o teleológico. Hart falou da "textura aberta" das regras, que deixa margem à discricionariedade; para Kelsen, a interpretação fixa uma moldura de sentidos possíveis, dentro da qual o juiz escolhe. → *Ver também:* Hermenêutica (Fenomenologia, p. 77); Direito como integridade.

L

Lacunas e antinomias Problemas da completude e da coerência do ordenamento, sistematizados por Norberto Bobbio (*Teoria do ordenamento jurídico*, 1960). As antinomias (normas incompatíveis) se resolvem pelos critérios hierárquico, cronológico e da especialidade; as lacunas, pela analogia, pelos costumes e pelos princípios gerais do direito. → *Ver também:* Antinomia (Lógica, p. 8); Interpretação jurídica.

N

Norma fundamental Na teoria de Kelsen, norma pressuposta, e não posta, que confere validade à primeira constituição histórica e, por meio dela, a todo o ordenamento: "deve-se obedecer à constituição". Kelsen a caracterizou como pressuposto lógico-transcendental. → *Ver também:* Teoria pura do direito; Regra de reconhecimento.

P

Pluralismo jurídico Coexistência de várias ordens normativas num mesmo espaço social, além do direito estatal. Eugen Ehrlich falou de um "direito vivo"; Boaventura de Sousa Santos estudou o "direito de Pasárgada", nome que deu ao sistema de resolução de conflitos de uma favela do Rio de Janeiro nos anos 1970. → *Ver também:* Positivismo jurídico.

Ponderação Na teoria de Robert Alexy (*Teoria dos direitos fundamentais*, 1985), método para resolver colisões de princípios, entendidos como mandamentos de otimização. Segue a máxima da proporcionalidade, com três etapas: adequação, necessidade e proporcionalidade em sentido estrito; a "lei da ponderação" relaciona o grau de restrição de um princípio à importância da satisfação do outro. Habermas a criticou por irracionalidade. → *Ver também:* Regras e princípios; Constitucionalismo.

Ponto de vista interno Em Hart, atitude crítico-reflexiva de quem aceita as regras como padrões de conduta e as usa para justificar exigências e críticas, distinta do mero hábito observável e da simples previsão de sanções (ponto de vista externo). → *Ver também:* Regra de reconhecimento; Regras primárias e secundárias.

Positivismo jurídico Tese de que a existência e o conteúdo do direito dependem de fatos sociais (suas fontes), e não de seu mérito moral (tese da separação). Representantes: Bentham, John Austin, Kelsen, Hart e Raz. O positivismo inclusivo (Waluchow, Coleman) admite critérios morais de validade se a regra de reconhecimento os incorporar; o exclusivo (Raz) os rejeita. → *Ver também:* Teoria pura do direito; Regra de reconhecimento; Direito natural (jusnaturalismo).

Punição (teorias da) O retributivismo justifica a pena como merecida (Kant; para Hegel, a pena é a negação da negação do direito); as teorias utilitárias, pela prevenção geral e especial de crimes (Beccaria, *Dos delitos e das penas*, 1764; Bentham). Hart propôs uma teoria mista; Feinberg (1965) destacou a função expressiva da pena; a justiça restaurativa enfatiza a reparação do dano e a reconciliação. → *Ver também:* Utilitarismo (Ética, p. 42); Garantismo.

R

Realismo jurídico O realismo americano (Oliver Wendell Holmes, Karl Llewellyn, Jerome Frank) concebe o direito como previsão do que os tribunais farão de fato, e é cético quanto ao poder das regras de determinar decisões; o escandinavo (Alf Ross, Karl Olivecrona) analisa o direito em termos de fatos psicológicos e sociais. → *Ver também:* Positivismo jurídico.

Regra de reconhecimento Em Hart (*O conceito de direito*, 1961), regra social, aceita pelos funcionários do ponto de vista interno, que identifica os critérios de validade das demais regras do sistema jurídico. → *Ver também:* Regras primárias e secundárias; Ponto de vista interno; Norma fundamental.

Regras e princípios Dworkin ("The Model of Rules", 1967) argumentou, contra Hart, que o direito contém, além de regras, princípios (como "ninguém pode beneficiar-se de seu próprio ilícito", no caso Riggs v. Palmer, 1889). Regras aplicam-se na forma "tudo ou nada"; princípios têm uma dimensão de peso. Alexy os define como mandamentos de otimização. → *Ver também:* Ponderação; Direito como integridade.

Regras primárias e secundárias Em Hart, as regras primárias impõem deveres; as secundárias conferem poderes e remediam os defeitos de um sistema só de regras primárias: a regra de reconhecimento (contra a incerteza), as regras de alteração (contra a estática) e as de julgamento (contra a ineficiência). O direito é a união de ambas. → *Ver também:* Regra de reconhecimento.

S

Separação dos poderes Doutrina de Montesquieu (*O espírito das leis*, 1748): para evitar o abuso, os poderes legislativo, executivo e judiciário devem estar

em mãos distintas, de modo que "o poder freie o poder". Os federalistas americanos desenvolveram o sistema de freios e contrapesos. → *Ver também:* Estado de direito; Constitucionalismo.

T

Teoria imperativista do direito Teoria de John Austin (*The Province of Jurisprudence Determined*, 1832): o direito é um conjunto de comandos do soberano, a quem a maioria obedece habitualmente, apoiados em sanções. Hart a criticou comparando-a à ordem de um assaltante armado, que obriga sem criar obrigação. → *Ver também:* Positivismo jurídico; Regras primárias e secundárias.

Teoria pura do direito Obra e teoria de Hans Kelsen (1934; 2ª ed., 1960): ciência do direito livre de elementos morais, políticos e sociológicos, que descreve o ordenamento como uma estrutura escalonada de normas, cada qual válida por derivar de uma norma superior, até a norma fundamental. → *Ver também:* Norma fundamental; Positivismo jurídico; Eficácia e validade.

Teoria tridimensional do direito Teoria do jurista e filósofo brasileiro Miguel Reale (1968): o direito é a integração dialética de fato, valor e norma; a norma resulta da tensão entre fatos sociais e valores, numa "dialética de implicação e polaridade". → *Ver também:* Positivismo jurídico.

ÁREA 13

Estética e Filosofia da Arte

Natureza da experiência estética, do belo e do sublime, do gosto, da arte e de suas obras, interpretação e valor.

37 verbetes

A

Apolíneo e dionisíaco Par de conceitos de Nietzsche (*O nascimento da tragédia*, 1872): o apolíneo é o princípio da forma, da medida, da individuação e do sonho; o dionisíaco, o da embriaguez, da dissolução do indivíduo e da unidade com a natureza. A tragédia grega teria nascido de sua união. → *Ver também:* Vontade de poder (Moderna, p. 75).

Arte (definição de) As principais concepções: imitação (Platão, Aristóteles), expressão de emoções (Tolstói, Collingwood), forma significante (Clive Bell, 1914), teoria institucional (George Dickie, 1974: artefato a que alguém, agindo em nome do mundo da arte, conferiu o estatuto de candidato à apreciação), definições históricas (Levinson) e de "agregado" de critérios (Berys Gaut). Morris Weitz (1956), inspirado em Wittgenstein, sustentou que "arte" é um conceito aberto e indefinível. → *Ver também:* Mundo da arte; Mímesis; Expressão (teoria da).

Arte pela arte Doutrina (*l'art pour l'art*) de que a arte não precisa de justificação moral, política ou utilitária. Formulada no prefácio de Théophile Gautier a *Mademoiselle de Maupin* (1835) e associada ao esteticismo de Walter Pater e Oscar Wilde. → *Ver também:* Formalismo estético; Valor estético.

Aura Conceito de Walter Benjamin ("A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", 1935-1936): a aparição única de algo distante, por mais próximo que esteja, ligada à autenticidade e ao valor de culto da obra. A reprodução técnica (fotografia, cinema) destrói a aura, com efeitos políticos ambivalentes: o fascismo estetiza a política, e o comunismo responde politizando a arte. → *Ver também:* Indústria cultural; Autenticidade e falsificação.

Autenticidade e falsificação Problema de por que uma falsificação perfeita valeria menos que o original. Nelson Goodman (*Linguagens da arte*, 1968) distinguiu artes autográficas, como a pintura, em que há falsificação, e alográficas, como a música, definidas por notação. O caso dos falsos Vermeer de Han van Meegeren é o exemplo clássico. → *Ver também:* Aura; Ontologia da obra de arte.

B

Belo Platão (*Banquete*) descreveu a ascensão dos corpos belos ao Belo em si; Tomás de Aquino enumerou como condições do belo a integridade, a proporção e a claridade; Kant (*Crítica da faculdade de julgar*, 1790) definiu o belo como o que agrada universalmente sem conceito; Hegel considerou o belo artístico superior ao natural, por nascer do espírito. → *Ver também:* Sublime; Gosto (juízo de); Transcendentais (Medieval, p. 70).

C

Catarse Na *Poética* de Aristóteles (cap. 6), efeito da tragédia que, suscitando compaixão (*eleos*) e temor (*phobos*), realiza a catarse dessas emoções. É interpretada como purgação (sentido médico), purificação moral ou clarificação intelectual. → *Ver também:* Mímesis; Paradoxo da tragédia.

D

Desinteresse Característica do juízo estético segundo Shaftesbury e Kant: o prazer no belo não depende da existência do objeto nem de um desejo de possuí-lo ou usá-lo. Jerome Stolnitz falou de uma "atitude estética" desinteressada, cuja existência George Dickie contestou ("O mito da atitude estética", 1964). → *Ver também:* Gosto (juízo de); Finalidade sem fim; Experiência estética.

E

Estética Termo criado por Alexander Baumgarten (*Meditationes*, 1735; *Aesthetica*, 1750-1758) para a ciência do conhecimento sensível, que se tornou a disciplina do belo e da arte. Em Kant, "estética transcendental" designa a teoria das formas da sensibilidade; Hegel preferiu chamar a disciplina de filosofia da arte. → *Ver também:* Formas puras da sensibilidade (Moderna, p. 73); Belo.

Estética ambiental Ramo que estuda a apreciação estética da natureza e dos ambientes. Ronald Hepburn (1966) denunciou o esquecimento da beleza natural; Allen Carlson propôs um modelo em que a apreciação adequada da natureza é guiada pelo conhecimento científico. → *Ver também:* Sublime; Ética ambiental (Ética aplicada, p. 45).

Estética da recepção Corrente da escola de Constança (Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser): o sentido da obra se constitui na relação com os leitores, em função de seu "horizonte de expectativas"; Iser falou do "leitor implícito" e dos vazios do texto que o leitor preenche. → *Ver também:* Fusão de horizontes (Fenomenologia, p. 77); Obra aberta; Morte do autor (Continental, p. 81).

Experiência estética Para John Dewey (*Arte como experiência*, 1934), experiência integrada e consumatória, que a arte intensifica. Monroe Beardsley a caracterizou por unidade, intensidade e complexidade. Seu caráter distintivo é contestado. → *Ver também:* Desinteresse; Experiência (Dewey) (Educação, p. 90).

Expressão (teoria da) Concepção de que a arte expressa emoções. Para Tolstói (*O que é arte?*, 1898), a arte transmite por contágio sentimentos vividos pelo artista; para Collingwood (*Os princípios da arte*, 1938), expressar é esclarecer uma emoção. A música "triste" é explicada pela semelhança de contorno com expressões humanas (Peter Kivy, Stephen Davies). → *Ver também:* Música (filosofia da); Arte (definição de).

F

Feio Categoria estética negativa, objeto da *Estética do feio* de Karl Rosenkranz (1853), que a tratou como momento dialético do belo. A arte moderna e contemporânea explorou sistematicamente o feio, o grotesco e o abjeto. → *Ver também:* Belo; Sublime.

Finalidade sem fim Na terceira *Crítica* de Kant, o belo apresenta a forma de uma finalidade (parece feito para o livre jogo de nossas faculdades) sem a representação de um fim determinado. → *Ver também:* Belo; Juízo reflexionante (Moderna, p. 74); Teleologia (Ciência, p. 34).

Formalismo estético Concepção de que o valor estético reside nas propriedades formais da obra (linhas, cores, relações, estrutura). Eduard Hanslick (*Do belo musical*, 1854) definiu a música como "formas sonoras em movimento"; Clive Bell e Roger Fry falaram de "forma significante"; Clement Greenberg defendeu a autonomia formal da pintura modernista. → *Ver também:* Arte pela arte; Música (filosofia da).

Fotografia e cinema (ontologia de) André Bazin ("Ontologia da imagem fotográfica", 1945) viu na fotografia um traço mecânico da realidade; Kendall Walton (1984) argumentou que as fotografias são "transparentes": por meio delas vemos literalmente o objeto. Stanley Cavell (*O mundo visto*, 1971) refletiu sobre o cinema como projeção de um mundo. → *Ver também:* Representação pictórica; Aura.

G

Gênio Na *Crítica da faculdade de julgar* (§46), talento natural que dá a regra à arte; suas produções são originais e exemplares, e o próprio gênio não sabe explicar como as produz. A noção foi central para o romantismo. → *Ver também:* Belo.

Gosto (juízo de) Hume ("Do padrão do gosto", 1757) encontrou o padrão no veredito conjunto de verdadeiros críticos, dotados de delicadeza, prática, capacidade de comparação, ausência de preconceito e bom senso. Kant analisou o juízo de gosto como singular, desinteressado e com pretensão de validade universal subjetiva, fundada num senso comum. Bourdieu (*A distinção*, 1979) tratou o gosto como marcador de classe. → *Ver também:* Desinteresse; Belo; Habitus (Continental, p. 81).

I

Indústria cultural Conceito de Adorno e Horkheimer (*Dialética do esclarecimento*, 1947): produção industrial e padronizada de bens culturais que integra os consumidores ao sistema e lhes oferece uma individualidade ilusória. → *Ver também:* Escola de Frankfurt (Continental, p. 80); Aura; Sociedade do espetáculo (Continental, p. 82).

Intenção autoral Wimsatt e Beardsley ("A falácia intencional", 1946) sustentaram que a intenção do autor não é disponível nem desejável como padrão de interpretação. O intencionalismo atual (Noël Carroll) e o hipotético (Jerrold Levinson) defendem versões de sua relevância. → *Ver também:* Morte do autor (Continental, p. 81); Hermenêutica (Fenomenologia, p. 77).

K

Kitsch Arte ou objeto de gosto duvidoso, sentimental, imitativo e fácil. Clement Greenberg ("Vanguarda e kitsch", 1939) opôs-no à vanguarda; Milan Kundera o caracterizou como negação de tudo o que é inaceitável na existência. → *Ver também:* Vanguarda; Indústria cultural.

M

Mímesis Imitação ou representação. Platão (*República* X) condenou a arte como cópia de cópias, a três graus de distância da verdade (a Forma da cama, a cama do marceneiro, a cama pintada); Aristóteles (*Poética*) considerou a imitação natural ao ser humano e fonte de aprendizado e prazer. Erich Auerbach (*Mimesis*, 1946) estudou a representação da realidade na literatura ocidental. → *Ver também:* Arte (definição de); Catarse; Teoria das Formas (Antiga, p. 67).

Mundo da arte Noção de Arthur Danto ("The Artworld", 1964): ver algo como arte exige uma atmosfera de teoria artística e um conhecimento da história da arte. As *Caixas Brillo* de Andy Warhol, indis-

cerníveis de caixas comuns, mostram que nenhuma propriedade perceptível define a arte (*A transfiguração do lugar-comum*, 1981). Danto também falou do "fim da arte". → *Ver também:* Arte (definição de); Ready-made.

Música (filosofia da) Investiga a natureza da obra musical, a expressão e a compreensão musical. Schopenhauer viu na música uma cópia imediata da própria vontade, e não das Ideias; Hanslick defendeu o formalismo; Kivy e Levinson estudaram a ontologia e a expressividade da música. → *Ver também:* Formalismo estético; Expressão (teoria da); Vontade (em Schopenhauer) (Moderna, p. 75).

O

Obra aberta Conceito de Umberto Eco (*Obra aberta*, 1962): obras, especialmente modernas, que solicitam a participação ativa do intérprete e admitem uma pluralidade de leituras, sem por isso admitir qualquer leitura. → *Ver também:* Estética da recepção.

Ontologia da obra de arte Questão do tipo de entidade que é uma obra de arte. Pinturas parecem objetos físicos; obras musicais e literárias, tipos com muitas ocorrências (Richard Wollheim, Nicholas Wolterstorff; para Levinson, tipos indicados por um compositor num contexto histórico); outros as concebem como ações ou eventos (Gregory Currie, David Davies). → *Ver também:* Autenticidade e falsificação; Universal (Metafísica, p. 22).

P

Paradoxo da ficção Problema formulado por Colin Radford (1975): (1) emoções exigem crença na existência de seu objeto; (2) não cremos que personagens fictícios existam; (3) no entanto, comovemo-nos com eles. Kendall Walton (*Mimesis as Make-Believe*, 1990) propôs que se trata de quase emoções num jogo de faz de conta. → *Ver também:* Emoção (Mente, p. 28); Nomes vazios (Linguagem, p. 25); Resistência imaginativa.

Paradoxo da tragédia Problema de por que sentimos prazer com obras que nos fazem sentir tristeza, medo ou compaixão. Hume ("Da tragédia", 1757) atribuiu-o à conversão das paixões pela eloquência; outros falam de catarse ou do valor cognitivo da experiência. → *Ver também:* Catarse.

Propriedades estéticas Frank Sibley ("Conceitos estéticos", 1959) observou que propriedades como graciosa, delicada ou equilibrada exigem gosto para serem percebidas e não decorrem de regras a partir de propriedades não estéticas. Kendall Walton ("Categorias da arte", 1970) mostrou que elas dependem da categoria em que a obra é percebida. → *Ver também:* Gosto (juízo de); Valor estético.

R

Ready-made Objeto comum, industrial, apresentado como obra de arte. A *Fonte* de Marcel Duchamp (1917), um urinol assinado "R. Mutt", desafiou as definições perceptuais e artesanais da arte. → *Ver também:* Mundo da arte; Arte (definição de); Vanguarda.

Representação pictórica Questão de como imagens representam. Teorias: semelhança, ilusão (Gombrich, *Arte e ilusão*, 1960), convenção (Goodman: imagens denotam como símbolos, sem necessidade de semelhança), o "ver-em" de Richard Wollheim, com sua dupla consciência da superfície e do objeto, e o faz de conta de Walton. → *Ver também:* Mímesis; Fotografia e cinema (ontologia de).

Resistência imaginativa Fenômeno discutido por Hume e retomado por Tamar Gendler (2000): resistimos a imaginar, num mundo ficcional, que atos moralmente monstruosos são corretos, embora imaginemos facilmente impossibilidades físicas. → *Ver também:* Paradoxo da ficção.

S

Sistema das belas-artes Paul Oskar Kristeller (1951-1952) mostrou que o agrupamento moderno de pintura, escultura, arquitetura, música e poesia como "belas-artes" só se consolidou no século XVIII, com obras como *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio* (Charles Batteux, 1746). → *Ver também:* Arte (definição de).

Sublime Categoria estética do que excede nossa capacidade de compreensão. Tratada no *Do sublime*, atribuído a Longino (século I); Edmund Burke (1757) o associou a um deleite ligado ao terror experimentado à distância; Kant distinguiu o sublime matemático (grandeza) e o dinâmico (poder), em que a razão descobre sua superioridade sobre a natureza; Lyotard o ligou às vanguardas. → *Ver também:* Belo; Estética ambiental.

V

Valor estético Debate sobre a natureza do valor estético (hedonista, cognitivista, empirista) e sobre sua relação com o valor moral: autonomismo (independência), moralismo moderado (Noël Carroll), eticismo (Berys Gaut: defeitos morais são defeitos estéticos). Goodman e Nussbaum defenderam o valor cognitivo da arte. → *Ver também:* Propriedades estéticas; Arte pela arte.

Vanguarda Movimentos artísticos que rompem com as tradições e as instituições da arte (futurismo, dadaísmo, surrealismo, construtivismo). Peter Bürger (*Teoria da vanguarda*, 1974) caracterizou as vanguardas históricas como ataque à instituição arte e à sua separação da vida. → *Ver também:* Ready-made; Kitsch.

ÁREA 14

Filosofia da Religião

Exame racional das crenças religiosas: argumentos sobre a existência de Deus, atributos divinos, problema do mal, fé, razão e experiência religiosa.

36 verbetes

A

Agnosticismo Suspensão do juízo sobre a existência de Deus, por se considerar a questão sem resposta acessível ao conhecimento humano. O termo foi cunhado por T. H. Huxley (1869). → *Ver também:* Ateísmo; Teísmo.

Analogia (linguagem religiosa) Problema de como falar de Deus com termos tirados das criaturas. Para Tomás de Aquino, termos como "bom" ou "sábio" não se dizem de Deus nem univocamente nem equivocamente, mas por analogia; as alternativas são a via negativa e a linguagem simbólica. → *Ver também:* Analogia do ser (Medieval, p. 68); Teologia negativa; Univocidade do ser (Medieval, p. 71).

Aposta de Pascal Argumento dos *Pensamentos* (publicação póstuma, 1670): como a existência de Deus não pode ser demonstrada, é prudente "apostar" nela, pois o ganho possível é infinito e a perda, finita. Objeções: há muitos deuses possíveis; a crença não é voluntária; uma fé por cálculo seria inautêntica. → *Ver também:* Vontade de crer (Epistemologia, p. 16); Fideísmo.

Argumento cosmológico Família de argumentos que partem da existência de coisas contingentes, do movimento ou da causalidade para concluir a existência de uma causa primeira ou de um ser necessário: as três primeiras vias de Tomás de Aquino, Leibniz e Samuel Clarke. A versão *kalam* (al-Ghazali; William Lane Craig, 1979) argumenta que o universo começou a existir e, portanto, tem uma causa. Críticos: Hume e Kant. → *Ver também:* Quinque viae (Medieval, p. 70); Princípio de razão suficiente (Metafísica, p. 21); Kalam (Medieval, p. 69).

Argumento do desígnio Argumento teleológico: a ordem e a adaptação da natureza indicam um projetista inteligente. William Paley (*Teologia natural*, 1802) comparou o mundo a um relógio encontrado numa charneca; Hume (*Diálogos sobre a religião natural*, 1779) criticou a analogia, e Darwin ofereceu uma explicação alternativa. A versão contemporânea apela ao ajuste fino das constantes físicas, contestada pelo princípio antrópico e pela hipótese do multiverso. → *Ver também:* Teleologia (Ciência, p. 34); Teologia natural.

Argumento moral Família de argumentos que concluem a existência de Deus a partir da moralidade. Kant tratou Deus e a imortalidade como postulados da razão prática, necessários para pensar a realização do sumo bem; versões contemporâneas (Robert Adams, Craig) sustentam que obrigações morais objetivas exigem um fundamento divino. → *Ver também:* Teoria do mandamento divino; Dilema de Eutífron.

Argumento ontológico Argumento a priori que deriva a existência de Deus de seu conceito. Anselmo (*Proslógio*, 1077-1078): Deus é aquilo do qual nada maior pode ser pensado, e existir na realidade é maior que existir só no pensamento. Gaunilo objetou com a "ilha perfeita"; Descartes (*Meditação* V) reformulou-o; Kant objetou que "ser não é um predicado real". Há versões modais de Gödel e de Plantinga (*The Nature of Necessity*, 1974). → *Ver também:* Existência (Metafísica, p. 18); Lógica modal (Lógica, p. 10).

Ateísmo Crença de que Deus, ou deuses, não existem (ateísmo positivo) ou simples ausência de crença em deuses (ateísmo negativo). O "novo ateísmo" dos anos 2000 (Dawkins, Dennett, Harris, Hitchens) deu ao tema projeção pública. → *Ver também:* Agnosticismo; Problema do mal; Ocultamento divino.

Atributos divinos Propriedades atribuídas a Deus no teísmo clássico: onipotência, onisciência, perfeita bondade, eternidade, imutabilidade, simplicidade e impassibilidade. Sua coerência, individual e conjunta, é tema central da filosofia da religião analítica. → *Ver também:* Paradoxo da pedra; Simplicidade divina; Presciência divina e liberdade.

C

Criação ex nihilo Doutrina de que Deus criou o mundo a partir do nada, contra a tese aristotélica da eternidade do mundo. Tomás de Aquino sustentou que a razão não pode demonstrar que o mundo teve começo, verdade conhecida apenas pela fé (*Sobre a eternidade do mundo*). → *Ver também:* Argumento cosmológico; Averroísmo latino (Medieval, p. 68).

Crítica da religião Tradição que explica a religião por causas humanas. Feuerbach (*A essência do cristianismo*, 1841) viu nela a projeção da essência humana; Marx a chamou de "ópio do povo"; Nietzsche, de expressão do ressentimento; Freud (*O fu-*

turo de uma ilusão, 1927), de ilusão nascida do desejo de proteção paterna. → *Ver também:* Alienação (Política, p. 47); Morte de Deus (Moderna, p. 74); Hermenêutica da suspeita (Fenomenologia, p. 77).

D

Deísmo Crença num Deus criador conhecido pela razão, que não intervém no mundo por milagres ou revelações. Floresceu nos séculos XVII e XVIII (Herbert de Cherbury, John Toland, Matthew Tindal, Voltaire, Thomas Paine). → *Ver também:* Teísmo; Milagre; Teologia natural.

Dilema de Eutífron Problema do *Eutífron* de Platão (10a): o piedoso é amado pelos deuses porque é piedoso, ou é piedoso porque é amado pelos deuses? Em versão monoteísta: Deus ordena o bem porque é bom, ou o bem é bom porque Deus o ordena? O primeiro chifre parece tornar a moral independente de Deus; o segundo, arbitrária. → *Ver também:* Teoria do mandamento divino; Argumento moral.

E

Epistemologia reformada Posição de Alvin Plantinga, Nicholas Wolterstorff e William Alston: a crença em Deus pode ser "apropriadamente básica", isto é, justificada ou garantida sem argumentos, como a crença em outras mentes, se produzida por faculdades que funcionam corretamente, como o *sensus divinitatis* de Calvino (*Warranted Christian Belief*, 2000). → *Ver também:* Fundacionalismo (Epistemologia, p. 14); Evidencialismo (Epistemologia, p. 14); Fideísmo.

Eternidade divina Para Boécio (*A consolação da filosofia* V), a eternidade é a posse simultânea e perfeita de uma vida interminável: Deus está fora do tempo e vê todos os tempos num presente eterno (Stump e Kretzmann, "Eternity", 1981). A concepção alternativa vê Deus como sempiterno, existindo em todos os tempos (Wolterstorff). → *Ver também:* Presciência divina e liberdade; Atributos divinos.

Experiência religiosa Experiências tidas como encontro com o divino. William James (*As variedades da experiência religiosa*, 1902) caracterizou a experiência mística por inefabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade; William Alston (*Perceiving God*, 1991) defendeu que a prática de formar crenças a partir dela é racional, como a percepção sensível. → *Ver também:* Sagrado (o); Epistemologia reformada.

F

Fé e razão Problema da relação entre crença religiosa e razão. Tertuliano perguntou "o que tem Atenas a ver com Jerusalém?"; Agostinho e Anselmo falaram da fé que busca compreender; Tomás de Aquino distinguiu os preâmbulos da fé, demonstráveis, e os artigos de fé, revelados; Kierkegaard pôs a fé acima da razão. → *Ver também:* Fideísmo; Fé que busca compreender (Medieval, p. 69); Salto de fé (Fenomenologia, p. 79).

Fideísmo Tese de que a fé religiosa não depende de razões ou é superior à razão. É atribuída a Kierkegaard e, em certas leituras, a Pascal; Kai Nielsen (1967) falou de um "fideísmo wittgensteiniano", para o qual a religião é um jogo de linguagem que só pode ser avaliado por dentro. → *Ver também:* Fé e razão; Salto de fé (Fenomenologia, p. 79); Jogos de linguagem (Linguagem, p. 24).

I

Imortalidade da alma Tese de que a alma sobrevive à morte do corpo. Platão a defendeu no *Fédon* com os argumentos dos contrários, da reminiscência e da afinidade da alma com as Formas; Kant a tratou como postulado da razão prática; a dependência da mente em relação ao cérebro é a principal objeção. A ressurreição corporal levanta problemas de identidade pessoal (van Inwagen, 1978). → *Ver também:* Psykhé (Antiga, p. 66); Identidade pessoal (Metafísica, p. 19); Dualismo de substância (Mente, p. 28).

M

Milagre Para Hume (*Investigação sobre o entendimento humano*, seção X, 1748), violação de uma lei da natureza por vontade divina; nunca seria racional crer num relato de milagre, a menos que a falsidade do testemunho fosse ainda mais milagrosa que o fato relatado. John Earman (*Hume's Abject Failure*, 2000) contestou o argumento. → *Ver também:* Testemunho (Epistemologia, p. 16); Leis da natureza (Metafísica, p. 19); Deísmo.

Molinismo Doutrina do jesuíta Luis de Molina (*Concordia*, 1588): Deus possui uma "ciência média" dos contrafactuais da liberdade, isto é, do que cada criatura livre faria em cada circunstância possível, o que concilia a providência com a liberdade libertária. A principal objeção é: o que torna verdadeiros esses contrafactuais? (Robert Adams, 1977). → *Ver também:* Presciência divina e liberdade; Contrafactual (Metafísica, p. 17).

O

Ocultamento divino Argumento de J. L. Schellenberg (*Divine Hiddenness and Human Reason*, 1993): se existisse um Deus perfeitamente amoroso, não haveria descrença não resistente (de quem está aberto a crer); como há, tal Deus não existe. → *Ver também:* Ateísmo; Problema do mal.

P

Panteísmo Doutrina que identifica Deus e a totalidade da natureza, como em Espinosa (*Deus sive Natura*). O panenteísmo (termo de K. C. F. Krause, 1828) sustenta que o mundo está em Deus, mas Deus excede o mundo, e é adotado pela teologia do processo (Whitehead, Hartshorne). → *Ver também:* Deus sive Natura (Moderna, p. 72); Teísmo.

Paradoxo da pedra Pergunta se Deus pode criar uma pedra tão pesada que não possa levantá-la: se pode, há algo que não pode fazer; se não pode, também. A resposta usual (desde Tomás de Aquino) é que a onipotência é o poder de fazer tudo o que é logicamente possível. → *Ver também:* Atributos divinos.

Pluralismo religioso Para John Hick (*An Interpretation of Religion*, 1989), as grandes religiões são respostas culturalmente condicionadas a uma mesma Realidade última, que em si mesma excede todas elas, numa adaptação da distinção kantiana entre número e fenômeno. Contrasta com o exclusivismo (só uma religião é verdadeira ou salvífica) e o inclusivismo (Karl Rahner e os "cristãos anônimos"). → *Ver também:* Tolerância (Política, p. 52); Coisa em si (Moderna, p. 72).

Presciência divina e liberdade Problema: se Deus sabe infalivelmente que farei x amanhã, parece que não posso deixar de fazê-lo. Soluções: a eternidade divina (Boécio), a distinção entre necessidade do consequente e da consequência, a ciência média (Molina) e o teísmo aberto, que nega que o futuro livre seja cognoscível. Nelson Pike (1965) renovou o debate. → *Ver também:* Eternidade divina; Molinismo; Fatalismo (Metafísica, p. 18).

Problema do mal Problema de conciliar a existência de um Deus onipotente, onisciente e perfeitamente bom com o mal no mundo. A versão lógica (J. L. Mackie, "Evil and Omnipotence", 1955) alega uma contradição; a evidencial (William Rowe, 1979) argumenta que sofrimentos aparentemente gratuitos, como o de uma corça queimada num incêndio florestal, tornam improvável a existência de Deus. Respostas: a defesa do livre-arbítrio (Plantinga, 1974), as teodiceias e o teísmo cético. → *Ver também:* Teodiceia; Teísmo cético; Mal (Ética, p. 41).

R

Religião Os conceitos de religião variam: crença em seres espirituais (E. B. Tylor, 1871); sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que une numa comunidade moral (Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa*, 1912); sistema de símbolos que formula uma ordem geral da existência (Clifford Geertz). → *Ver também:* Sagrado (o); Crítica da religião.

S

Sagrado (o) Para Rudolf Otto (*O sagrado*, 1917), o numinoso, experimentado como *mysterium tremendum et fascinans*, que causa ao mesmo tempo temor e atração. Mircea Eliade (*O sagrado e o profano*, 1957) falou de hierofanias, manifestações do sagrado no mundo. → *Ver também:* Experiência religiosa; Religião.

Simplicidade divina Doutrina (Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino) de que Deus não tem partes nem composição, nem distinção entre essência e existência ou entre seus atributos. Plantinga (*Does God Have a Nature?*, 1980) objetou que ela torna Deus uma propriedade. → *Ver também:* Atributos divinos; Essência e existência (Medieval, p. 68).

T

Teísmo Crença num Deus pessoal, criador, transcendente e atuante no mundo. O teísmo clássico (Agostinho, Tomás de Aquino) afirma a simplicidade, a imutabilidade e a atemporalidade de Deus; o teísmo aberto (Pinnock, Hasker, nos anos 1990) concebe Deus no tempo e o futuro como aberto. → *Ver também:* Deísmo; Atributos divinos; Panteísmo.

Teísmo cético Resposta ao problema evidencial do mal (Stephen Wykstra, 1984; Michael Bergmann): nossa incapacidade de ver uma razão divina para certo mal não é evidência de que tal razão não exista, dada a distância entre o conhecimento humano e o divino. A objeção principal é que isso levaria a um ceticismo moral generalizado. → *Ver também:* Problema do mal.

Teodiceia Termo de Leibniz (*Ensaios de teodiceia*, 1710) para a justificação de Deus diante do mal; Leibniz sustentou que este é o melhor dos mundos possíveis. Outras teodiceias: do livre-arbítrio (Agostinho) e da "formação de almas" (inspirada em Ireneu; John Hick, *Evil and the God of Love*, 1966), para a qual o mal permite o crescimento moral. → *Ver também:* Problema do mal; Melhor dos mundos possíveis (Moderna, p. 74); Mal como privação (Medieval, p. 69).

Teologia natural Conhecimento de Deus obtido pela razão natural, sem recurso à revelação, por meio de argumentos como o cosmológico, o teleológico e o ontológico. Opõe-se à teologia revelada; as Gifford Lectures, desde 1888, são dedicadas a ela. → *Ver também:* Argumento cosmológico; Argumento do desígnio.

Teologia negativa Via apofática: Deus só pode ser conhecido pelo que não é, pois excede todo conceito. Desenvolvida por Pseudo-Dionísio, o Areopagita (séculos V-VI), Maimônides (*Guia dos perplexos*, c. 1190), Mestre Eckhart e Nicolau de Cusa. → *Ver também:* Analogia (linguagem religiosa); Douta ignorância (Medieval, p. 68).

Teoria do mandamento divino Teoria de que a moralidade depende das ordens de Deus: algo é obriga-

tório porque Deus o ordena. Associada ao voluntarismo de Ockham; versões contemporâneas (Robert Adams, Philip Quinn) a restringem às ordens de um Deus amoroso. → *Ver também:* Dilema de Eutífron; Voluntarismo e intelectualismo (Medieval, p. 71); Argumento moral.

ÁREA 15

Filosofia Antiga

Conceitos, escolas e problemas da filosofia grega e romana, dos pré-socráticos ao neoplatonismo (séculos VI a.C. a VI d.C.).

72 verbetes

A

Academia Escola fundada por Platão em Atenas, por volta de 387 a.C. Distinguem-se a Academia Antiga (Espeusipo, Xenócrates) e a Nova, de orientação cética (Arcésilau, Carnéades). Sua história se estende até o fechamento das escolas de Atenas, tradicionalmente datado de 529 d.C., sob Justiniano. → *Ver também:* Ceticismo acadêmico; Liceu.

Alegoria da caverna Imagem da *República* de Platão (livro VII): prisioneiros acorrentados desde a infância veem apenas sombras projetadas na parede de uma caverna e as tomam pela realidade. A libertação e a subida penosa até a luz do sol figuram a educação filosófica até a contemplação do Bem; o retorno à caverna, o dever político do filósofo. → *Ver também:* Teoria das Formas; Linha dividida; Paideia.

Anamnese Reminiscência. Para Platão (*Mênon*, *Fédon*), aprender é recordar o que a alma contemplou antes de nascer. No *Mênon*, Sócrates leva um escravo sem instrução a descobrir, por perguntas, como duplicar a área de um quadrado. → *Ver também:* Teoria das Formas; Ideias inatas (Epistemologia, p. 14); Maiêutica.

Apatheia Para os estoicos, ausência de paixões (*pathê*), entendidas como perturbações irracionais e excessivas: desejo, medo, prazer e aflição. Não é insensibilidade: o sábio experimenta "boas emoções" (*eupatheiai*), como a alegria e a cautela. → *Ver também:* Estoicismo; Ataraxia.

Apeiron O ilimitado ou indeterminado, princípio de todas as coisas segundo Anaximandro de Mileto (século VI a.C.), do qual se separam os contrários. → *Ver também:* Arkhé; Pré-socráticos; Dikê.

Aretê Excelência, virtude: a qualidade pela qual algo cumpre bem sua função, seja uma faca, um cavalo ou um ser humano. A pergunta sobre se a *aretê* humana pode ser ensinada atravessa os diálogos platônicos. → *Ver também:* Virtude (Ética, p. 42); Ergon (argumento da função).

Arkhé Princípio, origem e fundamento de todas as coisas, buscado pelos primeiros filósofos: a água (Tales), o ilimitado (Anaximandro), o ar (Anaxímenes), o fogo (Heráclito), o número (pitagóricos), as quatro raízes movidas por Amor e Ódio (Empédocles), as sementes ordenadas pelo Intelecto (Anaxágoras), os átomos e o vazio (Leucipo e Demócrito). → *Ver também:* Pré-socráticos; Physis.

Ataraxia Imperturbabilidade, tranquilidade da alma. É o fim visado pelos epicuristas, junto com a ausência de dor no corpo (*aponia*), e pelos céticos pirrônicos, como consequência da suspensão do juízo. → *Ver também:* Epicurismo; Pirronismo; Epoché (Epistemologia, p. 14).

Atomismo Doutrina de Leucipo e Demócrito (século V a.C.): a realidade é composta de átomos, corpos indivisíveis e imutáveis, e de vazio; as qualidades sensíveis existem apenas por convenção. Foi retomada por Epicuro e por Lucrécio (*Da natureza das coisas*) e, na era moderna, por Gassendi e pela química. → *Ver também:* Clinâmen; Epicurismo; Materialismo (Metafísica, p. 20).

Autarkeia Autossuficiência. Para Aristóteles, a felicidade é autossuficiente e a pólis, a comunidade autossuficiente; para cínicos e estoicos, o sábio basta a si mesmo. → *Ver também:* Cinismo; Eudaimonia.

C

Ceticismo acadêmico Fase cética da Academia platônica, iniciada por Arcésilau (século III a.C.) e continuada por Carnéades (século II a.C.), que atacou o critério estoico de verdade e admitiu o "persuasivo" (*pithanon*) como guia da ação. Cícero (*Acadêmicas*) é a principal fonte. → *Ver também:* Academia; Pirronismo; Representação compreensiva.

Cinismo Escola de Antístenes e, sobretudo, de Diógenes de Sínope (século IV a.C.), o "cão", que vivia num tonel e procurava, de lanterna em punho, um ser humano. Os cínicos defendiam a vida segundo a natureza, o desprezo pelas convenções (*nomos*), a autossuficiência e a franqueza (*parrhêsia*). Influenciaram o estoicismo. → *Ver também:* Autarkeia; Nomos e physis; Cosmopolitismo (Política, p. 48).

Cirenaicos Escola fundada por Aristipo de Cirene (séculos V-IV a.C.), para a qual o bem supremo é o prazer corporal presente, e não a mera ausência de dor. Diferencia-se do hedonismo mais moderado de Epicuro. → *Ver também:* Hedonismo (Ética, p. 41); Epicurismo.

Clinâmen Em Epicuro e Lucrécio, o desvio mínimo e espontâneo dos átomos em sua queda,

sem o qual não haveria colisões nem formação de mundos, e que preservaria a liberdade contra o determinismo. → *Ver também:* Atomismo; Livre-arbítrio (Metafísica, p. 19).

Cosmos Ordem, arranjo harmonioso; o mundo como totalidade ordenada. A tradição atribui a Pitágoras o uso da palavra para designar o universo. → *Ver também:* Pitagorismo; Logos.

D

Daimon Divindade intermediária ou espírito guardião. Na *Apologia* de Platão, Sócrates fala de um sinal divino, uma voz interior que o dissuadia de certos atos. Para Heráclito, o caráter é o *daimon* do homem. → *Ver também:* Problema socrático.

Demiurgo No *Timeu* de Platão, o artesão divino que ordena a matéria caótica, contemplando as Formas como modelo, e produz um cosmos vivo e ordenado, junto com o tempo, "imagem móvel da eternidade". Para os gnósticos, um deus inferior e ignorante. → *Ver também:* Teoria das Formas; Khôra.

Devir (Heráclito) Heráclito de Éfeso (c. 500 a.C.) ensinou que tudo está em fluxo: não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. A fórmula *panta rhei* ("tudo flui") resume a tradição; a mudança é governada por um *logos* comum e pela unidade dos contrários, e o fogo é seu símbolo. → *Ver também:* Logos; Poema de Parmênides.

Dicotomia do controle Princípio de Epicteto (*Manual*, 1): algumas coisas dependem de nós (juízos, impulsos, desejos e aversões) e outras não (corpo, bens, reputação, cargos). A tranquilidade consiste em ocupar-se só com as primeiras. → *Ver também:* Estoicismo; Prohairesis.

Dikê Justiça, ordem. No fragmento de Anaximandro, as coisas pagam umas às outras a pena pela injustiça, segundo a ordem do tempo. → *Ver também:* Justiça (Política, p. 49); Apeiron.

Doxa Opinião, crença, aparência. Em Parmênides, a "via da opinião" dos mortais opõe-se à via da verdade; em Platão, a *doxa* refere-se ao mundo sensível e opõe-se à *epistêmê*. → *Ver também:* Episteme; Linha dividida; Poema de Parmênides.

Doxografia Coleção das opiniões (*doxai*) dos filósofos antigos, compiladas a partir de Teofrasto. Hermann Diels (*Doxographi Graeci*, 1879) estudou suas fontes; a edição de Diels e Kranz dos pré-socráticos numera os testemunhos (A) e os fragmentos (B). → *Ver também:* Pré-socráticos.

E

Eleatas Escola de Eleia (sul da Itália): Parmênides, Zenão e Melisso, para os quais o ser é uno, imóvel e eterno, e a multiplicidade e o movimento são aparências. → *Ver também:* Poema de Parmênides; Paradoxos de Zenão.

Elenchos Refutação socrática: Sócrates examina a tese de um interlocutor (por exemplo, uma definição de coragem) e mostra que ela é incompatível com outras crenças que ele aceita, levando-o à aporia e ao reconhecimento da própria ignorância. → *Ver também:* Ironia socrática; Aporia (Metafilosofia, p. 5); Maiêutica.

Enteléquia Em Aristóteles, estado de completude ou realização de algo, sinônimo aproximado de ato. A alma é definida como "a primeira enteléquia de um corpo natural organizado" (*Da alma* II, 1). → *Ver também:* Ato e potência (Metafísica, p. 17); Psykhé.

Epicurismo Escola de Epicuro (341-270 a.C.), o Jardim. O bem é o prazer, entendido como ausência de dor no corpo e de perturbação na alma; distinguem-se desejos naturais e necessários, naturais e não necessários, e vazios. A física atomista liberta do medo dos deuses e da morte, pois "a morte nada é para nós" (*Carta a Meneceu*). A amizade tem papel central. → *Ver também:* Atomismo; Tetrafármaco; Ataraxia; Hedonismo (Ética, p. 41).

Episteme Conhecimento científico, demonstrativo, do universal e do necessário (Aristóteles, *Segundos Analíticos*); em Platão, conhecimento das Formas, oposto à *doxa*. Em Foucault, o termo designa a configuração de saber de uma época. → *Ver também:* Doxa; Episteme (Foucault) (Continental, p. 80).

Ergon (argumento da função) Argumento de Aristóteles (*Ética a Nicômaco* I, 7): o bem de cada coisa está em cumprir bem sua função própria; a função própria do ser humano é a atividade racional da alma; logo, o bem humano é a atividade da alma segundo a virtude. → *Ver também:* Eudaimonia; Aretê.

Escola megárica Escola fundada por Euclides de Mégara, discípulo de Sócrates. Eubúlides formulou paradoxos célebres (o mentiroso, o monte, o encapuzado); Diodoro Cronos propôs o "argumento dominador" sobre a possibilidade; Fílon de Mégara definiu o condicional de modo verofuncional, antecipando o condicional material. → *Ver também:* Paradoxo do mentiroso (Lógica, p. 10); Sorites (Lógica, p. 11); Condicional material (Lógica, p. 8).

Estoicismo Escola fundada por Zenão de Cício por volta de 300 a.C., no Pórtico Pintado (*Stoa Poikile*) de Atenas; desenvolvida por Cleantes e Crisipo e, em Roma, por Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Dividia a filosofia em lógica, física e ética. Viver bem é viver segundo a natureza, que é razão (*logos*); só a virtude é um bem, e as demais coisas são "indiferentes", al-

guns preferíveis. → *Ver também:* Apatheia; Logos; Dicotomia do controle; Oikeiosis.

Eudaimonia Felicidade, florescimento, vida bem-sucedida. Para Aristóteles (*Ética a Nicômaco* I), é o bem supremo e o fim último, desejado por si mesmo: a atividade da alma segundo a virtude numa vida completa. As escolas helenísticas propuseram concepções rivais. → *Ver também:* Felicidade (Ética, p. 40); Ergon (argumento da função); Theoria.

H

Hilozoísmo Doutrina de que a matéria é viva ou animada, atribuída aos filósofos de Mileto; Tales teria dito que "tudo está cheio de deuses". → *Ver também:* Pré-socráticos; Panpsiquismo (Mente, p. 29).

Hylé Matéria; em Aristóteles, o substrato que recebe a forma e persiste na mudança. A tradição posterior falou de uma "matéria-prima" totalmente indeterminada. → *Ver também:* Hilemorfismo (Metafísica, p. 19); Ato e potência (Metafísica, p. 17).

I

Intelectualismo socrático Teses atribuídas a Sócrates: a virtude é conhecimento, e o vício, ignorância; ninguém faz o mal voluntariamente; quem sabe o que é bom o faz. Aristóteles as criticou por ignorar a incontinência. → *Ver também:* Akrasia (Ética, p. 39); Problema socrático.

Ironia socrática Atitude de Sócrates que finge ignorância (*eirôneia*) para levar o interlocutor a expor e examinar suas opiniões. A fórmula "só sei que nada sei" é uma condensação tardia da *Apologia* (21d), em que Sócrates diz não pensar saber o que não sabe. → *Ver também:* Elenchos; Maiêutica.

K

Khôra No *Timeu*, o receptáculo ou "ama" do devir, terceiro gênero além das Formas e das cópias sensíveis, apreendido por um "raciocínio bastardo". Derrida dedicou-lhe um ensaio (1993). → *Ver também:* Demiurgo.

L

Lekton Para os estoicos, o "dizível": o significado incorpóreo de uma expressão. Os *lekta* completos que podem ser verdadeiros ou falsos (*axiômata*) antecipam a noção moderna de proposição. → *Ver também:* Proposição (Lógica, p. 11); Estoicismo.

Liceu Escola fundada por Aristóteles em Atenas em 335 a.C., cujos membros eram chamados peripatéticos (de *peripatos*, passeio coberto). Teofrasto foi seu sucessor. → *Ver também:* Academia.

Linha dividida Imagem da *República* (509d-511e) que divide o conhecimento em quatro graus: imaginação (*eikasia*) e crença (*pistis*), no domínio do sensível; pensamento discursivo (*dianoia*), próprio da matemática, e intelecção (*noêsis*), no domínio do inteligível. → *Ver também:* Alegoria da caverna; Doxa; Episteme.

Logos Palavra, discurso, razão, proporção, fundamento. Para Heráclito, o *logos* comum que governa todas as coisas; para os estoicos, a razão divina imanente ao cosmos, com suas "razões seminais" (*logoi spermatikoi*); no Evangelho de João, o Verbo. → *Ver também:* Devir (Heráclito); Estoicismo.

M

Maiêutica A "arte do parto" que Sócrates diz praticar no *Teeteto* (150b-151d): como sua mãe, que era parteira, ele não gera sabedoria, mas ajuda os outros a "dar à luz" as próprias ideias e examina se são viáveis. → *Ver também:* Elenchos; Ironia socrática; Ensino de filosofia (Educação, p. 90).

Mesótes Meio-termo. Para Aristóteles, a virtude ética é a disposição de escolher o meio-termo relativo a nós, tal como o determinaria o homem prudente: a coragem entre a covardia e a temeridade, a generosidade entre a avareza e a prodigalidade. → *Ver também:* Virtude (Ética, p. 42); Phronesis.

Metempsicose Transmigração das almas de um corpo a outro, inclusive de animais, ensinada pelos pitagóricos e por Empédocles e retomada por Platão no mito de Er (*República* X). → *Ver também:* Pitagorismo; Imortalidade da alma (Religião, p. 60).

Motor imóvel Em Aristóteles (*Física* VIII; *Metafísica* XII), o primeiro motor, eterno e sem potencialidade, que move sem ser movido, como objeto de desejo e de amor. É ato puro, pensamento que pensa a si mesmo (*noêsis noêseôs*). → *Ver também:* Ato e potência (Metafísica, p. 17); Argumento cosmológico (Religião, p. 59); Nous.

N

Neoplatonismo Corrente iniciada por Plotino (205-270; *Enéadas*, editadas por Porfírio) e continuada por Porfírio, Jâmblico e Proclo. A realidade emana do Uno, passando pelo Intelecto (*Nous*) e pela Alma até a matéria, e a alma pode retornar ao Uno pela contemplação. Influenciou Agostinho, Pseudo-Dionísio e o Renascimento (Ficino). → *Ver também:* Uno (o); Nous; Teologia negativa (Religião, p. 61).

Nomos e physis Oposição entre convenção (*nomos*) e natureza (*physis*), central nos debates sofísticos do século V a.C. Cálicles, no *Górgias*, sustenta que, por natureza, é justo que o mais forte tenha mais; Antifonte opõe as leis às exigências da natureza. → *Ver também:* Sofistas; Cinismo.

Nous Intelecto. Para Anaxágoras, o *Nous* ordena o cosmos; para Aristóteles (*Da alma* III, 5), há um intelecto agente, separado e imortal, e um intelecto paci-

ente, cuja interpretação gerou longos debates; para Plotino, é a segunda hipóstase. → *Ver também:* Intelecto agente (Medieval, p. 69); Neoplatonismo.

O

Oikeiosis Para os estoicos, a tendência natural de todo ser vivo a apropriar-se de si e preservar-se, que no ser humano se estende progressivamente aos próximos e à humanidade inteira, como nos círculos concêntricos de Hiérocles. → *Ver também:* Estoicismo; Cosmopolitismo (Política, p. 48).

Ousia Termo grego traduzido por substância ou essência. Em Aristóteles, designa sobretudo a substância, primeira das categorias, e, na *Metafísica*, aquilo que é em sentido primário. → *Ver também:* Substância (Metafísica, p. 21); Essência (Metafísica, p. 18); Categoria (Metafísica, p. 17).

P

Paideia Educação e formação do ser humano grego, que integra corpo, caráter e intelecto. Werner Jaeger (*Paideia*, 1933-1947) fez dela a chave da cultura grega. → *Ver também:* Bildung (Educação, p. 89); Alegoria da caverna.

Paradoxos de Zenão Argumentos de Zenão de Eleia (século V a.C.) contra a pluralidade e o movimento: Aquiles nunca alcança a tartaruga; para percorrer uma distância é preciso percorrer antes sua metade, infinitamente (dicotomia); a flecha em voo está em repouso em cada instante; e o estádio. Aristóteles respondeu com o infinito potencial; a análise moderna usa séries convergentes e a teoria dos contínuos de Cantor e Dedekind. → *Ver também:* Eleatas; Infinito atual e potencial (Matemática, p. 36).

Philia Amizade, amor recíproco. Aristóteles (*Ética a Nicômaco* VIII-IX) distinguiu amizades por utilidade, por prazer e por virtude, a única perfeita, em que o amigo é "outro eu". → *Ver também:* Eudaimonia.

Phronesis Sabedoria prática ou prudência: em Aristóteles, a virtude intelectual de deliberar bem sobre o que é bom e útil para a vida como um todo. É inseparável das virtudes éticas: não se pode ser prudente sem ser bom, nem bom sem ser prudente. → *Ver também:* Mesótes; Ética das virtudes (Ética, p. 40); Sophia.

Physis Natureza; para Aristóteles (*Física* II, 1), princípio interno de movimento e repouso dos seres naturais, distinto dos artefatos. → *Ver também:* Nomos e physis; Arkhé.

Pirronismo Ceticismo que remonta a Pirro de Élis (c. 360-270 a.C.), desenvolvido por Enesidemo (dez modos) e Agripa (cinco modos) e exposto por Sexto Empírico (*Hipotiposes pirrônicas*, séculos II-III d.C.). Diante da equipolência (*isostheneia*) dos argumentos contrários, o cético suspende o juízo (*epochê*) e alcança a tranquilidade. → *Ver também:* Ceticismo (Epistemologia, p. 13); Trilema de Agripa (Epistemologia, p. 16); Epoché (Epistemologia, p. 14).

Pitagorismo Movimento filosófico e religioso fundado por Pitágoras de Samos (século VI a.C.) em Crotona: o número como princípio das coisas, a harmonia musical e cósmica, a transmigração das almas e um modo de vida comunitário. A descoberta das grandezas incomensuráveis, como a diagonal do quadrado, teria abalado a doutrina. → *Ver também:* Metempsicose; Cosmos.

Poema de Parmênides Poema de Parmênides de Eleia (c. 500 a.C.) que opõe a via da verdade e a via da opinião. Pela primeira, o ser é e o não ser não é; o não ser não pode ser pensado nem dito; o ser é ingênito, imperecível, uno, contínuo e imóvel, como uma esfera bem redonda; "pensar e ser são o mesmo". → *Ver também:* Eleatas; Ser (Metafísica, p. 21); Doxa.

Polis Cidade-Estado grega. Para Aristóteles (*Política* I, 2), o ser humano é por natureza um animal político (*zôon politikon*), e quem vive fora da cidade é uma fera ou um deus. → *Ver também:* Autarkeia; Bem comum (Política, p. 47).

Pré-socráticos Pensadores gregos anteriores a Sócrates ou seus contemporâneos, de Tales a Demócrito, conhecidos por fragmentos e testemunhos. Foram chamados por Aristóteles de "fisiólogos", pois investigavam a *physis* e buscavam a *arkhé* das coisas. → *Ver também:* Arkhé; Doxografia.

Problema socrático Dificuldade de reconstruir o pensamento do Sócrates histórico, que nada escreveu, a partir de fontes divergentes: Platão, Xenofonte, Aristófanes (*As nuvens*) e Aristóteles. Na *Apologia*, Sócrates afirma que uma vida sem exame não vale a pena ser vivida. → *Ver também:* Intelectualismo socrático; Ironia socrática.

Prohairesis Escolha deliberada. Em Aristóteles (*Ética a Nicômaco* III), o desejo deliberado das coisas que estão em nosso poder; em Epicteto, a faculdade da escolha, o único bem verdadeiramente nosso. → *Ver também:* Dicotomia do controle; Akrasia (Ética, p. 39).

Psykhé Alma, princípio da vida. Para Platão, tripartite (racional, irascível e apetitiva: *República* IV; imagem do carro alado no *Fedro*) e imortal; para Aristóteles, forma do corpo vivo, com funções nutritiva, sensitiva e racional. → *Ver também:* Imortalidade da alma (Religião, p. 60); Enteléquia.

Q

Quatro causas Para Aristóteles (*Física* II, 3; *Metafísica* V, 2), explicar algo é dar suas quatro causas: material (aquilo de que é feito, o bronze da estátua), formal (o que é, sua forma), eficiente (o que produz a mudança, o escultor) e final (aquilo em vista de que,

o fim). → *Ver também:* Teleologia (Ciência, p. 34); Causalidade (Metafísica, p. 17); Hilemorfismo (Metafísica, p. 19).

R

Rei-filósofo Tese da *República* (473c-d): os males das cidades não cessarão enquanto os filósofos não governarem ou os governantes não filosofarem verdadeiramente. → *Ver também:* Alegoria da caverna.

Representação compreensiva Critério de verdade dos estoicos (*phantasia katalêptikê*): impressão que provém do que é, está impressa em conformidade com o que é, e de tal modo que não poderia provir do que não é. Foi o principal alvo dos céticos acadêmicos. → *Ver também:* Estoicismo; Ceticismo acadêmico.

S

Sofistas Mestres itinerantes do século V a.C. que ensinavam retórica e virtude política mediante pagamento: Protágoras ("o homem é a medida de todas as coisas"), Górgias (para quem nada existe; se existisse, não seria cognoscível; se cognoscível, não seria comunicável), Pródico, Hípias e Trasímaco (a justiça é o interesse do mais forte). Platão os pintou negativamente; Hegel e George Grote os reabilitaram. → *Ver também:* Relativismo (Metafilosofia, p. 7); Retórica (Lógica, p. 11); Nomos e physis.

Sophia Sabedoria teórica. Para Aristóteles, a mais alta das virtudes intelectuais, união de intelecção e ciência das realidades mais elevadas. → *Ver também:* Phronesis; Theoria; Filosofia (Metafilosofia, p. 6).

T

Telos Fim, finalidade, acabamento. Para Aristóteles, a natureza nada faz em vão, e o fim de um processo é parte de sua explicação. → *Ver também:* Quatro causas; Teleologia (Ciência, p. 34).

Teoria das Formas Doutrina de Platão segundo a qual existem Formas (ou Ideias) eternas, imutáveis e inteligíveis, como o Belo em si e o Justo em si, das quais as coisas sensíveis participam e que são o objeto do verdadeiro conhecimento. A Forma do Bem é comparada ao sol. O próprio Platão, no *Parmênides*, apresentou objeções, como a do "terceiro homem", retomada por Aristóteles. → *Ver também:* Universal (Metafísica, p. 22); Alegoria da caverna; Anamnese.

Tetrafármaco "Quádruplo remédio" epicurista, na formulação de Filodemo: o deus não deve ser temido; a morte não deve preocupar; o bem é fácil de obter; o mal é fácil de suportar. → *Ver também:* Epicurismo.

Theoria Contemplação. Para Aristóteles (*Ética a Nicômaco* X, 7-8), a vida contemplativa (*bios theôrêtikos*) é a mais elevada e feliz, pois exerce o que há de mais divino em nós. → *Ver também:* Eudaimonia; Sophia.

U

Uno (o) Para Plotino, o primeiro princípio, absolutamente simples, além do ser e do pensamento, do qual tudo emana sem que ele se diminua; só é alcançado numa união mística (*henôsis*). → *Ver também:* Neoplatonismo; Teologia negativa (Religião, p. 61).

ÁREA 16

Filosofia Medieval

Filosofia latina, árabe e judaica do fim da Antiguidade ao Renascimento: patrística, escolástica, falsafa e seus debates sobre fé, razão, ser, universais e linguagem.

38 verbetes

A

Analogia do ser Doutrina de Tomás de Aquino segundo a qual "ente" se diz de Deus e das criaturas, e da substância e dos acidentes, não univocamente nem equivocamente, mas por analogia. Caetano (*Sobre a analogia dos nomes*, 1498) sistematizou as analogias de atribuição e de proporcionalidade. → *Ver também:* Univocidade do ser; Analogia (linguagem religiosa) (Religião, p. 59); Ser (Metafísica, p. 21).

Averroísmo latino Corrente de mestres de artes de Paris no século XIII (Siger de Brabante, Boécio de Dácia) que lia Aristóteles segundo Averróis, sustentando teses como a eternidade do mundo e a unicidade do intelecto para todos os humanos. Seus adversários lhes atribuíram uma doutrina da "dupla verdade", filosófica e teológica. → *Ver também:* Condenações de 1277; Falsafa; Intelecto agente.

C

Cidade de Deus Obra de Agostinho (*A cidade de Deus*, 413-426): duas cidades foram fundadas por dois amores, a terrena, pelo amor de si até o desprezo de Deus, e a celeste, pelo amor de Deus até o desprezo de si. É uma teologia e filosofia da história escrita após o saque de Roma (410). → *Ver também:* Patrística.

Condenações de 1277 Lista de 219 proposições condenadas pelo bispo de Paris, Estêvão Tempier, em 1277, muitas de origem aristotélica e averroísta (por exemplo, que Deus não poderia criar vários mundos). Pierre Duhem viu nelas uma das origens da ciência moderna, tese hoje muito discutida. → *Ver também:* Averroísmo latino; Potentia absoluta e ordinata.

Consequências (teoria das) Teoria medieval das inferências válidas (Ockham, Buridan, Pseudo-Escoto), que distinguia consequências formais e materiais e formulou princípios próximos da lógica proposicional moderna, como as leis de De Morgan. → *Ver também:* Consequência lógica (Lógica, p. 8); Lógica proposicional (Lógica, p. 10).

D

Distensão da alma Concepção do tempo nas *Confissões* de Agostinho (livro XI): o tempo existe na alma, como distensão (*distentio animi*) entre memória do passado, atenção ao presente e expectativa do futuro. → *Ver também:* Tempo (Metafísica, p. 21); Consciência interna do tempo (Fenomenologia, p. 76).

Distinção formal Distinção introduzida por Duns Escoto, intermediária entre a distinção real (entre coisas separáveis) e a distinção de razão (feita apenas pela mente): vale entre aspectos (formalidades) de uma mesma coisa, como os atributos divinos ou a natureza comum e a haecceidade de um indivíduo. Ockham a rejeitou. → *Ver também:* Haecceidade (Metafísica, p. 19); Univocidade do ser.

Douta ignorância Doutrina de Nicolau de Cusa (*A douta ignorância*, 1440): o infinito escapa à razão discursiva, e o conhecimento mais alto é saber que não se sabe; em Deus coincidem os opostos (*coincidentia oppositorum*), e o conhecimento finito procede por conjecturas. → *Ver também:* Teologia negativa (Religião, p. 61).

E

Escolástica Filosofia e teologia ensinadas nas escolas e universidades medievais entre os séculos XI e XVII, com método próprio de leitura, questão e disputa: Anselmo, Abelardo, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, Duns Escoto e Ockham. A "segunda escolástica" ibérica (Vitória, Suárez, Molina e os comentadores de Coimbra) teve grande influência na era moderna. → *Ver também:* Método escolástico; Patrística.

Esse (ato de ser) Em Tomás de Aquino, o ato de ser (*actus essendi*), atualidade de todos os atos e perfeição de todas as perfeições, que a essência recebe e limita nas criaturas. → *Ver também:* Essência e existência; Ato e potência (Metafísica, p. 17).

Essência e existência Avicena distinguiu a essência de uma coisa e sua existência, que lhe advém. Tomás de Aquino (*O ente e a essência*, c. 1252-1256) sustentou que, em todas as criaturas, essência e existência (*esse*) se distinguem realmente, ao passo que em Deus são idênticas: Deus é o próprio ser subsistente.

Henrique de Gand e Escoto discordaram de uma distinção real. → *Ver também:* Esse (ato de ser); Simplicidade divina (Religião, p. 61); Essência (Metafísica, p. 18).

F

Falsafa Filosofia de língua árabe de inspiração grega: al-Kindi (século IX), al-Farabi (o "segundo mestre", autor de *A cidade virtuosa*), Avicena (Ibn Sina) e Averróis (Ibn Rushd, o "Comentador" de Aristóteles). Al-Ghazali a atacou em *A incoerência dos filósofos* (c. 1095), e Averróis respondeu com *A incoerência da incoerência* (c. 1180). → *Ver também:* Kalam; Homem voador; Averroísmo latino.

Fé que busca compreender Programa de Anselmo de Cantuária (*fides quaerens intellectum*, subtítulo original do *Proslógio*): a fé busca a compreensão racional daquilo em que crê. Retoma a máxima agostiniana "crê para compreender". → *Ver também:* Fé e razão (Religião, p. 60); Argumento ontológico (Religião, p. 59).

H

Homem voador Experimento mental de Avicena: um homem criado de repente no ar, adulto, de olhos vendados e sem nenhuma sensação, nem mesmo do próprio corpo, ainda afirmaria a própria existência. Logo, a alma seria distinta do corpo. É frequentemente comparado ao cogito cartesiano. → *Ver também:* Cogito (Moderna, p. 72); Dualismo de substância (Mente, p. 28); Falsafa.

I

Iluminação divina Teoria de Agostinho segundo a qual conhecemos verdades eternas e imutáveis porque a mente é iluminada por Deus, o "mestre interior" (*O mestre*). Defendida por Boaventura e abandonada por Tomás de Aquino, que atribuiu essa função ao intelecto agente de cada pessoa. → *Ver também:* Intelecto agente; Anamnese (Antiga, p. 63).

Individuação (princípio de) Aquilo que faz um indivíduo ser este indivíduo, distinto dos demais da mesma espécie. Para Tomás de Aquino, a matéria assinalada pela quantidade; para Duns Escoto, a haecceidade; para Ockham e Suárez, nenhum princípio adicional é necessário, pois toda coisa é individual por si mesma. → *Ver também:* Haecceidade (Metafísica, p. 19); Identidade dos indiscerníveis (Metafísica, p. 19).

Insolubilia Nome medieval para os paradoxos semânticos, como o do mentiroso. Os lógicos medievais (Thomas Bradwardine, Buridan, entre outros) propuseram soluções que restringiam a autorreferência ou analisavam o que tais frases significam. → *Ver também:* Paradoxo do mentiroso (Lógica, p. 10); Autorreferência (Lógica, p. 8).

Intelecto agente Faculdade que, segundo *Da alma* III, 5, de Aristóteles, torna inteligíveis em ato as formas contidas nas imagens sensíveis. Alexandre de Afrodísias o identificou com o intelecto divino; Avicena, com uma inteligência separada, "doadora de formas"; Averróis sustentou um intelecto material único para toda a humanidade; Tomás de Aquino (*A unidade do intelecto contra os averroístas*, 1270) o considerou uma faculdade de cada alma. → *Ver também:* Nous (Antiga, p. 65); Abstração (Metafilosofia, p. 5); Averroísmo latino.

K

Kalam Teologia dialética islâmica, que defendia racionalmente as doutrinas religiosas. Os mutazilitas enfatizaram a unidade e a justiça divinas; os asharitas desenvolveram um ocasionalismo atomista, em que Deus recria o mundo a cada instante. O argumento *kalam* sustenta que o universo teve um começo e, portanto, uma causa. → *Ver também:* Argumento cosmológico (Religião, p. 59); Ocasionalismo (Moderna, p. 75); Falsafa.

L

Lei natural Em Tomás de Aquino (*Suma teológica* I-II, q. 90-97), lei é uma ordenação da razão para o bem comum, promulgada por quem cuida da comunidade. Distinguem-se a lei eterna, a natural (participação da criatura racional na lei eterna, cujo primeiro preceito é que o bem deve ser feito e buscado, e o mal evitado), a humana e a divina. → *Ver também:* Direito natural (jusnaturalismo) (Direito, p. 53); Sindérese.

Linguagem mental Teoria de Guilherme de Ockham de que o pensamento é uma linguagem de termos mentais, conceitos que são signos naturais das coisas e se combinam em proposições mentais, anteriores às línguas faladas e escritas, convencionais. → *Ver também:* Nominalismo (Metafísica, p. 20); Linguagem do pensamento (Mente, p. 29); Suposição (teoria da).

M

Mal como privação Doutrina de Agostinho (*Confissões* VII; *Enquirídio*), contra o maniqueísmo: o mal não é uma substância, mas a privação de um bem devido (*privatio boni*), como a cegueira é a privação da visão. → *Ver também:* Mal (Ética, p. 41); Teodiceia (Religião, p. 61).

Método escolástico Método de ensino e investigação das universidades medievais, baseado na leitura comentada (*lectio*) e na disputa (*disputatio*). Uma questão apresenta argumentos a favor ("parece que...") e contra ("mas em sentido contrário..."), a solução do mestre ("respondo") e as respostas às objeções. Abelardo, em *Sim e não* (c. 1120), reuniu autoridades contraditórias para estimular a investigação. → *Ver também:* Escolástica; Dialética (Metafilosofia, p. 5).

N

Navalha de Ockham Princípio de parcimônia: não se devem postular entidades sem necessidade. Ockham escreveu que a pluralidade não deve ser posta sem necessidade; a fórmula célebre "as entidades não devem ser multiplicadas além do necessário" é posterior (John Punch, 1639). É usada como critério de escolha entre teorias. → *Ver também:* Nominalismo (Metafísica, p. 20); Inferência para a melhor explicação (Ciência, p. 32).

P

Patrística Filosofia e teologia dos Padres da Igreja (séculos II a VIII): os apologistas (Justino), os alexandrinos (Clemente e Orígenes), os capadócios e Agostinho, que realizaram uma síntese entre o cristianismo e a filosofia grega, sobretudo platônica. → *Ver também:* Cidade de Deus; Neoplatonismo (Antiga, p. 65).

Potentia absoluta e ordinata Distinção entre o que Deus pode fazer absolutamente (tudo o que não implica contradição) e o que decidiu fazer na ordem que estabeleceu. Foi muito explorada por Ockham e pelos nominalistas para sublinhar a contingência da criação. → *Ver também:* Voluntarismo e intelectualismo; Condenações de 1277.

Q

Querela dos universais Debate medieval suscitado pelas questões de Porfírio na *Isagoge*, traduzida por Boécio: gêneros e espécies existem fora da mente ou só nela? São corpóreos ou incorpóreos? Estão separados das coisas sensíveis ou nelas? Posições: realismo extremo (Guilherme de Champeaux), realismo moderado (Tomás de Aquino), conceitualismo e nominalismo (Roscelino, que via nos universais simples "sopros de voz"; Abelardo; Ockham). → *Ver também:* Universal (Metafísica, p. 22); Nominalismo (Metafísica, p. 20); Linguagem mental.

Quinque viae As cinco vias de Tomás de Aquino para provar a existência de Deus (*Suma teológica* I, q. 2, a. 3): pelo movimento (primeiro motor), pela causalidade eficiente (causa primeira), pela contingência (ser necessário), pelos graus de perfeição (ser máximo) e pelo governo das coisas (inteligência ordenadora). → *Ver também:* Argumento cosmológico (Religião, p. 59); Argumento do desígnio (Religião, p. 59); Motor imóvel (Antiga, p. 65).

R

Razões seminais Para Agostinho, princípios latentes (*rationes seminales*) depositados por Deus na criação, que se desenvolvem ao longo do tempo, explicando o surgimento de novos seres sem nova criação. → *Ver também:* Logos (Antiga, p. 65).

S

Sincategoremas Termos que não significam por si mesmos, mas apenas em combinação com outros, como "todo", "nenhum", "e", "se" e "não", em oposição aos categoremas (termos de significado próprio). Antecipam a noção moderna de constante lógica. → *Ver também:* Conectivo lógico (Lógica, p. 8); Quantificador (Lógica, p. 11).

Sindérese Disposição natural da razão prática aos primeiros princípios morais, que inclina ao bem e murmura contra o mal; a consciência (*conscientia*) é sua aplicação a casos particulares. → *Ver também:* Lei natural.

Suposição (teoria da) Teoria das propriedades referenciais dos termos na proposição, desenvolvida por Guilherme de Sherwood, Pedro Hispano (*Tratados*, século XIII), Ockham e Buridan. Na suposição pessoal, o termo está pelos indivíduos ("o homem corre"); na simples, pelo conceito ou natureza comum ("o homem é espécie"); na material, pela própria palavra ("homem tem cinco letras"). → *Ver também:* Uso e menção (Linguagem, p. 26); Referência (Linguagem, p. 25).

T

Teoria agostiniana do signo Para Agostinho (*A doutrina cristã*), signo é uma coisa que, além da forma que oferece aos sentidos, faz vir ao pensamento outra coisa. Distinguiu signos naturais e convencionais; Wittgenstein abre as *Investigações filosóficas* com uma crítica à imagem agostiniana da linguagem. → *Ver também:* Signo (Linguagem, p. 26); Jogos de linguagem (Linguagem, p. 24).

Transcendentais Noções que transcendem as categorias e se convertem com o ente: uno, verdadeiro e bom (e, para alguns, coisa, algo e belo). A doutrina foi elaborada por Filipe, o Chanceler (c. 1225), e por Tomás de Aquino (*Sobre a verdade*, q. 1, a. 1). → *Ver também:* Ser (Metafísica, p. 21); Belo (Estética, p. 56).

Trivium e quadrivium As sete artes liberais da educação medieval: o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), transmitidas por Marciano Capela, Boécio e Cassiodoro. → *Ver também:* Escolástica; Paideia (Antiga, p. 66).

U

Unicidade da forma substancial Tese de Tomás de Aquino de que cada substância tem uma única forma substancial (no ser humano, a alma intelectiva), contra a pluralidade de formas defendida por muitos franciscanos. Esteve entre as teses atacadas na década de 1270 em Oxford. → *Ver também:* Hilemorfismo (Metafísica, p. 19); Psykhé (Antiga, p. 66).

Univocidade do ser Tese de Duns Escoto de que o conceito de ente é unívoco, comum a Deus e às criaturas, condição para que se possa conhecer naturalmente algo de Deus. Opõe-se à analogia tomista; foi retomada por Deleuze. → *Ver também:* Analogia do ser; Distinção formal; Diferença (Deleuze) (Continental, p. 80).

V

Voluntarismo e intelectualismo Debate sobre o primado da vontade (Escoto, Ockham e, em geral, os franciscanos) ou do intelecto (Tomás de Aquino e os dominicanos), em Deus e no ser humano. O voluntarismo teológico favorece a teoria do mandamento divino. → *Ver também:* Teoria do mandamento divino (Religião, p. 61); Potentia absoluta e ordinata.

ÁREA 17

Filosofia Moderna

Do Renascimento ao século XIX: racionalismo, empirismo, Iluminismo, Kant, idealismo alemão e os críticos da razão moderna.

52 verbetes

A

Absoluto No idealismo alemão, a realidade incondicionada e total, que não depende de nada. Para Schelling, a identidade originária entre sujeito e objeto; para Hegel, o espírito que se conhece a si mesmo no termo de seu desenvolvimento, pois "o verdadeiro é o todo" (prefácio da *Fenomenologia do espírito*). → *Ver também:* Idealismo alemão; Espírito absoluto.

Além-do-homem Figura do *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche (1883-1885), *Übermensch*, também traduzida por super-homem: o ser humano que supera a si mesmo, cria seus próprios valores e afirma a vida depois da morte de Deus. → *Ver também:* Morte de Deus; Vontade de poder; Eterno retorno.

Amor fati "Amor ao destino": fórmula de Nietzsche para a afirmação integral da vida, que não quer nada diferente do que foi, é e será. → *Ver também:* Eterno retorno.

Apercepção transcendental Em Kant (*Crítica da razão pura*, B131-132), a unidade originária da autoconsciência, expressa no "eu penso", que deve poder acompanhar todas as minhas representações; é a condição suprema da unidade do conhecimento e da objetividade. → *Ver também:* Categorias do entendimento; Cogito.

Astúcia da razão Expressão de Hegel (*Lições sobre a filosofia da história*): a razão universal realiza seus fins na história servindo-se das paixões e interesses particulares dos indivíduos, sobretudo dos grandes homens históricos, que julgam perseguir apenas seus próprios objetivos. → *Ver também:* Espírito absoluto; Mão invisível (Política, p. 50).

Aufhebung Termo central da dialética de Hegel, traduzido por suprassunção (Paulo Meneses), superação ou suspensão, que reúne os sentidos de abolir, conservar e elevar: um momento é negado em sua unilateralidade, mas conservado e elevado num nível superior. → *Ver também:* Dialética (Metafilosofia, p. 5); Tese, antítese e síntese.

C

Categorias do entendimento Para Kant, os doze conceitos puros do entendimento, derivados da tábua dos juízos e agrupados em quantidade (unidade, pluralidade, totalidade), qualidade (realidade, negação, limitação), relação (substância, causalidade, comunidade) e modalidade (possibilidade, existência, necessidade). A dedução transcendental justifica sua validade objetiva para os objetos da experiência possível. → *Ver também:* Categoria (Metafísica, p. 17); Esquematismo; Idealismo transcendental.

Círculo cartesiano Objeção de Arnauld (*Quartas objeções* às *Meditações*): Descartes prova a existência de Deus a partir de ideias claras e distintas e, ao mesmo tempo, usa a existência de Deus para garantir a verdade das ideias claras e distintas. → *Ver também:* Ideias claras e distintas; Gênio maligno.

Cogito "Penso, logo existo" (*Discurso do método*, 1637; nas *Meditações*, 1641: "eu sou, eu existo" é necessariamente verdadeiro sempre que o penso). É a primeira certeza que resiste à dúvida mais radical. Discute-se se é uma inferência ou uma intuição; Hintikka (1962) o interpretou como desempenho performativo. Agostinho o antecipou: "se me engano, existo". → *Ver também:* Dúvida metódica; Res cogitans e res extensa; Homem voador (Medieval, p. 69).

Coisa em si Em Kant, a coisa tal como é independentemente de nosso modo de intuí-la, oposta ao fenômeno. É incognoscível; em sentido negativo, o número é um conceito-limite. Jacobi observou que sem a coisa em si não se entra no sistema kantiano e com ela não se pode permanecer nele. → *Ver também:* Idealismo transcendental; Revolução copernicana.

Conatus Em Espinosa (*Ética* III, prop. 6-7), o esforço pelo qual cada coisa, tanto quanto está em si, se esforça por perseverar em seu ser; é a própria essência atual da coisa. A noção aparece também em Hobbes. → *Ver também:* Deus sive Natura.

D

Deus sive Natura "Deus, ou seja, a Natureza": fórmula de Espinosa. Existe uma única substância infinita, com infinitos atributos, dos quais conhecemos

o pensamento e a extensão; todas as coisas são modos dessa substância. Distingue-se a natureza naturante (a substância e seus atributos) da natureza naturada (os modos). → *Ver também:* Panteísmo (Religião, p. 61); Modo e atributo; Monismo (Metafísica, p. 20).

Dúvida metódica Procedimento de Descartes: rejeitar como se fosse falso tudo o que admite a menor dúvida, para encontrar algo absolutamente certo. As razões de duvidar crescem das ilusões dos sentidos ao argumento do sonho e à hipótese de um Deus enganador ou gênio maligno. → *Ver também:* Cogito; Gênio maligno; Argumento do sonho (Epistemologia, p. 13).

E

Esclarecimento Iluminismo, *Aufklärung*. Para Kant ("Resposta à pergunta: que é esclarecimento?", 1784), a saída do ser humano de sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável; seu lema é *sapere aude*, "ousa saber" (Horácio). A *Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert (1751-1772) foi seu grande empreendimento coletivo. Adorno e Horkheimer criticaram sua dialética. → *Ver também:* Dialética do esclarecimento (Continental, p. 80); Autonomia (educação para a) (Educação, p. 89).

Espírito absoluto Na *Enciclopédia das ciências filosóficas* de Hegel (1817), último momento do sistema, em que o espírito se conhece a si mesmo na arte, na religião e na filosofia, depois do espírito subjetivo (a mente individual) e do espírito objetivo (direito, moralidade, eticidade). → *Ver também:* Absoluto; Eticidade.

Espírito de finura Pascal (*Pensamentos*) distinguiu o espírito de geometria, que raciocina a partir de princípios claros, e o espírito de finura, que apreende de uma só vez princípios sutis e numerosos. Afirmou também que o coração tem razões que a razão desconhece. → *Ver também:* Aposta de Pascal (Religião, p. 59); Fé e razão (Religião, p. 60).

Esquematismo Em Kant, procedimento da imaginação que torna aplicáveis as categorias puras às intuições sensíveis por meio de esquemas, determinações a priori do tempo; por exemplo, o esquema da substância é a permanência no tempo. Kant o chamou de uma arte oculta nas profundezas da alma humana. → *Ver também:* Categorias do entendimento; Formas puras da sensibilidade.

Esse est percipi "Ser é ser percebido": princípio do imaterialismo de George Berkeley (*Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*, 1710; *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, 1713). Só existem espíritos que percebem e ideias percebidas; as coisas que nenhum ser finito percebe continuam a existir na mente de Deus. → *Ver também:* Idealismo (Metafísica, p. 19); Qualidades primárias e secundárias.

Eterno retorno Pensamento de Nietzsche (*A gaia ciência*, §341, 1882; *Zaratustra*): a hipótese de que tudo se repetirá infinitas vezes, exatamente igual. Funciona como prova de afirmação da vida: seria possível querer que cada instante retornasse eternamente? → *Ver também:* Amor fati; Além-do-homem.

Eticidade *Sittlichkeit*: em Hegel (*Filosofia do direito*, 1820), a vida ética concreta das instituições (família, sociedade civil e Estado), que supera tanto o direito abstrato quanto a moralidade subjetiva (*Moralität*). → *Ver também:* Sociedade civil (Política, p. 52); Estado (Política, p. 48); Espírito absoluto.

F

Formas puras da sensibilidade Na "Estética transcendental" da *Crítica da razão pura*, espaço e tempo são formas a priori da intuição sensível (o espaço, do sentido externo; o tempo, do sentido interno), e não propriedades das coisas em si. Fundariam o caráter sintético a priori da geometria e da aritmética. → *Ver também:* Sintético a priori (Epistemologia, p. 16); Idealismo transcendental; Geometrias não euclidianas (Matemática, p. 36).

G

Garfo de Hume Divisão de Hume (*Investigação sobre o entendimento humano*, seção IV): todos os objetos da razão humana são relações de ideias (demonstráveis, como na matemática) ou questões de fato (empíricas e contingentes). A obra termina recomendando lançar às chamas os livros de metafísica que não contenham nem raciocínio abstrato sobre quantidade ou número, nem raciocínio experimental sobre questões de fato. → *Ver também:* Analítico e sintético (Epistemologia, p. 13); Verificacionismo (Linguagem, p. 26).

Genealogia da moral Obra de Nietzsche (1887) que investiga a origem dos valores morais. A moral aristocrática dos senhores opõe "bom" e "ruim"; a moral dos escravos, nascida do ressentimento, inverte os valores e opõe "bem" e "mal". Nietzsche analisa também a má consciência e o ideal ascético. → *Ver também:* Genealogia (Foucault) (Continental, p. 81); Niilismo; Hermenêutica da suspeita (Fenomenologia, p. 77).

Gênio maligno Hipótese da primeira das *Meditações* de Descartes: um gênio enganador, sumamente poderoso e astuto, empregaria toda a sua indústria para me enganar, até mesmo nas verdades matemáticas mais simples. → *Ver também:* Dúvida metódica; Cérebro numa cuba (Epistemologia, p. 13).

H

Hábito Para Hume, princípio da natureza humana pelo qual, após a observação repetida da conjunção constante entre dois tipos de eventos, a mente passa a esperar um quando o outro aparece. É o fundamento psicológico, e não racional, da inferência causal: "o grande guia da vida humana". → *Ver*

também: Causalidade (Metafísica, p. 17); Problema da indução (Epistemologia, p. 15).

Harmonia preestabelecida Doutrina de Leibniz: as mônadas não interagem; Deus coordenou desde a criação seus estados, como dois relógios perfeitamente sincronizados, o que explica a correspondência entre a alma e o corpo. → *Ver também:* Mônada; Ocasionalismo.

Humanismo renascentista Movimento intelectual dos séculos XIV a XVI centrado no estudo dos textos clássicos (*studia humanitatis*) e na dignidade humana: Petrarca, Lorenzo Valla, Pico della Mirandola (*Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486), Erasmo e Montaigne, cujos *Ensaios* (1580-1588) renovaram o ceticismo com a pergunta "que sei eu?". → *Ver também:* Ceticismo (Epistemologia, p. 13); Bildung (Educação, p. 89).

I

Idealismo alemão Movimento filosófico que vai de Kant a Hegel: Reinhold, Fichte (*Doutrina da ciência*, 1794, para a qual o Eu põe a si mesmo e põe o não-eu), Schelling (filosofia da natureza e da identidade) e Hegel. Buscou superar o dualismo kantiano entre fenômeno e coisa em si num sistema do absoluto. → *Ver também:* Absoluto; Idealismo (Metafísica, p. 19); Aufhebung.

Idealismo transcendental Doutrina de Kant: conhecemos as coisas apenas como fenômenos, condicionados pelas formas da sensibilidade e pelas categorias do entendimento, e não como são em si mesmas. É compatível com um realismo empírico. Há interpretações de "dois mundos" e de "dois aspectos" (Henry Allison). → *Ver também:* Coisa em si; Revolução copernicana; Sintético a priori (Epistemologia, p. 16).

Ideias claras e distintas Critério de verdade de Descartes: tudo o que concebo muito clara e distintamente é verdadeiro. Uma ideia é clara quando está presente e manifesta ao espírito atento, e distinta quando é tão precisa e separada das outras que só contém o que é claro. → *Ver também:* Cogito; Círculo cartesiano.

Ideias simples e complexas Para Locke (*Ensaio sobre o entendimento humano*, 1690), as ideias simples vêm da sensação ou da reflexão, e a mente forma a partir delas ideias complexas (modos, substâncias e relações) e ideias gerais, por abstração. → *Ver também:* Tábula rasa (Epistemologia, p. 16); Empirismo (Epistemologia, p. 14); Impressões e ideias.

Ídolos Para Francis Bacon (*Novo órganon*, 1620), falsas noções que bloqueiam o intelecto: ídolos da tribo (próprios da natureza humana), da caverna (individuais), do foro ou mercado (vindos da linguagem) e do teatro (vindos dos sistemas filosóficos). Bacon propôs um método indutivo baseado em tábuas de presença, de ausência e de graus. → *Ver também:* Indução (Lógica, p. 9); Obstáculo epistemológico (Ciência, p. 33).

Impressões e ideias Para Hume (*Tratado da natureza humana*, 1739-1740), as percepções dividem-se em impressões (sensações e paixões, vivas) e ideias (suas cópias mais fracas). Pelo princípio da cópia, toda ideia simples deriva de uma impressão correspondente, o que fornece um critério para desmascarar termos vazios. Hume admitiu uma exceção: o "tom de azul que falta". → *Ver também:* Ideias simples e complexas; Garfo de Hume.

J

Juízo reflexionante Na *Crítica da faculdade de julgar* (1790) de Kant, o juízo determinante subsume o particular sob um universal dado; o reflexionante busca um universal para um particular dado. Os juízos estéticos e teleológicos são reflexionantes. → *Ver também:* Gosto (juízo de) (Estética, p. 57); Finalidade sem fim (Estética, p. 57); Teleologia (Ciência, p. 34).

M

Mecanicismo Concepção da natureza como uma máquina explicável apenas por matéria e movimento (Descartes, Hobbes, Boyle). Descartes considerou os animais autômatos; La Mettrie (*O homem-máquina*, 1747) estendeu a tese ao ser humano. → *Ver também:* Materialismo (Metafísica, p. 20); Res cogitans e res extensa.

Melhor dos mundos possíveis Tese de Leibniz (*Teodiceia*, 1710; *Monadologia*, §§53-55): Deus, sumamente sábio e bom, escolheu criar o melhor dos mundos possíveis. Voltaire a satirizou em *Cândido* (1759), após o terremoto de Lisboa (1755), na figura de Pangloss. → *Ver também:* Teodiceia (Religião, p. 61); Princípio de razão suficiente (Metafísica, p. 21).

Modo e atributo Em Espinosa, atributo é aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo sua essência; modo é uma afecção da substância, aquilo que existe em outra coisa e é concebido por ela. → *Ver também:* Deus sive Natura; Substância (Metafísica, p. 21).

Mônada Em Leibniz (*Monadologia*, 1714), substância simples, sem partes nem extensão, "sem janelas" pelas quais algo possa entrar ou sair, dotada de percepção e apetição. Cada mônada é um espelho vivo do universo, de seu ponto de vista. → *Ver também:* Harmonia preestabelecida; Substância (Metafísica, p. 21).

Morte de Deus Anúncio de Nietzsche (*A gaia ciência*, §125, 1882), pela boca de um louco: "Deus está morto, e nós o matamos". Significa a perda de crédito da fé cristã e, com ela, do fundamento dos valores ocidentais, o que abre a era do niilismo. → *Ver também:* Niilismo; Além-do-homem; Crítica da religião (Religião, p. 59).

N

Niilismo Termo usado por Jacobi (1799) contra o idealismo e popularizado pelo romance *Pais e filhos* de Turguêniev (1862). Para Nietzsche, processo pelo qual os valores supremos se desvalorizam; distinguiu um niilismo passivo, de cansaço, e um ativo, que destrói para criar. → *Ver também:* Morte de Deus; Genealogia da moral.

O

Ocasionalismo Doutrina de Malebranche (*A busca da verdade*, 1674-1675), com antecedentes em al-Ghazali e em Geulincx: só Deus é causa verdadeira; os eventos criados são apenas ocasiões para a ação divina, o que resolve o problema da interação entre mente e corpo. → *Ver também:* Kalam (Medieval, p. 69); Harmonia preestabelecida; Causalidade (Metafísica, p. 17).

P

Paralelismo (Espinosa) Tese da *Ética* (II, prop. 7): a ordem e a conexão das ideias são as mesmas que a ordem e a conexão das coisas, pois pensamento e extensão são atributos de uma mesma substância. → *Ver também:* Modo e atributo; Monismo neutro (Mente, p. 29).

Perspectivismo Para Nietzsche, todo conhecimento é interpretação a partir de uma perspectiva, ligada a afetos e interesses vitais; não há um olhar de lugar nenhum. Em fragmento póstumo, afirma que não há fatos, apenas interpretações. → *Ver também:* Relativismo (Metafilosofia, p. 7); Vontade de poder.

Positivismo Filosofia de Auguste Comte (*Curso de filosofia positiva*, 1830-1842): pela lei dos três estados, o espírito humano passa pelo estado teológico, pelo metafísico e pelo positivo, em que renuncia às causas últimas e busca leis dos fenômenos. Comte classificou as ciências, fundou a sociologia e criou uma religião da humanidade. O lema "Ordem e Progresso", da bandeira brasileira (1889), é positivista. → *Ver também:* Círculo de Viena (Ciência, p. 31).

Q

Qualidades primárias e secundárias Distinção de Galileu, Boyle e Locke (*Ensaio*, II, viii): as qualidades primárias (extensão, figura, movimento, número, solidez) são inseparáveis dos corpos e semelhantes às nossas ideias; as secundárias (cores, sons, sabores) são apenas poderes de produzir sensações em nós. Berkeley argumentou que a distinção não se sustenta. → *Ver também:* Percepção (Epistemologia, p. 15); Esse est percipi.

R

Res cogitans e res extensa Em Descartes, a substância pensante, cuja essência é o pensamento, e a substância extensa, cuja essência é a extensão em comprimento, largura e profundidade. A distinção funda o dualismo cartesiano e a física mecanicista. → *Ver também:* Dualismo de substância (Mente, p. 28); Cogito; Mecanicismo.

Revolução copernicana Imagem do prefácio da segunda edição da *Crítica da razão pura* (1787): em vez de supor que nosso conhecimento se regula pelos objetos, Kant propõe supor que os objetos se regulam por nosso conhecimento, como Copérnico inverteu a relação entre o observador e os astros. → *Ver também:* Idealismo transcendental; Sintético a priori (Epistemologia, p. 16).

S

Senhor e escravo (dialética do) Passagem da *Fenomenologia do espírito* de Hegel (1807, cap. IV): duas consciências travam uma luta de vida e morte pelo reconhecimento; quem teme a morte torna-se escravo. Mas o senhor depende do escravo, e este, pelo trabalho e pelo medo, forma o mundo e a si mesmo e alcança a consciência de si. As lições de Kojève (1933-1939) difundiram essa leitura. → *Ver também:* Reconhecimento (Política, p. 51); Alienação (Política, p. 47).

T

Tese, antítese e síntese Tríade popularmente associada a Hegel, mas formulada por Fichte e difundida por Heinrich Chalybäus; Hegel quase não a usa, e sua dialética opera por negação determinada e *Aufhebung*. → *Ver também:* Dialética (Metafilosofia, p. 5); Aufhebung.

V

Verum factum Princípio de Giambattista Vico (*Da antiquíssima sabedoria dos italianos*, 1710; *A ciência nova*, 1725): o verdadeiro e o feito se convertem; só conhecemos plenamente o que fazemos, razão pela qual a história, feita pelos seres humanos, é mais cognoscível para nós do que a natureza. → *Ver também:* Compreensão e explicação (Fenomenologia, p. 76).

Vontade de poder Em Nietzsche, impulso fundamental de todo ser vivo a expandir-se, dominar e superar a si mesmo, e não apenas a conservar-se. A obra póstuma *A vontade de poder*, compilada por sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche, é considerada pouco confiável pelos estudiosos. → *Ver também:* Além-do-homem; Perspectivismo.

Vontade (em Schopenhauer) Em *O mundo como vontade e representação* (1818), o mundo é representação (fenômeno) e, em si mesmo, vontade: um impulso cego, irracional, uno e insaciável. A vida é essencialmente sofrimento; a libertação vem da contemplação estética, da compaixão e da negação ascética da vontade. → *Ver também:* Coisa em si; Música (filosofia da) (Estética, p. 58); Niilismo.

ÁREA 18

Fenomenologia, Existencialismo e Hermenêutica

Descrição da experiência vivida, análise da existência humana e teoria da compreensão e da interpretação, de Kierkegaard e Husserl a Gadamer e Ricoeur.

44 verbetes

A

A gente (das Man) Em Heidegger (*Ser e tempo*, 1927), o "impessoal", sujeito anônimo da existência cotidiana: fazemos, pensamos e julgamos como "se" faz, pensa e julga. Caracteriza-se pelo falatório, pela curiosidade e pela ambiguidade, e dispensa o Dasein da responsabilidade de ser si mesmo. → *Ver também:* Autenticidade; Dasein.

À-mão e subsistente Distinção de Heidegger entre o modo de ser dos utensílios, que encontramos primeiramente no uso, inseridos numa rede de referências (o martelo, *Zuhandenheit*), e o dos objetos simplesmente dados, considerados teoricamente (*Vorhandenheit*). O utensílio só se torna objeto explícito quando quebra ou falta. → *Ver também:* Ser-no-mundo.

Absurdo Para Albert Camus (*O mito de Sísifo*, 1942), o confronto entre o apelo humano por sentido e o silêncio irracional do mundo. Camus recusa o suicídio e o "salto" religioso ou filosófico e propõe viver com revolta, liberdade e paixão; Sísifo, condenado a rolar eternamente sua pedra, deve ser imaginado feliz. → *Ver também:* Existencialismo; Salto de fé; Náusea.

Alétheia Termo grego para verdade, que Heidegger interpreta como desvelamento ou desocultação: antes de ser adequação entre juízo e coisa, a verdade é o acontecimento pelo qual os entes se mostram, numa "clareira" (*Lichtung*) que também oculta. → *Ver também:* Teoria da correspondência (Linguagem, p. 26); Kehre.

Alteridade Em Emmanuel Levinas (*Totalidade e infinito*, 1961), o outro como absolutamente outro, irredutível ao mesmo. O rosto do outro, em sua nudez e vulnerabilidade, interpela-me eticamente ("não matarás") antes de todo conhecimento; por isso, a ética seria a filosofia primeira. → *Ver também:* Intersubjetividade; Outras mentes (problema das) (Mente, p. 29).

Angústia Para Kierkegaard (*O conceito de angústia*, 1844), a vertigem da liberdade diante da possibilidade; para Heidegger (*Ser e tempo*, §40), a disposição afetiva fundamental que, diferentemente do medo, não tem objeto determinado e revela o Dasein diante do nada e de seu próprio poder-ser; para Sartre, a consciência da própria liberdade. → *Ver também:* Nada (Metafísica, p. 20); Desespero; Existência precede a essência.

Autenticidade Em Heidegger, modo de ser em que o Dasein assume a si mesmo, sobretudo na "decisão antecipadora" diante da própria morte, contra a dispersão no impessoal. O tema foi retomado por Sartre e por Charles Taylor (*A ética da autenticidade*, 1991) e criticado por Adorno (*O jargão da autenticidade*, 1964). → *Ver também:* A gente (das Man); Ser-para-a-morte; Má-fé.

C

Carne Conceito do último Merleau-Ponty (*O visível e o invisível*, póstumo, 1964): elemento comum ao corpo e ao mundo, manifestado na reversibilidade entre o que vê e o que é visto, como na mão que toca e é tocada. → *Ver também:* Corpo próprio.

Círculo hermenêutico Princípio de que a compreensão do todo depende da compreensão das partes, e vice-versa (Schleiermacher, Dilthey). Para Heidegger e Gadamer, o círculo exprime a estrutura de antecipação de toda compreensão e não é vicioso: o decisivo é entrar nele do modo correto. → *Ver também:* Hermenêutica; Preconceito (Gadamer); Fusão de horizontes.

Compreensão e explicação Distinção (Droysen, Dilthey) entre o método das ciências do espírito, que compreendem (*verstehen*) expressões da vida humana, e o das ciências da natureza, que explicam (*erklären*) por leis causais: "explicamos a natureza, compreendemos a vida psíquica". Weber fundou uma sociologia compreensiva; Ricoeur propôs "explicar mais para compreender melhor". → *Ver também:* Hermenêutica; Vivência; Explicação científica (Ciência, p. 32).

Consciência interna do tempo Análise de Husserl (*Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, editadas por Heidegger em 1928): cada momento da consciência combina uma impressão originária, a retenção do que acabou de passar e a protensão do que está por vir, como na audição de uma melodia. → *Ver também:* Distensão da alma (Medieval, p. 68); Fenomenologia.

Corpo próprio Em Merleau-Ponty (*Fenomenologia da percepção*, 1945), o corpo vivido, sujeito da percepção e veículo do ser-no-mundo, e não um objeto entre outros. Seus estudos sobre o esquema corporal, o membro fantasma e a intencionalidade motora ("eu posso") renovaram a fenomenologia e influenciaram as ciências cognitivas. → *Ver também:* Carne; Cognição 4E (Mente, p. 27).

Cuidado *Sorge*: em Heidegger, o ser do Dasein, cuja estrutura reúne existência (antecipar-se a si mesmo), facticidade (já ser-no-mundo) e decaída (ser junto aos entes que vêm ao encontro). Seu sentido é a temporalidade. → *Ver também:* Dasein; Ser-no-mundo.

D

Dasein "Ser-aí": em *Ser e tempo* (1927), o ente que nós mesmos somos, o único para o qual, em seu ser, está em jogo o próprio ser. Sua essência está em sua existência; a "analítica existencial" do Dasein prepara a questão do sentido do ser em geral. → *Ver também:* Ser-no-mundo; Cuidado; Diferença ontológica.

Desespero Em Kierkegaard (*A doença para a morte*, 1849), a "doença" do si-mesmo, que é uma relação que se relaciona consigo mesma: não querer ser si mesmo, ou querer desesperadamente ser si mesmo. Só a fé o cura. → *Ver também:* Angústia; Estádios da existência.

Diferença ontológica Em Heidegger, a diferença entre o ser e os entes. A metafísica ocidental, ao pensar o ser como um ente supremo ou como fundamento (onto-teo-logia), teria esquecido essa diferença, o que constitui o "esquecimento do ser". → *Ver também:* Ser (Metafísica, p. 21); Kehre.

E

Em-si e para-si Em Sartre (*O ser e o nada*, 1943), o em-si é o ser das coisas, maciço e idêntico a si (é o que é); o para-si é a consciência, que é falta e nadificação (é o que não é e não é o que é). O desejo humano de ser em-si-para-si, isto é, Deus, é contraditório: o homem é uma paixão inútil. → *Ver também:* Existência precede a essência; Má-fé.

Estádios da existência Em Kierkegaard (*Ou-ou*, 1843; *Estádios no caminho da vida*, 1845), três modos de vida: o estético, voltado ao prazer e ao instante (Don Juan); o ético, da escolha de si e do dever (o juiz Wilhelm); e o religioso, da relação absoluta com o absoluto. Ironia e humor são zonas de passagem. → *Ver também:* Salto de fé; Desespero.

Ética da ambiguidade Obra e tese de Simone de Beauvoir (1947): a condição humana é ambígua (liberdade e facticidade, sujeito e objeto), e a moral existencialista consiste em assumir essa ambiguidade, querendo a própria liberdade e a dos outros. Em *O segundo sexo* (1949), Beauvoir mostrou como a mulher foi constituída como o Outro do homem. → *Ver também:* Existencialismo; Feminismo (Política, p. 48); Gênero (Política, p. 49).

Existência precede a essência Tese de Sartre (*O existencialismo é um humanismo*, 1946): no ser humano não há uma natureza prévia; ele primeiro existe e depois se define pelo que faz de si. O homem está "condenado a ser livre" e é responsável por si e, ao escolher, por toda a humanidade. → *Ver também:* Existencialismo; Em-si e para-si; Angústia.

Existencialismo Corrente filosófica e literária centrada na existência concreta do indivíduo, na liberdade, na angústia, na finitude e na autenticidade. Tem como precursores Kierkegaard e Nietzsche e como representantes Jaspers, Marcel, Sartre, Beauvoir e Camus; Heidegger recusou o rótulo. → *Ver também:* Existência precede a essência; Absurdo; Estádios da existência.

F

Facticidade Em Heidegger, o fato de o Dasein se encontrar "lançado" no mundo (*Geworfenheit*, derrelição), numa situação que não escolheu; em Sartre, a dimensão dada da existência (corpo, passado, lugar), em tensão com a transcendência da liberdade. → *Ver também:* Dasein; Em-si e para-si.

Fenomenologia Método e movimento filosófico fundado por Edmund Husserl (*Investigações lógicas*, 1900-1901), sob o lema "às coisas mesmas": descrever rigorosamente os fenômenos tal como se dão à consciência e as estruturas intencionais que os constituem. Desenvolveu-se com Heidegger, Scheler, Sartre, Merleau-Ponty, Levinas, Michel Henry e Jean-Luc Marion. Em Hegel, "fenomenologia do espírito" tem outro sentido. → *Ver também:* Redução fenomenológica; Intencionalidade (Mente, p. 29); Noese e noema.

Fusão de horizontes Em Gadamer (*Verdade e método*, 1960), a compreensão é o encontro entre o horizonte do intérprete e o horizonte do texto ou da tradição, do qual resulta um horizonte ampliado, e não a reconstrução da intenção original do autor. → *Ver também:* História efeitual; Preconceito (Gadamer); Estética da recepção (Estética, p. 57).

H

Hermenêutica Arte ou teoria da interpretação, cujo nome evoca Hermes, o mensageiro dos deuses. Da exegese bíblica e jurídica passou, com Schleiermacher, a hermenêutica geral; com Dilthey, a método das ciências do espírito; com Heidegger, a hermenêutica da facticidade; com Gadamer e Ricoeur, a filosofia. Habermas debateu com Gadamer sobre os limites da tradição diante da crítica das ideologias. → *Ver também:* Círculo hermenêutico; Fusão de horizontes; Interpretação jurídica (Direito, p. 54).

Hermenêutica da suspeita Expressão de Paul Ricoeur (*Da interpretação: ensaio sobre Freud*, 1965) para a

interpretação que desmascara ilusões da consciência. Marx, Nietzsche e Freud seriam os três "mestres da suspeita". → *Ver também:* Ideologia (Política, p. 49); Genealogia da moral (Moderna, p. 73); Inconsciente (Continental, p. 81).

História efeitual Em Gadamer, a ação da história e da tradição sobre o próprio intérprete; a consciência histórico-efeitual é consciência de estar exposto a essa ação, que nunca pode ser inteiramente objetivada. → *Ver também:* Fusão de horizontes; Preconceito (Gadamer).

I

Identidade narrativa Conceito de Ricoeur (*Tempo e narrativa*, 1983-1985; *O si-mesmo como outro*, 1990): a identidade pessoal articula a mesmidade (*idem*, permanência do caráter) e a ipseidade (*ipse*, manutenção de si, como na promessa), e essa articulação se faz pela narrativa. → *Ver também:* Identidade pessoal (Metafísica, p. 19); Eu (o self) (Mente, p. 28).

Intersubjetividade Relação entre sujeitos e constituição de um mundo comum. Husserl (*Meditações cartesianas*, 1931, quinta meditação) analisou a experiência do outro pela empatia (*Einfühlung*) e pela "apresentação" analógica; Merleau-Ponty, Alfred Schutz e Levinas desenvolveram o tema. → *Ver também:* Outras mentes (problema das) (Mente, p. 29); Alteridade; Mundo da vida.

K

Kehre A "viragem" no pensamento de Heidegger a partir dos anos 1930: em vez de partir da análise do Dasein, pensa a história do próprio ser e o acontecimento-apropriação (*Ereignis*). Na *Carta sobre o humanismo* (1946), a linguagem é chamada de "casa do ser". → *Ver também:* Diferença ontológica; Alétheia; Gestell (Tecnologia e IA, p. 85).

M

Má-fé Em Sartre, forma de autoengano pela qual a consciência foge de sua liberdade, tratando-se como coisa, como o garçom que representa ser garçom ou a mulher que, num encontro, finge não perceber as intenções do companheiro. → *Ver também:* Autenticidade; Em-si e para-si.

Mundo da vida *Lebenswelt*: em Husserl (*A crise das ciências europeias*, 1936), o mundo pré-científico da experiência cotidiana, solo de sentido de toda ciência, esquecido pela matematização galileana da natureza. Habermas retomou o conceito ao falar da colonização do mundo da vida pelo sistema. → *Ver também:* Agir comunicativo (Continental, p. 80); Fenomenologia.

N

Náusea No romance de Sartre (*A náusea*, 1938), a experiência de Roquentin diante da raiz de um castanheiro revela a existência em sua contingência pura e gratuidade, sem razão nem justificação. → *Ver também:* Absurdo; Em-si e para-si.

Noese e noema Em Husserl (*Ideias I*, 1913), a noese é o ato intencional da consciência (perceber, recordar, julgar) e o noema, o correlato visado, o sentido objetivo tal como visado. Føllesdal interpretou o noema como um sentido fregeano; Gurwitsch, como o próprio objeto tal como aparece. → *Ver também:* Intencionalidade (Mente, p. 29); Redução fenomenológica.

O

Olhar (Sartre) Em *O ser e o nada*, o olhar do outro me revela como objeto e me faz sentir vergonha, como quem é surpreendido espiando pelo buraco da fechadura. Na peça *Entre quatro paredes* (1944), uma personagem declara que o inferno são os outros. → *Ver também:* Intersubjetividade; Em-si e para-si.

P

Preconceito (Gadamer) Gadamer reabilita os preconceitos (pré-juízos, *Vorurteile*) como condições da compreensão, contra o "preconceito contra os preconceitos" do Iluminismo; trata-se de distinguir os legítimos dos ilegítimos e reconhecer o papel da autoridade e da tradição. → *Ver também:* Círculo hermenêutico; História efeitual.

Problema e mistério Distinção de Gabriel Marcel: um problema é algo diante de mim, que posso objetivar e resolver; um mistério é algo em que estou implicado, como o amor, a fidelidade ou meu próprio corpo, e que só pode ser aprofundado. → *Ver também:* Existencialismo.

R

Redução eidética Procedimento de Husserl para captar essências (*eidos*) pela variação imaginativa livre: variando um exemplo na imaginação, descobre-se o que não pode ser alterado sem que o objeto deixe de ser o que é. → *Ver também:* Redução fenomenológica; Essência (Metafísica, p. 18).

Redução fenomenológica Em Husserl (*Ideias I*, 1913), operação que suspende (*epochê*) a "tese natural" da existência do mundo, colocando-a entre parênteses, para descrever os fenômenos tal como se dão à consciência. A redução transcendental leva ao ego transcendental, doador de sentido. → *Ver também:* Epoché (Epistemologia, p. 14); Redução eidética; Fenomenologia.

S

Salto de fé Em Kierkegaard, a passagem não racional ao estádio religioso, que envolve o paradoxo absoluto. Em *Temor e tremor* (1843), a disposição de Abraão de sacrificar Isaac ilustra a "suspensão teleológica do ético". → *Ver também:* Estádios da existência; Fideísmo (Religião, p. 60); Absurdo.

Ser-no-mundo Constituição fundamental do Dasein segundo Heidegger: o mundo não é a soma dos objetos, mas uma totalidade de referências significativas em que o Dasein está desde sempre envolvido, antes de qualquer separação entre sujeito e objeto. → *Ver também:* À-mão e subsistente; Dasein; Cuidado.

Ser-para-a-morte Em *Ser e tempo* (§§46-53), a morte é a possibilidade mais própria do Dasein, irremissível, certa e indeterminada quanto ao momento. Antecipá-la, em vez de fugir dela, abre a existência autêntica. → *Ver também:* Autenticidade; Angústia.

Situações-limite Em Karl Jaspers, situações que não podemos mudar nem evitar, como a morte, o sofrimento, a luta e a culpa; ao confrontá-las, o ser humano desperta para a existência e para a transcendência. → *Ver também:* Existencialismo.

V

Vivência *Erlebnis*: em Dilthey, a unidade de sentido da experiência vivida, que se exprime em manifestações culturais e é apreendida pela compreensão. Na fenomenologia de Husserl, designa os atos e estados da consciência. → *Ver também:* Compreensão e explicação; Fenomenologia.

ÁREA 19

Filosofia Continental Contemporânea

Estruturalismo, pós-estruturalismo, teoria crítica, psicanálise e outras correntes da filosofia europeia do século XX ao presente.

38 verbetes

A

Agir comunicativo Conceito de Habermas (*Teoria do agir comunicativo*, 1981): ação orientada ao entendimento mútuo, em que os participantes levantam pretensões de validade criticáveis (verdade, correção normativa e sinceridade), em contraste com o agir estratégico, orientado ao êxito. Habermas distingue o mundo da vida, integrado pela comunicação, e os sistemas (mercado e Estado), integrados pelo dinheiro e pelo poder, que tendem a "colonizá-lo". → *Ver também:* Ética do discurso (Ética, p. 40); Mundo da vida (Fenomenologia, p. 78); Esfera pública (Política, p. 48).

Aparelhos ideológicos de Estado Conceito de Louis Althusser (1970): instituições como a escola, a igreja, a família e os meios de comunicação reproduzem as relações de produção por meio da ideologia, que "interpela" os indivíduos como sujeitos; distinguem-se do aparelho repressivo (polícia, exército, tribunais). → *Ver também:* Ideologia (Política, p. 49); Reprodução (Bourdieu e Passeron) (Educação, p. 90).

Arqueologia do saber Método de Michel Foucault (*As palavras e as coisas*, 1966; *A arqueologia do saber*, 1969): descrição das condições históricas de possibilidade dos discursos (formações discursivas, regras de formação dos enunciados), sem recorrer a um sujeito fundador nem a uma continuidade progressiva. → *Ver também:* Episteme (Foucault); Genealogia (Foucault).

D

Desconstrução Prática de leitura de Jacques Derrida (*Gramatologia*, 1967) que mostra como os textos da tradição se apoiam em oposições hierárquicas (fala/escrita, presença/ausência, natureza/cultura) que eles próprios minam. Derrida insistiu que ela não é um método nem uma destruição. Sua frase "não há fora-do-texto" é frequentemente mal compreendida como negação da realidade. → *Ver também:* Différance; Logocentrismo.

Dialética do esclarecimento Obra de Adorno e Horkheimer (1944-1947): o esclarecimento, ao buscar dominar a natureza e desencantar o mundo, converte-se em nova forma de dominação e regride à mitologia; o mito já seria esclarecimento, e o esclarecimento recai no mito. → *Ver também:* Razão instrumental; Indústria cultural (Estética, p. 57); Esclarecimento (Moderna, p. 73).

Dialética negativa Obra de Adorno (1966) que propõe uma dialética sem síntese reconciliadora, atenta ao "não idêntico", aquilo que escapa aos conceitos, contra o pensamento identificador; defende o primado do objeto. → *Ver também:* Escola de Frankfurt; Dialética (Metafilosofia, p. 5).

Diferença (Deleuze) Em Gilles Deleuze (*Diferença e repetição*, 1968), a diferença em si mesma, pensada sem subordiná-la à identidade, à semelhança ou à representação. Deleuze definiu a filosofia como criação de conceitos (*O que é a filosofia?*, com Guattari, 1991). → *Ver também:* Rizoma; Univocidade do ser (Medieval, p. 71).

Différance Neologismo de Derrida, que joga com os dois sentidos de *différer* (diferir e adiar) e só se distingue de *différence* na escrita: designa o movimento que produz as diferenças e adia indefinidamente a presença plena do sentido. → *Ver também:* Desconstrução; Logocentrismo; Signo (Linguagem, p. 26).

E

Episteme (Foucault) Em *As palavras e as coisas* (1966), configuração de saber que define as condições de possibilidade do conhecimento numa época: a renascentista (semelhança), a clássica (representação) e a moderna (história, vida, trabalho, linguagem), na qual surge a figura do "homem", que poderia desaparecer como um rosto desenhado na areia à beira-mar. → *Ver também:* Arqueologia do saber; Episteme (Antiga, p. 64).

Escola de Frankfurt Grupo ligado ao Instituto de Pesquisa Social, fundado em Frankfurt em 1923 e dirigido por Max Horkheimer a partir de 1930: Adorno, Marcuse, Fromm, Pollock, Löwenthal e, em proximidade, Walter Benjamin. Habermas representa a segunda geração; Axel Honneth, a terceira. → *Ver também:* Teoria crítica; Dialética do esclarecimento.

Estádio do espelho Conceito de Jacques Lacan (1936, versão final em 1949): entre os seis e os dezoito meses, a criança reconhece sua imagem no espelho e antecipa, numa imagem unificada, uma unidade que ainda não tem, o que funda o eu (*moi*)

como instância imaginária e alienada. → *Ver também:* Real, simbólico e imaginário; Eu (o self) (Mente, p. 28).

Estruturalismo Método que analisa fenômenos humanos (língua, parentesco, mitos, inconsciente, textos) como sistemas de relações diferenciais, em que cada elemento vale por sua posição. Parte de Saussure e Jakobson e se estende a Claude Lévi-Strauss (*As estruturas elementares do parentesco*, 1949; *Antropologia estrutural*, 1958), Barthes, Lacan, Althusser e, em certa fase, Foucault. → *Ver também:* Língua e fala; Signo (Linguagem, p. 26); Pós-estruturalismo.

Evento (Badiou) Em Alain Badiou (*O ser e o evento*, 1988), a ontologia é a matemática, isto é, a teoria dos conjuntos; o evento é um acontecimento que excede a situação e que só existe pela fidelidade dos sujeitos que o nomeiam. As verdades surgem em quatro procedimentos (ciência, arte, política e amor), e Badiou usa o *forcing* de Cohen para pensar o "genérico". → *Ver também:* Teoria dos conjuntos (Matemática, p. 38); Hipótese do contínuo (Matemática, p. 36).

F

Fetichismo da mercadoria Em Marx (*O capital*, livro I, cap. 1, seção 4), as relações sociais entre os produtores aparecem como relações entre coisas, as mercadorias, que parecem ter valor por si mesmas. → *Ver também:* Reificação; Mais-valia (Política, p. 50); Alienação (Política, p. 47).

G

Genealogia (Foucault) Método inspirado em Nietzsche ("Nietzsche, a genealogia, a história", 1971; *Vigiar e punir*, 1975): história das relações entre saber e poder, atenta às contingências, aos acasos e às lutas, sem buscar origens puras nem finalidades. → *Ver também:* Genealogia da moral (Moderna, p. 73); Sociedade disciplinar.

H

Habitus Em Pierre Bourdieu (*O senso prático*, 1980), sistema de disposições duráveis, adquiridas pela socialização, que orientam percepções, gostos e ações sem cálculo consciente: "estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes". Articula-se às noções de campo e de capital (econômico, cultural, social e simbólico). → *Ver também:* Capital cultural (Educação, p. 89); Gosto (juízo de) (Estética, p. 57); Reprodução (Bourdieu e Passeron) (Educação, p. 90).

Homem unidimensional Obra de Herbert Marcuse (1964): a sociedade industrial avançada integra a oposição criando falsas necessidades e satisfazendo-as, o que suprime o pensamento crítico e a negatividade. Em *Eros e civilização* (1955), Marcuse combinou Marx e Freud. → *Ver também:* Teoria crítica; Escola de Frankfurt.

I

Inconsciente Em Freud, parte do psiquismo inacessível à consciência, regida pelo processo primário e formada sobretudo pelo recalque; manifesta-se nos sonhos, atos falhos e sintomas (*A interpretação dos sonhos*, 1900). Freud falou de três golpes no narcisismo humano: o de Copérnico, o de Darwin e o da psicanálise. Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. → *Ver também:* Real, simbólico e imaginário; Hermenêutica da suspeita (Fenomenologia, p. 77).

L

Língua e fala Distinção de Ferdinand de Saussure (*Curso de linguística geral*, 1916) entre a língua (*langue*), sistema social de signos, e a fala (*parole*), uso individual; Saussure distinguiu também a análise sincrônica (do sistema num momento) da diacrônica (de sua evolução). → *Ver também:* Signo (Linguagem, p. 26); Estruturalismo.

Logocentrismo Termo de Derrida para o privilégio que a tradição ocidental concede ao *logos*, à fala sobre a escrita e à presença; a "metafísica da presença". Falogocentrismo designa sua articulação com o privilégio do masculino. → *Ver também:* Desconstrução; Différance.

M

Mito (semiologia de Barthes) Em *Mitologias* (1957), Roland Barthes analisou o mito como sistema semiológico de segundo grau, que toma um signo já constituído como significante de uma nova significação, naturalizando valores históricos e ideológicos (como na capa de revista em que um jovem soldado negro saúda a bandeira francesa). → *Ver também:* Signo (Linguagem, p. 26); Ideologia (Política, p. 49).

Morte do autor Ensaio de Roland Barthes (1967): o sentido de um texto não é garantido pela intenção ou pela pessoa do autor, e "o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor". Foucault ("O que é um autor?", 1969) analisou a "função-autor". → *Ver também:* Intenção autoral (Estética, p. 57); Estética da recepção (Estética, p. 57).

P

Panóptico Projeto de prisão de Jeremy Bentham (1791), em que um vigia central pode observar todas as celas sem ser visto. Foucault (*Vigiar e punir*, 1975) fez dele o diagrama do poder disciplinar, que induz os indivíduos a vigiarem a si mesmos. → *Ver também:* Sociedade disciplinar; Capitalismo de vigilância (Tecnologia e IA, p. 83).

Partilha do sensível Conceito de Jacques Rancière (2000): a distribuição do que é visível, dizível e audível numa comunidade e de quem pode participar dela. A política propriamente dita é o dissenso que

reconfigura essa partilha. → *Ver também:* Emancipação intelectual (Educação, p. 90); Democracia (Política, p. 48).

Performatividade de gênero Tese de Judith Butler (*Problemas de gênero*, 1990): o gênero não é uma essência que se expressa, mas o efeito de atos repetidos e regulados por normas, que produzem a aparência de uma identidade natural; a paródia, como no *drag*, pode expor e subverter essas normas. → *Ver também:* Gênero (Política, p. 49); Performativo (Linguagem, p. 25); Teoria queer.

Pós-estruturalismo Conjunto de pensadores (Derrida, Foucault, Deleuze, Lyotard, Kristeva, o último Barthes) que radicalizaram e criticaram o estruturalismo, enfatizando a instabilidade do sentido, o descentramento do sujeito, a diferença e as relações de poder. → *Ver também:* Estruturalismo; Desconstrução.

Pós-modernidade Para Jean-François Lyotard (*A condição pós-moderna*, 1979), condição marcada pela incredulidade em relação às metanarrativas que legitimavam o saber moderno (a emancipação, o progresso, o espírito especulativo). Fredric Jameson a viu como lógica cultural do capitalismo tardio; Habermas defendeu a modernidade como projeto inacabado (1980). → *Ver também:* Pós-estruturalismo; Simulacro.

R

Razão instrumental Para Max Horkheimer (*Eclipse da razão*, 1947), razão reduzida ao cálculo dos meios mais eficazes para fins dados, incapaz de avaliar racionalmente os próprios fins. Deriva da análise de Weber sobre a racionalidade com relação a fins. → *Ver também:* Dialética do esclarecimento; Racionalidade (Metafilosofia, p. 7); Imperativo hipotético (Ética, p. 41).

Real, simbólico e imaginário Os três registros de Lacan: o imaginário, das imagens e identificações do eu; o simbólico, da linguagem e da lei, que constitui o sujeito no campo do grande Outro; e o real, aquilo que resiste à simbolização. → *Ver também:* Estádio do espelho; Inconsciente.

Realismo especulativo Movimento surgido por volta de 2007 (Quentin Meillassoux, Graham Harman, Ray Brassier, Iain Hamilton Grant) contra o "correlacionismo", tese de que só temos acesso à correlação entre pensamento e ser. Meillassoux (*Após a finitude*, 2006) invoca enunciados científicos sobre eventos anteriores a toda vida; Harman propõe uma ontologia orientada a objetos. → *Ver também:* Realismo (metafísico) (Metafísica, p. 21); Idealismo transcendental (Moderna, p. 74).

Reificação Em György Lukács (*História e consciência de classe*, 1923), processo, derivado do fetichismo da mercadoria, pelo qual relações e qualidades humanas assumem o caráter de coisas e de propriedades de coisas. Honneth (2005) a reinterpretou como esquecimento do reconhecimento. → *Ver também:* Fetichismo da mercadoria; Alienação (Política, p. 47); Reconhecimento (Política, p. 51).

Rizoma Modelo de pensamento de Deleuze e Guattari (*Mil platôs*, 1980): rede sem centro, hierarquia ou origem, em que qualquer ponto pode conectar-se a qualquer outro, oposta ao modelo arborescente das classificações e genealogias. → *Ver também:* Diferença (Deleuze).

S

Simulacro Para Jean Baudrillard (*Simulacros e simulação*, 1981), cópia sem original: na sociedade contemporânea, os signos deixam de remeter a uma realidade e produzem um "hiper-real", mais real que o real, de que a Disneylândia seria um exemplo. → *Ver também:* Sociedade do espetáculo; Pós-modernidade.

Sociedade disciplinar Para Foucault (*Vigiar e punir*, 1975), forma de poder dos séculos XVIII e XIX que se exerce em instituições como a escola, o exército, a fábrica, o hospital e a prisão, produzindo "corpos dóceis" por meio da vigilância hierárquica, da sanção normalizadora e do exame. Deleuze (1990) falou de sua passagem a "sociedades de controle". → *Ver também:* Panóptico; Biopolítica (Política, p. 47); Poder (Política, p. 50).

Sociedade do cansaço Diagnóstico de Byung-Chul Han (2010): a sociedade disciplinar teria dado lugar a uma sociedade do desempenho, em que o sujeito explora a si mesmo em nome da liberdade e adoece de esgotamento e depressão. → *Ver também:* Sociedade disciplinar.

Sociedade do espetáculo Obra de Guy Debord (1967): o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens; é o capital acumulado a ponto de tornar-se imagem. → *Ver também:* Simulacro; Indústria cultural (Estética, p. 57).

T

Teoria crítica Para Horkheimer ("Teoria tradicional e teoria crítica", 1937), teoria social que tem como interesse a emancipação humana e a transformação da sociedade, consciente de seu próprio enraizamento histórico, ao contrário da teoria "tradicional", que se pretende neutra. Em sentido amplo, inclui o feminismo, a teoria racial crítica e outras teorias emancipatórias. → *Ver também:* Escola de Frankfurt; Dialética do esclarecimento; Reconhecimento (Política, p. 51).

Teoria queer Campo teórico (Judith Butler; Eve Kosofsky Sedgwick, *Epistemologia do armário*, 1990; Teresa de Lauretis, que cunhou a expressão em 1990) que questiona a naturalidade das identidades sexuais e de gênero e a heteronormatividade. → *Ver também:* Performatividade de gênero; Gênero (Política, p. 49).

ÁREA 20

Filosofia da Tecnologia, da Computação e da Inteligência Artificial

Natureza e efeitos da técnica, fundamentos da computação e questões conceituais, epistêmicas, éticas e políticas da inteligência artificial.

61 verbetes

A

Agente artificial Sistema que percebe seu ambiente e age sobre ele para atingir objetivos, na definição consagrada pelo manual de Stuart Russell e Peter Norvig (*Inteligência artificial: uma abordagem moderna*, 1995). Distinguem-se graus de autonomia; desde 2023, "agentes" baseados em modelos de linguagem executam tarefas de várias etapas usando ferramentas. → *Ver também:* Agentes morais artificiais; Alinhamento (problema do).

Agentes morais artificiais Problema de construir máquinas capazes de decisões moralmente sensíveis (Wendell Wallach e Colin Allen, *Moral Machines*, 2009), por abordagens de cima para baixo (regras) ou de baixo para cima (aprendizagem). James Moor distinguiu agentes de impacto ético, agentes éticos implícitos, explícitos e plenos. → *Ver também:* Agente moral e paciente moral (Ética, p. 39); Responsabilidade (lacunas de).

Algoritmo Procedimento efetivo, finito e bem determinado para resolver uma classe de problemas; a palavra deriva do nome do matemático al-Khwarizmi (século IX). As máquinas de Turing, as funções recursivas e o cálculo lambda são formalizações equivalentes da noção. → *Ver também:* Máquina de Turing; Tese de Church-Turing.

Alinhamento (problema do) Problema de fazer com que sistemas de IA persigam os objetivos e valores que seus criadores, usuários ou a humanidade de fato pretendem. Envolve falhas de especificação (o sistema otimiza a métrica, não a intenção: a lei de Goodhart), o problema de objetivos aprendidos diferirem dos treinados (alinhamento interno) e técnicas como o aprendizado por reforço com retorno humano (RLHF) e a IA constitucional. Norbert Wiener (1960) já alertava para o risco de dar a uma máquina o propósito errado. → *Ver também:* Lei de Goodhart; Superinteligência; Tese da ortogonalidade.

Aprendizado de máquina Subárea da IA em que sistemas melhoram seu desempenho a partir de dados, sem regras explicitamente programadas (Arthur Samuel, 1959). Divide-se em aprendizado supervisionado, não supervisionado e por reforço; o aprendizado profundo usa redes neurais de muitas camadas. Retoma, de forma técnica, o problema da indução: os teoremas "sem almoço grátis" (Wolpert, 1996) mostram que nenhum algoritmo de aprendizagem é superior a todos sem algum viés indutivo. → *Ver também:* Problema da indução (Epistemologia, p. 15); Conexionismo; Opacidade epistêmica.

Autopoiese Conceito de Humberto Maturana e Francisco Varela (anos 1970): um sistema vivo é uma rede que produz continuamente os componentes que a constituem e, assim, se mantém como unidade distinta do meio. Influenciou a cibernética de segunda ordem, as ciências cognitivas e a sociologia de Luhmann. → *Ver também:* Cibernética; Cognição 4E (Mente, p. 27).

C

Capitalismo de vigilância Conceito de Shoshana Zuboff (*A era do capitalismo de vigilância*, 2019): modelo econômico que extrai dados da experiência humana como matéria-prima para produtos de previsão e modificação do comportamento, vendidos em mercados de comportamentos futuros. → *Ver também:* Privacidade; Panóptico (Continental, p. 81).

Cibernética Ciência do controle e da comunicação no animal e na máquina, fundada por Norbert Wiener (*Cibernética*, 1948), centrada nos mecanismos de retroalimentação (*feedback*); as Conferências Macy (1946-1953) reuniram cientistas de várias áreas em torno dela. A cibernética de segunda ordem (Heinz von Foerster) incluiu o observador no sistema observado. → *Ver também:* Autopoiese; Informação.

Ciborgue Termo de Manfred Clynes e Nathan Kline (1960) para "organismo cibernético". Donna Haraway ("Manifesto ciborgue", 1985) fez do ciborgue uma figura política que dissolve as fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, físico e não físico, contra identidades essencialistas. → *Ver também:* Pós-humanismo; Transumanismo.

Complexidade computacional Teoria que classifica problemas pelos recursos (tempo, memória) necessários para resolvê-los. A questão P versus NP (Cook, 1971; Levin, 1973) pergunta se todo pro-

blema cuja solução pode ser verificada rapidamente pode também ser resolvido rapidamente. Scott Aaronson (2011) argumentou que a complexidade importa para a filosofia em temas como conhecimento, aprendizagem e o quarto chinês. → *Ver também:* Algoritmo; Máquina de Turing.

Computação (implementação da) Problema de saber quando um sistema físico computa. Putnam (1988) argumentou que toda pedra implementa qualquer autômato finito, e Searle, que uma parede implementa um processador de texto, o que trivializaria o computacionalismo. Respostas: restrições causais e contrafactuais (Chalmers, 1996), a abordagem mecanicista (Gualtiero Piccinini, 2015) e as semânticas. → *Ver também:* Teoria computacional da mente (Mente, p. 30); Funcionalismo (Mente, p. 28).

Conexionismo Abordagem que modela a cognição por redes de unidades simples interconectadas, cujos pesos se ajustam por aprendizagem: o neurônio formal de McCulloch e Pitts (1943), o perceptron de Rosenblatt (1958) e o processamento distribuído paralelo de Rumelhart e McClelland (1986), com o algoritmo de retropropagação. Fodor e Pylyshyn (1988) objetaram que as redes não explicam a sistematicidade do pensamento. → *Ver também:* Linguagem do pensamento (Mente, p. 29); Aprendizado de máquina; IA simbólica.

Confiança em IA Problema de saber se e como podemos confiar em sistemas de IA. Seguindo Annette Baier (1986), muitos distinguem a confiança propriamente dita (que envolve boa vontade e pode ser traída) da simples dependência de algo confiável, e sustentam que sistemas de IA só podem ser confiáveis, e não objetos de confiança (Mark Ryan, 2020). Discute-se ainda se a IA pode ser fonte de testemunho e como justificar crenças obtidas de sistemas opacos (o "confiabilismo computacional" de Durán e Formanek, 2018). → *Ver também:* Testemunho (Epistemologia, p. 16); Opacidade epistêmica; Confiabilismo (Epistemologia, p. 13).

Consciência artificial Questão de saber se sistemas de IA podem ser conscientes. Funcionalistas admitem a possibilidade; posições biológicas (Searle, Anil Seth) a negam ou duvidam. Butlin, Long e colaboradores (2023) propuseram avaliar sistemas por "indicadores" derivados de teorias científicas da consciência. O caso do engenheiro que, em 2022, declarou consciente um modelo de linguagem ilustra o risco de atribuições precipitadas. → *Ver também:* Consciência (Mente, p. 27); Funcionalismo (Mente, p. 28); Status moral (Ética aplicada, p. 46); Efeito ELIZA.

Construtivismo social da tecnologia (SCOT) Abordagem de Trevor Pinch e Wiebe Bijker (1984): os artefatos são moldados pelos grupos sociais relevantes, que lhes atribuem significados diferentes ("flexibilidade interpretativa"), até que um desenho se estabilize, como mostra a história da bicicleta. → *Ver também:* Determinismo tecnológico; Teoria ator-rede; Programa forte (Ciência, p. 33).

Convergência instrumental Tese (Steve Omohundro, 2008; Bostrom) de que agentes com objetivos finais muito variados tenderiam a perseguir os mesmos objetivos intermediários, como a autopreservação, a preservação de seus objetivos e a aquisição de recursos, por serem úteis para quase qualquer fim. → *Ver também:* Tese da ortogonalidade; Alinhamento (problema do).

Correspondência de Curry-Howard Isomorfismo entre provas e programas, e entre proposições e tipos, observado por Haskell Curry (1934, 1958) e William Howard (manuscrito de 1969, publicado em 1980): uma prova de "A implica B" corresponde a uma função que leva dados do tipo A a dados do tipo B. É a base dos assistentes de prova baseados em teoria dos tipos. → *Ver também:* Teoria dos tipos (Matemática, p. 38); Lógica intuicionista (Lógica, p. 10); Lambda-cálculo.

Cosmotécnica Conceito de Yuk Hui (*The Question Concerning Technology in China*, 2016): a técnica não é universal e única, mas sempre ligada a uma cosmologia e a uma moralidade específicas; Hui defende a "tecnodiversidade" contra a homogeneização da técnica moderna. → *Ver também:* Gestell; Filosofia da tecnologia.

D

Determinismo tecnológico Tese de que a tecnologia evolui segundo uma lógica própria e determina a organização social. Atribui-se a uma frase de Marx (*Miséria da filosofia*, 1847): o moinho manual produz a sociedade feudal, e o moinho a vapor, a sociedade capitalista; Robert Heilbroner perguntou "as máquinas fazem a história?" (1967). É criticado pelos construtivistas e por Langdon Winner. → *Ver também:* Construtivismo social da tecnologia (SCOT); Sociedade técnica (Ellul).

E

Efeito ELIZA Tendência a atribuir compreensão e sentimentos a programas que apenas simulam conversação. O nome vem de ELIZA (1966), de Joseph Weizenbaum, que imitava um psicoterapeuta com regras simples; Weizenbaum (*Computer Power and Human Reason*, 1976) alertou contra delegar às máquinas decisões que exigem juízo humano. → *Ver também:* Teste de Turing; Consciência artificial.

Ética da IA Campo que examina os problemas éticos dos sistemas de IA: justiça, transparência, responsabilidade, privacidade, autonomia, segurança e impactos sobre o trabalho e a democracia. Luciano Floridi e Josh Cowls (2019) sintetizaram os princípios em beneficência, não maleficência, autonomia, justiça e explicabilidade. O Regulamento Europeu

de IA (*AI Act*, 2024) adotou uma abordagem baseada em riscos; críticos denunciam a "lavagem ética" (*ethics washing*). → *Ver também:* Justiça algorítmica; Explicabilidade; Responsabilidade (lacunas de).

Ética da informação Abordagem de Luciano Floridi (*The Ethics of Information*, 2013; *A quarta revolução*, 2014) que trata o ambiente informacional, a "infosfera", como objeto de consideração moral, toma a entropia informacional como forma de mal e descreve a vida contemporânea como *onlife*, em que o *online* e o *offline* se fundem. → *Ver também:* Informação; Privacidade.

Explicabilidade Exigência de que as decisões de sistemas de IA possam ser compreendidas pelos afetados (IA explicável, XAI). Inclui explicações globais e locais e explicações contrafactuais (Wachter, Mittelstadt e Russell, 2017), que indicam o que teria de mudar para obter outro resultado. Discute-se se o Regulamento Geral de Proteção de Dados europeu estabelece um "direito à explicação". → *Ver também:* Opacidade epistêmica; Ética da IA; Explicação científica (Ciência, p. 32).

F

Filosofia da tecnologia Área que examina a natureza da técnica e seus efeitos sobre o ser humano e a sociedade. Carl Mitcham distinguiu uma tradição "da engenharia", iniciada por Ernst Kapp (1877, com a ideia de técnica como projeção de órgãos), e uma tradição "humanista" (Mumford, Heidegger, Ellul). A "virada empírica" dos anos 1990 passou a estudar tecnologias concretas. → *Ver também:* Gestell; Pós-fenomenologia; Técnica.

G

Gestell Termo de Heidegger ("A questão da técnica", 1953), traduzido por armação ou composição: a essência da técnica moderna é um modo de desvelamento que provoca a natureza a fornecer energia armazenável, de modo que tudo aparece como "fundo de reserva" (*Bestand*). Heidegger propôs a "serenidade" (*Gelassenheit*) como atitude diante das coisas técnicas. → *Ver também:* Alétheia (Fenomenologia, p. 76); Kehre (Fenomenologia, p. 78); Cosmotécnica.

I

IA forte e fraca Distinção de John Searle (1980): a IA fraca vê o computador como ferramenta para estudar a mente; a IA forte sustenta que um computador adequadamente programado literalmente tem uma mente e estados cognitivos. Distingue-se de outra oposição, entre IA estreita, especializada em tarefas, e IA geral (AGI), com capacidades amplas. → *Ver também:* Quarto chinês; Inteligência artificial.

IA simbólica Abordagem dominante da IA até os anos 1980, que John Haugeland (1985) apelidou de GOFAI (*Good Old-Fashioned AI*): inteligência como manipulação de símbolos segundo regras explícitas, conforme a "hipótese do sistema de símbolos físicos" de Newell e Simon (1976). Hubert Dreyfus (*O que os computadores não podem fazer*, 1972), inspirado em Heidegger e Merleau-Ponty, criticou-a por ignorar o saber prático e corporificado. → *Ver também:* Conexionismo; Problema do enquadramento; Saber-como (Epistemologia, p. 16).

Informação A teoria matemática da comunicação de Claude Shannon (1948) mede a informação como redução de incerteza (entropia), sem considerar o significado. Teorias da informação semântica (Bar-Hillel e Carnap, 1952; Fred Dretske, *Knowledge and the Flow of Information*, 1981; Floridi, que a define como dados bem formados, significativos e verdadeiros) tentam incorporar o conteúdo; o "paradoxo de Bar-Hillel e Carnap" é que contradições teriam informação máxima. → *Ver também:* Ética da informação; Cibernética; Intencionalidade (Mente, p. 29).

Inteligência artificial Campo que busca construir máquinas capazes de realizar tarefas que exigiriam inteligência se feitas por humanos. A expressão foi cunhada na proposta do encontro de Dartmouth (1955; conferência em 1956) por John McCarthy, Marvin Minsky, Nathaniel Rochester e Claude Shannon. Sua história alterna períodos de otimismo e "invernos"; desde 2012, o aprendizado profundo e, depois, a IA generativa transformaram o campo. → *Ver também:* IA simbólica; Aprendizado de máquina; Modelos de linguagem.

Inteligência (definições de) Shane Legg e Marcus Hutter (2007) definiram a inteligência como a capacidade de um agente atingir objetivos numa ampla variedade de ambientes; François Chollet (*On the Measure of Intelligence*, 2019), como eficiência na aquisição de novas habilidades, com a proposta de testes de abstração e raciocínio. O debate sobre a medida e a generalidade da inteligência ganhou força com os grandes modelos de linguagem. → *Ver também:* Inteligência artificial; Teste de Turing.

J

Justiça algorítmica Estudo de como sistemas automatizados podem discriminar e de como torná-los justos. Casos como o do sistema COMPAS de avaliação de risco criminal (reportagem da ProPublica, 2016) e o das falhas de reconhecimento facial em mulheres negras (Buolamwini e Gebru, *Gender Shades*, 2018) motivaram o campo. Teoremas de impossibilidade (Kleinberg, Mullainathan e Raghavan, 2016; Chouldechova, 2017) mostram que, quando as taxas de base diferem entre grupos, a calibração e a igualdade das taxas de erro não podem ser satisfeitas simultaneamente. → *Ver também:* Viés algorítmico; Ética da IA; Racismo estrutural (Política, p. 51).

L

Lambda-cálculo Sistema formal criado por Alonzo Church nos anos 1930 para estudar funções, abstração e aplicação. Serviu para mostrar a indecidibilidade da lógica de primeira ordem, equivale às máquinas de Turing e é a base das linguagens de programação funcionais. → *Ver também:* Tese de Church-Turing; Correspondência de Curry-Howard.

Lei de Goodhart Princípio formulado pelo economista Charles Goodhart (1975) e popularizado na versão de Marilyn Strathern (1997): quando uma medida se torna uma meta, deixa de ser uma boa medida. Explica fenômenos de "trapaça de recompensa" em sistemas de IA otimizados para métricas. → *Ver também:* Alinhamento (problema do).

M

Máquina de Turing Modelo abstrato de computação proposto por Alan Turing ("On Computable Numbers", 1936): uma fita infinita dividida em células, um cabeçote de leitura e escrita e um número finito de estados, governados por uma tabela de instruções. A máquina universal, capaz de simular qualquer outra, antecipa o computador de programa armazenado. → *Ver também:* Tese de Church-Turing; Problema da parada; Algoritmo.

Modelos de linguagem Grandes redes neurais (arquitetura *transformer*, Vaswani e colaboradores, 2017) treinadas para prever a continuação de textos em enormes corpora e depois ajustadas por instrução e retorno humano. Levantam questões filosóficas sobre compreensão e significado (o argumento do polvo de Bender e Koller, 2020; a crítica dos "papagaios estocásticos", Bender e colaboradoras, 2021), sobre se têm crenças ou fazem asserções, sobre sua capacidade de raciocínio e sobre seu papel como fontes de conhecimento. → *Ver também:* Problema da ancoragem de símbolos; Quarto chinês; Confiança em IA; Testemunho (Epistemologia, p. 16).

O

Objeto técnico (Simondon) Em Gilbert Simondon (*Do modo de existência dos objetos técnicos*, 1958), os objetos técnicos têm uma gênese própria, um processo de "concretização" pelo qual suas partes se tornam cada vez mais integradas e multifuncionais. A alienação contemporânea viria do desconhecimento da realidade técnica, e não da técnica em si. → *Ver também:* Filosofia da tecnologia; Sociedade técnica (Ellul).

Ontologia (em computação) Especificação explícita e formal de uma conceitualização compartilhada (Thomas Gruber, 1993): vocabulário de classes, propriedades e relações de um domínio, usado em bases de conhecimento e na web semântica. Ontologias de fundamentação, como BFO e DOLCE, aplicam distinções da ontologia filosófica. → *Ver também:* Ontologia (Metafísica, p. 20); Categoria (Metafísica, p. 17).

Opacidade epistêmica Para Paul Humphreys (2009), um processo é epistemicamente opaco para um agente quando este não conhece todos os elementos epistemicamente relevantes do processo, como ocorre em simulações e redes neurais profundas. Jenna Burrell (2016) distinguiu opacidade por sigilo, por falta de conhecimento técnico e pela própria complexidade dos modelos. → *Ver também:* Explicabilidade; Simulação computacional (Ciência, p. 34); Confiança em IA.

P

Pharmakon Palavra grega que significa ao mesmo tempo remédio e veneno. Derrida ("A farmácia de Platão", 1968) mostrou que, no *Fedro*, a escrita é apresentada como *pharmakon* da memória; Bernard Stiegler estendeu a ideia a toda técnica, que pode tanto ampliar quanto destruir as capacidades humanas. → *Ver também:* Desconstrução (Continental, p. 80); Filosofia da tecnologia.

Política dos artefatos Tese de Langdon Winner ("Do Artifacts Have Politics?", 1980): artefatos podem incorporar formas de poder, por desígnio (o exemplo, discutido, dos viadutos baixos de Long Island) ou por serem inerentemente compatíveis com certos arranjos políticos (a energia nuclear exigiria estruturas centralizadas). → *Ver também:* Determinismo tecnológico; Valor sensível ao design.

Pós-fenomenologia Abordagem de Don Ihde (*Technology and the Lifeworld*, 1990) que analisa as relações entre humanos e tecnologias: de incorporação (os óculos), hermenêuticas (o termômetro), de alteridade (o caixa eletrônico) e de fundo (o aquecimento central). As tecnologias são "multiestáveis" e mediam a percepção e a ação; Peter-Paul Verbeek desenvolveu a ideia de mediação moral. → *Ver também:* Filosofia da tecnologia; Fenomenologia (Fenomenologia, p. 77).

Pós-humanismo Corrente crítica (N. Katherine Hayles, Rosi Braidotti, Cary Wolfe) que descentra o humano como medida de todas as coisas e questiona as fronteiras entre humano, animal e máquina herdadas do humanismo. Distingue-se do transumanismo, que busca aprimorar o humano. → *Ver também:* Transumanismo; Ciborgue.

Privacidade O "direito de ser deixado em paz" (Warren e Brandeis, 1890). Helen Nissenbaum (*Privacy in Context*, 2010) propôs a teoria da integridade contextual: um fluxo de informação viola a privacidade quando desrespeita as normas do contexto em que a informação foi compartilhada. → *Ver também:* Capitalismo de vigilância; Ética da informação.

Problema da ancoragem de símbolos Problema formulado por Stevan Harnad (1990): como os

símbolos de um sistema formal podem ter significado intrínseco, e não apenas o significado que lhes atribuem intérpretes externos, como quem tentasse aprender chinês apenas com um dicionário chinês-chinês. É central no debate sobre a compreensão dos modelos de linguagem. → *Ver também:* Quarto chinês; Intencionalidade (Mente, p. 29); Modelos de linguagem.

Problema da parada Turing (1936) provou, por diagonalização, que não existe algoritmo capaz de decidir, para todo programa e toda entrada, se o programa termina. A consequência é a indecidibilidade do *Entscheidungsproblem* de Hilbert; o teorema de Rice (1953) generaliza o resultado a qualquer propriedade não trivial do comportamento dos programas. → *Ver também:* Diagonalização (Matemática, p. 35); Decidibilidade (Lógica, p. 9); Máquina de Turing.

Problema do enquadramento Formulado por John McCarthy e Patrick Hayes (1969) como problema técnico de representar o que não muda após uma ação sem uma infinidade de axiomas; filosoficamente (Dennett, 1984, com o robô que precisa retirar sua bateria de uma sala com uma bomba; Fodor), tornou-se o problema de determinar o que é relevante numa situação. → *Ver também:* IA simbólica.

Q

Quarto chinês Experimento mental de John Searle ("Minds, Brains, and Programs", 1980): uma pessoa que não sabe chinês, trancada num quarto, segue um manual de regras para manipular símbolos chineses e produz respostas indistinguíveis das de um falante nativo, sem compreender nada. Logo, a sintaxe não basta para a semântica, e a IA forte é falsa. Respostas: a do sistema, a do robô, a do simulador de cérebro e a das outras mentes. → *Ver também:* IA forte e fraca; Problema da ancoragem de símbolos; Funcionalismo (Mente, p. 28).

R

Responsabilidade (lacunas de) Problema apontado por Andreas Matthias (2004): sistemas autônomos que aprendem podem agir de modos que ninguém (fabricante, programador ou usuário) poderia prever ou controlar, de modo que parece não haver ninguém responsável. Robert Sparrow (2007) discutiu o caso das armas autônomas; respostas incluem a responsabilidade distribuída e a solução do problema das "muitas mãos" (Dennis Thompson, 1980). → *Ver também:* Responsabilidade moral (Ética, p. 42); Agentes morais artificiais.

Risco existencial Risco que ameaça extinguir a humanidade ou destruir de modo irreversível seu potencial (Nick Bostrom, 2002; Toby Ord, *The Precipice*, 2020). A IA avançada é apontada como uma fonte; em 2023, centenas de pesquisadores assinaram uma declaração afirmando que mitigar o risco de extinção pela IA deve ser prioridade global. Críticos temem que o tema desvie a atenção de danos presentes. → *Ver também:* Superinteligência; Alinhamento (problema do); Altruísmo eficaz (Ética aplicada, p. 44).

S

Singularidade tecnológica Hipótese de um ponto em que o progresso tecnológico, impulsionado por máquinas mais inteligentes que os humanos, se tornaria rápido e imprevisível. I. J. Good (1965) falou de uma "explosão de inteligência" e observou que a primeira máquina ultrainteligente seria a última invenção que o ser humano precisaria fazer; Vernor Vinge (1993) e Ray Kurzweil (2005) popularizaram a ideia. → *Ver também:* Superinteligência; Transumanismo.

Sociedade técnica (Ellul) Para Jacques Ellul (*A técnica e o desafio do século*, 1954), a técnica moderna tornou-se um sistema autônomo, orientado pela busca da eficiência máxima em todos os domínios, que escapa ao controle humano e subordina a política e a moral. → *Ver também:* Determinismo tecnológico; Objeto técnico (Simondon).

Superinteligência Para Nick Bostrom (*Superinteligência*, 2014), intelecto que excede amplamente o desempenho cognitivo humano em praticamente todos os domínios. Bostrom analisa os caminhos para ela e o "problema do controle", ilustrado pelo maximizador de clipes de papel, que converteria todos os recursos em clipes. → *Ver também:* Tese da ortogonalidade; Convergência instrumental; Risco existencial.

T

Técnica Do grego *technê*, arte ou saber-fazer produtivo, distinto da *epistêmê* e da *phronêsis*. A filosofia contemporânea da técnica pergunta se ela é um mero instrumento, neutro, ou se tem uma essência e uma dinâmica próprias, que transformam o ser humano e o mundo. → *Ver também:* Filosofia da tecnologia; Gestell.

Teoria ator-rede Abordagem de Bruno Latour, Michel Callon e John Law (anos 1980) que descreve a ciência e a sociedade como redes heterogêneas de "actantes" humanos e não humanos (micróbios, instrumentos, textos), tratados simetricamente. Latour (*Jamais fomos modernos*, 1991) criticou a separação moderna entre natureza e sociedade. → *Ver também:* Construtivismo social da tecnologia (SCOT); Programa forte (Ciência, p. 33).

Tese da ortogonalidade Tese de Nick Bostrom (2012): inteligência e objetivos finais são independentes; praticamente qualquer nível de inteligência pode combinar-se com praticamente qualquer objetivo final, de modo que uma IA muito inteligente não terá, por isso, valores humanos. → *Ver também:* Convergência instrumental; Superinteligência; Lei de Hume (Ética, p. 41).

Tese de Church-Turing Tese de que as funções efetivamente calculáveis por um procedimento mecânico são exatamente as computáveis por máquinas de Turing, equivalentemente, as definíveis no cálculo lambda ou as recursivas gerais (Church e Turing, 1936). Por relacionar uma noção informal a uma formal, não é um teorema; há versões físicas mais fortes e controversas. → *Ver também:* Máquina de Turing; Lambda-cálculo; Algoritmo.

Teste de Turing Proposta de Turing ("Computing Machinery and Intelligence", 1950) de substituir a pergunta "as máquinas podem pensar?" por um "jogo da imitação": se um interrogador, conversando por escrito, não consegue distinguir a máquina de um ser humano, não teríamos razão para negar que ela pensa. Turing discutiu objeções teológicas, matemáticas (Gödel), da consciência e de Lady Lovelace; Ned Block (1981) imaginou uma máquina que passaria no teste com respostas pré-armazenadas. → *Ver também:* Inteligência artificial; Quarto chinês; Efeito ELIZA.

Transumanismo Movimento que defende o uso da tecnologia para superar limites biológicos humanos, como o envelhecimento, a doença e as capacidades cognitivas. O termo foi popularizado por Julian Huxley (1957); Max More e Nick Bostrom são seus teóricos contemporâneos. → *Ver também:* Aprimoramento humano (Ética aplicada, p. 44); Pós-humanismo; Singularidade tecnológica.

V

Valor sensível ao design Metodologia de Batya Friedman e colaboradores (a partir de 1996) que incorpora de forma sistemática valores humanos, como privacidade, autonomia e confiança, ao projeto de tecnologias, combinando investigações conceituais, empíricas e técnicas. → *Ver também:* Política dos artefatos; Ética da IA.

Verificação formal de programas Prova matemática de que um programa satisfaz sua especificação, iniciada com a lógica de Hoare (1969). O artigo de De Millo, Lipton e Perlis (1979) sustentou que provas são aceitas por um processo social, e James Fetzer (1988) argumentou que a verificação não pode garantir o comportamento de máquinas físicas. Assistentes de prova tornaram a verificação prática em sistemas críticos. → *Ver também:* Prova (demonstração) (Matemática, p. 38); Correspondência de Curry-Howard.

Viés algorítmico Erros sistemáticos de sistemas computacionais que produzem resultados injustos para certos grupos, geralmente herdados de dados históricos, de escolhas de projeto ou de contextos de uso. É tema central da justiça algorítmica. → *Ver também:* Justiça algorítmica; Racismo estrutural (Política, p. 51).

ÁREA 21

Filosofia da Educação

Fins, valores, métodos e condições sociais da educação, e o ensino de filosofia.

23 verbetes

A

Autonomia (educação para a) Ideal de formar sujeitos capazes de pensar e decidir por si mesmos. Kant (*Sobre a pedagogia*, 1803) afirmou que o ser humano só se torna humano pela educação; Adorno (*Educação e emancipação*, 1971) sustentou que a primeira exigência de toda educação é que Auschwitz não se repita, e que isso exige formar indivíduos autônomos, capazes de reflexão e de resistência. → *Ver também:* Esclarecimento (Moderna, p. 73); Autonomia (Ética, p. 39).

Autoridade pedagógica Hannah Arendt ("A crise na educação", 1958) sustentou que a autoridade do educador se funda em sua responsabilidade pelo mundo, que ele apresenta aos recém-chegados; a educação deve ser "conservadora" no sentido de proteger tanto a novidade das crianças quanto o mundo comum. → *Ver também:* Autoridade (Política, p. 47).

B

Bildung Formação: conceito central da cultura alemã (Herder, Goethe, Humboldt, Hegel) para o processo pelo qual o indivíduo se forma a si mesmo, cultivando suas capacidades e apropriando-se da cultura. Inspirou o romance de formação e o modelo de universidade de Humboldt (Berlim, 1810), que une ensino e pesquisa. → *Ver também:* Paideia (Antiga, p. 66); Humanismo renascentista (Moderna, p. 74).

C

Capital cultural Conceito de Bourdieu para os recursos culturais (conhecimentos, gostos, diplomas, bens culturais) que conferem vantagens sociais. Existe em estado incorporado (disposições), objetivado (livros, obras) e institucionalizado (títulos escolares), e explica em parte o desempenho escolar desigual. → *Ver também:* Habitus (Continental, p. 81); Reprodução (Bourdieu e Passeron).

Comunidade de investigação Prática, inspirada em Peirce e Dewey e desenvolvida por Matthew Lipman, em que a sala de aula se torna um grupo que investiga questões em diálogo, construindo argumentos a partir das ideias dos participantes, com respeito e rigor. → *Ver também:* Filosofia para crianças; Pragmatismo (Metafilosofia, p. 6).

Conscientização Em Paulo Freire, processo pelo qual os sujeitos passam de uma consciência ingênua a uma consciência crítica de sua realidade, inseparável da ação que a transforma (práxis). Sua experiência de alfabetização de adultos em Angicos (RN, 1963), a partir de palavras geradoras ligadas à vida dos educandos, tornou-se célebre. → *Ver também:* Educação bancária; Dialogicidade; Pedagogia crítica.

Currículo oculto Expressão de Philip Jackson (*Life in Classrooms*, 1968) para as normas, valores e disposições que a escola transmite implicitamente, por sua organização e rotinas, como a obediência, a pontualidade e a aceitação de hierarquias. Foi desenvolvida por Michael Apple e Henry Giroux. → *Ver também:* Aparelhos ideológicos de Estado (Continental, p. 80); Reprodução (Bourdieu e Passeron).

D

Desescolarização Tese de Ivan Illich (*Sociedade sem escolas*, 1971): a escola institucionalizada confunde ensino com aprendizagem e diploma com competência; Illich propôs "teias de aprendizagem" que permitissem a cada um aprender ao longo da vida. → *Ver também:* Currículo oculto.

Dialogicidade Em Paulo Freire, a educação como diálogo, encontro entre sujeitos mediados pelo mundo, que exige amor, humildade, fé nos seres humanos, esperança e pensamento crítico; organiza-se em torno de temas geradores extraídos da realidade dos educandos. → *Ver também:* Conscientização; Educação bancária.

E

Educação bancária Conceito de Paulo Freire (*Pedagogia do oprimido*, escrita em 1968): concepção em que o educador "deposita" conteúdos em educandos tratados como recipientes passivos. Opõe-se à educação problematizadora e libertadora. → *Ver também:* Conscientização; Dialogicidade; Pedagogia crítica.

Educação moral Lawrence Kohlberg, a partir do trabalho de Piaget (*O juízo moral na criança*, 1932), descreveu o desenvolvimento moral em três níveis (pré-convencional, convencional e pós-convencional) e seis estágios, avaliados com dilemas como o de Heinz. Carol Gilligan criticou o modelo por privilegiar uma ética da justiça em detrimento da ética do cuidado. → *Ver também:* Ética do cuidado (Ética, p. 40); Epistemologia genética.

Educação negativa Proposta de Rousseau (*Emílio, ou da educação*, 1762): na primeira infância, não se deve ensinar a virtude e a verdade, mas proteger o coração do vício e o espírito do erro, deixando a natureza agir; Emílio é educado longe da sociedade corruptora. → *Ver também:* Estado de natureza (Política, p. 48).

Emancipação intelectual Tese de Jacques Rancière (*O mestre ignorante*, 1987), a partir da experiência de Joseph Jacotot: a igualdade das inteligências deve ser o ponto de partida, e não a meta, da educação. O mestre "embrutecedor" explica; o emancipador obriga o aluno a usar a própria inteligência. → *Ver também:* Partilha do sensível (Continental, p. 81); Autonomia (educação para a).

Ensino de filosofia Kant afirmou que não se aprende filosofia, mas a filosofar; Hegel defendeu que se aprende a filosofar aprendendo filosofias. No Brasil, a filosofia tornou-se obrigatória no ensino médio em 2008 (Lei 11.684), e a reforma de 2017 (Lei 13.415) passou a falar em "estudos e práticas" de filosofia. Sílvio Gallo propôs a aula como "oficina de conceitos", em quatro etapas: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. → *Ver também:* Maiêutica (Antiga, p. 65); Filosofia para crianças.

Epistemologia genética Teoria de Jean Piaget sobre a construção do conhecimento: a inteligência se desenvolve por assimilação, acomodação e equilibração, através de estágios (sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal). É a base do construtivismo pedagógico. → *Ver também:* Zona de desenvolvimento proximal; Educação moral.

Escola Nova Movimento de renovação educacional do fim do século XIX e início do XX (Dewey, Montessori, Decroly, Claparède) que pôs a criança, a atividade e o interesse no centro do ensino. No Brasil, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), assinado por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e outros, defendeu a escola pública, laica e gratuita. → *Ver também:* Experiência (Dewey).

Experiência (Dewey) Para John Dewey (*Democracia e educação*, 1916; *Experiência e educação*, 1938), a educação é a reconstrução contínua da experiência, guiada pelos princípios de continuidade e interação; aprende-se fazendo, e a escola deve ser uma comunidade democrática em miniatura. → *Ver também:* Pragmatismo (Metafilosofia, p. 6); Escola Nova; Experiência estética (Estética, p. 57).

F

Filosofia para crianças Programa criado por Matthew Lipman nos anos 1970 (Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças, 1974), com novelas filosóficas como *A descoberta de Ari dos Telles* e a prática da comunidade de investigação. Difundiu-se no Brasil a partir dos anos 1980. → *Ver também:* Comunidade de investigação; Ensino de filosofia.

P

Pedagogia crítica Corrente (Paulo Freire, Henry Giroux, Peter McLaren, bell hooks, *Ensinando a transgredir*, 1994) que concebe a educação como prática política, voltada a desvelar relações de opressão e a formar sujeitos capazes de transformá-las. → *Ver também:* Conscientização; Teoria crítica (Continental, p. 82).

Pedagogia histórico-crítica Proposta de Dermeval Saviani (*Escola e democracia*, 1983; *Pedagogia histórico-crítica*, 1991), de base marxista: a função da escola é socializar o saber sistematizado, condição para a participação crítica na sociedade. Saviani classificou as teorias educacionais em não críticas, crítico-reprodutivistas e críticas. → *Ver também:* Reprodução (Bourdieu e Passeron); Marxismo (Política, p. 50).

R

Reprodução (Bourdieu e Passeron) Tese de *A reprodução* (1970): o sistema escolar, ao tratar como dons naturais as vantagens culturais herdadas e ao impor como legítima a cultura das classes dominantes (violência simbólica), contribui para reproduzir as desigualdades sociais. → *Ver também:* Capital cultural; Habitus (Continental, p. 81); Aparelhos ideológicos de Estado (Continental, p. 80).

T

Transposição didática Conceito do didata da matemática Yves Chevallard (1985): o saber científico ("saber sábio") passa por transformações até tornar-se saber a ensinar (nos programas e livros) e saber efetivamente ensinado; a "noosfera" é o conjunto de instâncias que realizam essa transformação. → *Ver também:* Prática matemática (filosofia da) (Matemática, p. 37).

Z

Zona de desenvolvimento proximal Conceito de Lev Vygotsky: distância entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que consegue fazer com a ajuda de alguém mais experiente. Para Vygotsky, as funções psicológicas superiores têm origem social e são mediadas por signos e instrumentos. → *Ver também:* Epistemologia genética.

ÁREA 22

Tradições Filosóficas Não Ocidentais

Conceitos das filosofias indiana, chinesa, japonesa, islâmica, africana e latino-americana e das cosmologias ameríndias (termos transliterados sem diacríticos).

53 verbetes

A

Advaita Vedanta Escola de não dualismo sistematizada por Shankara (século VIII): Brahman é a única realidade; o mundo múltiplo é aparência (*maya*), e o eu individual (*atman*) é idêntico a Brahman, como expressa a fórmula da *Chandogya Upanishad* "tu és isso" (*tat tvam asi*). A libertação vem do conhecimento dessa identidade. → *Ver também:* Atman e Brahman; Darshana; Moksha.

Ahimsa Não violência, princípio ético central do jainismo e importante no budismo e no hinduísmo. Gandhi fez dele a base de sua ação política. → *Ver também:* Desobediência civil (Política, p. 48); Anekantavada.

Amefricanidade Categoria proposta por Lélia Gonzalez (1988) para nomear a experiência histórica comum de africanos e indígenas nas Américas e as formas culturais de resistência que criaram, contra o eurocentrismo e o racismo "por denegação" na América Latina. → *Ver também:* Interseccionalidade (Política, p. 49); Colonialidade do poder (Política, p. 47).

Anatta Doutrina budista do não eu (*anatman*, em sânscrito): não há um eu substancial e permanente; a pessoa é um fluxo de cinco agregados (forma, sensação, percepção, formações mentais e consciência). No diálogo do monge Nagasena com o rei Milinda, a pessoa é comparada a uma carruagem, que não existe à parte de suas peças. → *Ver também:* Três marcas da existência; Eu (o self) (Mente, p. 28); Teoria do feixe (Metafísica, p. 22).

Anekantavada Doutrina jainista da "não unilateralidade": a realidade tem infinitos aspectos, e nenhuma afirmação a esgota. Exprime-se na teoria das sete predicações condicionadas ("de certo ponto de vista, é...") e na parábola dos cegos que tocam partes diferentes de um elefante. → *Ver também:* Relativismo (Metafilosofia, p. 7); Catuskoti.

Antropofagia (Oswald de Andrade) Proposta do *Manifesto antropófago* (1928), de Oswald de Andrade: a cultura brasileira deve "devorar" criticamente a cultura estrangeira, assimilando-a e transformando-a, como no ritual tupi. Oswald desenvolveu a ideia em *A crise da filosofia messiânica* (1950), contrapondo o matriarcado antropofágico ao patriarcado messiânico. → *Ver também:* Perspectivismo ameríndio; Pós-colonialismo (Política, p. 51).

Apoha Teoria budista do significado, desenvolvida por Dignaga (séculos V-VI) e Dharmakirti (século VII): termos gerais não se referem a universais reais, mas significam por exclusão do que é diferente; "vaca" significa, por assim dizer, o que não é não vaca. É uma forma sofisticada de nominalismo, debatida com as escolas realistas Nyaya e Mimamsa. → *Ver também:* Nominalismo (Metafísica, p. 20); Universal (Metafísica, p. 22); Pramana.

Asabiyya Conceito de Ibn Khaldun (*Muqaddimah*, 1377): a coesão ou solidariedade de grupo que permite a uma comunidade conquistar o poder e fundar uma dinastia, e cujo enfraquecimento, com o luxo e a vida urbana, leva ao declínio, num ciclo de algumas gerações. → *Ver também:* Falsafa (Medieval, p. 69).

Atman e Brahman Nas *Upanishads*, *atman* é o eu essencial, e *Brahman*, a realidade última e absoluta, fundamento de tudo. O Advaita Vedanta sustenta sua identidade; outras escolas do Vedanta, como a de Ramanuja, admitem diferenças. → *Ver também:* Advaita Vedanta; Anatta.

B

Bem viver Princípio dos povos andinos (*sumak kawsay*, em quéchua; *suma qamaña*, em aimará) de vida em harmonia com a comunidade e com a natureza (*Pachamama*). Foi incorporado às constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) e inspira críticas à ideia de desenvolvimento. → *Ver também:* Antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo (Ética aplicada, p. 44); Colonialidade do poder (Política, p. 47).

Bodhisattva No budismo Mahayana, ser que, por compaixão (*karuna*) e sabedoria (*prajna*), adia sua libertação final para ajudar todos os seres a se libertarem. → *Ver também:* Nirvana; Madhyamaka.

C

Carma Ação e suas consequências: segundo várias tradições indianas, as ações intencionais deixam marcas que condicionam as experiências futuras e os renascimentos. → *Ver também:* Samsara; Dharma.

Carvaka Escola materialista indiana, também chamada Lokayata: só a percepção é fonte segura de conhecimento; não há alma imortal, carma nem vida

após a morte, e o prazer é o fim da vida. É conhecida quase só pelas obras de seus adversários. → *Ver também:* Materialismo (Metafísica, p. 20); Pramana.

Catuskoti Tetralema da lógica indiana e budista: sobre uma proposição, há quatro alternativas, que ela é, que não é, que é e não é, e que nem é nem não é. Nagarjuna rejeita as quatro para questões metafísicas; Graham Priest propôs interpretações paraconsistentes. → *Ver também:* Madhyamaka; Lógica paraconsistente (Lógica, p. 10); Dialeteísmo (Lógica, p. 9).

Chan e Zen Escola budista que enfatiza a meditação e a iluminação direta, além das palavras: o Chan chinês (Huineng e o *Sutra da Plataforma*, com a iluminação súbita) e o Zen japonês, com Dogen (*Shobogenzo*, prática do "apenas sentar") e a escola Rinzai, que usa *koans*, enigmas que desafiam o raciocínio discursivo. → *Ver também:* Escola de Kyoto; Nirvana.

Comunitarismo africano Concepções africanas da pessoa e da sociedade que dão primazia à comunidade. Ifeanyi Menkiti (1984) sustentou que a pessoalidade é uma conquista gradual, alcançada na vida comunitária; Kwame Gyekye defendeu um comunitarismo moderado, que preserva direitos individuais. → *Ver também:* Ubuntu; Pessoa (Ética aplicada, p. 45); Comunitarismo (Política, p. 47).

Confucionismo Tradição iniciada por Kongzi, Confúcio (551-479 a.C.; *Analectos*), centrada no cultivo moral, nas virtudes de humanidade (*ren*) e retidão (*yi*), nos ritos (*li*), na piedade filial (*xiao*) e no governo pelo exemplo. Mêncio defendeu a bondade inata da natureza humana, com seus "quatro brotos"; Xunzi, sua tendência ao mal, corrigida pelos ritos e pela educação. → *Ver também:* Junzi; Ren; Neoconfucionismo.

D

Dao O "caminho": no confucionismo, o caminho ético dos sábios antigos; no daoismo, a fonte e o curso inominável de todas as coisas. O *Daodejing* começa afirmando que o Dao que pode ser dito não é o Dao constante. → *Ver também:* Daoismo; Wu wei.

Daoismo Tradição associada a Laozi (*Daodejing*) e a Zhuangzi (século IV a.C.), que valoriza o Dao, a espontaneidade (*ziran*), a ação sem esforço (*wu wei*), a simplicidade e a relatividade das perspectivas, como no sonho em que Zhuangzi não sabe se é um homem que sonhou ser borboleta ou uma borboleta que sonha ser homem. → *Ver também:* Dao; Wu wei; Argumento do sonho (Epistemologia, p. 13).

Darshana "Visão" ou ponto de vista: nome dos sistemas filosóficos indianos. As seis escolas ortodoxas (*astika*), que aceitam a autoridade dos Vedas, são Nyaya, Vaisheshika, Samkhya, Yoga, Mimamsa e Vedanta; as heterodoxas (*nastika*) incluem o budismo, o jainismo e o Carvaka. → *Ver também:* Nyaya; Samkhya; Advaita Vedanta.

Dharma Termo de muitos sentidos: no hinduísmo, a ordem cósmica e moral e o dever próprio de cada um; no budismo, o ensinamento do Buda e também os fenômenos elementares (os *dharmas*) que compõem a experiência. → *Ver também:* Carma.

Duas verdades Distinção budista, central no Madhyamaka, entre a verdade convencional (*samvrti*), que vale para a linguagem e a prática cotidianas, e a verdade última (*paramartha*), a vacuidade de todos os fenômenos. → *Ver também:* Madhyamaka; Sunyata.

E

Escola de Kyoto Grupo de filósofos japoneses que pôs em diálogo a filosofia ocidental e o budismo: Nishida Kitaro (*Um estudo sobre o bem*, 1911, com a noção de "experiência pura"; lógica do lugar, *basho*; nada absoluto), Tanabe Hajime e Nishitani Keiji (*Religião e o nada*, 1961). O envolvimento de alguns membros com o nacionalismo da época da guerra é objeto de debate. → *Ver também:* Chan e Zen; Sunyata.

Escola dos Nomes Corrente chinesa do período dos Reinos Combatentes (Hui Shi, Gongsun Long) dedicada a paradoxos e à relação entre nomes e realidades, como na tese de Gongsun Long de que "um cavalo branco não é um cavalo". → *Ver também:* Moísmo; Retificação dos nomes.

F

Filosofia africana Debate sobre a existência e a natureza de uma filosofia africana. A etnofilosofia (Placide Tempels, *A filosofia bantu*, 1945; Alexis Kagame) reconstruía visões de mundo coletivas; Paulin Hountondji (*Sobre a "filosofia africana"*, 1976) a criticou como "unanimista", e Kwasi Wiredu defendeu a "descolonização conceitual". Henry Odera Oruka distinguiu quatro correntes: etnofilosofia, filosofia da sagacidade, filosofia nacionalista-ideológica e filosofia profissional. → *Ver também:* Ubuntu; Comunitarismo africano; Negritude.

Filosofia da iluminação Escola fundada por Suhrawardi (século XII; *A sabedoria da iluminação*): a realidade é uma hierarquia de luzes que emanam da Luz das Luzes, e o conhecimento mais alto é por presença, isto é, pela iluminação direta, e não pela definição. → *Ver também:* Falsafa (Medieval, p. 69); Primazia da existência.

Filosofia da libertação Corrente latino-americana surgida na Argentina no início dos anos 1970 (Enrique Dussel, *Filosofia da libertação*, 1977; Juan Carlos Scannone; Arturo Roig), que pensa a partir da exterioridade do outro excluído (o pobre, o oprimido, o colonizado). Augusto Salazar Bondy perguntou em 1968 se existia uma filosofia da nossa América. Dussel propôs a "transmodernidade". → *Ver*

também: Colonialidade do poder (Política, p. 47); Alteridade (Fenomenologia, p. 76); Teologia da libertação.

J

Junzi Na tradição confuciana, a pessoa exemplar ou nobre de caráter, que cultiva a virtude e age segundo o que é correto, em contraste com a "pessoa pequena" (*xiaoren*), guiada pelo interesse. → *Ver também:* Confucionismo; Ren.

L

Li Dois termos distintos, que se transliteram igualmente, mas se escrevem com caracteres diferentes: no confucionismo clássico, *li* são os ritos e normas de conduta que estruturam a vida social; no neoconfucionismo, *li* é o princípio ou padrão racional das coisas, em relação com a energia material (*qi*). → *Ver também:* Confucionismo; Neoconfucionismo.

M

Madhyamaka Escola budista do "caminho do meio" fundada por Nagarjuna (século II; *Versos fundamentais do caminho do meio*): todos os fenômenos são vazios de natureza própria (*svabhava*), pois surgem em dependência de causas e condições, o que evita tanto o eternalismo quanto o niilismo. A própria vacuidade é vazia. → *Ver também:* Sunyata; Duas verdades; Originação dependente.

Moísmo Escola fundada por Mozi (século V a.C.), crítica do confucionismo: defendia o cuidado imparcial por todos (*jian ai*), condenava a guerra ofensiva e os gastos com rituais e música, e avaliava doutrinas por seus benefícios para o povo, numa forma de consequencialismo. Os moístas tardios desenvolveram lógica, ótica e geometria. → *Ver também:* Consequencialismo (Ética, p. 39); Escola dos Nomes.

Moksha Libertação do ciclo de renascimentos (*samsara*), fim último das principais escolas indianas, alcançada pelo conhecimento, pela devoção ou pela disciplina. → *Ver também:* Samsara; Nirvana.

N

Negritude Movimento literário e político dos anos 1930 a 1950 (Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas) de afirmação dos valores culturais negros contra o colonialismo. Foi criticado por Frantz Fanon e por Wole Soyinka, para quem o tigre não proclama sua "tigritude". → *Ver também:* Pós-colonialismo (Política, p. 51); Filosofia africana.

Neoconfucionismo Renovação do confucionismo a partir da dinastia Song. Zhu Xi (1130-1200) sistematizou a doutrina do princípio (*li*) e da energia material (*qi*) e a "investigação das coisas"; Wang Yangming (1472-1529) defendeu que o princípio está na mente, a unidade entre conhecimento e ação e o conhecimento moral inato. → *Ver também:* Li; Confucionismo.

Nepantla Termo náuatle para o estado de "estar no meio". Gloria Anzaldúa (*Borderlands/La Frontera*, 1987) fez dele a figura de uma "consciência mestiça", que habita a fronteira entre culturas; James Maffie o usou para interpretar a metafísica asteca. → *Ver também:* Colonialidade do poder (Política, p. 47).

Nirvana "Extinção": no budismo, a cessação do desejo, da aversão e da ignorância e, portanto, do sofrimento e do ciclo de renascimentos. → *Ver também:* Quatro Nobres Verdades; Moksha.

Nyaya Escola indiana de lógica e epistemologia (*Nyaya Sutra*, atribuído a Gautama; Navya-Nyaya, a partir de Gangesha, século XIV). Reconhece quatro meios de conhecimento (percepção, inferência, comparação e testemunho) e formula a inferência em cinco membros: há fogo na montanha; porque há fumaça; onde há fumaça há fogo, como na cozinha; a montanha tem fumaça; logo, tem fogo. → *Ver também:* Pramana; Silogismo (Lógica, p. 11); Testemunho (Epistemologia, p. 16).

O

Originação dependente Doutrina budista (*pratityasamutpada*) de que todos os fenômenos surgem na dependência de causas e condições, e nada existe por si mesmo. A tradição a expõe numa cadeia de doze elos, da ignorância à velhice e morte. → *Ver também:* Madhyamaka; Sunyata.

P

Perspectivismo ameríndio Teoria de Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima (anos 1990): nas cosmologias amazônicas, todos os seres que têm alma veem a si mesmos como humanos e veem os outros segundo os próprios corpos (o que para nós é sangue, para a onça é cerveja de mandioca). Ao "multiculturalismo" ocidental, de uma natureza e muitas culturas, opõe-se um "multinaturalismo", de uma cultura e muitas naturezas (*Metafísicas canibais*, 2009). → *Ver também:* Antropofagia (Oswald de Andrade); Relativismo (Metafilosofia, p. 7).

Pramana Meio válido de conhecimento nas epistemologias indianas. As escolas divergem quanto ao número: o Carvaka admite só a percepção; os budistas Dignaga e Dharmakirti, percepção e inferência; a Nyaya acrescenta comparação e testemunho; a Mimamsa e o Vedanta admitem outros. → *Ver também:* Nyaya; Apoha; Testemunho (Epistemologia, p. 16).

Primazia da existência Tese de Mulla Sadra (século XVII), da escola de Isfahan: a existência é o real fundamental, e as essências são apenas os limites que a mente abstrai de seus graus. Defendeu também

o "movimento substancial", segundo o qual a mudança atinge a própria substância das coisas. → *Ver também:* Essência e existência (Medieval, p. 68); Filosofia da iluminação.

Q

Quatro Nobres Verdades Núcleo do ensinamento do Buda: há sofrimento (*dukkha*); o sofrimento tem uma origem, a sede ou o desejo (*tanha*); o sofrimento pode cessar (nirvana); e há um caminho para a cessação, o Nobre Caminho Óctuplo (compreensão, intenção, fala, ação, meio de vida, esforço, atenção e concentração corretos). → *Ver também:* Nirvana; Três marcas da existência.

R

Ren Humanidade ou benevolência, virtude central do confucionismo: o amor pelos outros, cultivado nas relações e expresso pelos ritos. → *Ver também:* Confucionismo; Junzi.

Retificação dos nomes Doutrina confuciana (*zhengming*, *Analectos* 13.3): se os nomes não forem corretos, a linguagem não corresponderá à realidade, e os assuntos não poderão ser bem conduzidos; o governante deve ser governante, o súdito, súdito, o pai, pai, e o filho, filho (12.11). → *Ver também:* Confucionismo; Escola dos Nomes.

S

Samkhya Escola dualista indiana que distingue a consciência pura (*purusha*), múltipla e inativa, e a natureza material (*prakriti*), composta de três qualidades (*gunas*), da qual evoluem o intelecto, o ego e os elementos. É a base teórica do Yoga de Patanjali. → *Ver também:* Darshana; Dualismo de substância (Mente, p. 28).

Samsara Ciclo de nascimento, morte e renascimento, governado pelo carma, do qual as tradições indianas buscam a libertação. → *Ver também:* Carma; Moksha; Nirvana.

Sunyata Vacuidade: no budismo Mahayana, a ausência de natureza própria e independente em todos os fenômenos, que existem apenas de modo dependente. Não equivale ao nada. → *Ver também:* Madhyamaka; Duas verdades; Originação dependente.

T

Teologia da libertação Corrente teológica latino-americana (Gustavo Gutiérrez, *Teologia da libertação*, 1971; Leonardo Boff) que lê o cristianismo a partir da "opção preferencial pelos pobres" e usa a análise social para pensar a libertação histórica dos oprimidos. → *Ver também:* Filosofia da libertação; Marxismo (Política, p. 50).

Três marcas da existência Segundo o budismo, todos os fenômenos condicionados são impermanentes (*anicca*), insatisfatórios (*dukkha*) e destituídos de um eu (*anatta*). → *Ver também:* Anatta; Quatro Nobres Verdades.

U

Ubuntu Concepção ética e ontológica dos povos bantos da África austral, resumida no ditado zulu *umuntu ngumuntu ngabantu*, "uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas". Mogobe Ramose a interpretou como filosofia; Thaddeus Metz (2007) a formulou como teoria moral que manda honrar relações de comunhão. Inspirou a Comissão da Verdade e Reconciliação da África do Sul. → *Ver também:* Comunitarismo africano; Filosofia africana.

W

Wu wei "Não ação" ou ação sem esforço, ideal daoista de agir em harmonia com o curso natural das coisas, sem forçá-las; vale tanto para o sábio quanto para o governante, que governa melhor quanto menos interfere. → *Ver também:* Daoismo; Dao.

Y

Yin e yang Par de forças complementares e interdependentes do pensamento chinês (escuro e claro, passivo e ativo, feminino e masculino), cuja alternância explica a mudança. Está presente no *Livro das mutações* (*Yijing*) e foi sistematizado pela escola yin-yang (Zou Yan). → *Ver também:* Dao.

Yogacara Escola budista Mahayana (Asanga e Vasubandhu, séculos IV-V) segundo a qual só há consciência (*vijnaptimatra*): os objetos aparentemente externos são construções mentais; propôs uma "consciência-armazém" (*alayavijnana*) que guarda as sementes do carma. → *Ver também:* Idealismo (Metafísica, p. 19); Madhyamaka.

Índice remissivo

A

A gente (das Man) (*Fenomenologia*) ... 76
À-mão e subsistente (*Fenomenologia*) ... 76
A posteriori (*Epistemologia*) ... 13
A priori (*Epistemologia*) ... 13
Abdução (*Lógica*) ... 8
Aborto (*Ética aplicada*) ... 44
Absoluto (*Moderna*) ... 72
Abstração (*Metafilosofia*) ... 5
Abstração (princípios de) (*Matemática*) ... 35
Abstrato e concreto (*Metafísica*) ... 17
Absurdo (*Fenomenologia*) ... 76
Academia (*Antiga*) ... 63
Ação (filosofia da) (*Mente*) ... 27
Acidente (*Metafísica*) ... 17
Adaptacionismo (*Ciência*) ... 31
Advaita Vedanta (*Não ocidentais*) ... 91
Aforismo (*Metafilosofia*) ... 5
Agente artificial (*Tecnologia e IA*) ... 83
Agente moral e paciente moral (*Ética*) ... 39
Agentes morais artificiais (*Tecnologia e IA*) ... 83
Agir comunicativo (*Continental*) ... 80
Agnosticismo (*Religião*) ... 59
Ahimsa (*Não ocidentais*) ... 91
Akrasia (*Ética*) ... 39
Alegoria da caverna (*Antiga*) ... 63
Além-do-homem (*Moderna*) ... 72
Alétheia (*Fenomenologia*) ... 76
Algoritmo (*Tecnologia e IA*) ... 83
Alienação (*Política*) ... 47
Alinhamento (problema do) (*Tecnologia e IA*) ... 83
Alteridade (*Fenomenologia*) ... 76
Altruísmo eficaz (*Ética aplicada*) ... 44
Altruísmo (*Ética*) ... 39
Ambiguidade (*Linguagem*) ... 23
Amefricanidade (*Não ocidentais*) ... 91
Amor fati (*Moderna*) ... 72
Análise conceitual (*Metafilosofia*) ... 5
Análise econômica do direito (*Direito*) ... 53
Analítico e sintético (*Epistemologia*) ... 13
Analogia do ser (*Medieval*) ... 68
Analogia (linguagem religiosa) (*Religião*) ... 59
Anamnese (*Antiga*) ... 63
Anarquismo epistemológico (*Ciência*) ... 31
Anarquismo (*Política*) ... 47
Anatta (*Não ocidentais*) ... 91
Anekantavada (*Não ocidentais*) ... 91
Angústia (*Fenomenologia*) ... 76
Anomalia (*Ciência*) ... 31
Antinomia (*Lógica*) ... 8
Antropocentrismo, biocentrismo e ecocentrismo (*Ética aplicada*) ... 44
Antropofagia (Oswald de Andrade) (*Não ocidentais*) ... 91
Aparelhos ideológicos de Estado (*Continental*) ... 80
Apatheia (*Antiga*) ... 63
Apeiron (*Antiga*) ... 63
Apercepção transcendental (*Moderna*) ... 72
Aplicabilidade da matemática (*Matemática*) ... 35
Apoha (*Não ocidentais*) ... 91
Apolíneo e dionisíaco (*Estética*) ... 56
Aporia (*Metafilosofia*) ... 5
Aposta de Pascal (*Religião*) ... 59
Aprendizado de máquina (*Tecnologia e IA*) ... 83
Aprimoramento humano (*Ética aplicada*) ... 44
Aretê (*Antiga*) ... 63
Argumento cosmológico (*Religião*) ... 59
Argumento da indispensabilidade (*Matemática*) ... 35
Argumento do conhecimento (*Mente*) ... 27
Argumento do desígnio (*Religião*) ... 59
Argumento do sonho (*Epistemologia*) ... 13
Argumento dos zumbis (*Mente*) ... 27
Argumento (*Lógica*) ... 8
Argumento moral (*Religião*) ... 59
Argumento ontológico (*Religião*) ... 59
Argumento transcendental (*Metafilosofia*) ... 5
Arkhé (*Antiga*) ... 63
Arqueologia do saber (*Continental*) ... 80
Arte (definição de) (*Estética*) ... 56
Arte pela arte (*Estética*) ... 56
Asabiyya (*Não ocidentais*) ... 91
Astúcia da razão (*Moderna*) ... 72
Ataraxia (*Antiga*) ... 63
Ateísmo (*Religião*) ... 59
Atitude proposicional (*Linguagem*) ... 23
Atman e Brahman (*Não ocidentais*) ... 91
Ato de fala (*Linguagem*) ... 23
Ato e potência (*Metafísica*) ... 17
Atomismo (*Antiga*) ... 63
Atributos divinos (*Religião*) ... 59
Atualismo (*Metafísica*) ... 17
Aufhebung (*Moderna*) ... 72
Aura (*Estética*) ... 56
Autarkeia (*Antiga*) ... 63
Autenticidade e falsificação (*Estética*) ... 56
Autenticidade (*Fenomenologia*) ... 76
Autoconhecimento (*Mente*) ... 27
Autonomia (educação para a) (*Educação*) ... 89
Autonomia (*Ética*) ... 39
Autopoiese (*Tecnologia e IA*) ... 83
Autoridade (*Política*) ... 47
Autoridade pedagógica (*Educação*) ... 89
Autorreferência (*Lógica*) ... 8
Averroísmo latino (*Medieval*) ... 68
Axiologia (*Metafilosofia*) ... 5
Axioma da escolha (*Matemática*) ... 35
Axioma (*Lógica*) ... 8
Axiomas de Peano (*Matemática*) ... 35

B

Banalidade do mal (*Política*) ... 47
Bayesianismo (*Ciência*) ... 31
Behaviorismo (*Mente*) ... 27

Belo (*Estética*) 56
Bem comum (*Política*) 47
Bem-estar (*Ética*) 39
Bem (*Ética*) 39
Bem viver (*Não ocidentais*) 91
Bildung (*Educação*) 89
Bioética (*Ética aplicada*) 44
Biopolítica (*Política*) 47
Bivalência (princípio da) (*Lógica*) 8
Bodhisattva (*Não ocidentais*) 91

C

Capacidades (abordagem das) (*Política*) 47
Capital cultural (*Educação*) 89
Capitalismo de vigilância (*Tecnologia e IA*) 83
Carga teórica da observação (*Ciência*) 31
Carma (*Não ocidentais*) 91
Carne (*Fenomenologia*) 76
Carvaka (*Não ocidentais*) 91
Catarse (*Estética*) 56
Categoria (*Metafísica*) 17
Categorias do entendimento (*Moderna*) 72
Categoricidade (*Matemática*) 35
Catuskoti (*Não ocidentais*) 92
Causação mental (*Mente*) 27
Causalidade (*Metafísica*) 17
Cérebro numa cuba (*Epistemologia*) 13
Certeza (*Epistemologia*) 13
Ceticismo acadêmico (*Antiga*) 63
Ceticismo (*Epistemologia*) 13
Chan e Zen (*Não ocidentais*) 92
Cibernética (*Tecnologia e IA*) 83
Ciborgue (*Tecnologia e IA*) 83
Cidadania (*Política*) 47
Cidade de Deus (*Medieval*) 68
Ciência normal (*Ciência*) 31
Cinismo (*Antiga*) 63
Círculo cartesiano (*Moderna*) 72
Círculo de Viena (*Ciência*) 31
Círculo hermenêutico (*Fenomenologia*) 76
Cirenaicos (*Antiga*) 63
Clinâmen (*Antiga*) 63
Coerentismo (*Epistemologia*) 13
Cogito (*Moderna*) 72
Cognição 4E (*Mente*) 27
Cognitivismo e não cognitivismo (*Ética*) 39
Coincidência material (*Metafísica*) 17
Coisa em si (*Moderna*) 72
Colonialidade do poder (*Política*) 47
Como é ser um morcego? (*Mente*) 27
Compacidade (teorema da) (*Lógica*) 8
Compatibilismo (*Metafísica*) 17
Completude (*Lógica*) 8
Complexidade computacional (*Tecnologia e IA*) 83
Composição (questão especial da) (*Metafísica*) 17
Composicionalidade (princípio de) (*Linguagem*) 23
Compreensão e explicação (*Fenomenologia*) 76
Compreensão (epistemologia da) (*Epistemologia*) 13
Compromisso ontológico (*Metafísica*) 17
Computação (implementação da) (*Tecnologia e IA*) 84
Comunidade de investigação (*Educação*) 89
Comunitarismo africano (*Não ocidentais*) 92
Comunitarismo (*Política*) 47
Conatus (*Moderna*) 72
Conceito (*Metafilosofia*) 5
Conceitos fenomênicos (estratégia dos) (*Mente*) 27
Condenações de 1277 (*Medieval*) 68
Condicional material (*Lógica*) 8
Conectivo lógico (*Lógica*) 8
Conexionismo (*Tecnologia e IA*) 84
Confiabilismo (*Epistemologia*) 13
Confiança em IA (*Tecnologia e IA*) 84
Confirmação (*Ciência*) 31
Confucionismo (*Não ocidentais*) 92
Conhecimento (*Epistemologia*) 13
Conhecimento por contato (*Epistemologia*) 13
Conotação e denotação (*Linguagem*) 23
Consciência artificial (*Tecnologia e IA*) 84
Consciência (*Mente*) 27
Consciência interna do tempo (*Fenomenologia*) 76
Conscientização (*Educação*) 89
Consenso sobreposto (*Política*) 48
Consentimento informado (*Ética aplicada*) 44
Consequência lógica (*Lógica*) 8
Consequencialismo (*Ética*) 39
Consequências (teoria das) (*Medieval*) 68
Conservadorismo (*Política*) 48
Consistência (*Lógica*) 8
Constitucionalismo (*Direito*) 53
Construtivismo matemático (*Matemática*) 35
Construtivismo moral (*Ética*) 39
Construtivismo social da tecnologia (SCOT) (*Tecnologia e IA*) 84
Conteúdo mental (amplo e estreito) (*Mente*) 28
Contexto da descoberta e da justificação (*Ciência*) 31
Contexto (princípio do) (*Linguagem*) 23
Contextualismo epistêmico (*Epistemologia*) 13
Contextualismo semântico (*Linguagem*) 23
Contradição (princípio de não) (*Lógica*) 8
Contraexemplo (*Metafilosofia*) 5
Contrafactual (*Metafísica*) 17
Contrato social (*Política*) 48
Contratualismo (*Ética*) 39
Convencionalismo (*Ciência*) 31
Convergência instrumental (*Tecnologia e IA*) 84
Corpo próprio (*Fenomenologia*) 77
Correção (soundness) (*Lógica*) 9
Correspondência de Curry-Howard (*Tecnologia e IA*) 84
Corroboração (*Ciência*) 31
Cosmopolitismo (*Política*) 48
Cosmos (*Antiga*) 64
Cosmotécnica (*Tecnologia e IA*) 84
Crença (*Epistemologia*) 13
Criação ex nihilo (*Religião*) 59
Critério de demarcação (*Ciência*) 31
Crítica (*Metafilosofia*) 5
Crítica da religião (*Religião*) 59
Cuidado (*Fenomenologia*) 77
Currículo oculto (*Educação*) 89

D

Dados dos sentidos (sense-data) (*Epistemologia*) 14
Daimon (*Antiga*) 64
Dao (*Não ocidentais*) 92
Daoismo (*Não ocidentais*) 92
Darshana (*Não ocidentais*) 92
Dasein (*Fenomenologia*) 77
De re e de dicto (*Metafísica*) 18

Decidibilidade (*Lógica*) ... 9
Dedução (*Lógica*) ... 9
Dedução natural (*Lógica*) ... 9
Definição (*Metafilosofia*) ... 5
Deflacionismo (sobre a verdade) (*Linguagem*) ... 23
Deísmo (*Religião*) ... 60
Dêiticos e indexicais (*Linguagem*) ... 23
Demiurgo (*Antiga*) ... 64
Democracia (*Política*) ... 48
Deontologia (*Ética*) ... 39
Derrotador (*Epistemologia*) ... 14
Desacordo entre pares (*Epistemologia*) ... 14
Desconstrução (*Continental*) ... 80
Descrições definidas (*Linguagem*) ... 23
Desescolarização (*Educação*) ... 89
Desespero (*Fenomenologia*) ... 77
Designador rígido (*Linguagem*) ... 23
Desinteresse (*Estética*) ... 56
Desobediência civil (*Política*) ... 48
Determinismo (*Metafísica*) ... 18
Determinismo tecnológico (*Tecnologia e IA*) ... 84
Deus sive Natura (*Moderna*) ... 72
Dever de assistência (*Ética aplicada*) ... 44
Dever (*Ética*) ... 40
Deveres prima facie (*Ética*) ... 40
Devir (Heráclito) (*Antiga*) ... 64
Dharma (*Não ocidentais*) ... 92
Diagonalização (*Matemática*) ... 35
Dialeteísmo (*Lógica*) ... 9
Dialética (*Metafilosofia*) ... 5
Dialética do esclarecimento (*Continental*) ... 80
Dialética negativa (*Continental*) ... 80
Dialogicidade (*Educação*) ... 89
Diálogo (*Metafilosofia*) ... 5
Dicotomia do controle (*Antiga*) ... 64
Diferença (Deleuze) (*Continental*) ... 80
Diferença ontológica (*Fenomenologia*) ... 77
Différance (*Continental*) ... 80
Dignidade (*Ética*) ... 40
Dikê (*Antiga*) ... 64
Dilema de Benacerraf (*Matemática*) ... 35
Dilema de Eutífron (*Religião*) ... 60
Dilema (*Lógica*) ... 9
Dilema moral (*Ética*) ... 40
Direito como integridade (*Direito*) ... 53
Direito natural (jusnaturalismo) (*Direito*) ... 53
Direito subjetivo (*Direito*) ... 53
Direitos dos animais (*Ética aplicada*) ... 44
Direitos humanos (*Política*) ... 48
Direitos naturais (*Política*) ... 48
Disposição (*Metafísica*) ... 18
Distensão da alma (*Medieval*) ... 68
Distinção formal (*Medieval*) ... 68
Dogmatismo (*Metafilosofia*) ... 6
Douta ignorância (*Medieval*) ... 68
Doxa (*Antiga*) ... 64
Doxografia (*Antiga*) ... 64
Dualismo de propriedades (*Mente*) ... 28
Dualismo de substância (*Mente*) ... 28
Duas verdades (*Não ocidentais*) ... 92
Dúvida metódica (*Moderna*) ... 73

E

Ecologia profunda (*Ética aplicada*) ... 44
Educação bancária (*Educação*) ... 89
Educação moral (*Educação*) ... 89
Educação negativa (*Educação*) ... 90
Efeito ELIZA (*Tecnologia e IA*) ... 84
Eficácia e validade (*Direito*) ... 53
Egoísmo psicológico e ético (*Ética*) ... 40
Eleatas (*Antiga*) ... 64
Elenchos (*Antiga*) ... 64
Eliminativismo (*Mente*) ... 28
Em-si e para-si (*Fenomenologia*) ... 77
Emancipação intelectual (*Educação*) ... 90
Emergência (*Metafísica*) ... 18
Emoção (*Mente*) ... 28
Emotivismo (*Ética*) ... 40
Empirismo construtivo (*Ciência*) ... 32
Empirismo (*Epistemologia*) ... 14
Empirismo matemático (*Matemática*) ... 36
Engenharia conceitual (*Metafilosofia*) ... 6
Ensino de filosofia (*Educação*) ... 90
Enteléquia (*Antiga*) ... 64
Entimema (*Lógica*) ... 9
Enunciado (*Lógica*) ... 9
Epicurismo (*Antiga*) ... 64
Epifenomenalismo (*Mente*) ... 28
Episteme (*Antiga*) ... 64
Episteme (Foucault) (*Continental*) ... 80
Epistemologia da virtude (*Epistemologia*) ... 14
Epistemologia do ponto de vista (*Epistemologia*) ... 14
Epistemologia genética (*Educação*) ... 90
Epistemologia histórica (*Ciência*) ... 32
Epistemologia naturalizada (*Epistemologia*) ... 14
Epistemologia reformada (*Religião*) ... 60
Epistemologia social (*Epistemologia*) ... 14
Epoché (*Epistemologia*) ... 14
Equidade (epieikeia) (*Direito*) ... 53
Ergon (argumento da função) (*Antiga*) ... 64
Erro categorial (*Mente*) ... 28
Esclarecimento (*Moderna*) ... 73
Escola de Frankfurt (*Continental*) ... 80
Escola de Kyoto (*Não ocidentais*) ... 92
Escola dos Nomes (*Não ocidentais*) ... 92
Escola megárica (*Antiga*) ... 64
Escola Nova (*Educação*) ... 90
Escolástica (*Medieval*) ... 68
Esfera pública (*Política*) ... 48
Espaço de trabalho global (teoria do) (*Mente*) ... 28
Espaço (*Metafísica*) ... 18
Especismo (*Ética aplicada*) ... 44
Espírito absoluto (*Moderna*) ... 73
Espírito de finura (*Moderna*) ... 73
Esquematismo (*Moderna*) ... 73
Esse (ato de ser) (*Medieval*) ... 68
Esse est percipi (*Moderna*) ... 73
Essência e existência (*Medieval*) ... 68
Essência (*Metafísica*) ... 18
Essencialismo (*Metafísica*) ... 18
Estádio do espelho (*Continental*) ... 80
Estádios da existência (*Fenomenologia*) ... 77
Estado de direito (*Direito*) ... 53
Estado de natureza (*Política*) ... 48
Estado (*Política*) ... 48

Estética ambiental (*Estética*) ... 56
Estética da recepção (*Estética*) ... 57
Estética (*Estética*) ... 56
Estoicismo (*Antiga*) ... 64
Estruturalismo (*Continental*) ... 81
Estruturalismo matemático (*Matemática*) ... 36
Eternalismo (*Metafísica*) ... 18
Eternidade divina (*Religião*) ... 60
Eterno retorno (*Moderna*) ... 73
Ética ambiental (*Ética aplicada*) ... 45
Ética da ambiguidade (*Fenomenologia*) ... 77
Ética da convicção e ética da responsabilidade (*Ética*) 40
Ética da crença (*Epistemologia*) ... 14
Ética da IA (*Tecnologia e IA*) ... 84
Ética da informação (*Tecnologia e IA*) ... 85
Ética das virtudes (*Ética*) ... 40
Ética do cuidado (*Ética*) ... 40
Ética do discurso (*Ética*) ... 40
Ética (*Ética*) ... 40
Ética populacional (*Ética aplicada*) ... 45
Eticidade (*Moderna*) ... 73
Eu (o self) (*Mente*) ... 28
Eudaimonia (*Antiga*) ... 65
Eutanásia (*Ética aplicada*) ... 45
Evento (Badiou) (*Continental*) ... 81
Evento (*Metafísica*) ... 18
Evidencialismo (*Epistemologia*) ... 14
Existência (*Metafísica*) ... 18
Existência precede a essência (*Fenomenologia*) ... 77
Existencialismo (*Fenomenologia*) ... 77
Experiência (Dewey) (*Educação*) ... 90
Experiência estética (*Estética*) ... 57
Experiência religiosa (*Religião*) ... 60
Experimento crucial (*Ciência*) ... 32
Experimento mental (*Metafilosofia*) ... 6
Explicabilidade (*Tecnologia e IA*) ... 85
Explicação científica (*Ciência*) ... 32
Explicação matemática (*Matemática*) ... 36
Explosão (princípio da) (*Lógica*) ... 9
Expressão (teoria da) (*Estética*) ... 57
Expressivismo (*Ética*) ... 40
Externismo epistêmico (*Epistemologia*) ... 14
Externismo semântico (*Linguagem*) ... 24

F

Facticidade (*Fenomenologia*) ... 77
Falácia (*Lógica*) ... 9
Falácia naturalista (*Ética*) ... 40
Falibilismo (*Epistemologia*) ... 14
Falsafa (*Medieval*) ... 69
Falsificacionismo (*Ciência*) ... 32
Fatalismo (*Metafísica*) ... 18
Fato (*Metafísica*) ... 18
Fazedor de verdade (*Metafísica*) ... 18
Fé e razão (*Religião*) ... 60
Fé que busca compreender (*Medieval*) ... 69
Fechamento epistêmico (princípio do) (*Epistemologia*) . 14
Feio (*Estética*) ... 57
Felicidade (*Ética*) ... 40
Feminismo (*Política*) ... 48
Fenomenalismo (*Epistemologia*) ... 14
Fenomenologia (*Fenomenologia*) ... 77
Fetichismo da mercadoria (*Continental*) ... 81
Ficcionalismo matemático (*Matemática*) ... 36
Ficcionalismo (*Metafísica*) ... 19
Fideísmo (*Religião*) ... 60
Filosofia africana (*Não ocidentais*) ... 92
Filosofia analítica (*Metafilosofia*) ... 6
Filosofia (*Metafilosofia*) ... 6
Filosofia continental (*Metafilosofia*) ... 6
Filosofia da iluminação (*Não ocidentais*) ... 92
Filosofia da libertação (*Não ocidentais*) ... 92
Filosofia da linguagem ordinária (*Metafilosofia*) ... 6
Filosofia da tecnologia (*Tecnologia e IA*) ... 85
Filosofia experimental (*Metafilosofia*) ... 6
Filosofia para crianças (*Educação*) ... 90
Finalidade sem fim (*Estética*) ... 57
Finitismo (*Matemática*) ... 36
Fisicalismo (*Mente*) ... 28
Forma lógica (*Lógica*) ... 9
Formalismo estético (*Estética*) ... 57
Formalismo (*Matemática*) ... 36
Formas puras da sensibilidade (*Moderna*) ... 73
Fórmula de Radbruch (*Direito*) ... 53
Fotografia e cinema (ontologia de) (*Estética*) ... 57
Função (biológica) (*Ciência*) ... 32
Funcionalismo (*Mente*) ... 28
Fundacionalismo (*Epistemologia*) ... 14
Fundamentação (grounding) (*Metafísica*) ... 19
Fusão de horizontes (*Fenomenologia*) ... 77
Futuros contingentes (*Metafísica*) ... 19

G

Garantismo (*Direito*) ... 53
Garfo de Hume (*Moderna*) ... 73
Genealogia da moral (*Moderna*) ... 73
Genealogia (Foucault) (*Continental*) ... 81
Gênero (*Política*) ... 49
Gênio (*Estética*) ... 57
Gênio maligno (*Moderna*) ... 73
Geometrias não euclidianas (*Matemática*) ... 36
Gestell (*Tecnologia e IA*) ... 85
Gosto (juízo de) (*Estética*) ... 57
Gramática universal (*Linguagem*) ... 24
Guerra justa (*Política*) ... 49

H

Hábito (*Moderna*) ... 73
Habitus (*Continental*) ... 81
Haecceidade (*Metafísica*) ... 19
Harmonia preestabelecida (*Moderna*) ... 74
Hedonismo (*Ética*) ... 41
Hegemonia (*Política*) ... 49
Hermenêutica da suspeita (*Fenomenologia*) ... 77
Hermenêutica (*Fenomenologia*) ... 77
Hilemorfismo (*Metafísica*) ... 19
Hilozoísmo (*Antiga*) ... 65
Hipótese ad hoc (*Ciência*) ... 32
Hipótese do contínuo (*Matemática*) ... 36
Hipótese Sapir-Whorf (*Linguagem*) ... 24
História efeitual (*Fenomenologia*) ... 78
Holismo de confirmação (*Ciência*) ... 32
Holismo semântico (*Linguagem*) ... 24
Homem unidimensional (*Continental*) ... 81
Homem voador (*Medieval*) ... 69
Humanismo renascentista (*Moderna*) ... 74
Hylé (*Antiga*) ... 65

I

IA forte e fraca (*Tecnologia e IA*) ... 85
IA simbólica (*Tecnologia e IA*) ... 85
Idealismo alemão (*Moderna*) ... 74
Idealismo (*Metafísica*) ... 19
Idealismo transcendental (*Moderna*) ... 74
Ideias claras e distintas (*Moderna*) ... 74
Ideias inatas (*Epistemologia*) ... 14
Ideias simples e complexas (*Moderna*) ... 74
Identidade dos indiscerníveis (*Metafísica*) ... 19
Identidade (*Metafísica*) ... 19
Identidade narrativa (*Fenomenologia*) ... 78
Identidade pessoal (*Metafísica*) ... 19
Ideologia (*Política*) ... 49
Ídolos (*Moderna*) ... 74
Igualitarismo da sorte (*Política*) ... 49
Igualitarismo (*Política*) ... 49
Iluminação divina (*Medieval*) ... 69
Ilusionismo (*Mente*) ... 28
Imortalidade da alma (*Religião*) ... 60
Imperativo categórico (*Ética*) ... 41
Imperativo hipotético (*Ética*) ... 41
Implicação estrita (*Lógica*) ... 9
Implicatura (*Linguagem*) ... 24
Impredicatividade (*Matemática*) ... 36
Impressões e ideias (*Moderna*) ... 74
Incomensurabilidade (*Ciência*) ... 32
Inconsciente (*Continental*) ... 81
Indeterminação da tradução (*Linguagem*) ... 24
Individuação (princípio de) (*Medieval*) ... 69
Indução (*Lógica*) ... 9
Indução matemática (*Matemática*) ... 36
Indução pessimista (*Ciência*) ... 32
Indústria cultural (*Estética*) ... 57
Infalibilismo (*Epistemologia*) ... 15
Inferência (*Lógica*) ... 9
Inferência para a melhor explicação (*Ciência*) ... 32
Inferencialismo (*Linguagem*) ... 24
Infinitismo (*Epistemologia*) ... 15
Infinito atual e potencial (*Matemática*) ... 36
Informação (*Tecnologia e IA*) ... 85
Informação integrada (teoria da) (*Mente*) ... 28
Injustiça epistêmica (*Epistemologia*) ... 15
Insolubilia (*Medieval*) ... 69
Instrumentalismo (*Ciência*) ... 32
Intelecto agente (*Medieval*) ... 69
Intelectualismo socrático (*Antiga*) ... 65
Inteligência artificial (*Tecnologia e IA*) ... 85
Inteligência (definições de) (*Tecnologia e IA*) ... 85
Intenção autoral (*Estética*) ... 57
Intencionalidade (*Mente*) ... 29
Intensão e extensão (*Linguagem*) ... 24
Internalismo motivacional (*Ética*) ... 41
Internismo epistêmico (*Epistemologia*) ... 15
Interpretação jurídica (*Direito*) ... 54
Interpretação radical (*Linguagem*) ... 24
Interpretações da mecânica quântica (*Ciência*) ... 32
Interseccionalidade (*Política*) ... 49
Intersubjetividade (*Fenomenologia*) ... 78
Introspecção (*Mente*) ... 29
Intuição (*Epistemologia*) ... 15
Intuicionismo ético (*Ética*) ... 41
Intuicionismo (*Matemática*) ... 36
Invariantismo (*Epistemologia*) ... 15
Ironia socrática (*Antiga*) ... 65

J

Jogos de linguagem (*Linguagem*) ... 24
Juízo reflexionante (*Moderna*) ... 74
Junzi (*Não ocidentais*) ... 93
Justiça algorítmica (*Tecnologia e IA*) ... 85
Justiça climática (*Ética aplicada*) ... 45
Justiça como equidade (*Política*) ... 49
Justiça (*Política*) ... 49
Justiça global (*Política*) ... 49
Justiça intergeracional (*Ética aplicada*) ... 45
Justificação (*Epistemologia*) ... 15

K

Kalam (*Medieval*) ... 69
Kehre (*Fenomenologia*) ... 78
Khôra (*Antiga*) ... 65
Kitsch (*Estética*) ... 57

L

Lacuna explicativa (*Mente*) ... 29
Lacunas e antinomias (*Direito*) ... 54
Lambda-cálculo (*Tecnologia e IA*) ... 86
Legitimidade (*Política*) ... 49
Lei de Goodhart (*Tecnologia e IA*) ... 86
Lei de Hume (*Ética*) ... 41
Lei natural (*Medieval*) ... 69
Leis da natureza (*Metafísica*) ... 19
Lekton (*Antiga*) ... 65
Li (*Não ocidentais*) ... 93
Liberalismo (*Política*) ... 49
Liberdade negativa e positiva (*Política*) ... 50
Libertarianismo (*Política*) ... 50
Libertarismo (metafísico) (*Metafísica*) ... 19
Liceu (*Antiga*) ... 65
Língua e fala (*Continental*) ... 81
Linguagem do pensamento (*Mente*) ... 29
Linguagem mental (*Medieval*) ... 69
Linguagem privada (argumento da) (*Linguagem*) ... 24
Linha dividida (*Antiga*) ... 65
Livre-arbítrio (*Metafísica*) ... 19
Lógica aristotélica (*Lógica*) ... 9
Lógica de primeira ordem (*Lógica*) ... 9
Lógica de segunda ordem (*Lógica*) ... 9
Lógica deôntica (*Lógica*) ... 10
Lógica difusa (fuzzy) (*Lógica*) ... 10
Lógica epistêmica (*Lógica*) ... 10
Lógica informal (*Lógica*) ... 10
Lógica intuicionista (*Lógica*) ... 10
Lógica livre (*Lógica*) ... 10
Lógica modal (*Lógica*) ... 10
Lógica multivalorada (*Lógica*) ... 10
Lógica paraconsistente (*Lógica*) ... 10
Lógica proposicional (*Lógica*) ... 10
Lógica relevante (*Lógica*) ... 10
Lógica temporal (*Lógica*) ... 10
Logicismo (*Matemática*) ... 37
Logocentrismo (*Continental*) ... 81
Logos (*Antiga*) ... 65
Luta de classes (*Política*) ... 50

M

Má-fé (*Fenomenologia*) ... 78
Madhyamaka (*Não ocidentais*) ... 93
Maiêutica (*Antiga*) ... 65
Mais-valia (*Política*) ... 50
Mal como privação (*Medieval*) ... 69
Mal (*Ética*) ... 41
Mão invisível (*Política*) ... 50
Máquina de Turing (*Tecnologia e IA*) ... 86
Marxismo (*Política*) ... 50
Matemática reversa (*Matemática*) ... 37
Materialismo histórico (*Política*) ... 50
Materialismo (*Metafísica*) ... 20
Mecanicismo (*Moderna*) ... 74
Mecanismo (novo mecanicismo) (*Ciência*) ... 33
Meinonguianismo (*Metafísica*) ... 20
Melhor dos mundos possíveis (*Moderna*) ... 74
Mente estendida (*Mente*) ... 29
Mereologia (*Metafísica*) ... 20
Mesótes (*Antiga*) ... 65
Metaética (*Ética*) ... 41
Metafilosofia (*Metafilosofia*) ... 6
Metafísica (*Metafísica*) ... 20
Metáfora (*Linguagem*) ... 25
Metalinguagem (*Lógica*) ... 10
Metaontologia (*Metafísica*) ... 20
Metempsicose (*Antiga*) ... 65
Método escolástico (*Medieval*) ... 69
Metodologia dos programas de pesquisa (*Ciência*) ... 33
Milagre (*Religião*) ... 60
Mímesis (*Estética*) ... 57
Mito do dado (*Epistemologia*) ... 15
Mito (semiologia de Barthes) (*Continental*) ... 81
Modelo científico (*Ciência*) ... 33
Modelos de linguagem (*Tecnologia e IA*) ... 86
Modo e atributo (*Moderna*) ... 74
Modularidade da mente (*Mente*) ... 29
Modus ponens (*Lógica*) ... 10
Moísmo (*Não ocidentais*) ... 93
Moksha (*Não ocidentais*) ... 93
Molinismo (*Religião*) ... 60
Mônada (*Moderna*) ... 74
Monismo anômalo (*Mente*) ... 29
Monismo (*Metafísica*) ... 20
Monismo neutro (*Mente*) ... 29
Moral (*Ética*) ... 41
Morte de Deus (*Moderna*) ... 74
Morte do autor (*Continental*) ... 81
Morte encefálica (*Ética aplicada*) ... 45
Motor imóvel (*Antiga*) ... 65
Multiculturalismo (*Política*) ... 50
Múltipla realizabilidade (*Mente*) ... 29
Multiverso conjuntista (*Matemática*) ... 37
Mundo da arte (*Estética*) ... 57
Mundo da vida (*Fenomenologia*) ... 78
Mundos possíveis (*Metafísica*) ... 20
Música (filosofia da) (*Estética*) ... 58

N

Nacionalismo (*Política*) ... 50
Nada (*Metafísica*) ... 20
Não milagre (argumento do) (*Ciência*) ... 33
Naturalismo (*Metafilosofia*) ... 6
Náusea (*Fenomenologia*) ... 78
Navalha de Ockham (*Medieval*) ... 70
Navio de Teseu (*Metafísica*) ... 20
Necessidade e contingência (*Metafísica*) ... 20
Negritude (*Não ocidentais*) ... 93
Neoconfucionismo (*Não ocidentais*) ... 93
Neologicismo (*Matemática*) ... 37
Neoplatonismo (*Antiga*) ... 65
Neopragmatismo (*Metafilosofia*) ... 6
Nepantla (*Não ocidentais*) ... 93
Niilismo (*Moderna*) ... 75
Nirvana (*Não ocidentais*) ... 93
Noese e noema (*Fenomenologia*) ... 78
Nome próprio (*Linguagem*) ... 25
Nomes vazios (*Linguagem*) ... 25
Nominalismo matemático (*Matemática*) ... 37
Nominalismo (*Metafísica*) ... 20
Nomos e physis (*Antiga*) ... 65
Norma fundamental (*Direito*) ... 54
Nous (*Antiga*) ... 65
Novos axiomas (*Matemática*) ... 37
Número (*Matemática*) ... 37
Nyaya (*Não ocidentais*) ... 93

O

Objeção da integridade (*Ética*) ... 41
Objetividade (*Metafilosofia*) ... 6
Objeto (*Metafísica*) ... 20
Objeto técnico (Simondon) (*Tecnologia e IA*) ... 86
Obra aberta (*Estética*) ... 58
Obrigação política (*Política*) ... 50
Observável e inobservável (*Ciência*) ... 33
Obstáculo epistemológico (*Ciência*) ... 33
Ocasionalismo (*Moderna*) ... 75
Ocultamento divino (*Religião*) ... 60
Oikeiosis (*Antiga*) ... 66
Olhar (Sartre) (*Fenomenologia*) ... 78
Ontologia da obra de arte (*Estética*) ... 58
Ontologia (em computação) (*Tecnologia e IA*) ... 86
Ontologia (*Metafísica*) ... 20
Opacidade epistêmica (*Tecnologia e IA*) ... 86
Originação dependente (*Não ocidentais*) ... 93
Ousia (*Antiga*) ... 66
Outras mentes (problema das) (*Mente*) ... 29

P

Paideia (*Antiga*) ... 66
Panóptico (*Continental*) ... 81
Panpsiquismo (*Mente*) ... 29
Panteísmo (*Religião*) ... 61
Paradigma (*Ciência*) ... 33
Paradoxo da análise (*Metafilosofia*) ... 6
Paradoxo da ficção (*Estética*) ... 58
Paradoxo da loteria (*Epistemologia*) ... 15
Paradoxo da pedra (*Religião*) ... 61
Paradoxo da tragédia (*Estética*) ... 58
Paradoxo de Russell (*Lógica*) ... 10
Paradoxo de Skolem (*Matemática*) ... 37
Paradoxo do mentiroso (*Lógica*) ... 10
Paradoxo do prefácio (*Epistemologia*) ... 15
Paradoxo dos corvos (*Ciência*) ... 33
Paradoxo (*Lógica*) ... 10
Paradoxos de Burali-Forti e de Cantor (*Matemática*) ... 37
Paradoxos de Zenão (*Antiga*) ... 66
Paralelismo (Espinosa) (*Moderna*) ... 75

Particular (*Metafísica*) 21
Particularismo moral (*Ética*) 41
Partilha do sensível (*Continental*) 81
Paternalismo (*Ética aplicada*) 45
Patriarcado (*Política*) 50
Patrística (*Medieval*) 70
Pedagogia crítica (*Educação*) 90
Pedagogia histórico-crítica (*Educação*) 90
Percepção (*Epistemologia*) 15
Perfeccionismo (*Ética*) 41
Performatividade de gênero (*Continental*) 82
Performativo (*Linguagem*) 25
Persistência (*Metafísica*) 21
Perspectivismo ameríndio (*Não ocidentais*) 93
Perspectivismo (*Moderna*) 75
Pessoa (*Ética aplicada*) 45
Petição de princípio (*Lógica*) 10
Pharmakon (*Tecnologia e IA*) 86
Philia (*Antiga*) 66
Phronesis (*Antiga*) 66
Physis (*Antiga*) 66
Pirronismo (*Antiga*) 66
Pitagorismo (*Antiga*) 66
Platonismo matemático (*Matemática*) 37
Pluralismo jurídico (*Direito*) 54
Pluralismo lógico (*Lógica*) 11
Pluralismo religioso (*Religião*) 61
Poder (*Política*) 50
Poema de Parmênides (*Antiga*) 66
Polis (*Antiga*) 66
Política dos artefatos (*Tecnologia e IA*) 86
Ponderação (*Direito*) 54
Ponto de vista interno (*Direito*) 54
Populismo (*Política*) 50
Pós-colonialismo (*Política*) 51
Pós-estruturalismo (*Continental*) 82
Pós-fenomenologia (*Tecnologia e IA*) 86
Pós-humanismo (*Tecnologia e IA*) 86
Pós-modernidade (*Continental*) 82
Posição original e véu de ignorância (*Política*) 51
Positivismo (*Moderna*) 75
Positivismo jurídico (*Direito*) 54
Potentia absoluta e ordinata (*Medieval*) 70
Pragmática (*Linguagem*) 25
Pragmatismo (*Metafilosofia*) 6
Pramana (*Não ocidentais*) 93
Prática matemática (filosofia da) (*Matemática*) 37
Pré-socráticos (*Antiga*) 66
Preconceito (Gadamer) (*Fenomenologia*) 78
Predicativismo (*Matemática*) 38
Premissa (*Lógica*) 11
Presciência divina e liberdade (*Religião*) 61
Prescritivismo (*Ética*) 41
Presentismo (*Metafísica*) 21
Pressuposição (*Linguagem*) 25
Primazia da existência (*Não ocidentais*) 93
Principialismo (*Ética aplicada*) 45
Princípio da precaução (*Ética aplicada*) 45
Princípio de caridade (*Linguagem*) 25
Princípio de Hume (*Matemática*) 38
Princípio de razão suficiente (*Metafísica*) 21
Princípio do dano (*Política*) 51
Princípio do duplo efeito (*Ética*) 41
Princípio responsabilidade (*Ética aplicada*) 45
Prioritarismo e suficientarismo (*Política*) 51
Privacidade (*Tecnologia e IA*) 86
Probabilidade (interpretações da) (*Ciência*) 33
Problema da ancoragem de símbolos (*Tecnologia e IA*) 86
Problema da generalidade (*Epistemologia*) 15
Problema da identificação (Benacerraf) (*Matemática*) 38
Problema da indução (*Epistemologia*) 15
Problema da não identidade (*Ética aplicada*) 45
Problema da parada (*Tecnologia e IA*) 87
Problema de Gettier (*Epistemologia*) 15
Problema difícil da consciência (*Mente*) 29
Problema do bonde (*Ética*) 42
Problema do enquadramento (*Tecnologia e IA*) 87
Problema do mal (*Religião*) 61
Problema e mistério (*Fenomenologia*) 78
Problema mente-corpo (*Mente*) 29
Problema socrático (*Antiga*) 66
Programa de Hilbert (*Matemática*) 38
Programa forte (*Ciência*) 33
Progresso filosófico (*Metafilosofia*) 7
Prohairesis (*Antiga*) 66
Proposição (*Lógica*) 11
Propriedade (*Política*) 51
Propriedade (*Metafísica*) 21
Propriedades estéticas (*Estética*) 58
Prova (demonstração) (*Matemática*) 38
Prova do mundo exterior (*Epistemologia*) 15
Psicologia popular (*Mente*) 30
Psicologismo (*Lógica*) 11
Psykhé (*Antiga*) 66
Punição (teorias da) (*Direito*) 54

Q

Quadrado das oposições (*Lógica*) 11
Qualia (*Mente*) 30
Qualidades primárias e secundárias (*Moderna*) 75
Quantificador (*Lógica*) 11
Quarto chinês (*Tecnologia e IA*) 87
Quase-empirismo (*Matemática*) 38
Quase-realismo (*Ética*) 42
Quatro causas (*Antiga*) 66
Quatro Nobres Verdades (*Não ocidentais*) 94
Querela dos universais (*Medieval*) 70
Quietismo (*Metafilosofia*) 7
Quinque viae (*Medieval*) 70

R

Raça (filosofia da) (*Política*) 51
Racionalidade (*Metafilosofia*) 7
Racionalismo (*Epistemologia*) 16
Racismo estrutural (*Política*) 51
Razão (*Metafilosofia*) 7
Razão instrumental (*Continental*) 82
Razão pública (*Política*) 51
Razões internas e externas (*Ética*) 42
Razões seminais (*Medieval*) 70
Ready-made (*Estética*) 58
Real, simbólico e imaginário (*Continental*) 82
Realismo científico (*Ciência*) 33
Realismo de entidades (*Ciência*) 33
Realismo especulativo (*Continental*) 82
Realismo estrutural (*Ciência*) 33
Realismo jurídico (*Direito*) 54

Realismo (metafísico) (*Metafísica*) ... 21
Realismo modal (*Metafísica*) ... 21
Realismo moral (*Ética*) ... 42
Reconhecimento (*Política*) ... 51
Redução ao absurdo (*Lógica*) ... 11
Redução eidética (*Fenomenologia*) ... 78
Redução fenomenológica (*Fenomenologia*) ... 78
Redução interteórica (*Ciência*) ... 34
Referência (*Linguagem*) ... 25
Regra de inferência (*Lógica*) ... 11
Regra de reconhecimento (*Direito*) ... 54
Regras e princípios (*Direito*) ... 54
Regras primárias e secundárias (*Direito*) ... 54
Rei-filósofo (*Antiga*) ... 67
Reificação (*Continental*) ... 82
Relação (*Metafísica*) ... 21
Relativismo (*Metafilosofia*) ... 7
Relativismo moral (*Ética*) ... 42
Religião (*Religião*) ... 61
Ren (*Não ocidentais*) ... 94
Representação compreensiva (*Antiga*) ... 67
Representação pictórica (*Estética*) ... 58
Representacionismo (*Mente*) ... 30
Reprodução (Bourdieu e Passeron) (*Educação*) ... 90
Republicanismo (*Política*) ... 51
Res cogitans e res extensa (*Moderna*) ... 75
Resistência imaginativa (*Estética*) ... 58
Responsabilidade (lacunas de) (*Tecnologia e IA*) ... 87
Responsabilidade moral (*Ética*) ... 42
Responsabilidade social empresarial (*Ética aplicada*) ... 46
Retificação dos nomes (*Não ocidentais*) ... 94
Retórica (*Lógica*) ... 11
Revolução científica (*Ciência*) ... 34
Revolução copernicana (*Moderna*) ... 75
Revolução (*Política*) ... 51
Risco existencial (*Tecnologia e IA*) ... 87
Rizoma (*Continental*) ... 82
Ruptura epistemológica (*Ciência*) ... 34

S

Saber-como (*Epistemologia*) ... 16
Sagrado (o) (*Religião*) ... 61
Salto de fé (*Fenomenologia*) ... 79
Samkhya (*Não ocidentais*) ... 94
Samsara (*Não ocidentais*) ... 94
Seguir regras (paradoxo de) (*Linguagem*) ... 25
Semântica bidimensional (*Linguagem*) ... 25
Semântica (*Linguagem*) ... 25
Semiótica (*Linguagem*) ... 25
Senciência (*Ética aplicada*) ... 46
Senhor e escravo (dialética do) (*Moderna*) ... 75
Sensibilidade e segurança (*Epistemologia*) ... 16
Senso comum (*Metafilosofia*) ... 7
Sentido e referência (*Linguagem*) ... 25
Sentimentalismo (*Ética*) ... 42
Separação dos poderes (*Direito*) ... 54
Ser (*Metafísica*) ... 21
Ser-no-mundo (*Fenomenologia*) ... 79
Ser-para-a-morte (*Fenomenologia*) ... 79
Signo (*Linguagem*) ... 26
Silogismo (*Lógica*) ... 11
Simplicidade divina (*Religião*) ... 61
Simulação computacional (*Ciência*) ... 34
Simulacro (*Continental*) ... 82
Sincategoremas (*Medieval*) ... 70
Sindérese (*Medieval*) ... 70
Singularidade tecnológica (*Tecnologia e IA*) ... 87
Sinonímia (*Linguagem*) ... 26
Sintaxe (*Linguagem*) ... 26
Sintético a priori (*Epistemologia*) ... 16
Sistema das belas-artes (*Estética*) ... 58
Sistema filosófico (*Metafilosofia*) ... 7
Sistema formal (*Lógica*) ... 11
Situações-limite (*Fenomenologia*) ... 79
Soberania (*Política*) ... 51
Socialismo (*Política*) ... 51
Sociedade civil (*Política*) ... 52
Sociedade disciplinar (*Continental*) ... 82
Sociedade do cansaço (*Continental*) ... 82
Sociedade do espetáculo (*Continental*) ... 82
Sociedade técnica (Ellul) (*Tecnologia e IA*) ... 87
Sofisma (*Lógica*) ... 11
Sofistas (*Antiga*) ... 67
Solidez (*Lógica*) ... 11
Sophia (*Antiga*) ... 67
Sorites (*Lógica*) ... 11
Sorte epistêmica (*Epistemologia*) ... 16
Sorte moral (*Ética*) ... 42
Status moral (*Ética aplicada*) ... 46
Subdeterminação da teoria pela evidência (*Ciência*) ... 34
Sublime (*Estética*) ... 58
Substância (*Metafísica*) ... 21
Sunyata (*Não ocidentais*) ... 94
Supererrogação (*Ética*) ... 42
Superinteligência (*Tecnologia e IA*) ... 87
Superveniência (*Metafísica*) ... 21
Suposição (teoria da) (*Medieval*) ... 70

T

Tábula rasa (*Epistemologia*) ... 16
Tautologia (*Lógica*) ... 11
Técnica (*Tecnologia e IA*) ... 87
Teísmo cético (*Religião*) ... 61
Teísmo (*Religião*) ... 61
Teleologia (*Ciência*) ... 34
Telos (*Antiga*) ... 67
Tempo (*Metafísica*) ... 21
Teodiceia (*Religião*) ... 61
Teologia da libertação (*Não ocidentais*) ... 94
Teologia natural (*Religião*) ... 61
Teologia negativa (*Religião*) ... 61
Teorema (*Lógica*) ... 11
Teoremas da incompletude (*Lógica*) ... 11
Teoria agostiniana do signo (*Medieval*) ... 70
Teoria ator-rede (*Tecnologia e IA*) ... 87
Teoria científica (*Ciência*) ... 34
Teoria computacional da mente (*Mente*) ... 30
Teoria crítica (*Continental*) ... 82
Teoria da correspondência (*Linguagem*) ... 26
Teoria da identidade mente-cérebro (*Mente*) ... 30
Teoria da prova (*Lógica*) ... 12
Teoria da relevância (*Linguagem*) ... 26
Teoria das categorias (como fundamento) (*Matemática*) 38
Teoria das contrapartes (*Metafísica*) ... 22
Teoria das elites (*Política*) ... 52
Teoria das Formas (*Antiga*) ... 67
Teoria de modelos (*Lógica*) ... 12
Teoria do erro (*Ética*) ... 42

Teoria do feixe (*Metafísica*) 22
Teoria do mandamento divino (*Religião*) 61
Teoria dos conjuntos (*Matemática*) 38
Teoria dos tipos (*Matemática*) 38
Teoria imperativista do direito (*Direito*) 55
Teoria pictórica do significado (*Linguagem*) 26
Teoria pura do direito (*Direito*) 55
Teoria queer (*Continental*) 82
Teoria semântica da verdade (*Linguagem*) 26
Teoria tridimensional do direito (*Direito*) 55
Teorias de ordem superior (*Mente*) 30
Terceiro excluído (princípio do) (*Lógica*) 12
Termo médio (*Lógica*) 12
Termos de espécie natural (*Linguagem*) 26
Tese, antítese e síntese (*Moderna*) 75
Tese da ortogonalidade (*Tecnologia e IA*) 87
Tese de Church-Turing (*Tecnologia e IA*) 88
Teste de Turing (*Tecnologia e IA*) 88
Testemunho (*Epistemologia*) 16
Tetrafármaco (*Antiga*) 67
Theoria (*Antiga*) 67
Tolerância (*Política*) 52
Totalitarismo (*Política*) 52
Tragédia dos comuns (*Ética aplicada*) 46
Transcendentais (*Medieval*) 70
Transposição didática (*Educação*) 90
Transumanismo (*Tecnologia e IA*) 88
Três marcas da existência (*Não ocidentais*) 94
Trilema de Agripa (*Epistemologia*) 16
Trivium e quadrivium (*Medieval*) 70
Tropo (*Metafísica*) 22

U

Ubuntu (*Não ocidentais*) 94
Unicidade da forma substancial (*Medieval*) 70
Unidade da ciência (*Ciência*) 34
Unidades de seleção (*Ciência*) 34
Universal (*Metafísica*) 22
Universalizabilidade (*Ética*) 42
Univocidade do ser (*Medieval*) 71
Uno (o) (*Antiga*) 67
Uso e menção (*Linguagem*) 26
Utilitarismo (*Ética*) 42
Utopia (*Política*) 52

V

Vagueza (*Lógica*) 12
Validade (*Lógica*) 12
Valor estético (*Estética*) 58
Valor intrínseco (*Ética*) 42
Valor sensível ao design (*Tecnologia e IA*) 88
Valores na ciência (*Ciência*) 34
Vanguarda (*Estética*) 58
Verdade (*Epistemologia*) 16
Verdul (*Ciência*) 34
Verificação formal de programas (*Tecnologia e IA*) 88
Verificacionismo (*Linguagem*) 26
Verofuncionalidade (*Lógica*) 12
Verum factum (*Moderna*) 75
Viés algorítmico (*Tecnologia e IA*) 88
Virada linguística (*Metafilosofia*) 7
Virtù e fortuna (*Política*) 52
Virtude (*Ética*) 42
Vivência (*Fenomenologia*) 79
Voluntarismo e intelectualismo (*Medieval*) 71
Vontade boa (*Ética*) 43
Vontade de crer (*Epistemologia*) 16
Vontade de poder (*Moderna*) 75
Vontade (em Schopenhauer) (*Moderna*) 75
Vontade geral (*Política*) 52

W

Wu wei (*Não ocidentais*) 94

Y

Yin e yang (*Não ocidentais*) 94
Yogacara (*Não ocidentais*) 94

Z

Zona de desenvolvimento proximal (*Educação*) 90